



Porto
Editora

ADAPTADO
AO
CINEMA

DA SÉRIE DIVERGENTE

CONVERGENTE

SUPERA OS LIMITES DO TEU MUNDO

VERONICA ROTH

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ADAPTADO
AO
CINEMA

DA SÉRIE DIVERGENTE

CONVERGENTE

SUPERA OS LIMITES DO TEU MUNDO

VERONICA ROTH



© Nelson Fitch

VERONICA ROTH

Estudou Escrita Criativa na Northwestern University. Nos seus tempos de faculdade, preferiu dedicar-se a escrever o que viria a ser a sua primeira obra, *DIVERGENTE*, e deixar de lado os trabalhos de casa – uma escolha que acabou por transformar totalmente a sua vida.

Veronica Roth foi considerada a melhor autora pelo *GoodReads Choice Awards* em 2012. *Divergente* foi eleito o melhor livro de 2011 e *Insurgente* o melhor livro de fantasia para jovens adultos em 2012 pela mesma entidade, cujas distinções são atribuídas exclusivamente pelos leitores.



Convergente
Veronica Roth

Publicado em Portugal por:
Porto Editora, Lda.
Divisão Editorial Literária – Porto
E-mail: delporto@portoeditora.pt

Título original:
Allegiant
Copyright © 2013 by Veronica Roth

Tradução: Alcinda Marinho

Conceito original da capa TM e © Veronica Roth
© Motion Picture Artwork TM © 2014 Summit Entertainment, LLC. All Rights Reserved.

Símbolo da facção © 2012 by Rhythm & Hues Design

1.^a edição em papel: março de 2014

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68204-8

Para Jo, que me acalma e orienta.

Qualquer questão passível de ser respondida deve ser respondida ou, pelo menos, considerada.

Os processos de raciocínio ilógico devem ser questionados logo que surgem.

As respostas erradas devem ser corrigidas.

As respostas certas devem ser reforçadas.

– Do manifesto da facção dos Eruditos

Capítulo um

Tris

Ando para trás e para a frente na minha cela no quartel-general dos Eruditos, com as palavras dela a ecoar na minha cabeça: *O meu nome será Edith Prior. E há muita coisa que fico feliz por esquecer.*

– Então, *nunca* a tinhas visto antes? Nem sequer em fotografias? – pergunta Christina, com a perna ferida apoiada sobre uma almofada.

Foi baleada durante a nossa tentativa desesperada de revelar o vídeo de Edith Prior à cidade. Naquela altura, não fazíamos ideia do seu conteúdo, nem de que iria estilhaçar as bases do nosso mundo, as fações, as nossas identidades.

– Ela é alguma avó tua, ou tia, ou algo do género?

– Já te disse que não – respondo, voltando-me ao chegar à parede. – Prior é – *era* – o apelido do meu pai, por isso, teríamos de ser aparentadas pelo lado dele. Mas Edith é um nome dos Abnegados e os parentes do meu pai devem ter sido Eruditos, então...

– Então, ela deve ser mais velha – diz Cara, apoiando a cabeça contra a parede. Assim inclinada, parece-se bastante com o irmão, Will, o meu amigo, o que matei a tiro. Depois, Cara põe-se direita e o fantasma do irmão esfuma-se. – De há algumas gerações. Uma antepassada.

«Antepassada.» A palavra soa-me a velho, como um muro de tijolo a desfazer-se. Toco na parede da cela ao voltar-me. É branca e fria.

Minha antepassada, e este é o legado que me deixou: a libertação das fações e o conhecimento de que a minha identidade Divergente é

mais importante do que poderia ter imaginado. A minha existência é um sinal de que temos de sair desta cidade e oferecer a nossa ajuda a quem quer que seja que vive fora dela.

– Queria saber – diz Cara, passando a mão pelo rosto –, *preciso de saber* há quanto tempo aqui estamos. Podes parar de andar de um lado para o outro *por um minuto que seja*?

Detenho-me no meio da cela e ergo as sobrancelhas olhando para ela.

– Desculpa – murmura Cara.

– Não faz mal – diz Christina. – Estamos aqui há tempo de mais.

Passaram alguns dias desde que Evelyn conseguiu dominar o caos no átrio do quartel-general dos Eruditos com umas quantas ordens breves e mandou levar todos os prisioneiros para celas no terceiro andar. Uma mulher sem-faço veio tratar os nossos ferimentos e distribuir analgésicos, e comemos e tomamos duche várias vezes, mas ninguém nos disse o que se está a passar lá fora. Apesar das minhas perguntas insistentes.

– Pensei que o Tobias já teria vindo por esta altura – digo, deixando-me cair na extremidade da minha cama. – Mas onde *está* ele?

– Talvez continue zangado por lhe teres mentido e ido trabalhar com o pai dele nas suas costas – responde Cara.

Fixo-a com um olhar furioso.

– O Quatro não seria tão mesquinho – afirma Christina, embora eu não perceba bem se para contrariar Cara ou para me tranquilizar. – Provavelmente, está a acontecer algo que o impede de vir. Ele disse-te para confiares nele.

No meio da confusão, quando toda a gente gritava e os sem-faço tentavam empurrar-nos para as escadas, agarrei-me à bainha da sua camisa para não me perder dele. Tobias agarrou-me nos pulsos e afastou-me e aquelas foram as suas palavras: *Confia em mim. Vai para onde eles te disserem.*

– Estou a tentar – respondo, e é verdade. Estou a tentar confiar nele. Mas todo o meu ser, cada fibra, cada nervo, anseia por libertar-se – não só desta cela, mas da cidade para além dela.

Preciso de ver o que há para lá daquela vedação.

Capítulo dois

Tobias

Não consigo andar por estes corredores sem me lembrar dos dias que aqui passei como prisioneiro, descalço, com o corpo a latejar de dor sempre que me mexia. E com esta memória vem outra: a de aguardar que Beatrice Prior fosse enfrentar a sua morte, a dos meus punhos contra a porta e a do seu corpo inerte nos braços de Peter quando ele me disse que ela estava apenas drogada.

Odeio este sítio.

Não é tão limpo como costumava ser quando era o quartel-general dos Eruditos; agora, está devastado pela guerra, com buracos de bala nas paredes e vidros de lâmpadas partidas por todo o lado.

Caminho sobre marcas sujas de pegadas, iluminado por luzes tremeluzentes, até à cela dela; deixam-me entrar sem colocar entraves, porque exibo o símbolo dos sem-fação – um círculo vazio – numa braçadeira negra no braço e os traços de Evelyn no rosto. Dantes, Tobias Eaton era um nome que causava vergonha, agora é um nome poderoso.

Tris está aninhada no chão, ombro a ombro com Christina e na diagonal de Cara. A minha Tris devia parecer pequena e pálida – afinal, ela é pequena e pálida –, mas, em vez disso, enche o espaço inteiro.

Os seus olhos redondos encontram os meus e põe-se logo de pé, rodeando-me num abraço apertado e encostando o rosto ao meu peito.

Dou-lhe um apertão no ombro com uma mão e passo-lhe a outra

pela cabeça, surpreendendo-me de novo ao sentir que o cabelo dela termina acima do pescoço e não abaixo dele. Fiquei contente quando ela o cortou, porque o novo corte é próprio de uma guerreira e não de uma rapariga, e sei que era disso que ela precisava.

– Como entraste? – pergunta na sua voz baixa e nítida.

– Sou o Tobias Eaton – respondo, e ela ri.

– Certo. Estou sempre a esquecer-me. – Afasta-se apenas o suficiente para poder olhar para mim. Tem uma expressão trémula nos olhos, como se fosse um monte de folhas prestes a serem dispersas pelo vento. – Que se passa? Porque demoraste tanto tempo?

O tom dela é desesperado, suplicante. Este lugar pode trazer-me muitas recordações horríveis, mas a Tris traz ainda mais – o caminho para a sua execução, a traição do irmão, o temido soro. Tenho de tirá-la daqui.

Cara ergue os olhos com interesse. Sinto-me desconfortável, como se o meu corpo tivesse mudado sob a minha pele e esta já não me assentasse bem. Detesto ter público.

– A Evelyn tem a cidade sob um controlo rígido – digo. – Ninguém dá um passo sem a autorização dela. Há uns dias, fez um discurso sobre unirmo-nos contra os nossos opressores, as pessoas lá de fora.

– Opressores? – pergunta Christina.

Tira um frasco do bolso e despeja o conteúdo na boca – analgésicos para o ferimento de bala na perna, deduzo. Enfio as mãos nos bolsos.

– A Evelyn – e muitas outras pessoas, na verdade – acha que não devíamos deixar a cidade só para ajudar uma data de gente que nos meteu aqui para, mais tarde, poder usar-nos. Querem tentar resolver os nossos problemas e pôr a cidade bem, em vez de a deixar para resolver os problemas de outras pessoas. Estou a repetir o que ouvi, é claro – digo. – Suspeito que esta opinião seja bastante conveniente para a minha mãe, porque, enquanto estivermos todos aqui confinados, ela manda. No instante que sairmos, ela perde o controlo.

– Bestial. – Tris revira os olhos. – É claro que ela ia fazer a escolha mais egoísta de todas.

– Ela tem uma certa razão – diz Christina, fechando a mão à volta do frasco. – Não digo que não queira deixar a cidade e ver o que há lá fora, mas aqui a situação também está complicada que chegue. Como

vamos ajudar uma data de pessoas que nunca vimos à frente?

Tris reflete sobre isto, mordendo o interior da bochecha.

– Não sei – admite.

No meu relógio são três horas. Já estou aqui há demasiado tempo – há tempo suficiente para levantar as suspeitas de Evelyn. Disse-lhe que vinha para acabar tudo com Tris, que não iria demorar muito. Não tenho a certeza se acreditou em mim.

– Ouçam, vim cá, sobretudo, para vos avisar – digo. – Estão a começar julgamentos para todos os prisioneiros. Vão dar o soro da verdade a todas vocês e, se funcionar, vão ser condenadas por traição. Acho que todos gostaríamos de evitar isso.

– Condenadas por *traição*? – questiona Tris num tom furioso. – De que forma é que revelar a verdade à cidade inteira é um ato de traição?

– É um ato de desafio aos nossos líderes – respondo. – A Evelyn e os seguidores dela não querem deixar a cidade. Não vão agradecer-vos por mostrarem aquele vídeo.

– São iguaizinhos à Jeanine! – Tris faz um gesto impetuoso e errático, como se quisesse bater em alguma coisa, mas não encontrasse em quê. – Dispostos a fazer qualquer coisa para sufocar a verdade, e para quê? Para serem reis do seu mundozinho minúsculo? É ridículo.

Não quero dizer, mas parte de mim concorda com a minha mãe. Não devo nada às pessoas de lá de fora, quer seja Divergente quer não. Não tenho a certeza de querer oferecer-me a eles para resolver os problemas da humanidade, seja lá o que isso for.

Mas quero realmente partir, da mesma forma desesperada que um animal deseja escapar de uma armadilha. Com raiva e selvajaria. Disposto a roer um membro para o fazer.

– Podes ter razão – digo com cuidado –, mas, se o soro da verdade funcionar, serão condenadas.

– Se funcionar? – repete Cara, semicerrando os olhos.

– Divergente – diz Tris olhando para ela e apontando para a sua própria cabeça. – Lembras-te?

– Isso é fascinante – replica Cara, enfiando um cabelo solto no carrapito atado logo acima do pescoço. – Mas atípico. Pela minha experiência, a maioria dos Divergentes não consegue resistir ao soro

da verdade. Gostaria de saber como tu conseguirás.

– Tu e todos os outros Eruditos que alguma vez espetaram uma agulha no meu corpo – responde Tris num tom brusco.

– Podemos voltar ao que interessa, por favor? Gostaria de evitar ter de vos tirar de cá à força – digo.

Subitamente desesperado por consolo, estendo a mão para a de Tris e os seus dedos vêm ao encontro dos meus. Não somos pessoas que se toquem distraidamente; cada ponto de contacto entre nós é importante, é uma vaga de alívio e energia.

– Está bem, está bem – diz ela, agora num tom mais suave. – Em que estavas a pensar?

– Vou convencer a Evelyn a deixar-te testemunhar primeiro, de entre as três. Tudo o que tens de fazer é inventar uma mentira que ilibe tanto a Christina como a Cara e, depois, contá-la sob o efeito do soro da verdade.

– E que mentira seria capaz disso?

– Pensei que seria melhor deixar isso a teu cargo – respondo. – Uma vez que és melhor mentirosa do que eu.

Enquanto falo, sei que as minhas palavras tocam num ponto sensível para ambos. Tris mentiu-me imensas vezes. Prometeu-me que não iria para a sua morte nas instalações dos Eruditos, quando Jeanine pediu o sacrifício de um Divergente, e foi na mesma. Disse-me que ficaria em casa durante o ataque dos Eruditos, mas encontrei-a na sede deles, a trabalhar com o meu pai. Compreendo porque fez todas estas coisas, mas isso não significa que tudo fique automaticamente bem entre nós.

– Pois. – Tris olha para os pés. – OK, vou pensar em algo.

Pouso-lhe a mão no braço.

– Vou falar com a Evelyn sobre o teu julgamento. Vou tentar que não demore muito.

– Obrigada.

Sinto a ânsia, agora familiar, de me arrancar do meu corpo e falar diretamente à sua mente. Percebo que é o mesmo desejo que me dá vontade de a beijar de cada vez que a vejo, porque mesmo uma distância mínima entre nós me irrita. Os nossos dedos, descontraidamente entrelaçados um momento antes, apertam-se agora

firmente – a palma da mão dela está húmida e pegajosa e a minha é áspera em certos pontos, de ter agarrado demasiadas pegadas em demasiados comboios em movimento. Agora, Tris parece pequena e pálida, mas os seus olhos fazem-me pensar em céus abertos que nunca vi realmente, apenas sonhei.

– Se vão beijar-se, façam-me um favor e avisem, para eu poder desviar a cara – diz Christina.

– Vamos – afirma Tris.

E beijamo-nos.

Ponho-lhe a mão na face para tornar o beijo mais demorado, segurando a boca dela na minha para sentir cada ponto em que os nossos lábios se tocam e cada ponto em que se separam. Saboreio o ar que partilhamos no segundo seguinte e o nariz dela a deslizar pelo meu. Tento lembrar-me de algo para dizer, mas é demasiado íntimo, por isso, engulo as palavras. Um instante depois, decido que não me importo.

– Gostava que estivéssemos sozinhos – digo, enquanto saio da cela às arrecuas.

Ela sorri.

– É nisso que eu penso quase sempre.

Enquanto fecho a porta, vejo Christina a fingir que vomita, Cara a rir e Tris com os braços pendentes ao lado do corpo.

Capítulo três

Tris

– Acho que vocês são todos idiotas. – Tenho as mãos enroladas no colo como uma criança adormecida. Sinto o corpo pesado sob o efeito do soro da verdade. O suor acumula-se sobre as minhas pálpebras. – Deviam agradecer-me, não interrogar-me.

– Devíamos agradecer-te por desobedeceres às ordens dos líderes da nossa facção? Por tentares evitar que um dos líderes da tua facção matasse a Jeanine Matthews? Portaste-te como uma traidora.

Evelyn Johnson cospe a palavra como uma serpente. Estamos na sala de conferências da sede dos Eruditos, onde os julgamentos estão a ter lugar. Estou presa há, pelo menos, uma semana.

Vejo Tobias, meio escondido nas sombras atrás da mãe. Tem mantido o olhar desviado desde que me sentei na cadeira e me cortaram a fita plástica que atava os meus pulsos. Durante um breve instante, os nossos olhares encontram-se e sei que é altura de começar a mentir. É mais fácil agora que sei que sou capaz. Tão fácil como ignorar o peso do soro da verdade dentro da minha cabeça.

– Não sou nenhuma traidora – respondo. – Na altura, estava convencida de que o Marcus agia sob as ordens dos Intrépidos e dos sem-facção. Como não podia juntar-me à batalha como soldado, fiquei contente por poder colaborar de outra maneira.

– Por que motivo não podias participar como soldado?

Luzes fluorescentes brilham por trás do cabelo de Evelyn. Não consigo ver-lhe o rosto e não consigo concentrar-me em nada por mais

do que um segundo, antes que o soro da verdade ameace submergir-me de novo.

– Porque... – mordo o lábio, como se tentasse impedir que as palavras se precipitassem boca fora. Não sei quando me tornei tão boa atriz, mas acho que não é assim tão diferente de mentir, coisa para a qual sempre tive talento. – Porque não conseguia pegar numa arma, OK? Não depois de... de o matar. Ao meu amigo Will. Não era capaz de pegar numa arma sem entrar em pânico.

Evelyn semicerra os olhos. Suspeito que mesmo o seu lado mais simpático não tenha qualquer compaixão por mim.

– Então, o Marcus disse-te que estava a agir sob as minhas ordens – diz Evelyn – e, mesmo sabendo o que sabias sobre a sua relação tensa tanto com os Intrépidos como com os sem-fação, acreditaste nele?

– Sim.

– Agora percebo porque é que não optaste pelos Eruditos – atira Evelyn, rindo.

Sinto as bochechas quentes. Gostava de lhe dar uma bofetada e tenho a certeza de que muitas pessoas na sala gostariam de fazer o mesmo, embora não tenham coragem de o admitir. Evelyn mantém-nos a todos reféns na cidade, vigiados por sem-fação armados que patrulham as ruas. Sabe que quem detém as armas detém o poder. E, com Jeanine Matthews morta, não há ninguém capaz de a desafiar. Passamos de um tirano a outro. Este é, agora, o mundo que conhecemos.

– Porque não contaste isso a ninguém? – pergunta Evelyn.

– Não queria admitir que tinha uma fraqueza – respondo. – E não queria que o Quatro soubesse que estava a colaborar com o pai dele. Sabia que ele não ia gostar. – Sinto palavras novas a subir-me à garganta, impelidas pelo soro da verdade. – Trouxe-vos a verdade sobre a nossa cidade e a razão para aqui vivermos. Já que não me agradecem, deviam, pelo menos, *fazer* algo acerca do assunto, em vez de ficarem sentados em cima da porcária que fizeram a fingir que é um trono!

O sorriso trocista de Evelyn contorce-se como se tivesse acabado de provar algo desagradável. Inclina-se aproximando o seu rosto do meu e, pela primeira vez, apercebo-me da idade que tem, vejo as rugas que

lhe rodeiam os olhos e a boca e a palidez doentia resultante de anos e anos a comer escassamente. Ainda assim, é bonita, como o filho. Toda a fome que passou não conseguiu apagar a sua beleza.

– Eu *estou* a fazer algo acerca do assunto. Estou a construir um mundo novo – replica, e a sua voz assume um tom ainda mais suave, de forma que mal consigo ouvi-la. – Eu era uma Abnegada. Sei a verdade há muito mais tempo do que tu, Beatrice Prior. Não sei como estás a conseguir sair-te desta, mas garanto-te que não terás lugar no meu mundo novo e, muito menos, ao lado do meu filho.

Sorrio ligeiramente. Não devia, mas os gestos e as expressões são mais difíceis de reprimir do que as palavras, com este peso nas minhas veias. Ela acredita que agora Tobias lhe pertence. Não sabe a verdade – que Tobias pertence a ele mesmo. Evelyn endireita-se, cruzando os braços.

– O soro da verdade revelou que, apesar de poderes ter falta de discernimento, não és uma traidora. O interrogatório terminou. Podes ir embora.

– E as minhas amigas? – pergunto indolentemente. – A Christina, a Cara. Também não fizeram nada de errado.

– Já trataremos delas – diz Evelyn.

Ponho-me de pé, apesar de estar fraca e tonta por causa do soro. A sala está apinhada de pessoas que assistem de ombros colados e demoro uns bons segundos a encontrar a saída, até que alguém me pega pelo braço, um rapaz com um tom de pele castanho e quente e um sorriso amplo – Uriah. Guia-me até à porta. Toda a gente desata a falar.

Uriah conduz-me pelo corredor em direção ao elevador. As portas deslizam quando Uriah carrega no botão e sigo-o para dentro, ainda a sentir-me zozza. Quando as portas se fecham, digo:

– Não achas que exagerei com aquilo do trono e da porcaria?

– Não. A Evelyn esperava que estivesse de cabeça quente. Se agisses de forma diferente, ela poderia ter suspeitado.

Sinto que tudo dentro de mim vibra de energia, antecipando o que aí vem. Vamos descobrir uma maneira de sair da cidade. Acabou-se a espera, este andar para trás e para a frente dentro de uma cela, a

exigir respostas que os guardas não me dão.

No entanto, esta manhã os guardas contaram-me algumas coisas sobre a nova ordem dos sem-fação. Os antigos membros das fações devem mudar-se para mais perto do quartel-general dos Eruditos e misturar-se entre si, não devendo haver mais de quatro membros de cada fação em cada habitação. Também é suposto misturarmos as nossas roupas. Foi em resultado desta ordem que hoje me deram uma camisa amarela dos Cordiais e um par de calças negras dos Cándidos.

– Bem, é por aqui que vamos... – Uriah conduz-me para fora do elevador. Este andar do quartel-general dos Eruditos é todo em vidro, incluindo as paredes. O vidro filtra a luz do sol, projetando esguios arco-íris sobre o chão. Protejo os olhos com uma mão e sigo Uriah até uma sala comprida e estreita, com camas dos dois lados. Ao lado de cada cama há um armário de vidro para guardar roupas e livros e uma pequena mesa.

– Aqui costumava ser o dormitório dos Eruditos iniciados – informa Uriah. – Já reservei camas para a Christina e para a Cara.

Sentadas numa cama perto da porta estão três raparigas vestidas com camisas vermelhas – suponho que sejam Cordiais – e, no lado esquerdo da sala, uma mulher mais velha está deitada sobre outra cama, com os óculos pendendo de uma das orelhas – possivelmente uma Erudita. Sei que devia tentar deixar de classificar as pessoas segundo fações quando as vejo, mas é um velho hábito difícil de quebrar.

Uriah deixa-se cair sobre uma das camas ao fundo. Sento-me na cama a seguir à dele, contente por, finalmente, estar livre e poder descansar.

– O Zeke diz que, às vezes, os sem-fação demoram algum tempo a processar as exonerações, por isso, elas devem sair mais tarde – diz Uriah.

Por momentos, sinto alívio pelo facto de todas as pessoas de quem gosto poderem estar fora da prisão até ao cair da noite. Mas depois recordo que Caleb ainda lá está, pois é do conhecimento de todos que era um lacaios da Jeanine Matthews e os sem-fação nunca o exonerarão. Mas não sei até onde irão para destruir a marca de Jeanine Matthews nesta cidade.

Não me importa, penso. Mas, no próprio instante em que este pensamento se formula, sei que é mentira. Ele ainda é meu irmão.

– Ótimo – digo. – Obrigada, Uriah.

Ele acena afirmativamente e encosta a cabeça à parede para se endireitar.

– Como estás? – pergunto-lhe. – Quer dizer... a Lynn...

Uriah é amigo de Lynn e Marlene desde que o conheço e, agora, estão ambas mortas. Penso que seria capaz de o compreender. Afinal de contas, também perdi dois amigos: Al devido às pressões da iniciação e Will por causa da simulação do ataque e dos meus próprios atos precipitados. Mas não quero fingir que o nosso sofrimento é igual; para começar, Uriah conhecia as amigas dele melhor do que eu conhecia os meus.

– Não quero falar sobre o assunto – responde Uriah abanando a cabeça. – Ou pensar nele. Só quero continuar em frente.

– OK, percebo. É só que... diz-me se precisares...

– Sim. – Sorri-me e põe-se de pé. – Estás bem aqui, certo? Disse à minha mãe que ia vê-la hoje à noite, por isso, tenho de sair daqui a nada. Oh, quase me esquecia de te dizer: o Quatro disse que quer encontrar-se contigo mais logo.

Soergo-me endireitando o corpo.

– A sério? Quando? Onde?

– Um pouco depois das dez, no parque Milénio. No relvado. – Uriah exhibe um sorrisinho sobranceiro. – Não te excites demasiado, ou a tua cabeça ainda explode.

Capítulo quatro

Tobias

A minha mãe senta-se sempre nas extremidades das coisas – das cadeiras, das mesas, das rochas –, como se esperasse ter de fugir dali a qualquer instante. Desta vez, é na extremidade da antiga secretária de Jeanine, no quartel-general dos Eruditos, que está sentada, com os dedos dos pés apoiados no chão e a luz turva da cidade brilhando atrás dela. Toda ela é osso e músculo.

– Acho que temos de conversar sobre a tua lealdade – diz, mas não parece estar a acusar-me de algo, parece apenas cansada. Por um instante, tem um ar tão desgastado que quase consigo ver através dela, mas depois endireita-se e esta impressão desvanece-se. – Nos últimos tempos, foste tu que ajudaste a Tris e fizeste com que aquele vídeo fosse transmitido – diz. – Mais ninguém sabe isso, mas *eu* sei.

– Ouve. – Inclino-me para a frente de forma a apoiar os cotovelos sobre os joelhos. – Não sabia o que aquele ficheiro continha. Confiei no discernimento da Tris mais do que no meu. Foi isso que aconteceu.

Achava que dizer à minha mãe que tinha terminado tudo com Tris facilitaria a sua confiança em mim e não me enganei – desde que lhe menti, Evelyn tem-se mostrado mais afetuosa e mais aberta para comigo.

– E agora que viste o vídeo? – pergunta ela. – Que pensas agora? Achas que devemos abandonar a cidade?

Sei o que quer que eu diga – que não tenho motivos para me juntar ao mundo lá de fora –, mas não sou bom mentiroso, por isso, opto por

contar-lhe uma verdade parcial.

– Isso mete-me medo – respondo. – Não sei se será inteligente deixar a cidade sabendo dos perigos que nos podem espreitar lá fora.

Evelyn contempla-me por um instante, mordendo o interior da bochecha. Herdei este hábito dela. Costumava mastigar a pele até à carne enquanto aguardava que o meu pai voltasse para casa, não sabendo bem com que versão sua me iria deparar – se a pessoa em que os Abnegados confiavam e admiravam, se a pessoa cujas mãos costumavam bater-me.

Passo a língua pelas cicatrizes e engulo estas memórias como se fossem bÍlis. Evelyn desliza da secretária e aproxima-se da janela.

– Tenho recebido informações inquietantes sobre uma organização rebelde. – Ergue os olhos, arqueando uma sobrancelha. – As pessoas tendem sempre a organizar-se em grupos. É um facto da vida. Só não esperava que acontecesse tão depressa.

– Uma organização de que tipo?

– Do tipo que quer deixar a cidade – responde Evelyn. – Divulgaram uma espécie de manifesto esta manhã. Autodenominam-se de Leais. – Ao ver o meu ar confuso, Evelyn acrescenta: – Porque são leais ao objetivo original da nossa cidade, percebes?

– O objetivo original? Queres dizer aquilo que a Edith Prior diz no vídeo? Que deveríamos enviar pessoas para o exterior da cidade quando tivéssemos um grande número de Divergentes?

– É isso, sim. Mas também viver em fações. Os Leais defendem que é suposto vivermos em fações porque fazemos parte delas desde o início. – Evelyn abana a cabeça. – Vai sempre haver pessoas com medo da mudança. Mas não podemos fazer-lhes a vontade.

Com as fações desmanteladas, parte de mim sentiu-se como um homem liberto de um longo cativeiro. Já não tenho de avaliar se cada pensamento que tenho ou cada escolha que faço se encaixa numa ideologia rígida. Não quero as fações de volta.

No entanto, Evelyn não nos libertou como pensa – tudo o que fez foi tornar-nos a todos sem-fação. Tem medo das escolhas que poderíamos fazer se nos fosse dada uma liberdade real. E isto significa que, independentemente do que penso sobre as fações, estou aliviado por alguém, algures, estar a desafiá-la.

Adoto uma expressão facial vazia, mas o meu coração bate mais depressa do que antes. Tenho de ter cuidado para me manter nas boas graças de Evelyn. Para mim, é fácil mentir a toda a gente, mas não a ela, a única pessoa que conhecia todos os segredos do nosso lar Abnegado, que conhecia a violência encerrada entre as suas paredes.

– Que vais fazer acerca deles? – pergunto.

– Vou pô-los sob controlo. Que outra coisa poderia fazer?

A palavra «controlo» faz-me sentar muito direito, tão rígido como a cadeira em que estou sentado. Nesta cidade, «controlo» significa seringas e soros e ver sem ver; significa simulações, como a que quase me fez matar Tris, ou a que transformou os Intrépidos num exército.

– Usando simulações? – pergunto devagar.

Evelyn franze o rosto com raiva.

– É claro que não! Não sou a Jeanine Matthews!

A sua reação zangada faz-me explodir.

– Não te esqueças de que mal te conheço, Evelyn.

Ela contrai-se ao ouvir estas palavras.

– Então, deixa que te diga que nunca me serviria de simulações para conseguir o que quero. Preferiria a morte.

É possível que a morte seja exatamente o que ela usará – não há dúvida de que matar as pessoas as manteria sossegadas, sufocaria a revolução ainda antes de começar.

Quem quer que os Leais sejam, precisam de ser avisados, e depressa.

– Posso descobrir quem eles são – digo.

– Tenho a certeza de que podes. Por que outro motivo te teria falado neles?

Há muitos motivos para ela me ter falado neles. Para me testar. Para me apanhar. Para me fornecer informações falsas. Sei o que a minha mãe é – alguém para quem os fins justificam os meios, tal como o meu pai e, por vezes, tal como eu próprio.

– Então, vou fazê-lo. Vou descobri-los.

Levanto-me e os dedos dela, finos como raminhos, fecham-se em torno do meu braço.

– Obrigada.

Forço-me a olhar para ela. Tem os olhos juntos acima do nariz

adunco, como o meu. A sua pele é de um tom médio, mais escura do que a minha. Por um momento, vejo-a vestida com o cinzento dos Abnegados, com a espessa cabeleira presa por uma dúzia de ganchos, sentada em frente a mim, do outro lado da mesa de jantar. Vejo-a agachada à minha frente, apertando corretamente os botões da minha camisa antes de eu ir para a escola, e de pé à janela, observando a rua uniforme em busca do carro do meu pai, com as mãos juntas – juntas não, apertadas, deixando os nós dos dedos morenos brancos de tensão.

Estávamos unidos no medo, nessa altura, e, agora que ela já não tem medo, parte de mim quer ver como seria unir-me com ela na força. Sinto uma dor, como se a tivesse traído, a mulher que costumava ser a minha única aliada, e afasto-me antes de poder desdizer-me e pedir-lhe desculpas. Deixo o quartel-general dos Eruditos no meio de uma multidão, com os olhos confusos, automaticamente à caça das cores das fações quando já não as há. Estou a usar uma camisa cinza, calças de ganga azuis, sapatos pretos – roupas novas, mas por baixo delas estão as minhas tatuagens dos Intrépidos. É impossível apagar as minhas escolhas. Especialmente estas.

Capítulo cinco

Tris

Pus o alarme do relógio para as dez horas e adormeci logo a seguir, sem sequer tentar acomodar-me numa posição confortável. Algumas horas mais tarde, o despertador não me acorda, mas os gritos frustrados de alguém do outro lado da sala fazem-no. Desligo o alarme, passo os dedos pelo cabelo e dirijo-me, meio a andar, meio a correr, para uma das escadas de emergência. A saída ao fundo conduzir-me-á ao beco, onde provavelmente não haverá ninguém para me deter.

Quando saio para o exterior, o ar fresco acorda-me. Puxo as mangas para cobrir os dedos das mãos e mantê-los quentes. O verão está finalmente a chegar ao fim. Há algumas pessoas à volta da entrada para o quartel-general dos Eruditos, mas nenhuma repara quando me esgueiro pela avenida Michigan fora. Ser pequena tem algumas vantagens. Vejo Tobias de pé no meio do relvado, vestindo uma mistura de cores das fações – camisa cinzenta, calças de ganga azuis e camisola preta com capuz, representando todas as fações para as quais o meu teste de aptidão me indicou. Tem uma mochila encostada aos pés.

– Como me portei? – pergunto, quando estou suficientemente perto para ele poder ouvir-me.

– Muito bem – afirma ele. – A Evelyn ainda te odeia, mas a Christina e a Cara foram libertadas sem mais interrogatórios.

– Ótimo.

Sorrio. Ele agarra a parte da frente da minha camisa, mesmo sobre o estômago, e puxa-me na sua direção, beijando-me suavemente.

– Vem – diz, ao afastar-se. – Tenho um plano para esta noite.

– Ah, sim?

– Sim, bem, apercebi-me de que nunca tivemos um encontro a sério.

– A destruição e o caos têm tendência para não deixar às pessoas muitas hipóteses de marcarem encontros amorosos.

– Gostava de ver como é essa coisa dos encontros.

Recua na direção da enorme estrutura de metal do outro lado do relvado e eu sigo-o.

– Antes de ti, só saía em grupos, e esses encontros eram geralmente um desastre. Acabavam sempre com o Zeke a curtir com a rapariga em quem estava interessado e eu embaraçado, sentado em silêncio com alguma rapariga que, de uma maneira ou de outra, tinha arranjado forma de ofender logo ao início.

– Não és lá muito simpático – respondo, sorrindo abertamente.

– Olha quem fala.

– Ei, eu consigo ser simpática se quiser.

– Hum. – Tobias tamborila com o dedo no queixo. – Então, diz lá qualquer coisa simpática.

– És muito bonito.

Ele sorri e os seus dentes brilham como um clarão no escuro.

– Gosto desta faceta «simpática».

Chegamos ao fim do relvado. A estrutura metálica é maior e mais estranha de perto do que de longe. Na verdade, é um palco, e erguendo-se à sua volta e acima dele há placas de metal maciço que se arqueiam em diferentes direções, como uma lata de alumínio que explodiu. Contornamos uma das placas do lado direito em direção ao fundo do palco, que se eleva num ângulo a partir do solo. Aqui, vigas de metal suportam as placas da parte de trás. Tobias prende a mochila aos ombros e agarra uma das vigas. Vai escalá-la.

– Isto parece-me familiar – digo.

Uma das primeiras coisas que fizemos juntos foi escalar a rodagigante, mas dessa vez fui eu, não ele, quem nos incitou a subir sempre mais alto. Enrolo as mangas e sigo-o. O meu ombro ainda está

dorido da bala, mas a ferida está quase curada. Ainda assim, sustento a maior parte do meu peso com o braço esquerdo e tento dar impulso com os pés sempre que possível. Olho para o emaranhado de barras debaixo de mim e para o chão além delas e rio.

Tobias sobe a um ponto onde duas placas de metal se encontram num «V», deixando espaço suficiente para duas pessoas se sentarem. Recua, enfiando-se entre as duas placas e, quando chego suficientemente perto, estende a mão para a minha cintura, para me ajudar a subir. Na verdade, não preciso de ajuda, mas não lhe digo – estou demasiado ocupada com o prazer de o sentir a tocar-me. Tobias tira uma manta da mochila e cobre-nos com ela e, a seguir, saca dois copos de plástico.

– Preferes ficar consciente ou um bocadinho tonta? – pergunta, espreitando para dentro da mochila.

– Hum... – inclino a cabeça. – Consciente. Acho que temos coisas a conversar, não?

– Sim.

Tobias tira do saco uma pequena garrafa com um líquido claro e gasoso e, enquanto saca a rolha, diz:

– Roubei-a das cozinhas dos Eruditos. Segundo parece, é delicioso.

Deita um pouco do líquido em cada copo e eu bebo um gole. O que quer que seja, sabe a limão e é doce como um xarope, fazendo-me retrair-me um pouco. O segundo gole já sabe melhor.

– Coisas a conversar... – começa ele.

– Certo.

– Bem... – Tobias franze a testa olhando para o copo. – OK, então, eu entendo porque colaboraste com o Marcus e porque achaste que não me podias contar. Mas...

– Mas estás zangado – completo. – Porque te menti. Em várias ocasiões.

Ele acena com a cabeça, sem olhar para mim.

– Nem sequer é por causa do Marcus. A coisa começa antes disso. Não sei se consegues imaginar como foi acordar sozinho e saber que tinhas ido... – Suspeito que o que ele quer dizer é «para a tua morte», mas Tobias não consegue sequer pronunciar as palavras. – ... para o quartel-general dos Eruditos.

– Não, provavelmente não consigo. – Bebo outro gole, fazendo a bebida açucarada girar na minha boca antes de engolir.

– Ouve, eu... Eu costumava pensar em dar a vida por certas coisas, mas não compreendia o que «dar a vida» realmente significava até ser confrontada com isso e ver a minha vida prestes a ser-me tirada. – Olho para Tobias e ele, finalmente, olha para mim. – Agora já sei – continuo. – Sei que quero viver. Sei que quero ser honesta contigo. Mas... mas não posso fazer isso, não vou fazê-lo se não confiares em mim ou se continuares a falar comigo naquele tom condescendente que de vez em quando usas...

– *Condescendente?* Tu estavas a fazer coisas ridículas e arriscadas.

– Sim – digo. – E achas realmente que ajudou falares comigo como se eu fosse uma criança que não sabia o que fazia?

– Que mais devia eu fazer? – pergunta Tobias. – Tu não querias ouvir a voz da razão!

– Talvez não fosse de racionalidade que precisava! – Sento-me direita, já sem conseguir fingir que estou descontraída. – Sentia-me como se a culpa estivesse a comer-me viva e precisava da tua paciência e da tua bondade, não que te pusesses a *gritar* comigo. Ah, e já agora, que escondesses os teus planos de mim, como se eu não fosse capaz de lidar com...

– Não queria sobrecarregar-te ainda mais.

– Mas, então, achas que sou uma pessoa forte ou não? – pergunto, olhando para ele de cenho franzido. – Porque pareces pensar que sou capaz de aguentar quando te pões a criticar-me, mas não achas que seja capaz de aguentar mais nada? Que quer isso dizer?

– É claro que acho que és uma pessoa forte. – Tobias abana a cabeça. – Eu só... Não estou habituado a contar as coisas às pessoas. Estou acostumado a lidar com tudo sozinho.

– Sou uma pessoa de confiança – afirmo. – Podes confiar em mim. E podes deixar-me decidir aquilo com que consigo ou não lidar.

– OK – diz Tobias, acenando com a cabeça. – Mas acabaram-se as mentiras. Para sempre.

– OK.

Sinto-me tensa e apertada, como se o meu corpo tivesse acabado de ser enfiado à força num invólucro demasiado pequeno para mim.

Mas não é assim que quero que esta conversa termine, por isso, pegolhe na mão.

– Desculpa ter-te mentido – digo. – A sério.

– Bom, e eu não queria fazer-te sentir que não te respeito.

Ficamos ali algum tempo, de mãos entrelaçadas. Inclino-me para trás, contra a placa de metal. Acima de nós, o céu está vazio e escuro, com a lua oculta por nuvens. Descubro uma estrela à nossa frente quando as nuvens mudam de sítio, mas parece ser a única. Quando inclino a cabeça para trás, porém, posso ver a linha de edifícios ao longo da avenida Michigan, como uma fileira de sentinelas que nos vigiam. Permaneço em silêncio até que o sentimento de rigidez e opressão desaparece. No seu lugar, sinto agora alívio. Normalmente, não é assim tão fácil livrar-me da raiva, mas as últimas semanas têm sido estranhas para os dois e sinto-me feliz por me libertar dos sentimentos a que me tenho agarrado, a fúria e o medo de que ele me odiasse, tal como a culpa por colaborar com o pai dele pelas suas costas.

– Esta coisa é um bocado nojenta – diz ele, acabando de beber o conteúdo do seu copo e pousando-o.

– Pois é – concordo, contemplando o que resta da minha bebida no copo. Bebo-a de um trago, encolhendo-me quando as bolhinhas me arranham a garganta. – Não sei de que é que os Eruditos estão sempre a gabar-se. O bolo dos Intrépidos é muito melhor.

– Pergunto-me qual seria a guloseima dos Abnegados, se tivessem uma.

– Pão seco.

Tobias ri.

– Papas de aveia simples – sugere.

– Leite.

– Às vezes, acho que acredito em tudo o que eles nos ensinaram – diz. – Mas é óbvio que não, uma vez que estou aqui sentado de mão dada contigo sem nos termos casado primeiro.

– O que é que os Intrépidos ensinam sobre... isto? – pergunto, com um aceno de cabeça na direção das nossas mãos.

– O que ensinam os Intrépidos, hum. – Tobias exhibe um sorriso afetado. – Faz o que quiseses, desde que uses proteção, é o que eles

ensinam.

Arqueio as sobrancelhas. Sinto a cara subitamente quente.

– Acho que gostaria de encontrar um meio-termo – continua ele. – De encontrar aquele lugar entre aquilo que quero e aquilo que penso que é sensato.

– Isso parece-me bem. – Faço uma pausa. – Mas o que queres tu?

Penso que conheço a resposta, mas quero ouvi-lo dizê-la.

– Hum...

Tobias sorri e inclina-se para a frente, pondo-se de joelhos. Pressiona as mãos contra a placa de metal, rodeando a minha cabeça com os braços, e beija-me devagar, nos lábios, abaixo do maxilar, mesmo acima da minha clavícula. Deixo-me ficar quieta, nervosa com a ideia de fazer qualquer coisa estúpida ou que ele não goste. Mas, então, começo a sentir-me como uma estátua, como se não estivesse ali de todo e, assim, toco hesitantemente na sua cintura. A seguir, os seus lábios estão de novo sobre os meus e ele puxa a sua camisa para que as minhas mãos toquem na sua pele nua. Desperto, pressionando o meu corpo mais contra o dele, com as mãos a subir-lhe pelas costas, deslizando-lhe sobre os ombros. A respiração dele acelera-se, tal como a minha, e sinto o sabor a limão do xarope gasoso que acabei de beber e cheiro o vento na sua pele e tudo o que quero é mais, muito mais.

Puxo-lhe a camisa para cima. Um momento antes, tinha frio, mas não acho que nenhum de nós sinta frio agora. O braço dele rodeia-me a cintura, forte e determinado, a sua mão livre embrenha-se nos meus cabelos e eu abrando, absorvendo tudo – a suavidade da sua pele, marcada aqui e ali a tinta preta, a insistência do beijo e o ar frio que nos envolve a ambos. Descontraio e deixo de me sentir como uma espécie de soldado Divergente, desafiando indistintamente soros e líderes governamentais. Sinto-me mais suave, mais leve. Gosto de poder rir ligeiramente quando os seus dedos me roçam as ancas e o fundo das costas, ou suspirar no seu ouvido quando ele me puxa para si, enterrando o rosto no meu pescoço, para poder beijar-me ali. Sinto-me eu mesma, forte e fraca ao mesmo tempo – autorizada, pelo menos por algum tempo, a ser ambas as coisas.

Não sei quanto tempo passa antes de termos frio de novo e nos aconchegarmos debaixo do cobertor juntos.

– Está a ficar mais difícil ser sensato – diz ele, rindo no meu ouvido.

Sorrio-lhe.

– Acho que tudo está como deve ser.

Capítulo seis

Tobias

Há algo em ebulição.

Consigo senti-lo enquanto percorro a fila do refeitório com o meu tabuleiro e vejo-o nas cabeças muito juntas de um grupo de sem-fação que se inclinam sobre as suas papas de aveia. O que quer que esteja para acontecer vai ser em breve.

Ontem, depois de sair do gabinete de Evelyn, deixei-me ficar pelo corredor para tentar espiar a sua reunião seguinte. Antes de ela fechar a porta, ouvi-a dizer algo sobre uma manifestação. A questão que me está a incomodar é: porque não me disse ela?

Não deve confiar em mim. O que quer dizer que o meu trabalho como seu braço direito fingido não está a ser tão bom como eu pensava.

Sento-me com o mesmo pequeno-almoço que toda a gente: uma taça de papas de aveia polvilhadas com um pouco de açúcar mascavado e uma caneca de café. Observo o grupo de sem-fação enquanto enfio a comida na boca às colheradas, sem chegar a sentir-lhe o sabor. Um deles – uma rapariga, talvez de uns catorze anos – olha constantemente para o relógio.

Estou a meio do pequeno-almoço quando ouço os gritos. A agitada rapariga sem-fação salta da cadeira como se estivesse ligada a um cabo elétrico, o grupo inteiro começa a dirigir-se para a porta. Estou mesmo atrás deles, abrindo caminho à cotovelada por entre as pessoas que se movem mais devagar através do átrio do quartel-general dos

Eruditos, onde o retrato de Jeanine Matthews ainda permanece no chão, feito em pedaços.

Um grupo de sem-faço já se reuniu no exterior, no meio da avenida Michigan. Uma camada de nuvens pálidas cobre o sol, tornando a luz do dia baça e nebulosa. Ouço alguém gritar «Morte às fações!» e outras pessoas repetem a frase, transformando-a num cântico, até encher os meus ouvidos, *Morte às fações, morte às fações*. Vejo os seus punhos erguidos, como Intrépidos excitáveis, mas sem a alegria dos Intrépidos. Os seus rostos contorcem-se de raiva.

Abro caminho em direção ao meio do grupo e, então, vejo aquilo em torno do qual se reúnem: as enormes taças das fações da Cerimónia da Escolha estão viradas de lado, derramando o conteúdo sobre a rua, com o carvão, o vidro, a pedra, a terra e a água misturando-se todos entre si.

Lembro-me de cortar a palma da minha mão para juntar o meu sangue ao carvão, o meu primeiro ato de rebeldia contra o meu pai. Lembro-me da onda de poder dentro de mim e da vaga de alívio. Uma fuga. Estas taças foram a minha fuga.

Edward está entre a multidão, com cacos de vidro reduzidos a pó sob o calcanhar e uma marreta erguida acima da cabeça. Desce a marreta sobre uma das taças derrubadas, fazendo uma amolgadela no metal. Pó de carvão eleva-se no ar. Tenho de me refrear para não correr na sua direção. Não pode destruí-la, não aquela taça, não a Cerimónia da Escolha, não o símbolo do meu triunfo. Estas coisas não devem ser destruídas.

A multidão engrossa, e não apenas com sem-faço que ostentam braçadeiras pretas com círculos brancos vazios, mas com pessoas de todas as antigas fações, de braços nus. Um homem dos Eruditos – cuja fação ainda é denunciada pelo seu cabelo cuidadosamente dividido ao meio – salta da multidão quando Edward ergue a marreta preparando-se para um novo golpe. O homem envolve o cabo da marreta com as suas mãos suaves e manchadas de tinta, um pouco acima das mãos de Edward, e empurram-se um ao outro, de dentes cerrados.

Vejo uma cabeça loira do outro lado da multidão – Tris, vestindo uma camisa azul solta sem mangas, deixando ver os contornos das tatuagens da fação nos seus ombros. Tenta correr para Edward e o

homem dos Eruditos, mas Christina agarra-a com as ambas as mãos.

O rosto do homem dos Eruditos fica roxo. Edward é mais alto e mais forte do que ele. O homem não tem a mínima hipótese, é tolo em tentar. Edward arranca-lhe o cabo da marreta das mãos e desfere novo golpe. Mas está desequilibrado, transtornado de fúria, e a marreta atinge o homem dos Eruditos no ombro com toda a força e o metal quebra-lhe os ossos. Por um instante, tudo que eu ouço são os gritos do homem. É como se toda a gente inspirasse ao mesmo tempo.

Em seguida, a multidão explode num frenesi, toda a gente corre na direção das taças, de Edward, do homem dos Eruditos. Chocam uns com os outros e depois comigo, com ombros, cotovelos e cabeças a baterem-me uma e outra vez.

Não sei para onde correr: para o homem ferido, para Edward, para Tris? Não consigo pensar, não consigo respirar. A multidão arrasta-me para junto de Edward e agarro-lhe no braço.

– Larga isso! – grito-lhe sobre o ruído.

O seu único olho brilhante fixa-se em mim e Edward arreganha os dentes, num esforço para se libertar. Ergo o joelho, atingindo-o de lado. Ele cambaleia para trás, largando a marreta. Eu agarro-a, seguro-a contra as pernas e lanço-me na direção de Tris.

Ela está algures à minha frente, lutando por chegar junto do homem dos Eruditos. Vejo uma mulher atingi-la com uma cotovelada no rosto, fazendo-a recuar cambaleando. Christina afasta a mulher com um empurrão. Depois, ouve-se uma arma disparar. Uma vez, duas. Três vezes. A multidão dispersa em todas as direções, toda a gente corre com pavor da ameaça das balas e eu tento ver quem foi atingido, se é que alguém o foi, mas a correria à minha volta é demasiado intensa.

Tris e Christina agacham-se junto ao homem dos Eruditos com o ombro desfeito. Este tem o rosto ensanguentado e as roupas sujas com marcas de pegadas. O seu bem penteado cabelo Erudito está agora desgrenhado. Não se mexe.

A alguns metros dali, Edward jaz numa poça do seu próprio sangue. A bala atingiu-o na barriga. Há também outras pessoas caídas, gente que não reconheço, pessoas que foram atingidas a tiro ou pisadas pela multidão. Suspeito que o único destinatário das balas era

Edward e que os outros foram danos colaterais.

Olho à minha volta freneticamente, mas não consigo ver o atirador. Quem quer que fosse, parece ter-se fundido na multidão. Deixo cair a marreta junto da taça amolgada e ajoelho-me ao lado de Edward, sentindo as pedras dos Abnegados a magoar-me as rótulas. O olho que lhe resta move-se de um lado para o outro sob a pálpebra – está vivo, pelo menos por agora.

– Temos de levá-lo ao hospital – digo, para quem quer que esteja a ouvir.

Quase toda a gente partiu. Olho por cima do ombro para Tris e para o homem dos Eruditos, que não se mexeu.

– Ele está...?

Tris tem os dedos no pescoço do homem, tentando sentir-lhe a pulsação, e os seus olhos estão muito abertos e vazios. Abana a cabeça. Não, não está vivo. Não pensava que estivesse. Fecho os olhos. As taças das fações estão gravadas na minha visão, viradas de lado, com os seus conteúdos amontoados na rua. Os símbolos da nossa antiga forma de vida destruídos – um homem morto, outros feridos – e em nome de quê?

Em nome de nada. Em nome da visão estreita e vazia de Evelyn: uma cidade onde as fações são retiradas às pessoas contra a sua vontade.

Evelyn queria que nós tivéssemos mais do que cinco escolhas, agora não temos nenhuma.

Neste instante, tenho a certeza de que não posso ser seu aliado, que nunca o poderia ter sido.

– Temos de ir embora – diz Tris, e percebo que não se refere a sairmos da avenida Michigan ou a levarmos Edward ao hospital; fala de deixarmos a cidade.

– Temos de ir embora – repito.

No hospital improvisado no quartel-general dos Eruditos paira um áspero cheiro a químicos. Fecho os olhos enquanto espero por Evelyn. Estou tão furioso que nem sequer quero estar aqui sentado, tudo o que me apetece é fazer as malas e partir. Ela deve ter planeado aquela manifestação, ou não teria tido conhecimento dela no dia anterior, e

deve ter sabido que a situação se descontrolaria, com as coisas tensas como estão. Contudo, foi em frente na mesma. Para ela, fazer uma declaração portentosa sobre as fações foi mais importante do que a segurança ou a potencial perda de vidas. Não sei porque isto ainda me surpreende.

Ouço as portas do elevador abrir e a voz dela:

– Tobias! – Corre para mim e pega-me nas mãos, que estão pegajosas com sangue. Os seus olhos escuros arregalam-se de medo ao perguntar:

– Estás ferido?

Está preocupada comigo. Este pensamento é como uma picada de ânsia dentro de mim – ela deve amar-me para se preocupar comigo. Ainda deve ser capaz de amar.

– O sangue é do Edward. Ajudei a trazê-lo para cá.

– Como está ele?

Abano a cabeça.

– Morto.

Não sei dizê-lo de outra maneira.

Ela encolhe-se, largando as minhas mãos, e senta-se numa das cadeiras da sala de espera. A minha mãe acolheu o Edward depois de ele desertar dos Intrépidos. Deve tê-lo ensinado a ser um guerreiro de novo, depois de ele perder o olho, a fação e o equilíbrio. Eu nunca soube que eles eram tão próximos, mas posso vê-lo agora, no brilho das lágrimas nos seus olhos e no tremor dos seus dedos. É o máximo de emoção que a vi demonstrar desde que era criança, depois da vez em que o meu pai a atirou contra as paredes da sala.

Forço a recordação a afastar-se, como se a enfiasse numa gaveta demasiado pequena para ela.

– Lamento. – Não sei se sou realmente sincero ou se estou a dizer isto apenas para ela continuar a pensar que estou do seu lado. A seguir, digo hesitantemente:

– Porque não me contaste sobre a manifestação?

Evelyn abana a cabeça.

– Porque não sabia.

Está a mentir. Eu sei. Decido deixar passar. Para permanecer nas suas boas graças, tenho de evitar conflitos com ela. Ou talvez apenas

não queira insistir no assunto com a morte de Edward pairando sobre nós. Por vezes, é-me difícil perceber onde acaba a minha estratégia e começa a compaixão por ela.

– Oh. – Coço-me atrás da orelha. – Podes entrar para o ver, se quiseres.

– Não. – Evelyn parece distante. – Sei qual o aspeto que os cadáveres têm – conclui, parecendo afastar-se ainda mais.

– Talvez deva ir embora.

– Fica – diz ela, e toca na cadeira vazia entre nós. – Por favor.

Sento-me ao lado dela e, apesar de dizer a mim mesmo que sou apenas um agente infiltrado a obedecer ao seu suposto líder, sinto-me como um filho que conforta a mãe enlutada.

Ficamos sentados com os ombros encostados, as nossas respirações sincronizam-se e não dizemos uma só palavra.

Capítulo sete

Tris

Christina não para de revirar uma pedra negra na mão enquanto caminhamos. Levo alguns segundos a perceber que, na verdade, é um pedaço de carvão, da taça dos Intrépidos da Cerimónia da Escolha.

– Não queria mesmo falar nisto, mas é uma coisa que não me sai da cabeça – diz. – Que, das dez transferências com que começamos, só seis ainda estejam vivas.

À nossa frente, está o edifício Hancock e, para lá dele, Lake Shore Drive, a estrada desleixada sobre a qual cheguei a voar como um pássaro. Caminhamos lado a lado pelo passeio esburacado, com as roupas manchadas pelo sangue de Edward, agora seco.

A notícia ainda não é real para mim: Edward, de longe a mais talentosa transferência de entre nós todos, o rapaz cujo sangue limpei do chão do dormitório, está morto. Agora está morto.

– E dos simpáticos – acrescento –, só restamos eu, tu e... a Myra, provavelmente.

Não vejo a Myra desde que ela deixou o complexo dos Intrépidos com o Edward, logo após este ter perdido o olho por causa de uma faca de manteiga. Sei que eles se separaram pouco tempo depois, mas nunca soube para onde ela foi. De qualquer maneira, não acho que alguma vez tenha trocado mais do que umas poucas palavras com ela.

Duas portas duplas de acesso ao edifício Hancock já estão abertas, pendendo das suas dobradiças. Uriah disse que viria aqui cedo para ligar o gerador e, com efeito, quando carrego com o dedo no botão do

elevador, vejo a luz brilhar através da minha unha.

– Já estiveste aqui antes? – pergunto, ao entrarmos no elevador.

– Não – responde Christina. – Não lá dentro, quero dizer. Não cheguei a descer pelo cabo, lembras-te?

– Certo. – Encosto-me à parede. – Devias tentar antes de irmos embora.

– Sim. – Christina está a usar um batom vermelho. Lembra-me a forma como as crianças ficam com a cara toda lambuzada quando comem doces sem cuidado nenhum. – Às vezes, consigo perceber a Evelyn. Aconteceram tantas coisas horríveis, que há alturas em que parece boa ideia ficar aqui e simplesmente... tentar pôr ordem nesta confusão antes de nos metermos noutra. – Sorri ligeiramente. – Mas é claro que não é isso que vou fazer – acrescenta. – Mas não sei porquê. É a curiosidade, acho eu.

– Já discutiste o assunto com os teus pais?

Por vezes, esqueço-me de que Christina não é como eu, sem laços familiares que a prendam a determinado sítio. Tem mãe e uma irmã mais novinha, ambas ex-Cândidas.

– Têm de tomar conta da minha irmã – diz. – Não sabem se lá fora é seguro e não querem pô-la em risco.

– Mas não se importariam se tu partisses?

– Não se importaram com o facto de eu me ter juntado a uma facção diferente. Também não se vão importar com isso – afirma. Olha para os pés. – Eles só querem que eu leve uma vida honesta, percebes? E aqui não posso fazer isso. Sei que não posso.

As portas do elevador abrem-se e sentimos de imediato o vento, ainda quente, mas já com traços de frio invernal. Ouço vozes que vêm do telhado e subo a escada para chegar até elas. A escada oscila a cada um dos meus passos, mas Christina segura-a, mantendo-a estável até eu chegar ao cimo.

Uriah e Zeke estão aqui, atirando pedrinhas do telhado e escutando o barulho que fazem ao bater nas janelas. Uriah tenta bater no cotovelo de Zeke antes de este lançar os seixos, para o atrapalhar, mas Zeke é demasiado rápido para ele.

– Olá – dizem em uníssono quando nos veem.

– Espera lá, mas vocês são irmãos ou algo assim? –

questiona Christina, sorrindo.

Ambos riem, mas Uriah parece um pouco atordoado, como se não estivesse inteiramente presente neste momento e neste lugar. Suponho que perder alguém da maneira como ele perdeu Marlene possa ter este feito sobre uma pessoa, embora não tenha sido isso que me sucedeu a mim. No telhado não há arneses para descer pelo cabo, mas também não foi por isso que aqui viemos. Não sei por que razão os outros aqui estão, mas eu queria subir bem alto para ver tão longe quanto a vista pudesse alcançar. No entanto, para oeste toda a terra é escura, como se estivesse coberta por um manto negro. Por um segundo, acho que consigo distinguir um vislumbre de luz no horizonte, mas logo no instante seguinte desaparece. Era apenas uma ilusão de ótica. Os outros estão igualmente calados. Pergunto a mim própria se estaremos todos a pensar a mesma coisa.

– O que é que achas que há lá fora? – pergunta Uriah finalmente.

Zeke limita-se a encolher os ombros, mas Christina arrisca um palpite.

– E se for apenas mais do mesmo? Somente... mais uma cidade degradada, mais fações, mais de tudo?

– Não pode ser – diz Uriah, abanando a cabeça. – Tem de haver mais alguma coisa.

– Ou não haver nada – sugere Zeke. – As pessoas que nos puseram aqui podem simplesmente estar mortas. Pode estar tudo despovoado.

Sinto um arrepio. Nunca tinha pensado nesta hipótese, mas ele tem razão – não sabemos o que aconteceu no mundo lá fora desde que nos colocaram aqui, ou quantas gerações viveram e morreram desde essa altura. Podemos ser as últimas pessoas vivas.

– Não interessa – respondo, num tom mais sombrio do que era minha intenção. – Não interessa o que há lá fora, temos de ver por nós mesmos. E, depois de o fazermos, logo vemos como lidar com isso.

Ficamos ali de pé durante um longo momento. Percorro os contornos esburacados dos prédios com o olhar, até que todas as janelas iluminadas se fundem numa linha. Depois, Uriah pergunta a Christina sobre o motim e o nosso momento imóvel e silencioso esfuma-se, como se o levasse o vento.

No dia seguinte, Evelyn está de pé entre os fragmentos do retrato de Jeanine Matthews no átrio do quartel-general dos Eruditos e anuncia um novo conjunto de regras. Tanto os ex-membros das fações como os sem-facção se juntaram naquele espaço, ocupando também a rua lá fora, para ouvir o que a nossa nova líder tem a dizer. Soldados sem-facção alinham-se ao longo das paredes, com os dedos suspensos sobre os gatilhos das armas, mantendo-nos sob controlo.

– Os eventos de ontem tornaram claro que já não somos capazes de confiar uns nos outros – diz Evelyn. Tem um ar pálido e exausto. – Vamos introduzir mais regras nas nossas vidas até que a situação seja mais estável. A primeira destas medidas será o instaurar de um recolher obrigatório: toda a gente deve regressar ao espaço onde vive até às nove da noite. Não deverão sair destes locais até às oito da manhã do dia seguinte. Haverá guardas a patrulhar as ruas continuamente para garantir a segurança de todos.

Solto um risinho desdenhoso e tento disfarçá-lo tossindo. Christina dá-me uma cotovelada de lado e leva o dedo aos lábios. Não sei porque se importa – não é como se Evelyn pudesse ouvir-me lá na frente. Tori, ex-líder dos Intrépidos, deposta pela própria Evelyn, está a poucos metros de distância de mim, com os braços cruzados. A sua boca contorce-se num sorriso de escárnio.

– É também tempo de nos prepararmos para a nossa nova forma de vida sem-facção. A partir de hoje, toda a gente começará a aprender as profissões que os sem-facção têm exercido desde que há memória. A seguir, todos desempenharemos essas tarefas de maneira rotativa, para além das outras atividades tradicionalmente levadas a cabo pelas fações. – Evelyn sorri sem realmente sorrir. Não sei como consegue fazer aquilo. – Contribuiremos todos de maneira igual para a nossa cidade, tal como deve ser. As fações dividiram-nos, mas agora seremos unidos. Agora e para sempre.

À minha volta, os sem-facção aplaudem. Sinto-me desconfortável. Não estou exatamente em desacordo com ela, mas os membros das fações que se insurgiram contra Edward ontem também não vão ficar sossegados depois disto. O domínio de Evelyn sobre esta cidade não é tão forte como ela gostaria.

Não quero debater-me com a multidão para sair após o anúncio de Evelyn, por isso, serpenteio pelos corredores até encontrar uma das escadas da parte de trás, a que subimos para chegar ao laboratório de Jeanine, não há muito tempo. Nessa altura, os degraus estavam repletos de corpos. Agora, estão limpos e frescos, como se nada tivesse alguma vez sucedido aqui.

Ao passar pelo quarto andar, ouço um grito e sons de uma alteração. Abro a porta e vejo um grupo de pessoas – jovens, mais jovens do que eu, e todos com braçadeiras sem-faço – reunido em torno de um jovem caído no chão. Não é apenas um jovem – é um dos Cândidos, vestido de preto e branco da cabeça aos pés.

Corro para eles e, quando vejo uma rapariga sem-faço alta apontar a perna para pontapear o rapaz novamente, grito-lhe.

– Ei!

Não adianta – o pontapé atinge o rapaz dos Cândidos no flanco e ele geme, contorcendo-se e tentando afastar o corpo.

– Ei! – grito de novo e, desta vez, a rapariga volta-se para mim. É muito mais alta do que eu – uns bons quinze centímetros, na verdade –, mas não sinto medo nenhum, apenas fúria.

– Afasta-te – digo. – Afasta-te dele.

– Ele está a violar o código de vestuário. Tenho todo o direito de fazer o que estou a fazer e não aceito ordens de amiguinhos das fações – replica, a olhar para a tinta das tatuagens que emerge acima da minha clavícula.

– Becks – chama o rapaz sem-faço ao seu lado. – É a rapariga do vídeo da Prior.

Os outros parecem impressionados, mas a rapariga limita-se a sorrir com desdém.

– E depois?

– E depois – declaro –, tive de magoar uma data de pessoas para passar a iniciação dos Intrépidos e não hesitarei em magoar-te a ti também, se for preciso.

Abro o fecho da minha camisola azul e atiro-a ao rapaz dos Cândidos, que me olha do chão, com o sangue a escorrer-lhe da sobrancelha. Põe-se de pé com esforço, ainda com a mão sobre a zona onde foi pontapeado, e coloca a camisola à volta dos ombros como se

fosse uma manta.

– Pronto – digo. – Agora já não está a violar o código de vestuário.

A rapariga avalia a situação mentalmente, tentando decidir se quer lutar comigo ou não. Posso quase ouvir os seus pensamentos: sou pequena, por isso, pareço um alvo fácil, mas sou dos Intrépidos, logo, não serei assim tão fácil de vencer. Talvez saiba que já matei gente ou simplesmente não queira meter-se em sarilhos; de qualquer forma, está a perder a coragem – posso vê-lo pela expressão pouco segura da sua boca.

– É melhor teres cuidado – atira.

– Podes ter a certeza de que não preciso – respondo. – E agora saiam daqui.

Fico ali apenas o tempo suficiente para os ver dispersar e, depois, sigo o meu caminho. O rapaz dos Cândidos chama por mim.

– Espera! A tua camisola!

– Fica com ela!

Dobro uma esquina que acho que me levará a uma nova escada, mas acabo noutro corredor incaracterístico, semelhante àquele em que estava antes. Parece-me ouvir passos atrás de mim e viro-me, pronta para lutar contra a rapariga sem-fação, mas não vejo ninguém. Devo estar a ficar paranoica.

Abro uma das portas do corredor principal, na esperança de encontrar uma janela para me orientar de novo, mas encontro apenas um laboratório saqueado, com copos medidores e tubos de ensaio espalhados em cima das bancadas. O chão está pejado de pedaços de papel rasgado e, enquanto me inclino para apanhar um deles, as luzes apagam-se.

Lanço-me em direção à porta. Uma mão agarra-me no braço e arrasta-me para o lado. Alguém me enfia um saco na cabeça enquanto outra pessoa me empurra contra a parede. Tento lutar contra eles, debatendo-me com o tecido que me cobre o rosto e tudo o que consigo pensar é: *Outra vez não, outra vez não, outra vez não*. Consigo libertar um braço e atiro um soco, atingindo alguém no ombro ou no queixo, não sei bem.

– Ei! – grita uma voz. – Isso dói!

– Desculpa-nos por te termos assustado, Tris – diz outra voz –, mas

o anonimato é essencial para a nossa operação. Não queremos fazer-te mal.

– Então *larguem-me!* – respondo, quase a rosnar.

Todas as mãos que me encostam à parede se afastam.

– Quem são vocês?

– Somos os Leais – responde a voz. – Somos muitos e, contudo, não somos ninguém...

Não consigo evitar rir. Talvez seja do choque – ou do medo; o meu coração acelerado abrandando a cada segundo, as minhas mãos tremem de alívio.

A voz prossegue:

– Ouvimos dizer que não és leal à Evelyn Johnson e aos seus lacaios sem-fação.

– Isso é ridículo.

– Não tão ridículo como revelar a nossa identidade a alguém quando não temos de o fazer.

Tento ver através das fibras do que quer que seja que me cobre a cabeça, mas o tecido é demasiado espesso e está demasiado escuro. Tento relaxar encostando-me à parede, mas é difícil sem poder orientar-me pela minha visão. Esmago um copo medidor caído sob o meu sapato.

– Não, não lhe sou leal – afirmo. – Porque é que isso é importante?

– Porque quer dizer que queres ir-te embora – responde a voz.

Sinto um formigueiro de excitação.

– Queremos pedir-te um favor, Tris Prior. Vamos fazer uma reunião amanhã à meia-noite. Queremos que tragas os teus amigos dos Intrépidos.

– OK – respondo. – Mas deixem-me perguntar-vos uma coisa: se vou ver-vos amanhã à noite, porque é tão importante manter esta coisa sobre a minha cabeça hoje?

Isto parece confundir momentaneamente quem quer que seja que está a falar comigo.

– Há muitos perigos num dia – diz a voz. – Encontramo-nos amanhã, à meia-noite, no sítio onde fizeste a tua confissão.

De repente, a porta abre-se, fazendo o saco bater contra o meu rosto, e ouço passos correndo pelo corredor fora. Quando consigo tirar

o saco da cabeça, o corredor está em silêncio. Olho para ele – é uma franha azul-escura com as palavras «A façã antes do sangue» pintadas nela. Quem quer que sejam, não há dúvida de que têm um dom para o drama.

O sítio onde fizeste a tua confissão.

Só podem estar a referir-se a um local: o quartel-general dos Cãndidos, onde sucumbi ao soro da verdade.

Quando, por fim, regresso ao dormitório nessa noite, descubro um recado de Tobias enfiado sob o copo de água em cima da minha mesa de cabeceira.

VI –

O julgamento do teu irmão será amanhã de manhã e vai ser privado. Não posso ir ou levantaria suspeitas, mas vou informar-te sobre veredito o mais depressa possível.

Depois podemos fazer algum tipo de plano.

Aconteça o que acontecer, isto terminará em breve.

IV

Capítulo oito

Tris

São nove horas. Podem estar a decidir o veredito de Caleb neste preciso momento, enquanto ato os cordões dos sapatos, enquanto estico os meus lençóis pela quarta vez seguida. Passo as mãos pelo cabelo. Os sem-faço só realizam julgamentos privados quando consideram o veredito óbvio; e Caleb era o braço direito de Jeanine antes de esta ser morta. Não deveria preocupar-me com o veredito dele. Já está decidido. Todos os colaboradores mais próximos de Jeanine serão executados.

Porque te importas?, pergunto a mim mesma. Ele traiu-te. Não tentou deter a tua execução.

Não me importo. Importo-me. Não sei.

– Olá, Tris – diz Christina, tamborilando com os nós dos dedos na ombreira da porta. Uriah espreita por trás dela. Continua a sorrir o tempo todo, mas agora os seus sorrisos parecem feitos de água, prestes a escorrer-lhe pela cara abaixo.

– Já tiveste notícias? – pergunta ela.

Observo o quarto de novo, embora já saiba que não há mais ninguém. Toda a gente está a tomar o pequeno-almoço, tal como está determinado nos nossos horários. Pedi a Uriah e a Christina para saltarmos esta refeição porque tinha algo a dizer-lhes. Já tenho o meu estômago às voltas.

– Sim – digo.

Sentam-se ambos na cama em frente à minha e conto-lhes sobre

como me vi encurralada num dos laboratórios dos Eruditos na noite anterior, sobre os Leais, a fronha e a reunião.

– Admira-me que te tenhas limitado a esmurrar um deles – diz Uriah.

– Bem, estava em inferioridade numérica – respondo, na defensiva.

Não era um comportamento lá muito Intrépido ter confiado nestas pessoas imediatamente, mas vivemos tempos estranhos. E, de qualquer maneira, não sei bem até que ponto sou uma Intrépida, agora que as fações desapareceram.

Este pensamento provoca-me uma pequena e estranha dor, mesmo no centro do peito. Certas coisas são difíceis de largar.

– Mas então, o que pensas que eles querem? – pergunta Christina. – Apenas partir da cidade?

– Parece que sim, mas não sei ao certo – admito.

– Como sabemos que não são agentes da Evelyn, a tentar lançar-nos uma armadilha para ver se a traímos?

– Também não tenho a certeza disso – replico. – Mas vai ser impossível sairmos da cidade sem ajuda e não vou simplesmente ficar aqui, a aprender a guiar autocarros e a ir dormir quando me mandam.

Christina lança um olhar preocupado a Uriah.

– Ouçam – digo. – Vocês não têm de vir comigo, mas eu preciso de sair daqui. Preciso de saber quem era a Edith Prior e quem está à nossa espera do outro lado da vedação, se é que há alguém. Não sei porquê, mas preciso.

Inspiro profundamente. Não sei de onde veio este acesso de desespero, mas, agora que admiti o que sinto, é impossível de ignorar, como se um organismo vivo tivesse despertado de um longo sono dentro de mim. Contorce-se no meu estômago e na minha garganta. Preciso de ir embora. Preciso da verdade. Pela primeira vez, o sorriso débil que paira sobre os lábios de Uriah desapareceu.

– Também eu – diz ele.

– OK – assente Christina. Os seus olhos escuros ainda exibem uma expressão ansiosa, mas encolhe os ombros. – Então, vamos à reunião.

– Ótimo. Um de vós pode dizer ao Tobias? É suposto manter-me afastada, uma vez que «acabamos» – digo. – Encontramo-nos no beco às onze e meia.

– Eu digo-lhe. Acho que hoje estou no grupo dele – diz Uriah. – Vamos aprender sobre as fábricas. Estou *ansioso* – acrescenta, com um sorriso de desdém. – Também posso dizer ao Zeke? Ou ele não é de confiança que chegue?

– Diz-lhe. Certifica-te apenas de que ele mantém segredo.

Olho de novo para o relógio. Nove e quinze. Por esta altura, o veredito de Caleb já deve estar decidido; são quase horas de toda a gente ir aprender as suas profissões de sem-fação. Sinto-me como se a mais pequena coisa pudesse causar-me um ataque de nervos. A minha perna mexe-se contra a minha vontade. Christina pousa-me a mão no ombro, sem me fazer perguntas, e fico-lhe agradecida. Não sei o que iria responder-lhe.

Christina e eu percorremos um percurso complicado através do quartel-general dos Eruditos em direção à escada traseira, de forma a evitar as patrulhas sem-fação. Puxo a manga para baixo, cobrindo o pulso. Desenhei um mapa no braço antes de sair – sei como chegar ao quartel-general dos Cándidos a partir daqui, mas não conheço as ruas laterais que nos manterão a salvo dos olhares indiscretos dos sem-fação.

Uriah espera-nos do lado de fora da porta. Está todo vestido de preto, mas consigo ver uma pontinha do cinzento dos Abnegados a assomar-se sobre a gola da camisola. É estranho ver os meus amigos Intrépidos vestidos com as cores dos Abnegados, como se tivessem vivido comigo toda a minha vida. Às vezes, parece mesmo isso, de qualquer maneira.

– Disse ao Quatro e ao Zeke, mas eles vão lá ter connosco – diz Uriah. – Vamos.

Corremos em grupo pelo beco abaixo em direção à rua Monroe. Resisto à vontade de me encolher ao ouvir o barulho que cada um dos nossos passos faz. De qualquer forma, nesta altura, é mais importante ser rápido do que silencioso. Viramos para a rua Monroe e olho para trás, em busca de patrulhas sem-fação. Vejo formas negras aproximando-se da avenida Michigan, mas desaparecem atrás da fila de edifícios sem se deterem.

– Onde está a Cara? – pergunto num sussurro a Christina, quando

estamos na rua State e suficientemente longe do quartel-general dos Eruditos para já ser seguro falar.

– Não sei, acho que não foi convidada – responde Christina. – O que é mesmo esquisito, uma vez que sei que ela quer...

– Chiuu! – interrompe Uriah. – Onde viramos?

Uso a luz do relógio para ver as palavras escritas no meu braço.

– Randolph Street!

Corremos ao mesmo ritmo, com os nossos sapatos a golpear o pavimento e as nossas respirações a pulsar quase em uníssono. Apesar de sentir os músculos a arder, sinto-me bem a correr.

Quando chegamos à ponte, as pernas já me doem, mas depois vejo o quartel-general dos Cándidos do outro lado do rio pantanoso, às escuras e abandonado, e sorrio apesar da dor. Diminuo a passada quando atravessamos a ponte e Uriah passa-me um braço sobre os ombros.

– E agora – diz ele –, toca-nos subir um milhão de degraus.

– Talvez tenham ligado os elevadores?

– Não há a mínima hipótese – replica Uriah, abanando a cabeça. – Aposto que a Evelyn está a vigiar todos os consumos elétricos: é a melhor maneira de descobrir se as pessoas andam a encontrar-se em segredo.

Suspiro. Posso gostar de correr, mas odeio subir escadas.

Quando, finalmente, chegamos ao cimo da escada, a arfar, faltam cinco minutos para a meia-noite. Os outros continuam enquanto eu recupero o fôlego perto do elevador. Uriah estava certo – não há uma única luz acesa que eu possa ver, à exceção dos sinais de saída. É sob o seu brilho azul que vejo Tobias emergir da sala de interrogatórios mais à frente. Desde o nosso encontro, falei com ele apenas através de mensagens secretas. Tenho de resistir à vontade de me atirar a ele e de passar os dedos sobre a curva dos seus lábios e a covinha que lhe aparece na bochecha quando sorri e a linha dura da sua sobrancelha e do seu maxilar. Mas faltam dois minutos para a meia-noite. Não temos tempo.

Ele envolve-me nos braços e aperta-me com força alguns segundos. A sua respiração faz-me cócegas no ouvido e eu fecho os olhos,

permitindo-me finalmente relaxar. Tobias cheira a vento e a suor e a sabão, cheira a Tobias e cheira a segurança.

– Vamos entrar? – sugere. – Quem quer que eles sejam, provavelmente são pontuais.

– Sim. – As pernas tremem-me do esforço. – Não consigo imaginar descer as escadas e voltar a correr até ao quartel-general dos Eruditos a seguir. Soubeste algo em relação ao Caleb?

Tobias retrai-se.

– Talvez fosse melhor falarmos sobre isso mais tarde.

Não é preciso dizer-me mais nada.

– Vão executá-lo, não vão? – digo baixinho.

Tobias responde com um aceno de cabeça e pega-me na mão. Não sei o que sentir. Tento não sentir nada.

Caminhamos juntos até à sala onde ele e eu fomos uma vez interrogados sob o efeito do soro da verdade. *O sítio onde fizeste a tua confissão.*

Há um círculo de velas acesas no chão, sobre uma das balanças dos Cândidos incrustadas na tijoleira. Vejo uma mistura de rostos familiares e desconhecidos na sala: Susan e Robert estão juntos, a conversar, Peter está sozinho de um dos lados, de braços cruzados; Uriah e Zeke estão com Tori e alguns outros Intrépidos; Christina está com a mãe e a irmã; e, a um canto, há dois Eruditos de ar nervoso. As novas roupas não são capazes de apagar as divisões existentes entre nós, porque estão enraizadas.

Christina faz-me sinal.

– Esta é a minha mãe, Stephanie – diz, indicando uma mulher com madeixas de cabelos brancos na sua cabeleira escura encaracolada. – E a minha irmã, Rose. Mãe, Rose, esta é a minha amiga Tris e este é o meu instrutor da iniciação, o Quatro.

– Isso é óbvio – diz Stephanie. – Vimos os interrogatórios deles há algumas semanas, Christina.

– Eu sei, só estava a ser *cortês*...

– A cortesia é um engano porque...

– Sim, sim, já sei – interrompe Christina, revirando os olhos.

Noto que a mãe e a irmã dela olham uma para a outra com algo como cautela, ira, ou ambas. Depois, a irmã vira-se para mim e diz:

– Então, mataste o namorado da Christina.

A frase provoca uma sensação fria dentro de mim, como se uma corrente de gelo dividisse um lado do meu corpo do outro. Quero responder-lhe, defender-me, mas não encontro as palavras.

– Rose! – exclama Christina, olhando-a com uma expressão de censura.

A meu lado, Tobias endireita-se, os seus músculos ficam tensos. Pronto para enfrentar uma luta, como sempre.

– Só pensei que devíamos pôr tudo em pratos limpos – diz Rose. – Assim, perde-se menos tempo.

– E ainda perguntas porque deixei a vossa facção – atira Christina. – Ser honesto não significa dizer tudo o que queremos, sempre que queremos. Significa que aquilo que escolhemos dizer é verdade.

– Mentir por omissão continua a ser mentir.

– Queres a verdade? Sinto-me desconfortável e, neste momento, não quero estar aqui. Vejo-vos mais tarde. – Pega-me no braço e conduz-nos, a mim e ao Tobias, para longe da sua família, sem parar de abanar a cabeça. – Lamento aquilo. Não são lá muito clementes.

– Está tudo bem – respondo, embora não esteja.

Quando Christina me perdoou, pensei que a parte mais difícil da morte de Will tinha terminado. Mas, quando matamos alguém de quem gostamos, a parte mais difícil nunca termina. Só fica mais fácil distrairmo-nos do que fizemos.

O meu relógio marca meia-noite. Abre-se uma porta do outro lado da sala e entram duas silhuetas magras. A primeira é Johanna Reyes, antiga porta-voz dos Cordiais, identificável pela cicatriz que lhe atravessa o rosto e pelo fragmento de amarelo que espreita sob o seu casaco preto. A segunda é outra mulher, mas não consigo ver-lhe o rosto, apenas que está vestida de azul.

Sinto uma pontada de terror. Ela é quase igual a... Jeanine.

Não, eu vi-a morrer. Jeanine está morta.

A mulher aproxima-se mais. É loura e majestosa, tal como Jeanine. Tem um par de óculos pendurados no bolso da frente e o cabelo preso numa trança. É uma Erudita da cabeça aos pés, mas não é Jeanine Matthews.

Cara.

Cara e Johanna são as líderes dos Leais?

– Olá – diz Cara, e toda a gente se cala. Cara sorri, mas parece que o faz por obrigação, como se se limitasse a seguir uma convenção social. – Não é suposto estarmos aqui, por isso, vamos ser breves. Alguns de vocês – Zeke, Tori – têm-nos ajudado ao longo dos últimos dias.

Olho fixamente para Zeke. *Zeke* tem estado a ajudar Cara? Acho que me esqueci que ele já foi um espião dos Intrépidos. Deve ter sido nessa altura que provou a sua lealdade a Cara – mantinha uma espécie de amizade com ela antes de ela deixar a sede dos Eruditos, não há muito tempo.

Zeke olha para mim, meneia as sobrelanceiras e sorri arreganhando os dentes. Johanna continua:

– Alguns de vocês estão aqui porque queremos pedir a vossa ajuda. Mas todos vocês vieram cá porque não confiam na Evelyn Johnson para decidir o futuro desta cidade.

Cara une as palmas das mãos na sua frente e fala:

– Acreditamos em seguir a orientação dos fundadores da cidade, que foi expressa de duas maneiras: a formação das facções e a missão Divergente revelada por Edith Prior, que consiste em enviar pessoas para fora da vedação para ajudarem quem lá vive, quando tivermos uma grande população Divergente. Acreditamos que, mesmo que não tenhamos atingido o número necessário de Divergentes, a situação na nossa cidade tornou-se suficientemente desesperada para enviarmos pessoas para o exterior de qualquer forma – diz. Depois continua:

– Em conformidade com as intenções dos fundadores da nossa cidade, temos dois objetivos: derrubar a Evelyn e os sem-facção, de forma a restabelecermos as facções; e mandar alguns de nós para fora da cidade, para vermos o que lá há. A Johanna liderará o primeiro destes objetivos e eu estarei à frente do segundo, que é aquele em que concentraremos maioritariamente a nossa atenção esta noite. – Enfia uma madeixa solta de volta na trança. – Apenas alguns de nós poderão ir, pois um grupo grande atrairia demasiada atenção. A Evelyn não nos deixará sair sem luta, por isso, achei que seria melhor recrutar pessoas que sei possuírem experiência anterior de sobreviver a situações perigosas.

Olho para Tobias. Não há dúvida de que temos experiência de situações perigosas.

– Christina, Tris, Tobias, Tori, Zeke e Peter são as minhas escolhas – prossigue Cara. – Todos vocês deram provas das vossas capacidades de uma maneira ou de outra e é por essa razão que gostaria de vos pedir que me acompanhassem até ao exterior da cidade. É claro que não são obrigados a aceitar.

– O Peter? – pergunto, sem pensar. Não consigo imaginar o que poderá ele ter feito para «dar provas das suas capacidades» aos olhos de Cara.

– O Peter impediu que os Eruditos te matassem – responde Cara suavemente. – Quem pensas que lhe forneceu a tecnologia necessária para simular a tua morte?

Ergo as sobranceiras. Nunca tinha pensado nisto antes – sucederam demasiadas coisas depois da minha execução falhada para que pudesse debruçar-me sobre os detalhes do meu resgate. Mas, claro, nessa altura Cara era a única desertora conhecida dos Eruditos, a única pessoa que Peter conhecia para pedir ajuda. Quem mais poderia tê-lo ajudado? Quem mais teria tido capacidades para o fazer?

Não volto a levantar objeções. Não quero deixar esta cidade na companhia de Peter, mas estou demasiado desesperada para armar confusão por causa disso.

– São muitos Intrépidos – diz uma rapariga num dos lados da sala, com um ar cético. É pálida, com sobranceiras espessas que se estendem até à ponte do nariz. Quando vira a cabeça, vejo tinta negra atrás da sua orelha. É sem dúvida uma Intrépida que passou para os Eruditos.

– É verdade – anui Cara. – Mas o que precisamos neste momento é de pessoas com capacidade para sair da cidade ilesas e penso que o treino dos Intrépidos os torna altamente qualificados para essa tarefa.

– Desculpem, mas acho que não posso ir – diz Zeke. – Não era capaz de deixar a Shauna aqui. Não depois de a irmã dela ter acabado de... bem, vocês sabem.

– Eu vou – afirma Uriah, erguendo a mão. – Sou dos Intrépidos. Sou bom atirador. E sou um regalo para a vista, o que também é bastante necessário.

Rio. Cara não parece achar piada, mas acena com a cabeça.

– Obrigada.

– Cara, a vossa fuga terá de ser rápida – diz a rapariga dos Eruditos ex-Intrépida. – O que quer dizer que vão precisar de alguém que opere os comboios.

– Bem pensado – observa Cara. – Há aqui alguém que saiba guiar um comboio?

– Oh, sei eu – diz a rapariga. – Pensei que tinha ficado subentendido.

As peças do plano unem-se. Johanna sugere que nos desloquemos em camiões dos Cordiais desde o final da linha férrea até ao exterior da cidade e oferece-se para os fornecer. Robert oferece-se para ajudá-la. Stephanie e Rose oferecem-se para vigiar os movimentos de Evelyn nas horas anteriores à fuga e comunicar qualquer comportamento invulgar ao complexo dos Cordiais, por rádio bidirecional. Os Intrépidos que vieram com Tori oferecem-se para nos arranjar armas. A rapariga dos Eruditos esmiúça todos os pontos fracos que deteta, tal como Cara, e, pouco depois, as falhas estão escoradas, como se tivéssemos acabado de erguer uma estrutura sólida.

Só resta uma questão. Cara coloca-a:

– Quando devemos partir?

E eu avanço uma resposta:

– Amanhã à noite.

Capítulo nove

Tobias

O ar noturno entra-me nos pulmões e sinto-me como se fosse uma das últimas vezes que respiro. Amanhã deixarei este lugar em busca de outro.

Uriah, Zeke e Christina começam a dirigir-se para o quartel-general dos Eruditos e pego na mão de Tris para que ela fique para trás.

– Espera – digo. – Vamos a algum sítio.

– Ir a algum sítio? Mas...

– Só por um bocadinho. – Puxo-a na direção da esquina do edifício. À noite, quase consigo ver qual o aspeto que o canal tinha quando estava cheio de água, escura e ondulada à luz da lua. – Estás comigo, lembrás-te? Não vão prender-te.

A boca dela revira-se ligeiramente nos cantos – é quase um sorriso.

Dobramos a esquina e ela encosta-se à parede; eu estou de pé na sua frente, de costas para o rio. Pôs qualquer coisa escura no contorno dos olhos para fazer a sua cor sobressair, luminosa e impressionante.

– Não sei o que fazer. – Tris encosta as mãos à cara, enrolando os dedos nos cabelos. – Em relação ao Caleb, quero dizer.

– Não sabes?

Ela desvia uma das mãos para olhar para mim.

– Tris. – Coloco as minhas mãos na parede, de ambos os lados da sua cabeça e inclino-me para ela. – Não queres que ele morra. Sei que não queres.

– O problema é que... – Fecha os olhos. – Estou tão... *zangada*.

Tento não pensar nele, porque, quando penso, só me apetece...

– Eu sei. Meu Deus, então não sei!

Toda a minha vida sonhei em matar o Marcus. Uma vez, até cheguei a decidir como o faria: com uma faca, para poder sentir o calor a deixar o seu corpo, para poder estar suficientemente perto dele para ver a luz abandonar os seus olhos. Tomar esta decisão assustou-me tanto quanto a violência dele.

– Mas os meus pais iam querer que o salvasse. – Abre os olhos e ergue-os para o céu. – Diriam que é egoísta deixar alguém morrer só porque nos ofendeu. Perdoar, perdoar, perdoar.

– O importante aqui não é o que eles querem, Tris.

– É, sim! – Tris afasta-se da parede. – O importante é sempre isso, porque ele pertence mais a eles do que a mim. E eu quero que eles tenham orgulho de mim. É tudo o que quero.

Os seus olhos claros olham-me fixamente, resolutos. Nunca tive pais que fossem bons exemplos, pais cujas expectativas valesse a pena cumprir, mas ela teve. Consigo vê-los nela, na coragem e na beleza que gravaram no seu ser como uma marca em relevo.

Toco-lhe na face, passando-lhe os dedos pelo cabelo.

– Vou tirá-lo de lá.

– O quê?

– Vou tirá-lo da cela dele. Amanhã, antes de partirmos. – Aceno afirmativamente com a cabeça. – Vou fazê-lo.

– A sério? Tens a certeza?

– É claro que tenho a certeza.

– Eu... – Tris franze a testa olhando para mim. – Obrigada... Tu és... espantoso.

– Não digas isso. Ainda não descobriste os meus motivos ocultos. – Sorrio amplamente. – Estás a ver, a verdade é que não te trouxe aqui para falarmos do Caleb.

– Hã?

Coloco-lhe as mãos nas ancas e empurro-a suavemente outra vez contra a parede. Ela olha para mim, com os olhos claros e ávidos. Eu aproximo-me dela o suficiente para sentir a sua respiração, mas afastome de novo para trás quando ela se inclina para mim, provocando-a. Tris enfia os dedos nas presilhas das minhas calças e puxa-me contra

ela e tenho de impedir os meus braços de avançarem. Ela tenta beijar-me, mas eu inclino a cabeça para me esquivar, beijando-a mesmo abaixo da orelha e, a seguir, ao longo do maxilar até ao pescoço. A sua pele é macia e sabe a sal, como uma corrida noturna.

– Faz-me um favor – sussurra-me Tris ao ouvido –, nunca mais tenhas motivos honestos.

Depois coloca as mãos em mim, tocando todos os lugares em que estou marcado, pelas minhas costas abaixo e nos flancos. Os seus dedos deslizam sob a cintura das minhas calças de ganga e puxam-me contra ela. Respiro contra o seu pescoço, de lado, incapaz de me mexer. Finalmente, beijamo-nos, e é um alívio. Ela suspira e eu sinto um sorriso malicioso percorrer-me o rosto. Ergo-a no ar, deixando a parede suportar a maior parte do seu peso, e as suas pernas enrolam-se em volta da minha cintura. Ela ri beijando-me de novo e sinto-me forte. Mas também Tris se sente forte, com os dedos agarrando os meus braços com firmeza. O ar noturno entra-me nos pulmões e sinto-me como se fosse uma das primeiras vezes que respiro.

Capítulo dez

Tobias

Os edifícios em ruínas no setor dos Intrépidos parecem portais para outros mundos. Diante de mim vejo o Rochedo furando o céu. O latejar que sinto na ponta dos dedos marca os segundos que passam. O ar continua perfumado, apesar de o verão estar a chegar ao fim. Antes, costumava passar o tempo a correr e a lutar porque me preocupava em ter um corpo musculado. Desde então, as minhas pernas salvaram-me muitas vezes e já não sou capaz de separar a corrida e a luta do que realmente são: uma forma de escapar ao perigo, uma maneira de me manter vivo.

Quando chego ao edifício, ando um pouco mais devagar diante da entrada até recuperar o fôlego. Acima de mim, painéis de vidro refletem a luz em todas as direções. Algures lá em cima está a cadeira em que me sentei enquanto fazia correr a simulação do ataque e há uma mancha do sangue do pai de Tris na parede. Algures lá em cima, a voz de Tris penetrou a simulação que me controlava e senti a sua mão no peito, puxando-me de volta à realidade.

Abro a porta para a sala da paisagem dos medos e, depois, abro a pequena caixa preta que trago no bolso de trás, para ver as seringas. Esta é a caixa que sempre usei, de fundo acolchoado para acomodar as agulhas; é um sinal da existência de algo doentio dentro de mim, ou de algo corajoso.

Coloco a agulha sobre a garganta e fecho os olhos enquanto pressiono o êmbolo. A caixa preta cai ruidosamente no chão, mas,

quando volto a abrir os olhos, desapareceu. Estou no telhado do edifício Hancock, perto do cabo suspenso onde os Intrépidos brincam com a morte. As nuvens estão negras e carregadas de chuva e o vento enche-me a boca quando a abro para respirar. À direita, o cabo parte-se e ressalta para trás contra o edifício como uma chicotada, partindo as janelas abaixo de mim.

A minha visão centra-se na extremidade do telhado, aprisionando-o num diminuto ponto de focagem. Consigo ouvir a minha própria respiração apesar do vento. Forço-me a caminhar até à borda do telhado. A chuva fustiga-me os ombros e a cabeça, empurrando-me em direção ao chão. Atiro o meu peso ligeiramente para a frente e caio, cerrando os maxilares em torno dos meus gritos, que são abafados e sufocados pelo meu próprio medo.

Depois de aterrar no chão, não tenho um segundo de descanso antes de as paredes se fecharem à minha volta, com a madeira abatendo-se sobre a minha coluna, sobre a cabeça e sobre as pernas. Claustrofobia.

Cruzo os braços sobre o peito, fecho os olhos e tento não entrar em pânico. Penso em Eric, na sua paisagem dos medos, dominando o terror à força da lógica e de uma respiração profunda. E em Tris, fazendo com que armas se materializassem do nada para atacar os seus piores pesadelos. Mas não sou Eric e não sou Tris. Quem sou eu? De que preciso *eu*, para superar os meus medos?

Sei a resposta, é claro que sei: preciso de lhes negar o poder de me controlarem. Preciso de saber que sou mais forte do que eles. Inspiro e bato com as mãos contra as paredes à esquerda e à direita. A caixa range e depois parte-se e as tábuas caem sobre o chão de cimento. Ergo-me acima delas no escuro.

Amar, o meu instrutor da iniciação, ensinou-nos que as nossas paisagens dos medos fluem continuamente, mudando com o nosso humor e os pequenos sussurros dos nossos pesadelos. A minha era sempre igual, até há algumas semanas. Até que provei a mim mesmo que podia dominar o meu pai. Até que descobri alguém que tinha pavor de perder. Não sei o que vou ver a seguir.

Espero imenso tempo sem que nada mude. A sala continua às escuras, o chão continua frio e duro, o meu coração continua a bater

mais rapidamente do que o normal. Olho para baixo para ver as horas e descubro que o relógio está no pulso errado – costume usá-lo no esquerdo, não no direito, e a correia não é cinzenta, é preta.

Então, reparo que tenho pelos crespos nas costas da mão que antes não existiam. Os calos nos meus nós dos dedos desapareceram. Olho para baixo e estou vestido com calças e camisa cinzentas, sou mais corpulento na cintura e tenho os ombros mais estreitos. Ergo os olhos para um espelho que está agora à minha frente. O rosto que me contempla é o de Marcus.

Marcus pisca-me o olho e sinto, simultaneamente, os músculos em torno do meu olho contraírem-se, embora não lhes tenha dito para o fazerem. Sem aviso, o seu – o meu – os *nossos* braços estendem-se em direção ao espelho e penetram nele, fechando as mãos à volta do pescoço do meu reflexo. Mas, então, o espelho desaparece e a sua – a minha – as *nossas* mãos estão cerradas à volta da nossa própria garganta e manchas escuras começam a turvar-nos a visão. Caímos no chão e as mãos continuam a apertar como tenazes.

Não consigo pensar. Não me ocorre uma maneira de me safar desta vez. Por instinto, grito. O som vibra contra as minhas mãos. Imagino aquelas mãos como as minhas são realmente – grandes, de dedos finos e nós calejados, das horas a golpear o saco de boxe. Imagino o meu reflexo como água correndo sobre a pele de Marcus, substituindo cada pedaço seu por um pedaço meu. Recrio-me à minha própria imagem. E depois sou *eu* que estou de joelhos no chão de cimento, arquejando. As mãos tremem-me e passo os dedos pelo pescoço, pelos ombros, pelos braços. Só para ter a certeza.

Disse a Tris há algumas semanas, quando íamos de comboio ter com Evelyn, que Marcus ainda estava na minha paisagem dos medos, mas que tinha mudado. Passei muito tempo a matutar nisto; o pensamento enchia-me a cabeça todas as noites antes de dormir e exigia a minha atenção todas as manhãs ao despertar. Sabia que ainda tinha medo dele, mas de uma maneira diferente – já não era uma criança com medo da ameaça que o meu assustador pai representava para a minha segurança. Era um homem, com medo da ameaça que ele representava para o meu carácter, para o meu futuro, para a minha identidade.

Mas mesmo este medo, sei-o, não se compara com o que vem a seguir. Mesmo que saiba que vai aparecer, quero cortar uma veia para que o soro me escorra do corpo, em vez de ter de enfrentá-lo novamente.

No cimento à minha frente, surge um charco de luz. Uma mão, de dedos arqueados numa garra, entra na luz, seguida por outra, e depois por uma cabeça, com cabelo louro pegajoso. A mulher tosse e arrasta-se para dentro do círculo de luz, centímetro a centímetro. Tento mover-me na sua direção, para ajudá-la, mas estou paralisado.

A mulher vira o rosto em direção à luz e vejo que é Tris. Corre-lhe sangue sobre os lábios e desliza pela curva do queixo. Os seus olhos injetados de sangue encontram os meus e diz, entre arquejos:

– Socorro.

Tosse algo vermelho para o chão e eu atiro-me na sua direção, sabendo de alguma forma que, se não chegar até ela em breve, a luz abandonará os seus olhos. Mãos envolvem-me os braços, os ombros e o peito, formando uma jaula de carne e osso, mas continuo a esforçar-me por chegar até junto dela. Cravo as unhas nas mãos que me agarram, mas acabo apenas por me arranhar a mim mesmo. Grito o nome dela e ela tosse de novo, cuspiendo mais sangue. Grita por socorro e eu grito por ela, mas não ouço nada, não sinto nada, além do pulsar do meu coração, do meu próprio terror.

Ela cai no chão, de corpo mole, revirando os olhos. É demasiado tarde. A escuridão dissipa-se. As luzes regressam. Grafitos cobrem as paredes da sala da paisagem dos medos; à minha frente, estão as janelas espelhadas que dão para a sala de observação e, nos cantos, as câmaras que gravam cada sessão – tudo está no seu devido lugar. Tenho o pescoço e as costas cobertas de suor. Limpo o rosto com a beira da camisa e caminho até à porta em frente, deixando para trás a minha caixa preta com a sua seringa e agulha.

Não preciso de voltar a reviver os meus medos. Tudo de que preciso agora é de tentar vencê-los.

A experiência ensinou-me que a confiança é suficiente para nos fazer entrar num lugar proibido, como as celas do terceiro andar do quartel-general dos Eruditos. Mas não aqui, aparentemente. Antes de

conseguir chegar à porta, um homem sem-façoão barra-me o caminho com a ponta da arma e sinto-me nervoso, a sufocar.

– Onde vais?

Pouso a mão sobre a arma e afasto-a do meu braço.

– Não me apontes essa coisa. Estou aqui a mando da Evelyn. Vim ver um dos prisioneiros.

– Ninguém me informou de nenhuma visita fora de horas, hoje.

Baixo a voz, de modo a fazê-lo pensar que lhe estou a contar um segredo.

– Isso é porque ela não queria que ficasse registado.

– Chuck! – chama alguém das escadas acima de nós. É Therese. Faz um gesto despreocupado com a mão enquanto desce os degraus.

– Deixa-o passar. Não tem problema.

Aceno com a cabeça na sua direção e sigo em frente. Os estilhaços que o juncavam o corredor foram varridos, mas as lâmpadas partidas não foram substituídas, por isso, caminho sob fragmentos de escuridão que lembram hematomas, no percurso até à cela certa. Quando chego ao corredor norte, não me dirijo diretamente à cela, mas à mulher que está de pé ao fundo. É de meia-idade, tem uns olhos que se inclinam nos cantos e a boca franzida. Tem ar de alguém a quem tudo cansa, incluindo eu.

– Olá. O meu nome é Tobias Eaton. Vim aqui buscar um prisioneiro, seguindo ordens de Evelyn Johnson.

A sua expressão não se altera ao ouvir o meu nome, pelo que, durante alguns segundos, penso que terei de a pôr inconsciente com uma pancada na cabeça para conseguir o que quero. A mulher retira um pedaço de papel amarrado do bolso e alisa-o contra a palma da mão esquerda. É uma lista dos nomes dos prisioneiros e dos números das celas correspondentes.

– Nome? – pergunta.

– Caleb Prior. 308A.

– És o filho da Evelyn, não é verdade?

– Verdadinha... Quero dizer, sim.

Aquela mulher não me parecia ser do género de apreciar informalidades.

Conduz-me a uma porta metálica desprovida de quaisquer

características distintivas, onde se lê «308A» – pergunto a mim próprio para que seria usado aquele sítio, quando a nossa cidade não precisava de tantas celas. A mulher digita o código de acesso e a porta abre-se.

– Depreendo que é suposto fingir que não vejo o que te preparas para fazer? – pergunta.

Deve pensar que vim cá para o matar. Resolvo não desfazer o engano.

– Sim – digo.

– Faz-me um favor e mete uma cunha por mim à Evelyn. Não quero fazer tantos turnos da noite. O meu nome é Drea.

– Com certeza.

A mulher volta a fechar o papel na mão e enfia-o de novo no bolso enquanto se afasta. Mantenho a mão pousada na maçaneta da porta até que ela chega ao seu posto e se vira de lado, de modo a não olhar diretamente para mim. Parece que já fez isto algumas vezes. Pergunto a mim mesmo quantas pessoas terão desaparecido destas celas sob o comando de Evelyn. Entro. Caleb Prior está sentado diante de uma secretária de metal, inclinado sobre um livro, com o cabelo amontoado sobre um dos lados da cabeça.

– Que queres? – atira.

– Detesto ter de te dar esta notícia... – faço uma pausa. Decidi há umas horas como queria fazer isto. Quero dar-lhe uma lição. E vai envolver umas quantas mentiras. – Sabes, na verdade não detesto. A tua execução foi antecipada algumas semanas, para esta noite.

Já tenho a atenção dele. Caleb contorce-se no assento e fixa-me de olhos arregalados, com uma expressão desvairada, como uma presa confrontada com um predador.

– Isso é alguma piada?

– Não sou lá muito bom a contar piadas.

– Não. – Abana a cabeça. – Não, ainda tenho umas semanas, não é *hoje*, não...

– Se te calares, dou-te uma hora para te preparares para estas novas circunstâncias. Se não fechares essa boca, ponho-te a dormir com uma pancada na cabeça e dou-te um tiro no bico lá fora, antes que consigas acordar. Agora, escolhe.

Ver um Erudito processar algo é como observar o interior de um

relógio, com todas as engrenagens a girar, mudando de posição, ajustando-se, trabalhando em conjunto para satisfazer uma função específica, que neste caso é dar sentido à sua morte iminente.

Os olhos de Caleb desviam-se para a porta aberta atrás de mim e ele agarra na cadeira, virando-se e atirando-a contra o meu corpo. As pernas atingem-me com força, o que me atrapalha o tempo suficiente para o deixar escapar.

Sigo-o até ao corredor, com os braços a latejar no sítio onde a cadeira me atingiu. Sou mais rápido do que ele – dou-lhe um golpe nas costas e Caleb cai de caras no chão, desamparado. Com o joelho nas costas dele, junto-lhe os pulsos e ato-os com algemas de plástico. Ele geme e, quando o forço a erguer-se, tem o nariz reluzente de sangue. Os olhos de Drea cruzam-se com os meus por um instante e, depois, desviam-se.

Arrasto-o pelo corredor fora, não pelo caminho que vim, mas por outro percurso, em direção a uma saída de emergência. Descemos um lance de escadas estreitas, onde o eco dos nossos passos se reproduz, dissonante e oco. Quando chego ao fundo, bato na porta de saída. Zeke abre, com um sorriso palerma na cara.

– Não tiveste problemas com os guardas?

– Não.

– Achei que seria fácil passar pela Drea. Ela não se importa com nada.

– Pareceu-me que ela já tinha desviado os olhos antes.

– Isso não me surpreende. Este é o Prior?

– Em carne e osso.

– Porque está a sangrar?

– Porque é um idiota.

Zeke oferece-me um casaco preto com o símbolo dos sem-faço cosido na gola.

– Não sabia que a idiotice fazia as pessoas começarem a sangrar do nariz espontaneamente.

Coloco o casaco sobre os ombros de Caleb e aperto-lhe um dos botões sobre o peito. Ele evita os meus olhos.

– Acho que é um fenómeno novo – replico. – O beco está livre?

– Assegurei-me disso.

Zeke estende a sua arma, com a coronha voltada para mim.

– Cuidado, está carregada. Agora, seria bestial se me esmurrasses, para ser mais fácil convencer os sem-fação quando lhes disser que ma roubaste.

– Queres que te bata?

– Oh, até parece que nunca te apeteceu. Despacha lá isso, Quatro.

É verdade que gosto de bater nas pessoas – gosto da explosão de poder e energia e da sensação de ser intocável porque sou capaz de magoar as pessoas. Mas odeio esta parte de mim mesmo, porque é a parte mais desequilibrada.

Zeke põe-se em posição e eu fecho o punho.

– Anda lá depressa, betinho – insiste.

Decido apontar para o maxilar, pois é demasiado forte para se quebrar, mas ainda ficará com uma bela nódoa negra. Atiro o braço, atingindo-o exatamente onde quero. Zeke geme, agarrando a cara com ambas as mãos. Uma dor sobe-me pelo braço e abano a mão.

– Ótimo. – Zeke cospe junto à parede do edifício. – Bem, acho que estamos arrumados.

– Acho que sim.

– Provavelmente, não vou voltar a ver-te, certo? Quer dizer, os outros podem voltar, mas tu... – Interrompe-se, mas retoma o pensamento uns instantes depois. – Parece-me que vais gostar de deixar tudo para trás, é tudo.

– Sim, és capaz de ter razão. – Olho para os pés. – Tens a certeza de que não queres vir connosco?

– Não posso. A Shauna não se pode deslocar no sítio para onde vocês vão e não vou deixá-la, percebes? – Toca na face ao de leve, palmando a pele. – Vê se não deixas o Uri beber de mais, OK?

– Sim.

– Não, estou a falar a sério – diz Zeke, e a sua voz desce como sempre faz quando fala de algo sério, para variar. – Prometes que vais olhar por ele?

Sempre foi evidente para mim, desde que os conheço, que Zeke e Uriah eram mais próximos do que a maioria dos irmãos. Perderam os pais quando eram novos e suspeito que Zeke começou a alternar entre o papel de irmão e o de pai desde essa altura. Não consigo imaginar o

que Zeke sente agora ao ver o irmão partir da cidade, sobretudo estando Uriah tão afetado pelo desgosto provocado pela morte de Marlene.

– Prometo – afirmo.

Sei que deveria ir-me embora, mas preciso de permanecer neste momento mais algum tempo, a sentir o seu significado. Zeke é um dos primeiros amigos que fiz nos Intrépidos, depois de sobreviver à iniciação. A seguir, trabalhou na sala de controlo comigo, observando as câmaras e escrevendo programas estúpidos que soletravam palavras no ecrã ou faziam jogos numéricos. Nunca me perguntou o meu nome verdadeiro, nem por que motivo um iniciado classificado em primeiro lugar acabou na área da segurança e da instrução, e não na liderança. Zeke nunca exigiu nada de mim.

– Dá-me lá um abraço de uma vez – diz ele.

Agarrando o braço de Caleb firmemente com uma das mãos, envolvo Zeke com o meu braço livre e ele faz o mesmo. Quando nos separamos, puxo Caleb pelo bico fora e não consigo resistir a atirar-lhe:

– Vou sentir a tua falta.

– E eu a tua, docinho!

Sorri, e vejo os seus dentes brancos no crepúsculo. São a última coisa que vejo dele antes de ter de me virar e começar a correr para o comboio.

– Vais a algum sítio – diz Caleb, entre duas respirações. – Tu e mais algumas pessoas.

– Sim.

– A minha irmã também vai?

A pergunta acorda uma raiva animal dentro de mim, que não ficará satisfeita com palavras cortantes ou insultos. Só se acalmará se lhe der uma pancada forte no ouvido com a palma da mão aberta. Caleb estremece e encolhe os ombros, preparando-se para um segundo golpe. Pergunto-me se era este o aspeto que eu tinha quando o meu pai me fazia o mesmo.

– Ela não é tua irmã. Traíste-a, torturaste-a. Tiraste-lhe a única família que lhe restava. E por causa de quê? Porque querias manter os segredos da Jeanine, porque querias ficar na cidade bem seguro? És

um covarde.

– Não sou covarde nenhum! Sabia que se...

– Vamos voltar ao nosso acordo de manteres a boca fechada.

– Está bem. Para onde estás a levar-me, de qualquer das maneiras?

Podes muito bem matar-me aqui, não podes?

Faço uma pausa. Uma forma move-se pelo passeio atrás de nós, esquiva, na periferia do meu olhar. Volto-me e empunho a arma, mas a forma desaparece num beco. Continuo a andar, puxando Caleb comigo, à escuta de passos nas minhas costas. Espalhamos vidros partidos ao andar. Vejo os prédios escuros e as placas toponímicas pendendo dos seus suportes como folhas de fim de outono. Chegamos à estação onde vamos apanhar o comboio e subo com Caleb por um lance de degraus de metal até à plataforma.

Vejo o comboio vir muito ao longe, fazendo a sua última viagem pela cidade. Houve tempos em que considerava os comboios uma força da natureza, algo que continuava o seu caminho independentemente do que fizessemos dentro dos limites da cidade, algo vibrante, vivo e poderoso. Agora, conheço os homens e as mulheres que os operam e algum do antigo mistério desvaneceu-se, mas o que eles significam para mim nunca desaparecerá – o primeiro ato como Intrépido foi saltar para um comboio e eles tornaram-se a fonte da minha liberdade, conferiram-me o poder de me mover dentro deste mundo, depois de, outrora, me ter sentido tão aprisionado no setor dos Abnegados, na casa que era uma prisão para mim.

Quando o comboio se aproxima mais, corto a fita plástica que prende os pulsos de Caleb com um canivete, mas continuo a segurar-lhe o braço com firmeza.

– Sabes fazer isto, certo? – pergunto. – Salta para o último vagão.

Caleb desaperça o casaco e deixa-o cair no chão.

– Sim.

Partimos de uma das extremidades da plataforma e corremos juntos ao longo das tábuas gastas, mantendo-nos a par da porta aberta. Caleb não chega à pega, por isso, empurro-o na sua direção. Ele tropeça, depois agarra-a e iça-se para o último vagão. Estou a ficar sem espaço – aproxima-se o fim da plataforma –, por isso, agarro a pega e atiro-me para o vagão com um balanço do corpo, com os

músculos a impulsionarem o meu movimento em frente.

Tris está lá dentro e exhibe um sorrisinho malandro. Tem o casaco preto apertado até à garganta, emoldurando-lhe o rosto na escuridão. Agarra-me no colarinho e puxa-me para me beijar. Quando se afasta, diz:

– Sempre adorei ver-te fazer isso.

Sorrio.

– Foi isto que planeaste? – pergunta Caleb atrás de mim. – Tê-la presente quando me matasses? Isso é...

– *Matá-lo?* – pergunta-me Tris sem olhar para o irmão.

– Sim, deixei-o pensar que estava a conduzi-lo para a sua execução – respondo, numa voz suficientemente alta para Caleb me ouvir. – Sabes, mais ou menos como ele te fez a ti no quartel-general dos Eruditos.

– Eu... não é verdade?

O seu rosto iluminado pelo luar está desorientado de choque. Reparo que tem os botões da camisa abotoados nas casas erradas.

– Não – respondo. – Na realidade, acabo de te salvar a vida.

Caleb começa a falar, mas interrompo-o.

– Se calhar, ainda não devias agradecer-me. Vamos levar-te connosco. Para fora da vedação.

Fora da vedação – o lugar que Caleb tanto se esforçou por evitar antes de se virar contra a própria irmã. Parece um castigo mais adequado do que a morte, de qualquer maneira. A morte é tão rápida, tão certa. Mas nada é certo para onde vamos agora.

Caleb parece assustado, mas não tão assustado como pensei que ficaria. Então, consigo compreender a forma como hierarquiza as coisas na sua cabeça: a sua vida em primeiro lugar; o seu conforto num mundo da sua própria criação em segundo; e, algures a seguir a isto, a vida das pessoas que é suposto amar. Caleb é o tipo de pessoa desprezível que não tem noção do quanto é desprezível e atormentá-lo com insultos não vai mudar isso – nada vai. Em vez de me sentir zangado, sinto-me desalentado e inútil.

Não quero pensar mais nele. Agarro na mão de Tris e levo-a para o outro lado do vagão, para que possamos ver a cidade desaparecer atrás de nós. Estamos lado a lado diante da porta aberta, cada um de

nós segurando uma das pegs. Os edifícios criam um padrão escuro e irregular no céu.

– Fomos seguidos – digo-lhe.

– Seremos cuidadosos – responde-me ela.

– Onde estão os outros?

– Nos primeiros vagões – informa Tris. – Achei que devíamos ficar sozinhos ou, pelo menos, tão sozinhos quanto possível.

Sorri-me. São os nossos últimos momentos na cidade. É claro que é lógico que os passemos a sós.

– Vou mesmo sentir a falta deste sítio – diz.

– A sério? – pergunto. – O meu pensamento é mais «Adeusinho, até nunca mais».

– Não há *nada* de que vás sentir falta? Nenhuma memória boa? – pergunta-me Tris dando-me uma cotoveladinha.

– OK. – Sorrio. – Tenho *algumas* boas recordações.

– Alguma que não me inclua? – pergunta ela. – OK, isto parece demasiado egocêntrico. Sabes o que quero dizer.

– É claro, suponho – respondo, encolhendo os ombros. – Quer dizer, nos Intrépidos tive direito a uma vida diferente, um nome diferente. Pude ser o Quatro, graças ao meu instrutor da iniciação. Foi ele que me deu esse nome.

– A sério? – Tris inclina a cabeça. – Porque nunca o conheci?

– Porque morreu. Era Divergente.

Encolho os ombros de novo, mas o assunto não me é indiferente. Amar foi a primeira pessoa que percebeu que eu era Divergente e ajudou-me a esconder este facto. Contudo, não foi capaz de esconder a sua própria Divergência e isso acabou por matá-lo.

Tris toca-me no braço ao de leve, mas não diz nada. Mudo de posição, desconfortável.

– Vês? – digo. – Há demasiadas recordações más aqui. Estou pronto para partir.

Sinto-me vazio, não devido a um sentimento de tristeza, mas por causa da minha sensação de alívio, com toda a tensão a abandonar o meu corpo. Evelyn está naquela cidade, tal como Marcus e todos os desgostos, pesadelos e más recordações, assim como as fações que me mantiveram preso a uma versão limitada de mim mesmo. Aperto a

mão de Tris.

– Olha – digo, apontando um aglomerado distante de edifícios. – Ali é o setor dos Abnegados.

Ela sorri, mas tem os olhos vidrados, como se uma parte adormecida do seu ser lutasse por emergir e Tris não conseguisse impedi-la de extravasar. O comboio silva sobre os carris, uma lágrima escorre-lhe pelo rosto e a cidade desaparece na escuridão.

Capítulo onze

Tris

O comboio abranda quando nos aproximamos da vedação, um sinal da motorista de que devemos sair em breve. Tobias senta-se na porta do vagão que se move preguiçosamente sobre os carris. Coloca o braço à minha volta e encosta o nariz ao meu cabelo, inspirando profundamente. Olho para ele, para a clavícula que lhe espreita da gola da t-shirt, para a ligeira curva dos seus lábios, e sinto um calor crescer dentro de mim.

– Em que estás a pensar? – pergunta-me ele ao ouvido, baixinho, o que me traz de volta à realidade. Passo a vida a olhar para ele, mas nem sempre *desta* maneira. Sinto-me como se ele me tivesse apanhado a fazer algo de embaraçoso.

– Em nada! Porquê?

– Por nada.

Tobias puxa-me mais para ele e apoio a cabeça no seu ombro, inspirando demoradamente o ar fresco. Continua a cheirar a verão, a relva aquecida pelo calor do sol.

– Parece que estamos a aproximar-nos da vedação – digo.

Sei-o porque os edifícios estão a desaparecer, deixando apenas campos salpicados com o luzir rítmico dos pirilampos. Atrás de mim, está Caleb, sentado perto da outra porta, abraçando os joelhos. Os seus olhos encontram os meus mesmo no momento errado e apetece-me gritar ao lado mais negro do seu ser para que ele possa finalmente ouvir-me, finalmente perceber o que me fez; mas, em vez disso, limito-

me a sustentar o seu olhar, até que ele não consegue aguentar mais e desvia o rosto.

Ponho-me de pé, usando a pega para me equilibrar, e Tobias e Caleb fazem o mesmo. Ao princípio, Caleb tenta ficar de pé atrás de nós, mas Tobias empurra-o para a frente, até à extremidade do vagão.

– Tu primeiro. Quando eu disser! – diz ele. – Prepara-te... agora!

Dá um empurrão a Caleb, apenas o suficiente para o fazer levantar os pés do chão do vagão, e o meu irmão desaparece. Tobias salta a seguir, deixando-me sozinha no vagão do comboio. É estúpido sentir falta de uma coisa, quando há tanta gente mais importante do que isso, mas já sinto falta deste comboio e de todos os outros que me levaram pela cidade, *a minha cidade*, depois de ter tido a coragem de saltar lá para dentro pela primeira vez. Passo os dedos pela parede do vagão, uma vez apenas, e depois salto. O comboio move-se tão lentamente que preparo mal a aterragem, demasiado acostuada a correr ao tocar o solo, e acabo por cair. A erva seca arranha-me as mãos e ponho-me de pé de um salto, procurando Tobias e Caleb na escuridão. Antes de conseguir encontrá-los, ouço Christina.

– Tris!

Vem na minha direção, acompanhada por Uriah. Este traz uma lanterna na mão e parece muito mais alerta do que à tarde, o que é bom sinal. Atrás deles, há mais luzes, mais vozes.

– O teu irmão sempre veio? – pergunta Uriah.

– Sim.

Finalmente, vejo Tobias a caminhar na nossa direção, segurando Caleb pelo braço.

– Não sei por que motivo um Erudito como tu tem tanta dificuldade em entender isto – diz Tobias –, mas não vais ser capaz de correr mais do que eu.

– Ele tem razão – declara Uriah. – O Quatro é rápido. Não tão rápido como eu, mas definitivamente mais rápido do que um Salpicão como tu.

Christina ri.

– Um quê?

– Salpicão. É um jogo de palavras. Vem de saber, sabichão, Erudito... entendem? É como Empata.

– Os Intrépidos têm a gíria mais estranha. Betinho, Salpicão... existe uma alcunha para os Cândidos?

– Claro. – Uriah sorri. – Palmas.

Christina empurra Uriah com força, fazendo-o largar a lanterna. Tobias, rindo, conduz-nos até ao resto do grupo, que aguarda em pé a poucos metros de distância. Tori agita a lanterna no ar para chamar a atenção de toda a gente e, a seguir, diz:

– Muito bem, a Johanna e os camiões estão a uns dez minutos a pé daqui, por isso, vamos pôr-nos a caminho. E, se ouvir alguém falar, dou-lhe uma pancada que o deixo sem sentidos. Ainda não estamos livres de perigo.

Juntamo-nos mais uns aos outros, como atacadores a serem apertados. Tori caminha alguns metros à nossa frente e, de costas, no escuro, faz-me lembrar Evelyn, com os membros magros e rijos, os ombros para trás e tão segura de si que é quase assustadora. À luz das lanternas mal posso distinguir a tatuagem do falcão que Tori tem na parte de trás do pescoço, a primeira coisa de que falei com ela quando me fez a prova de aptidão. Tori disse que era o símbolo de um medo que tinha superado, o medo do escuro. Pergunto a mim mesma se o medo paira agora sobre ela, apesar de Tori se ter esforçado tanto por enfrentá-lo. Pergunto-me se os medos vão realmente embora ou se apenas perdem poder sobre nós.

Tori afasta-se de nós a cada minuto, num passo que parece mais de corrida. Está ansiosa por sair daqui, por escapar deste local onde o irmão foi assassinado e ela ganhou relevo apenas para, depois, se ver afastada por uma mulher sem-fação que não deveria estar viva. Vai tão adiantada em relação a nós que, quando os tiros ecoam, só consigo distinguir a lanterna a cair, não o seu corpo.

– Separem-se! – A voz de Tobias ruge sobre o som dos nossos gritos, o nosso caos. – Fujam!

Procuo a sua mão no escuro, mas não consigo encontrá-la. Agarro a arma que Uriah me deu antes de partirmos e empunho-a encostada ao corpo, ignorando a forma como a minha garganta se contrai ao senti-la na mão. Não posso correr na escuridão, preciso de luz. Corro na direção do corpo de Tori, da sua lanterna caída.

Ouçó, e ao mesmo tempo não ouço, os tiros, os gritos e os passos

das pessoas que correm. Ouço e não ouço o meu coração. Agacho-me ao lado do feixe de luz que Tori deixou cair e agarro na lanterna, pensando apenas em pegar nela e continuar a correr, mas a luz ilumina o rosto de Tori. A sua pele reluz de suor e os seus olhos movem-se debaixo das pálpebras, como se procurasse alguma coisa mas estivesse demasiado cansada para a encontrar. Uma das balas atingiu-lhe o estômago, outra o peito. Não há maneira alguma de conseguir recuperar destes ferimentos. Posso continuar zangada com ela por lutar contra mim no laboratório de Jeanine, mas ainda é Tori, a mulher que guardava o segredo da Divergência. Sinta a garganta apertar-se ao recordar como a segui para a sala do teste de aptidão, de olhos postos no seu falcão tatuado.

O seu olhar foca-se em mim e franze as sobrancelhas, mas não diz nada.

Rolo a lanterna segurando-a com o polegar e estendo a mão para apertar os seus dedos transpirados.

Ouçó alguém que se aproxima e aponto a lanterna e a arma na mesma direção. O raio atinge uma mulher com uma braçadeira sem-faço, que aponta uma arma à minha cabeça. Disparo, cerrando os dentes com tanta força que rangem. A bala atinge a mulher no estômago e ela grita, disparando cegamente na noite.

Olho para trás, para Tori caída no solo, e os seus olhos estão fechados, o corpo quieto. Apontando a lanterna para o chão, corro para longe dela e da mulher que baleei. As pernas doem-me e os pulmões ardem-me. Não sei para onde vou, se estou a correr em direção ao perigo ou para longe dele, mas continuarei a correr, enquanto puder.

Por fim, vejo uma luz à distância. A princípio, acho que é outra lanterna, mas ao aproximar-me percebo que é maior e mais estável do que uma lanterna – é um farol. Ouço um motor e agacho-me entre a erva alta para me esconder, apago a lanterna e empunho a arma. O camião abanda e ouço uma voz:

– Tori?

Parece Christina. O camião é vermelho e enferrujado, um veículo dos Cordiais. Endireito-me, apontando a luz para mim mesma, para que ela possa ver-me. O camião para alguns metros mais à frente

e Christina salta do banco do passageiro, envolvendo-me nos braços. Revivo a imagem na minha mente para torná-la real: o corpo de Tori a cair, as mãos da mulher sem-faço agarrando o estômago. Não funciona. A cena não parece real.

– Graças a Deus – exclama Christina. – Entra, vamos procurar a Tori.

– A Tori está morta – digo claramente, e a palavra «morta» torna tudo real para mim. Limpo as lágrimas do rosto com as palmas das mãos e esforço-me por controlar a minha respiração trémula. – Dei um tiro na mulher que a matou.

– O quê? – pergunta Johanna num tom frenético, inclinando-se do lugar do motorista. – O que disseste?

– A Tori morreu – repito. – Vi tudo acontecer.

A cabeleira de Johanna oculta-lhe a expressão do rosto. O ar sai-lhe do peito com esforço.

– Bem, vamos procurar os outros, então – diz.

Entro no camião. O motor ruge quando Johanna carrega no acelerador e pisamos a relva em busca dos outros.

– Viste algum deles? – pergunto.

– Uns quantos. Cara, Uriah. – Johanna abana a cabeça. – Mais ninguém.

Agarro a pega da porta e aperto. Se me tivesse esforçado mais por encontrar Tobias... se não tivesse parado por causa de Tori...

E se Tobias não se safou?

– Tenho a certeza de que está tudo bem – afirma Johanna. – Aquele teu rapaz sabe cuidar de si.

Aceno com a cabeça, mas sem convicção. Tobias sabe cuidar de si mesmo, mas, em caso de ataque, sobreviver é um acidente. Não há nenhuma capacidade especial para ficar num sítio onde nenhuma bala nos atinja, ou para disparar no escuro e atingir um homem que nem vemos. É tudo uma questão de sorte ou Providência, dependendo daquilo em que se acredita. E não sei – nunca soube – exatamente em que acredito.

Ele está bem, ele está bem, ele está bem.

Tobias está bem.

As mãos tremem-me e Christina aperta-me o joelho. Johanna

conduz-nos em direção ao ponto de encontro, onde viu Uriah e Cara. Vejo o ponteiro do conta-quilómetros subir e, depois, manter-se estável nos setenta e cinco. Chocamos umas contra as outras na cabina, sacudidas pelo terreno irregular.

– Ali! – diz Christina, apontando.

Há um conjunto de luzes à nossa frente, algumas pequenos pontos como lanternas e outras redondas como faróis.

Paramos perto e vejo-o. Tobias está sentado no capô do outro camião, com o braço encharcado de sangue. Cara está à frente dele com um estojo de primeiros socorros. Caleb e Peter estão sentados na erva a alguns metros de distância. Antes de Johanna parar o camião por completo, abro a porta e salto, correndo na sua direção. Tobias ergue-se, ignorando as ordens de Cara para ficar quieto; chocamos um com o outro e ele envolve-me com o seu braço bom e levanta-me do chão. Tem as costas molhadas de suor e, quando me beija, sinto um gosto a sal.

Todos os nós de tensão dentro de mim se desatam de uma só vez. Por um breve momento, sinto-me como se o meu ser se refizesse, como se nascesse de novo.

Ele está bem. Estamos fora da cidade. Ele está bem.

Capítulo doze

Tobias

O meu braço lateja como se ali batesse um segundo coração, devido ao ferimento de bala. Os nós dos dedos de Tris roçam os meus quando ergue a mão para apontar algo à nossa direita: uma série de edifícios compridos e baixos, iluminados por luzes de emergência.

– O que é aquilo? – pergunta ela.

– As outras estufas – diz Johanna. – Não requerem muita mão de obra, mas permitem-nos criar e cultivar tudo em grande quantidade: animais, matérias-primas para fazer tecidos, trigo e por aí fora.

Os seus painéis de vidro brilham à luz noturna, ocultando os tesouros que imagino existirem dentro delas, pequenas plantas com os ramos cobertos de bagas, filas de batatas enterradas no solo.

– Não mostram aquilo aos visitantes – observo. – Nunca as vimos.

– Os Cordiais têm alguns segredos – responde Johanna, num tom orgulhoso.

A estrada à nossa frente é comprida e direita, com o pavimento cheio de fendas e de altos. Ao lado, veem-se árvores retorcidas, postes de iluminação partidos, velhas linhas elétricas. De quando em quando, há um fragmento isolado de passeio, com as ervas daninhas forçando o seu caminho através do cimento, ou uma pilha de madeira podre, de uma casa que desabou.

Quanto mais penso sobre esta paisagem que cada patrulha dos Intrépidos ouviu dizer que era normal, mais vejo uma cidade antiga emergir em meu redor, com prédios mais baixos do que os que

deixámos para trás, mas igualmente numerosos. Uma cidade antiga que foi transformada em terra vazia para os Cordiais cultivarem. Por outras palavras, uma cidade antiga que foi arrasada, queimada de lés a lés, reduzida a pó, em que as estradas desapareceram, dando à terra carta-branca para avançar sobre os destroços.

Ponho as mãos fora da janela e o vento envolve-me os dedos como mechas de cabelo. Quando era muito novo, a minha mãe fingia que conseguia moldar coisas a partir do vento e dava-mas para que as usasse – coisas como martelos e pregos, ou espadas, ou patins. Era um jogo que jogávamos à noite, no relvado dianteiro, antes de Marcus chegar a casa. Afastava o nosso terror.

Caleb, Christina e Uriah viajam na parte traseira do camião. Christina e Uriah sentam-se suficientemente chegados um ao outro para os seus ombros se tocarem, mas olham em direções opostas, mais como estranhos do que como amigos. Logo atrás de nós segue outro camião, dirigido por Robert, no qual viajam Cara e Peter. Tori era para vir com eles. Este pensamento faz-me sentir oco e vazio. Tori administrou-me o meu teste de aptidão. Pela primeira vez, fez-me pensar que poderia deixar os Abnegados – que tinha de o fazer. Sinto que lhe devo alguma coisa e ela morreu antes que lha pudesse dar.

– É isto – diz Johanna. – Os limites exteriores das patrulhas dos Intrépidos.

Nenhuma vedação ou muro marca a divisão entre o complexo dos Cordiais e o mundo exterior, mas lembro-me de vigiar as patrulhas dos Intrépidos desde a sala de controlo, certificando-me de que não avançavam para além daquele limite, que se encontra assinalado por uma série de sinais com um «X». As patrulhas foram planeadas de forma a que os camiões ficassem sem gasolina se fossem longe de mais, um delicado sistema feito de cálculos e controlos que preservava a nossa segurança e a deles – e, percebo-o agora, o segredo que os Abnegados guardavam.

– Eles alguma vez passaram o limite? – pergunta Tris.

– Umas quantas – responde Johanna. – Era nossa responsabilidade lidar com essa situação quando se verificava.

Tris olha para Johanna, mas esta encolhe os ombros.

– Todas as fações têm um soro – diz Johanna. – O soro dos

Intrépidos produz estados alucinatórios, o dos Cândidos obtém a verdade, o dos Cordiais gera a paz, o dos Eruditos dá a morte... – Ao ouvir isto, Tris treme visivelmente, mas Johanna continua como se não notasse. – E o dos Abnegados apaga a memória.

– Apaga a *memória*? – questiona Tris.

– Como no caso da memória de Amanda Ritter – recordo. – Ela disse «Há muita coisa que fico feliz por esquecer», lembra-te?

– Sim, precisamente – diz Johanna. – Os Cordiais estão encarregues de administrar o soro dos Abnegados a qualquer pessoa que vá para lá dos limites, apenas em quantidade suficiente para os fazer esquecer a experiência. Tenho a certeza de que alguns escaparam à nossa vigilância, mas não muitos.

A seguir, ficamos todos em silêncio. Dou voltas à informação na minha cabeça. Há algo de profundamente errado em manipular as recordações de uma pessoa – apesar de saber que isto era necessário para manter a nossa cidade segura e que na altura esta segurança era necessária, sinto-o no mais profundo de mim. Ao eliminarmos as memórias de uma pessoa, mudamos quem ela é.

Dentro de mim, cresce a sensação de nervosismo extremo, pois quanto mais nos adentramos para lá do limite exterior das patrulhas dos Intrépidos, mais nos aproximamos de ver o que está do lado de fora do único mundo que conheci. Sinto-me apavorado e excitado e confuso e com outras coisas diferentes ao mesmo tempo.

À primeira luz da manhã, vejo algo à nossa frente e agarro a mão de Tris.

– Olha – digo.

Capítulo treze

Tris

O mundo para lá do nosso está repleto de estradas, prédios escuros e linhas elétricas prestes a desmoronar-se. Tanto quanto posso ver, não há vida nele; nenhum movimento, nenhum som à exceção do vento e dos meus próprios passos. É como se a paisagem fosse uma frase interrompida, de um lado suspensa no ar, inacabada, e, do outro, uma coisa completamente diferente. Do nosso lado da frase, há terra vazia, erva e troços de estrada. Do outro, há duas paredes de cimento com meia dúzia de vias-férreas no meio. Mais à frente, uma ponte de cimento liga as duas paredes e, emoldurando os carris, há edifícios feitos de madeira, tijolo e vidro, com as janelas escuras e árvores crescendo à sua volta, de modo tão selvagem que os seus ramos se entrelaçaram. Um sinal à direita diz «90».

– O que fazemos agora? – pergunta Uriah.

– Seguimos as linhas do comboio – digo, mas num tom baixo, de modo que só eu ouça.

Saímos dos camiões na divisória entre o nosso mundo e o deles – quem quer que «eles» sejam. Robert e Johanna despedem-se rapidamente, invertem a marcha dos camiões e dirigem-se de volta à cidade. Eu fico a observá-los. Não consigo imaginar vir até aqui e, depois, voltar para trás, mas suponho que há coisas que têm de fazer na cidade. Johanna ainda tem uma rebelião dos Leais para organizar.

Os restantes – eu, Tobias, Caleb, Peter, Christina, Uriah e Cara –

metemo-nos a caminho, com os nossos escassos pertences, ao longo das vias-férreas. Os carris não são como os da cidade. São finos e polidos e, em vez de traves perpendiculares no meio, têm placas de metal texturizado. Mais à frente, vejo um dos comboios que os percorre, abandonado junto ao muro. Tem um revestimento de folha de metal em cima e à frente, como um espelho, com vidros fumados de lado. Quando nos aproximamos, vejo filas de bancos no interior com assentos almofadados, forrados de tecido castanho avermelhado. Não deve haver pessoas a saltar para dentro e para fora destes comboios.

Tobias caminha atrás de mim sobre um dos carris, de braços estendidos ao lado do corpo para manter o equilíbrio. Os outros estão espalhados ao longo das linhas, Peter e Caleb perto de um dos muros, Cara perto do outro. Ninguém fala muito, exceto para apontar algo novo, um sinal, um edifício, ou uma pista do que este mundo era, quando havia pessoas a habitá-lo. As paredes de betão armado chamam, por si só, a minha atenção – estão cobertas com fotos estranhas de pessoas de pele tão suave que quase não se parecem com pessoas, ou de frascos coloridos com champô, amaciador, vitaminas, ou substâncias estranhas lá dentro, e palavras que não entendo, como «vodka» e «Coca-Cola» e «bebida energética». As cores, as formas, as palavras e as imagens são tão extravagantes, tão abundantes, que têm sobre mim um efeito hipnótico.

– Tris. – Tobias coloca-me a mão no ombro e paro. Inclina a cabeça e diz – Ouves aquilo?

Escuto passos e as vozes baixas dos nossos companheiros. Escuto a minha própria respiração e a dele. Contudo, sob estes sons, há um ruído surdo, inconsistente na sua intensidade. Parece um motor.

– Parem todos! – grito.

Para minha surpresa, toda a gente se detém, até mesmo Peter, e reunimo-nos no centro das vias. Vejo Peter sacar da arma e empunhá-la e faço o mesmo, segurando-a com as mãos juntas para a manter firme, lembrando-me da facilidade com que antes a costumava empunhar. Agora, essa facilidade desapareceu.

Algo aparece contornando a curva mais à frente. É um camião preto, mas maior do que qualquer camião que alguma vez vi,

suficientemente grande para transportar mais de uma dúzia de pessoas na sua carroçaria coberta.

Tremo.

O camião avança sacolejando sobre os carris e detém-se a seis metros de nós. Consigo ver o homem que o conduz – tem pele escura e cabelo comprido, preso atrás na nuca.

– Meu Deus – exclama Tobias, fechando o punho em torno da sua própria arma.

Do banco da frente sai uma mulher. Aparenta ter mais ou menos a idade de Johanna, tem a pele coberta de sardas e o cabelo tão escuro que parece negro. Salta para o chão e ergue ambas as mãos, de maneira a que possamos ver que não está armada.

– Olá – diz, sorrindo nervosamente. – O meu nome é Zoe. Este é o Amar.

Faz um movimento de cabeça para o lado para indicar o motorista, que por esta altura também saiu do camião.

– O Amar morreu – afirma Tobias.

– Não, não morri. Vamos lá, Quatro – diz Amar.

O rosto de Tobias está tenso de medo. É compreensível: não é todos os dias que vemos alguém de quem gostamos regressar dos mortos.

Os rostos de todas as pessoas que perdi passam-me diante dos olhos. Lynn. Marlene. Will. Al.

O meu pai. A minha mãe.

E se ainda estiverem vivos, como Amar? E se a barreira que nos separa não for a morte, mas uma vedação de arame e uns metros de terreno?

Não consigo impedir-me de ter esperança, apesar de ser uma ideia bastante tola.

– Trabalhamos para a mesma organização que fundou a vossa cidade – informa Zoe cravando os olhos em Amar. A mesma organização a que pertencia Edith Prior. E... – Enfia a mão no bolso e retira uma fotografia algo amarrotada. Segura-a e, depois, os seus olhos fixam-se nos meus no meio de todas as pessoas e armas. – Acho que deves ver isto, Tris. Vou aproximar-me e pouso-a no chão, depois recuo. Está bem?

Sabe o meu nome. A minha garganta contrai-se de medo. *Como* sabe ela o meu nome? E não só o meu nome, mas o nome que escolhi quando me juntei aos Intrépidos?

– Está bem – respondo, mas a voz sai-me rouca e as palavras mal se ouvem.

Zoe dá um passo em frente, coloca a fotografia sobre os carris e, a seguir, volta para a sua posição original. Deixo a segurança do grupo e agacho-me perto da fotografia, sem, contudo, deixar de observar Zoe. Depois recuo, de fotografia na mão.

A foto mostra uma fila de pessoas em frente a uma vedação de arame, com os braços em volta dos ombros e das costas uns dos outros. Vejo uma versão infantil de Zoe, reconhecível pelas sardas, e algumas pessoas que não consigo identificar. Estou prestes a perguntar-lhe qual o objetivo de me pôr a olhar para esta foto, quando reconheço a jovem de sorriso amplo e cabelo louro escuro preso atrás.

A minha mãe. Que faz a minha mãe junto destas outras pessoas? Algo – tristeza, dor, saudade – me aperta o peito.

– Há muitas coisas a explicar – diz Zoe. – Mas este não é realmente o melhor lugar para o fazer. Gostaríamos de vos levar para a nossa sede. De carro, fica perto daqui.

Ainda de arma empunhada, Tobias toca-me no pulso com a mão livre, fazendo-me aproximar a fotografia dos seus olhos.

– É a tua mãe?

– É a *mãe*? – pergunta Caleb, empurrando Tobias para espreitar a foto por cima do meu ombro.

– Sim – respondo a ambos.

– Achas que devemos confiar neles? – pergunta-me Tobias em voz baixa.

Zoe não parece uma mentirosa e o que diz também não soa a mentira. E, se sabe quem sou e sabia como nos encontrar aqui, provavelmente é porque tem algum tipo de acesso à cidade, o que significa que provavelmente está a dizer a verdade sobre pertencer ao grupo de que Edith Prior proveio. E depois há Amar, que observa cada movimento que Tobias faz.

– Viemos para cá porque queríamos encontrar estas pessoas – digo.
– Temos de confiar em alguém, não temos? Caso contrário, vamos

limitar-nos a andar às voltas numa terra devastada e, provavelmente, acabamos por morrer à fome.

Tobias solta o meu pulso e baixa a arma. Baixo a minha. Os outros imitam-nos lentamente, sendo Christina a última a baixar a sua.

– Onde quer que nos levem, temos de ser livres para nos virmos embora quando quisermos – diz Christina. – OK?

Zoe pousa a mão sobre o peito, mesmo por cima do coração.

– Dou-vos a minha palavra de honra.

Pelo bem de todos nós, espero que a palavra dela valha alguma coisa.

Capítulo catorze

Tobias

Sigo de pé na caixa do camião, segurando-me à estrutura que suporta a capota de tecido. Queria que esta nova realidade fosse uma simulação que pudesse manipular se conseguisse percebê-la. Mas não é e não sou capaz de a entender. Amar está vivo.

«Adapta-te!» era uma das suas ordens favoritas durante a minha iniciação. Às vezes, gritava-ma tantas vezes que acabava por sonhar com ela; costumava acordar-me como um despertador, exigindo mais de mim do que conseguia dar. *Adapta-te*. Adaptar-me mais rapidamente, adaptar-me melhor, adaptar-me a coisas a que nenhum homem deveria ter de se adaptar.

Como esta: deixar um mundo inteiro e partir à descoberta de outro. Ou esta: descobrir que o nosso amigo morto na verdade está vivo e conduz o camião em que viajamos.

Tris está sentada atrás de mim, no banco lateral que percorre a caixa do camião, com a foto amarrotada entre nas mãos. Os seus dedos pairam suspensos sobre o rosto da mãe, quase tocando nele. Christina está sentada de um dos lados dela e Caleb do outro. Talvez Tris o deixe permanecer ali apenas para que possa ver a foto, pois o seu corpo encolhe-se pela proximidade, fazendo-a inclinar-se mais para Christina.

– É a vossa mãe? – pergunta Christina.

Tris e Caleb assentem ambos com a cabeça.

– Ela é tão nova nessa foto. E bonita, também –

acrescenta Christina.

– É sim. Quer dizer, *era*.

Esperava ouvir Tris responder num tom triste, como se a memória da beleza efémera da mãe lhe trouxesse recordações dolorosas. No entanto, a voz sai-lhe nervosa pelos lábios franzidos de antecipação. Espero que não esteja a alimentar falsas esperanças.

– Deixa-me ver – diz Caleb estendendo a mão para a irmã.

Em silêncio e sem realmente olhar para ele, Tris passa-lhe a fotografia. Viro-me de novo para o mundo de que estamos a afastar-nos – o final das vias-férreas. As enormes extensões de terreno. E, ao longe, o Centro, mal se distinguindo na neblina que cobre o horizonte da cidade. É um sentimento estranho, vê-lo deste lugar, como se ainda pudesse tocá-lo esticando a mão o suficiente, apesar de me ter afastado tanto dele. Peter move-se para a extremidade da traseira do camião até estar ao meu lado, agarrando a capota para se manter direito. Os carris afastam-se agora de nós e deixei de conseguir ver os campos. Os muros de cada lado desaparecem gradualmente, à medida que o piso se torna mais regular. Vejo prédios por toda parte, alguns pequenos, como as casas dos Abnegados, e alguns grandes e compridos, como edifícios da cidade virados de lado.

Árvores enormes que cresceram demasiado projetam-se para fora das estruturas de cimento que deveriam contê-las, com as raízes alastrando sobre o pavimento. Empoleirada na beira de um telhado surge uma fila de pássaros negros como os que Tris tem tatuados na clavícula. Quando o camião passa, guincham e dispersam-se no ar.

É um mundo selvagem.

De repente, sinto que não consigo suportar e tenho de recuar e sentar-me num dos bancos. Embalo a cabeça entre as mãos, mantendo os olhos fechados, para não apreender qualquer informação nova. Sinto o braço forte de Tris nas minhas costas, puxando-me de lado na sua direção. Tenho as mãos dormentes.

– Concentra-te apenas no que está a acontecer aqui e agora – diz Cara do outro lado do camião. – Por exemplo, no modo como o camião se desloca. Vai ajudar.

Experimento. Penso no banco duro debaixo de mim e na trepidação do camião que sinto vibrar nos ossos, apesar de

atravessarmos terreno plano –. Apercebo-me dos seus pequenos movimentos à esquerda e à direita, para a frente e para trás, e absorvo cada ressalto sobre os carris. Concentro-me nisto até que tudo escurece à nossa volta e deixo de sentir a passagem do tempo e o pânico da descoberta, para sentir apenas o nosso movimento sobre a terra.

– Agora, talvez devesse olhar em volta – diz Tris, numa voz fraca.

Christina e Uriah colocam-se de pé onde antes seguia eu, espreitando pela extremidade da cobertura de pano. Olho por cima dos seus ombros para ver para onde vamos. Há uma vedação alta que se estende ao longo de toda a paisagem, que parece vazia em comparação com o aglomerado denso de edifícios que vi antes de me sentar. A vedação tem barras negras verticais com extremidades pontiagudas que se curvam para fora, como se o objetivo fosse espetarem-se em quem quer que tente subir a vedação.

Uns metros para lá dela, há outra vedação, esta de arame, como a que rodeava a cidade, com arame farpado enrolado em cima. Ouço um zumbido alto vindo da segunda vedação – uma carga elétrica. Algumas pessoas percorrem o espaço entre as duas vedações, segurando armas que se parecem um pouco com as nossas armas de *paintball*, mas que são, na verdade, objetos muito mais poderosos e mortais.

Uma placa na primeira vedação diz «DIREÇÃO DE BEM-ESTAR GENÉTICO». Ouço a voz de Amar, que fala com os guardas armados, mas não distingo o que está a dizer. Um portão na primeira vedação abre-se para nos deixar entrar e, em seguida, abre-se um outro portão na segunda. Para lá das duas vedações há... ordem.

Tanto quanto posso ver, há edifícios baixos separados por relva aparada e árvores jovens. As estradas que os ligam estão bem cuidadas e bem assinaladas, com setas apontando para vários destinos: ESTUFAS, em frente; POSTO AVANÇADO DE SEGURANÇA, à esquerda; RESIDÊNCIAS DOS OFICIAIS, direita; COMPLEXO PRINCIPAL, em frente.

Levanto-me e inclino-me para fora do camião para ver o complexo, ficando com metade do corpo suspenso sobre a estrada. A Direção de Bem-Estar Genético não é alta, mas, mesmo assim, é enorme, mais comprida do que consigo abarcar, um gigante de aço, vidro e betão

armado. Atrás do complexo, há algumas torres com protuberâncias no topo – não sei porquê, mas fazem-me lembrar a sala de controlo e pergunto-me se é isso que são.

Além dos guardas entre as vedações, há poucas pessoas cá fora. E essas poucas param para olhar para nós, mas passamos por elas tão depressa que não consigo ver a expressão nos seus rostos. O camião detém-se diante de um conjunto de portas duplas e Peter é o primeiro a saltar para o chão. Os restantes saltam atrás dele e ficamos ombro a ombro, tão perto que consigo ouvir a respiração acelerada do grupo inteiro. Na cidade estávamos divididos pelas fações, pela idade, pela história, mas aqui todas essas divisões desaparecem. Somos tudo o que temos.

– Aqui vamos nós – murmura Tris, ao ver Zoe e Amar aproximarem-se.

Aqui vamos nós, digo para mim mesmo.

– Bem-vindos ao complexo – diz Zoe. – Este era o edifício do Aeroporto O'Hare, um dos aeroportos com mais movimento do país. Agora, é o quartel-general da Direção de Bem-Estar Genético – ou apenas da Direção, como lhe chamamos aqui. É uma agência do Governo dos Estados Unidos.

Sinto o meu rosto perder a expressão. Conheço todas as palavras que ela diz – embora não tenha bem a certeza do que sejam um «aeroporto» ou os «Estados Unidos» –, mas não fazem qualquer sentido para mim. Não sou o único com um ar confuso – Peter arqueia ambas as sobrancelhas, exibindo uma expressão interrogativa.

– Desculpem – diz Zoe. – Passo a vida a esquecer-me do pouco que vocês sabem.

– Penso que a culpa é vossa, e não nossa, se não sabemos nada – faz notar Peter.

– Vou pôr as coisas de outra forma. – Zoe sorri amavelmente. – Passo a vida a esquecer-me da pouca informação que vos disponibilizámos. Um aeroporto é um ponto central das viagens aéreas e...

– Viagens aéreas? – questiona Christina, incrédula.

– Um dos desenvolvimentos tecnológicos que não precisávamos de

conhecer quando vivíamos dentro da cidade eram as viagens aéreas – diz Amar. – São seguras, rápidas e espantosas.

– Uau – exclama Tris.

Parece excitada. Eu, contudo, penso em atravessar velozmente o ar bem acima do complexo e sinto vontade de vomitar.

– Bem. Quando as experiências foram desenvolvidas, o aeroporto foi transformado neste complexo, para que pudéssemos monitorizá-las à distância – continua Zoe. – Vou conduzir-vos até à sala de controlo para conhecerem David, o chefe da Direção. Vão ver muitas coisas que não compreenderão, mas talvez seja melhor dar-vos algumas explicações prévias, antes de começarem a surgir as questões. Assim, anotem aquilo sobre o que querem saber mais e não hesitem em perguntar-nos, a mim ou ao Amar.

Encaminha-se para a entrada e as portas abrem-se, seguras por dois guardas armados que a cumprimentam com um sorriso quando passa por eles. O contraste entre aquela saudação amigável e as armas encostadas aos seus ombros quase dá vontade de rir. As armas são enormes e pergunto-me como será dispará-las, se será possível sentir o poder mortal que encerram só de enrolar o dedo em torno do gatilho.

Sinto ar frio bater-me no rosto ao entrar no edifício. Janelas arqueadas erguem-se bem acima da minha cabeça, deixando entrar a luz pálida, mas esta é a característica mais interessante do local – o piso de tijoleira perdeu o brilho sob os efeitos do tempo e da sujidade e as paredes são cinzentas e inexpressivas. À nossa frente, há um mar de pessoas e máquinas, com um sinal por cima que diz «controlo de segurança». Não percebo por que razão precisam de tanta segurança se já estão protegidos por duas vedações, uma das quais eletrificada, e um grande número de guardas – mas este não é o meu mundo para me pôr a questioná-lo.

Não, este não é de todo o meu mundo.

Tris toca-me no ombro e aponta algo na comprida entrada.

– Olha para aquilo.

Na extremidade da sala, do lado de fora do posto de controlo, há um enorme bloco de pedra com um aparelho de vidro suspenso sobre ele. É um exemplo claro das coisas que vamos ver aqui e que não compreendemos. Tão-pouco compreendo a fome nos olhos de Tris,

devorando tudo à nossa volta, como se só isso fosse capaz de sustentá-la. Às vezes, sinto que somos iguais, mas outras, como agora, sinto a diferença entre as nossas personalidades como se acabasse de chocar contra uma parede.

Christina diz algo a Tris e ambas sorriem. Todos os sons chegam até mim abafados e distorcidos.

– Estás bem? – pergunta-me Cara.

– Sim – digo automaticamente.

– Sabes, seria perfeitamente normal se sentisses pânico neste momento – observa. – Não há necessidade nenhuma de insistires continuamente na tua virilidade inabalável.

– Na minha... quê?

Ela sorri e percebo que estava a brincar. Todas as pessoas no posto de controlo dão um passo para o lado, formando um túnel que percorremos. À nossa frente, Zoe anuncia:

– Não são permitidas armas dentro destas instalações, mas, se as deixarem no posto de controlo, podem recuperá-las quando saírem, se optarem por fazê-lo. Depois de entregarem as armas, podemos passar pelos *scanners* e prosseguir o nosso caminho.

– Aquela mulher é irritante – diz Cara.

– O quê? – pergunto. – Porquê?

– Não se consegue distanciar daquilo que sabe – responde ela, enquanto saca a sua arma. – Continua a falar connosco como se tudo fosse óbvio, quando, de facto, não é.

– Tens razão – digo sem convicção. – Isso é irritante.

À minha frente, vejo Zoe colocar a arma num recipiente cinzento e, depois, passar por um *scanner* – é uma caixa do tamanho de um homem com uma passagem no meio, com dimensões necessárias para deixar passar um corpo. Tiro a minha própria arma, pesada com as balas não utilizadas, e coloco-a no recipiente que a segurança me estende, onde já estão as armas de todos os outros.

Vejo Zoe passar pelo *scanner*, seguida por Amar, Peter, Caleb, Cara e Christina. Quando me encontro na extremidade do aparelho, junto às paredes que apertarão o meu corpo entre elas, sinto de novo o despontar do pânico, as mãos dormentes e o peito apertado. O *scanner* lembra-me a caixa de madeira que me aprisiona na paisagem dos

medos, comprimindo-me os ossos.

Não posso entrar em pânico, não vou entrar em pânico aqui.

Obrigo os meus pés a entrar para o *scanner* e fico no meio, onde todos os outros se detiveram. Ouço algo mover-se nas paredes de cada lado e depois há um agudo sinal sonoro. Tremo e tudo o que posso ver é a mão do guarda, fazendo-me sinal para avançar.

Já posso fugir daqui.

Saio do *scanner* aos tropeções e o ar abre-se à minha volta. Cara lança-me um olhar penetrante, mas não faz comentários. Quando Tris me agarra a mão, depois de ela própria passar pelo aparelho, quase não a sinto. Lembro-me de percorrer a minha paisagem dos medos com ela, os nossos corpos apertando-se juntos na caixa de madeira que nos encerrava, a palma da minha mão contra o seu peito, sentindo-lhe a pulsação. É o suficiente para me chamar de volta à realidade.

Depois de Uriah passar, Zoe volta a fazer-nos sinal para continuarmos em frente. Para cá do posto de controlo, as instalações não estão tão sujas como na entrada. O chão ainda é em tijoleira, mas os ladrilhos estão brilhantes e limpos e há janelas por todo o lado. Ao fundo de um longo corredor vejo filas de mesas de laboratório e computadores, o que me recorda o quartel-general dos Eruditos, mas este lugar é bem mais iluminado e nada parece estar escondido.

Zoe guia-nos por uma passagem mais escura à direita. À medida que nos cruzamos com pessoas, estas param a olhar para nós e sinto os seus olhos postos em mim como pequenos raios ardentes, queimando-me a pele, do pescoço às faces.

Caminhamos durante bastante tempo, embrenhando-nos no complexo e, depois, Zoe para, virando-se para nós.

Atrás dela há um grande círculo de ecrãs vazios, como traças rodeando uma chama. Dentro do círculo, vemos pessoas sentadas em mesas baixas, que escrevem furiosamente noutros ecrãs, estes virados para fora e não para dentro. É uma sala de controlo, só que está à vista de todos e não tenho bem a certeza do que estão a observar, uma vez que todos os ecrãs estão às escuras. Agrupados em torno dos ecrãs virados para dentro dispõem-se cadeiras, bancos e mesas, como se as pessoas se reunissem aqui para assistir a seu bel-prazer.

Uns metros mais à frente, encontra-se um homem mais velho

vestido com um uniforme azul-escuro, igual a todos os outros, e que sorri. Quando vê que nos aproximamos, abre os braços como que para nos dar as boas-vindas. É David, presumo.

– Isto – diz o homem – é aquilo por que esperamos desde que tudo começou.

Capítulo quinze

Tris

Tiro a fotografia do bolso. O homem que tenho diante de mim – David – aparece nela, ao lado da minha mãe, com o rosto um pouco mais suave, a cintura um pouco mais estreita. Tapo o rosto da minha mãe com o dedo. Toda a esperança que crescia dentro de mim desvaneceu-se. Se a minha mãe, o meu pai, ou os meus amigos ainda estivessem vivos, teriam estado à nossa espera à porta quando chegámos. Não me devia ter permitido pensar que o que quer que tivesse acontecido com Amar poderia repetir-se.

– O meu nome é David. Como Zoe provavelmente já vos disse, sou o líder da Direção de Bem-Estar Genético. Vou tentar explicar-vos tudo o melhor possível – começa ele. – A primeira coisa que devem saber é que a informação que Edith Prior vos deu é apenas parcialmente verdadeira.

Ao mencionar o nome «Prior», os seus olhos fixam-se em mim. O corpo treme-me de antecipação – desde que vi aquele vídeo tenho estado desesperada por respostas e agora estou prestes a obtê-las.

– Edith forneceu apenas a informação que vos era necessária para cumprirem os objetivos da nossa experiência – prossegue David. – E, em muitos casos, isso significou simplificar, omitir e até mesmo mentir descaradamente. Mas, agora que estão aqui, não há necessidade de nada disso.

– Vocês estão sempre a falar de «experiências» – diz Tobias –, mas *que* experiências?

– Sim, bem, estava a chegar lá. – David olha para Amar. – Por onde é que começaram, quando te explicaram tudo a ti?

– Não interessa por onde se começa. Não é possível tornar as coisas mais fáceis de encaixar – responde Amar, beliscando as cutículas.

David considera a frase por um instante e, depois, aclara a garganta.

– Há muito tempo atrás, o Governo dos Estados Unidos...

– Os Estados quê? – interrompe Uriah.

– É um país – responde Amar. – Um país grande. Tem fronteiras definidas e um órgão governativo e, agora, encontramos-nos no seu centro. Podemos falar sobre isso mais tarde. Continue, senhor.

David pressiona o polegar contra a palma da mão, massajando-a, claramente desconcertado com todas as interrupções. A seguir, recomeça:

– Há alguns séculos atrás, o Governo deste país desenvolveu um interesse em impor certos comportamentos desejáveis aos seus cidadãos. Houve estudos que indicaram que as tendências violentas poderiam ser parcialmente atribuídas a determinados genes presentes nas pessoas – o primeiro dos quais era um gene chamado «gene assassino», mas havia alguns mais, predisposições genéticas para a covardia, a desonestidade, a estupidez – todas as características que, por outras palavras, acabam por contribuir para arruinar uma sociedade.

Fomos ensinados que as fações foram formadas para resolver um problema, o problema da nossa natureza imperfeita. Aparentemente, as pessoas que David está a descrever, quem quer que fossem, também acreditavam no mesmo.

Sei muito pouco sobre genética – apenas o que posso ver transmitido de pais para filhos, no meu rosto e no rosto dos meus amigos. Não sou capaz de conceber isolar um gene assassino, ou covarde, ou desonesto. Estas coisas parecem-me demasiado nebulosas para se localizarem num ponto concreto do corpo de uma pessoa. Mas não sou cientista.

– É óbvio que existem alguns fatores que determinam a personalidade, incluindo a educação e as experiências por que cada um passa – continua David. – Mas, apesar da paz e da prosperidade

que reinou no nosso país durante quase um século, na altura, os nossos antepassados consideraram vantajoso reduzir o risco de estas qualidades indesejáveis emergirem na nossa população, corrigindo-as. Por outras palavras, editando a humanidade – diz. – Foi assim que nasceu a experiência de manipulação genética. São precisas várias gerações para qualquer tipo de manipulação genética se manifestar, mas as pessoas foram selecionadas em grandes quantidades a partir da população em geral, segundo as suas origens ou comportamento, e foi-lhes dada a opção de deixarem um legado às gerações futuras, uma alteração genética que tornaria os seus descendentes um pouco melhores.

Olho em volta para os outros. A boca de Peter franze-se numa expressão de desdém. Caleb está carrancudo. Cara está de boca aberta, como se tivesse fome de respostas e pretendesse comê-las do ar. Christina parece apenas cética, erguendo uma sobrancelha, e Tobias olha para os sapatos. Sinto que não estou a ouvir nada de novo – apenas a mesma filosofia que gerou as fações: selecionar pessoas para lhes manipular os genes, em vez de separar pessoas em grupos baseados em virtudes diferentes. Percebo o processo. De certa forma, até concordo com ele. Mas não sei como tudo isto se relaciona connosco, com a situação presente.

– Mas, quando as manipulações genéticas começaram a fazer efeito, as alterações tiveram consequências desastrosas. A experiência não resultou em genes corrigidos, mas em genes danificados – continua David. – Ao tirar a alguém o seu medo, a baixa inteligência, ou a desonestidade... tirava-se também a sua compaixão. Eliminar a agressividade de alguém significava eliminar também a sua motivação ou assertividade. Eliminar o egoísmo de uma pessoa eliminava igualmente o seu sentido de autopreservação. Se pensarem um pouco nisto, tenho a certeza de que perceberão exatamente o que quero dizer.

Anoto mentalmente cada característica à medida que David fala: medo, baixa inteligência, desonestidade, agressividade, egoísmo. *Está* a falar das fações. E está certo ao dizer que cada fação perde alguma coisa quando ganha uma virtude: os Intrépidos são corajosos, mas cruéis; os Eruditos, inteligentes mas vaidosos; os Cordiais, pacíficos

mas passivos; os Cándidos, honestos mas indelicados; os Abnegados, altruístas mas opressivos.

– A humanidade nunca foi perfeita, mas as alterações genéticas tornaram-na pior do que alguma vez fora antes. Isto ficou patente naquilo a que chamamos a «Guerra da Pureza». Uma guerra civil travada por todos aqueles com genes danificados contra o Governo e contra as pessoas com genes puros. A Guerra da Pureza causou um nível de destruição inédito em solo americano, causando a morte de quase metade da população do país.

– Temos imagem – diz uma das pessoas que estão sentadas às mesas da sala de controlo.

Um mapa aparece no ecrã acima da cabeça de David. É uma forma estranha e não tenho a certeza do que é suposto representar, mas está coberta por manchas de luzes vermelhas, rosa e carmesim.

– Este é o nosso país antes da Guerra da Pureza – afirma David. – *isto é depois...*

As luzes começam a diminuir, as manchas encolhem como charcos de água a secar ao sol. Compreendo então que as luzes vermelhas eram pessoas – pessoas que desaparecem, luzes que se apagam. Fico a olhar para o ecrã, incapaz de abarcar uma perda de vidas tão grande.

David continua:

– Quando a guerra finalmente terminou, o povo exigiu uma solução permanente para o problema genético. E foi por isso que a Direção de Bem-Estar Genético foi fundada. Armados com todo o conhecimento científico à disposição do nosso Governo, os nossos predecessores projetaram experiências para devolver a humanidade ao seu estado geneticamente puro – explica. – Pediram aos indivíduos geneticamente danificados que se apresentassem, para que a Direção de Bem-Estar Genético pudesse alterar os seus genes. A seguir, a Direção colocou-os em ambientes seguros, onde deveriam instalar-se a longo prazo, fornecendo-lhes versões básicas dos soros para ajudá-los a controlar a sua sociedade. O objetivo era esperar que o tempo passasse, que as gerações se sucedessem e que cada uma produzisse seres humanos com genes reparados, curados. Ou, como lhe chamamos atualmente... os Divergentes.

Desde que Tori nomeou o que sou – «Divergente» – que desejo

saber o que significa. E aqui está a resposta simples que obtive: «Divergente» significa que os meus genes estão curados. Puros. Perfeitos. Devia sentir-me aliviada por, finalmente, saber a resposta. Mas tenho a impressão de que algo não está bem, sinto qualquer coisa a incomodar-me no fundo da minha mente.

Estava convencida de que «Divergente» explicaria tudo o que sou e tudo o que poderia ser. Talvez estivesse errada.

Começo a sentir falta de ar, à medida que as revelações de David abrem caminho na minha mente e no meu coração, à medida que David vai afastando as várias camadas de mentiras e de segredos. Toco no peito para sentir o meu coração, numa tentativa de me acalmar.

– A vossa cidade é uma destas experiências para a cura genética e, de longe, a mais bem-sucedida, por causa da vertente de modificação comportamental. Falo das fações.

David sorri-nos, como se fosse algo de que devíamos sentir orgulho, mas não me sinto orgulhosa. Eles criaram-nos, moldaram o nosso mundo, disseram-nos em que acreditar.

Se nos disseram em que acreditar, e não chegamos a essas conclusões por vontade própria, aquilo em que acreditamos ainda será verdade? Pressiono a mão com mais força contra o peito. *Calma.*

– As fações foram a tentativa dos nossos predecessores de incorporar um elemento educacional e potenciador na experiência. Eles descobriram que a mera correção genética não era suficiente para mudar a forma como as pessoas se comportavam. Uma nova ordem social combinada com a modificação genética seria a solução mais completa para os problemas comportamentais que os danos genéticos haviam criado. – O sorriso de David desaparece quando percorre o nosso grupo com o olhar. Não sei o que esperava, que lhe retribuíssemos o sorriso? David retoma o discurso:

– As fações foram mais tarde introduzidas na maioria das outras experiências, três das quais estão atualmente ativas. Temos feito grandes esforços para vos proteger, observar e aprender convosco.

Cara passa as mãos pelo cabelo, como que em busca de fios soltos. Não os encontrando, diz:

– Então, quando Edith Prior disse que tínhamos de descobrir a

causa da Divergência e deixar a cidade para vos ajudar, isso era...

– «Divergente» é o nome que decidimos dar àqueles que atingem o nível desejado de reparação genética – declara David. – Queríamos ter a certeza de que os líderes da vossa cidade os valorizavam. Não esperávamos que a líder dos Eruditos comesse a caçá-los, ou mesmo que os Abnegados lhe dissessem o que eram. E, ao contrário do que Edith Prior disse, nunca foi nossa intenção *real* que enviassem um exército Divergente cá para fora. No fim de contas, não precisamos realmente da vossa ajuda. Precisamos somente que os vossos genes curados permaneçam intactos para poderem ser transmitidos às gerações futuras.

– Então, o que está a dizer é que, se não formos Divergentes, é porque somos seres *danificados* – questiona Caleb.

A voz treme-lhe. Nunca pensei que o veria à beira das lágrimas por causa de algo assim, mas é verdade.

Calma, digo a mim mesma de novo e volto a respirar profunda e lentamente.

– *Geneticamente* danificados, sim – responde David. – No entanto, ficamos surpreendidos ao descobrir que a componente de modificação comportamental da experiência da vossa cidade foi bastante eficaz. Até muito recentemente, teve um efeito bastante positivo ao nível dos problemas comportamentais que, para começar, tornaram a manipulação genética tão problemática. Assim, em geral, não é possível dizer se os genes de uma pessoa estão danificados ou curados apenas a partir do seu comportamento.

– Sou inteligente – diz Caleb. – O que está a dizer é que, porque os meus antepassados foram geneticamente alterados para serem inteligentes, eu, seu descendente, não posso ser totalmente compassivo. Eu e todas as outras pessoas geneticamente danificadas estamos limitados pelos nossos genes imperfeitos. E os Divergentes não.

– Bem – diz David, erguendo um dos ombros. – Pense nisso.

Caleb olha para mim pela primeira vez em dias e eu devolvo-lhe o olhar. É esta a explicação para a traição de Caleb – os seus genes danificados? Como uma doença que não consegue curar nem controlar? Não me parece bem.

– Os genes não são tudo – afirma Amar. – As pessoas, mesmo se geneticamente danificadas, podem fazer escolhas. Isso é que importa.

Penso no meu pai, um Erudito de nascimento, não Divergente, um homem que não podia deixar de ser inteligente, mas que escolheu os Abnegados, empenhando-se durante toda a vida numa luta contra a sua própria natureza e, em última instância, cumprindo-a. Um homem em conflito consigo mesmo, tal como eu estou em conflito comigo mesma. Esta guerra interna não parece ser um produto de danos genéticos. Parece-me antes total e puramente *humana*.

Olho para Tobias. Está tão lívido e tem o corpo numa posição tão curvada que parece prestes a desmaiar. Não é o único: Christina, Peter, Uriah e Caleb exibem todos um ar atordoado. Cara segura a bainha da camisa na mão e passa o dedo sobre o tecido, franzindo a testa.

– Isto é muita coisa para processar – observa David.

Grande eufemismo.

A meu lado, Christina funga sarcasticamente.

– E vocês passaram a noite toda a pé – termina ele, como se não tivesse havido interrupção. – Por isso, vou levar-vos a um sítio onde poderão comer qualquer coisa e descansar.

– Espere – digo. Penso na fotografia no meu bolso e em como Zoe sabia o meu nome quando ma deu. Penso no que David disse sobre observarem-nos e aprenderem connosco. Penso nas filas de ecrãs, em branco, na minha frente. – Disse que têm estado a observar-nos. Como?

Zoe franze os lábios. David acena para uma das pessoas nas mesas atrás dele. De repente, todos os ecrãs se acendem, cada um deles mostrando imagens de câmaras diferentes. Nos mais próximos de mim, vejo a sede dos Intrépidos. O quartel-general dos Cântidos. O parque Millennium. O edifício Hancock. O Centro.

– Sempre souberam que os Intrépidos observavam a cidade através de câmaras de segurança – diz David. – Bem, nós também temos acesso a essas câmaras.

Têm estado a ver-nos.

Penso em ir embora dali.

Passamos pelo posto de controlo, a caminho do local para onde quer que David nos conduza, e penso em atravessá-lo de novo para o outro lado, pegar na minha arma e fugir a correr deste lugar onde têm estado a vigiar-me. Desde criança. Os meus primeiros passos, as minhas primeiras palavras, o meu primeiro dia de aulas, o meu primeiro beijo.

A observar atentamente quando Peter me atacou. Quando a minha facção foi colocada sob o efeito de uma simulação que a transformou num exército. Quando os meus pais morreram.

Que mais viram eles?

A única coisa que me impede de partir é a fotografia no meu bolso. Não posso deixar estas pessoas antes de descobrir como conheciam a minha mãe.

David guia-nos pelo complexo até uma zona com o chão forrado a alcatifa, com plantas de ambos os lados. O papel de parede é velho, amarelado e começa a descolar nos cantos. Seguimo-lo até uma grande sala com tetos altos, piso de madeira e luzes alaranjadas. Há camas dispostas em duas filas, com baús ao lado para guardarmos os nossos pertences, e grandes janelas com cortinas elegantes na extremidade oposta. Quando me aproximo mais, vejo que as cortinas estão gastas e esfiapadas nas pontas.

David diz-nos que esta parte do complexo era um hotel, ligado ao aeroporto por um túnel, e que esta sala era o antigo salão de baile. Mais uma vez, as palavras não significam nada para nós, mas ele parece não notar.

– Estas acomodações são temporárias, é claro. Quando decidirem o que fazer, serão instalados noutro local, dentro do complexo ou não. A Zoe certificar-se-á de que são bem tratados. Amanhã, volto a passar por cá para ver como estão.

Olho para Tobias, que anda para trás e para frente diante das janelas, roendo as unhas. Nunca lhe tinha notado este hábito. Ou talvez Tobias nunca tenha estado suficientemente ansioso para o fazer.

Podia ficar e tentar reconfortá-lo, mas preciso de respostas sobre a minha mãe e não vou esperar mais. Tenho a certeza de que Tobias, sobretudo ele, compreenderá. Sigo David até ao corredor. Quando chega lá fora, David apoia-se na parede e coça a parte de trás do

pescoço.

– Olá – digo. – Chamo-me Tris. Acho que conhecia a minha mãe.

David é percorrido por um pequeno sobressalto, mas acaba por me sorrir. Cruzo os braços. Sinto-me como na altura em que Peter, por crueldade, me arrancou a toalha durante a iniciação dos Intrépidos: exposta, envergonhada e furiosa. Talvez não seja justo projetar todos estes sentimentos em David, mas não consigo evitar. Ele é o líder deste complexo, da Direção.

– Sim, é claro – diz ele. – Estou a reconhecer-te.

De onde? Das câmaras nojentas que seguiam cada movimento que fazia? Cruzo os braços com mais força sobre o peito.

– Certo. – Espero um instante e, depois, digo:

– Preciso de saber a verdade sobre a minha mãe. A Zoe deu-me uma fotografia dela, na qual está mesmo ao seu lado, por isso, achei que podia ajudar-me.

– Ah – solta ele. – Posso ver a foto?

Tiro-a do bolso e estendo-lha. David alisa-a com as pontas dos dedos e desenha-se um estranho sorriso no rosto enquanto a observa, como se a acariciasse com o olhar. Apoio o peso sobre a outra perna – sinto-me como se estivesse a intrometer-me num momento privado.

– Ela voltou para casa uma vez – diz David. – Antes de ter filhos. Foi nessa altura que tirámos esta foto.

– Voltou *para casa*? Ela era uma de vós?

– Sim – responde David com simplicidade, como se esta palavra não fosse capaz de alterar o meu mundo por completo. – Ela era daqui. Enviámo-la para a cidade quando era nova, para resolver um problema que surgira com a experiência.

– Então, ela sabia – digo, e a minha voz treme, embora não saiba porquê. – Ela *sabia* da existência deste sítio, sabia o que existia fora da vedação.

David franze a testa com uma expressão intrigada.

– Bem, é claro que sabia.

O tremor desce-me pelos braços até às mãos e, logo a seguir, é o meu corpo inteiro que treme, como se rejeitasse algum veneno que engoli. E esse veneno é o conhecimento, o conhecimento deste sítio e dos seus ecrãs e de todas as mentiras sobre as quais baseei a minha

vida.

– Ela sabia que vocês estavam a *ver-nos* em todas as alturas... A ver quando ela *morreu* e quando o meu pai morreu e quando todos começaram a matar-se uns aos outros! E enviaram alguém para a ajudar, para me ajudar a mim? Não! Não, tudo o que vocês fizeram foi tirar notas!

– Tris...

Estende a mão para mim, mas eu afasto-a com um empurrão.

– Não me chame isso. Não devia saber esse nome. Não devia saber nada sobre nós.

A tremer, volto para o dormitório.

Lá dentro, os outros já escolheram a sua cama e arrumaram as suas coisas. Só estamos nós aqui, sem intrusos. Encosto-me à parede, junto à porta, e esfrego as palmas das mãos nas calças para limpar o suor. Ninguém parece estar a adaptar-se bem à situação. Peter está deitado a olhar para a parede. Uriah e Christina sentam-se lado a lado, conversando em voz baixa. Caleb massaja as têmporas com as pontas dos dedos. Tobias continua a andar para a frente e para trás, roendo as unhas. E Cara está sozinha, passando as mãos sobre o rosto. Pela primeira vez desde que a conheço, parece perturbada; a sua armadura de Erudita desapareceu.

Sento-me em frente a ela.

– Não pareces lá muito bem – digo.

O cabelo dela, normalmente suave e perfeitamente preso atrás, está despenteado. Cara olha para mim com uma expressão carrancuda.

– Obrigada por me lembrares.

– Desculpa. Não foi com má intenção.

– Eu sei. – Suspira. – Sou... sou uma Erudita, sabes.

Sorrio ligeiramente.

– Sim, eu sei.

– Não. – Cara abana a cabeça. – Sou apenas isso, uma Erudita. E agora dizem-me que essa identidade é o resultado de uma falha nos meus genes... e que as próprias fações não passam de uma prisão mental destinada a manter-nos sob controlo. Tal como a Evelyn Johnson e os sem-faço disseram. – Faz uma pausa. – Então, porquê

formar os Leais? Porquê dar-mo-nos ao trabalho de vir aqui?

Não tinha percebido até que ponto Cara aderira à ideia de ser uma Leal, fiel ao sistema de fações, fiel aos nossos fundadores. Para mim, tratava-se apenas de uma identidade temporária, poderosa porque podia fazer-me sair da cidade. Para ela, a ligação deve ter sido muito mais profunda.

– Continua a ser bom termos vindo até cá – digo. – Descobrimos a verdade. Isso não tem valor para ti?

– É claro que tem – responde Cara baixinho. – Mas também significa que preciso de outras palavras para me definir.

Quando a minha mãe morreu, agarrei-me à minha Divergência como se fosse uma mão que me era estendida. Precisava desta palavra para me dizer o que eu era quando tudo à minha volta se desmoronava. Agora, contudo, pergunto-me se precisamos realmente destas palavras – Intrépidos... Eruditos... Divergentes... Leais –, ou se podemos simplesmente ser amigos, ou namorados, ou irmãos, definindo-nos antes pelas escolhas que fazemos e pelo amor e a lealdade que nos ligam.

– É melhor ires ver como ele está – diz Cara, indicando Tobias com um gesto de cabeça.

– Sim – assinto.

Atravesso a sala e paro diante das janelas, olhando para o que podemos ver do complexo, que é apenas mais do mesmo: aço e vidro, pavimento, relva e vedações. Quando Tobias me vê, para de andar e coloca-se ao meu lado.

– Estás bem? – pergunto-lhe.

– Sim. – Tobias senta-se no parapeito da janela, virado para mim, e os nossos olhos ficam ao mesmo nível. – Quer dizer, não, não propriamente. Neste momento, estou a pensar em como tudo aquilo era inútil. O sistema de fações, quero dizer. – Esfrega o pescoço e pergunto-me se estará a pensar nas tatuagens que tem nas costas. – Dedicámo-nos àquilo a cem por cento – prossegue. – Todos nós. Mesmo não percebendo o que estávamos a fazer.

– É nisso que estás a pensar? – Ergo as sobrancelhas. – Tobias, eles estavam a *vigiar-nos*. Viam tudo o que acontecia, tudo o que fazíamos. Não intervinham, limitavam-se a invadir a nossa privacidade.

Constantemente.

Tobias esfrega as têmporas com as pontas dos dedos.

– Suponho que sim. Mas não é isso que está a incomodar-me.

Acho que, sem querer, o devo ter olhado com uma expressão de incredulidade, porque Tobias abana a cabeça.

– Tris, trabalhei na sala de controlo dos Intrépidos. Havia câmaras por todo o lado, ligadas continuamente. Tentei avisar-te de que havia pessoas a observar-nos durante a tua iniciação, lembras-te?

Recordo os olhares que Tobias dirigia para o teto, para os cantos. As suas críticas advertências, murmuradas entre dentes. Nunca tinha percebido que estava a tentar prevenir-me sobre a existência das câmaras – simplesmente, nunca me ocorrera.

– Costumavam incomodar-me – continua ele. – Mas ultrapassei isso há muito tempo. Sempre pensámos que estávamos por nossa conta e, afinal, é verdade: eles deixaram-nos por nossa conta. É mesmo assim que as coisas são.

– Acho que não posso aceitar isso – digo. – Se vês uma pessoa em apuros, deves ajudá-la. As experiências científicas não são para aqui chamadas. E... meu Deus, as coisas que eles viram!

Tobias olha para mim com um pequeno sorriso.

– O que foi? – pergunto.

– Estava só a pensar em *algumas* das coisas que eles viram – explica ele, pousando a mão na minha cintura.

Fito-o zangada durante uns segundos, mas não sou capaz de continuar, não com ele a sorrir-me daquela forma. Não, sabendo que está a esforçar-se por me fazer sentir melhor. Sorrio ligeiramente. Sento-me ao lado dele no parapeito da janela, com as mãos entaladas entre as pernas e a madeira. Digo:

– Sabes, o facto de ter sido a Direção a criar as fações não é muito diferente do que pensávamos que tinha acontecido: há muito tempo atrás, um grupo de pessoas decidiu que o sistema de fações era a melhor forma de vivermos, ou a forma de levar as pessoas a viver da melhor maneira possível.

Tobias a princípio não responde, mordendo o interior do lábio enquanto fita os nossos pés, posicionados lado a lado. Os meus não estão bem assentes no chão e limitam-se a roçar o pavimento.

– Na verdade, isso ajuda – afirma. – Mas há tantas coisas que eram mentira, que é difícil perceber o que era verdade, o que era real, o que realmente importa.

Pego-lhe na mão, entrelaçando os meus dedos nos seus. Ele encosta a testa à minha. Dou comigo a pensar *Graças a Deus por isto*, pela força do hábito, e então entendo o que está a preocupá-lo tanto. E se o Deus dos meus pais – tudo aquilo em que acreditavam – é apenas algo inventado por um grupo de cientistas para nos manter controlados? E não só as suas crenças em Deus e a dimensão espiritual, mas também sobre o certo e o errado, sobre o altruísmo? Será que todas estas coisas têm de mudar porque agora sabemos como o nosso mundo foi criado?

Não sei.

O pensamento perturba-me. Então, beijo-o lentamente, para que possa sentir o calor da sua boca, a pressão suave e a sua respiração enquanto se afasta.

– Porque será – pergunto – que acabamos sempre com gente à volta?

– Não sei – responde. – Se calhar é porque somos estúpidos.

Rio. E é este riso, e não uma luz qualquer, que expulsa a escuridão que se erguia dentro de mim, que me lembra que ainda estou viva, mesmo neste lugar estranho onde tudo o que conhecia está a desmoronar-se. Sei algumas coisas. Sei que não estou sozinha, que tenho amigos, que estou apaixonada. Sei de onde vim. Sei que não quero morrer e, para mim, isso é alguma coisa – mais do que poderia ter dito há algumas semanas.

Nessa noite, aproximámos as nossas camas um pouco e ficámos a olhar-nos nos olhos depois de nos deitarmos. Quando Tobias finalmente adormece, os nossos dedos estão entrelaçados no espaço entre as camas. Sorrio levemente e também me deixo cair no sono.

Capítulo dezasseis

Tobias

O sol ainda não se tinha posto por completo quando nos deitámos, mas acordo algumas horas mais tarde, à meia-noite, com a cabeça demasiado ocupada para descansar, repleta de pensamentos, perguntas e dúvidas. Tris já largou a minha mão e os seus dedos roçam agora o chão. Dorme com os braços e as pernas estendidos sobre o colchão e os cabelos cobrindo-lhe os olhos.

Enfio os pés nos sapatos e caminho pelos corredores, com os atacadores a bater nos tapetes. Estou tão acostumado ao complexo dos Intrépidos que estranho o ranger do piso de madeira debaixo dos meus pés – estou habituado aos sons dos passos a raspar e a ecoar na pedra, ao rugido e ao pulsar da água no abismo.

Uma semana antes da minha iniciação, Amar – preocupado por me sentir cada vez mais isolado e obsessivo – convidou-me para me juntar a alguns dos Intrépidos mais velhos num desafio.

No meu desafio, voltámos ao Fosso para eu fazer a minha primeira tatuagem – as chamas do Intrépidos que me cobrem as costelas. Foi extremamente doloroso. Adorei cada segundo.

Chego ao final do corredor e vejo-me num átrio, rodeado pelo cheiro de terra molhada. Por todo lado, há plantas e árvores suspensas na água, à semelhança das estufas dos Cordiais. No centro da sala vejo uma árvore num tanque de água gigante erguido acima do chão, pelo que posso ver o emaranhado de raízes por baixo, de aspeto estranhamente humano, como um feixe de nervos.

– Não estás tão atento como antes – diz Amar atrás de mim. – Venho a seguir-te desde o átrio do hotel.

– O que queres?

Bato no tanque com os nós dos dedos, provocando uma ondulação que percorre a água.

– Achei que gostarias de uma explicação sobre por que motivo não estou morto.

– Pensei nisso – replico. – Nunca nos deixaram ver o teu corpo. Forjar uma morte não é assim tão difícil se nunca se mostrar o corpo.

– Parece que percebeste tudo. – Amar bate palmas. – Bem, então vou-me embora, se não tens curiosidade nenhuma...

Cruzo os braços. Amar passa a mão sobre o cabelo negro, amarrando-o atrás com um elástico.

– Eles simularam a minha morte porque eu era Divergente e a Jeanine tinha começado a matar os Divergentes. Tentaram salvar o maior número possível antes que ela os apanhasse, mas foi complicado, sabes, porque ela estava sempre um passo à frente.

– Há outros? – pergunto.

– Alguns – responde ele.

– Algum chamado Prior?

Amar abana a cabeça.

– Não, para dizer a verdade, infelizmente a Natalie Prior morreu. Foi ela que me ajudou a sair de lá. Também ajudou aquele outro tipo... o George Wu. Conheces? Neste momento está numa patrulha, senão teria ido comigo quando fomos buscar-vos. A irmã dele ainda está na cidade.

O nome dá-me a volta ao estômago.

– Oh, meu Deus – exclamo, e encosto-me à parede do tanque.

– O quê? Conhece-lo?

Abano a cabeça.

Não conseguia imaginar aquilo. Apenas algumas horas separavam a morte de Tori da nossa chegada. Num dia normal, algumas horas podiam conter longos momentos a olhar para o relógio, fragmentos de tempo vazio. Mas ontem, bastaram algumas horas para se erguer uma barreira impenetrável entre Tori e o irmão.

– A irmã dele é a Tori – digo. – Ela tentou deixar a cidade

connosco.

– *Tentou* – repete Amar. – Ah. Uau. Isso é...

Ficamos ambos em silêncio algum tempo. George não voltará a reunir-se com a irmã e ela morreu a pensar que ele fora assassinado por Jeanine. Não há nada a dizer – pelo menos, nada que valha a pena dizer. Agora que os meus olhos se ajustaram à luz, posso ver que as plantas nesta sala foram selecionadas pela sua beleza e não pelo lado prático – flores e hera e maciços de folhas roxas ou vermelhas. As únicas flores que conhecia eram flores silvestres, ou as flores das macieiras dos pomares dos Cordiais. Estas são mais extravagantes, complexas e vibrantes, com pétalas que se dobram sobre novas pétalas. O que quer que este lugar seja, não tem necessidade de ser tão pragmático como a nossa cidade.

– Aquela mulher que encontrou o teu corpo – digo. – Ela estava apenas... a mentir?

– Não se pode realmente confiar nas pessoas para mentirem de maneira consistente. – Amar arqueia as sobrancelhas. – Nunca pensei dizer isto, mas, seja como for, é a verdade: ela foi reprogramada. A memória dela foi alterada para se lembrar de mim a saltar do Rochedo e o corpo que foi colocado lá não era realmente o meu. Mas estava demasiado desfigurado para alguém dar por isso.

– Ela foi *reprogramada*. Queres dizer, com o soro dos Abnegados?

– Chamamos-lhe soro da memória, uma vez que tecnicamente não pertence apenas aos Abnegados, mas sim, foi com esse.

A princípio, estava irritado com ele. Não sabia ao certo porquê. Talvez sentisse raiva porque o mundo se tinha tornado um lugar tão complicado e eu não sabia nada sobre ele. Ou por me ter permitido chorar por alguém que não tinha morrido realmente, da mesma forma que sofri pela morte da minha mãe durante tantos anos. Enganar alguém fazendo-o pensar que um ente querido morreu é uma das partidas mais cruéis que se pode pregar a uma pessoa e eu fui vítima dela duas vezes.

Contudo, ao olhar para ele, a minha raiva esvai-se, como a maré que recua. E, no lugar dela, está o meu amigo e instrutor de iniciação, vivo de novo. Sorrio.

– Com que então, estás vivo – afirmo.

– Mais importante do que isso – confirma Amar, apontando para mim –, tu já não estás chateado comigo.

Agarra-me o braço e puxa-me, abraçando-me e dando-me palmadinhas nas costas. Tento retribuir o seu entusiasmo, mas não é algo que me surja naturalmente – quando nos separamos, sinto o rosto quente. E, a julgar pela forma como Amar desata a rir, também devo estar vermelho como um tomate.

– Quem é Empata fica sempre Empata – observa.

– Como queiras – digo. – Então, gostas disto aqui?

Amar encolhe os ombros.

– Não tenho propriamente escolha, mas sim, gosto bastante. Trabalho na área da segurança, claro, porque isso é a única coisa que fui ensinado a fazer. Gostávamos que trabalhasses connosco, mas provavelmente és demasiado bom para isso.

– Na verdade, ainda não me decidi bem a ficar aqui – respondo. – Mas agradeço-te.

– Lá fora não há um lugar melhor – afirma ele. – Todas as outras cidades – é aí que a maioria da população do país vive, em grandes áreas metropolitanas, como a nossa cidade – são sujas e perigosas, a não ser que conheças as pessoas certas. Aqui, pelo menos, temos água potável, comida e segurança.

Apoio o meu peso sobre a outra perna, sentindo-me desconfortável. Não quero pensar em ficar aqui e fazer deste sítio o meu lar. Já me sinto refém do meu próprio desapontamento. Não era isto que imaginava quando pensava em escapar aos meus pais e às más recordações que me provocavam. No entanto, não quero perturbar a paz com Amar, agora que finalmente sinto que tenho o meu amigo de volta, pelo que me limito a dizer:

– Vou levar isso em consideração.

– Ouve, há algo mais que devias saber.

– O quê? Há mais ressurreições?

– Não é bem uma ressurreição, uma vez que nunca estive morto, pois não? – Amar abana a cabeça. – É sobre a cidade. Alguém ouviu dizer na sala de controlo que o julgamento do Marcus vai ser esta manhã.

Sabia que estava a chegar, sabia que Evelyn o guardaria para o

final, que iria saborear cada momento passado a vê-lo contorcer-se sob o efeito do soro da verdade como se fosse a sua última refeição. Só não sabia que seria capaz de vê-lo se quisesse. Pensei que estava finalmente livre deles, de todos eles, para sempre.

– Ah – é tudo o que consigo dizer.

Continuo a sentir-me confuso e entorpecido quando volto ao dormitório e me enfio de novo na cama. Não sei o que fazer.

Capítulo dezassete

Tris

Acordei um pouco antes de o sol nascer. Nas outras camas, ninguém se mexe. Tobias dorme com o braço pousado sobre os olhos, mas tem os sapatos calçados, como se se tivesse levantado e andado a deambular a meio da noite. A cabeça de Christina está enterrada debaixo da almofada. Permaneço deitada alguns minutos, tentando detetar padrões no teto e, a seguir, calço os sapatos e passo as mãos pelo cabelo para o acamar.

Não há ninguém nos corredores do complexo, excetuando-se alguns retardatários. Presumo que estejam a terminar o turno da noite, porque estão debruçados sobre ecrãs, com o queixo apoiado nas mãos, ou encostados às vassouras, esquecidos de varrer. Coloco as mãos nos bolsos e sigo as indicações para a entrada. Quero observar melhor a escultura que vi ontem.

Quem construiu este lugar devia adorar a luz. Há vidro na curva do teto de todos os corredores e ao longo de cada parede inferior. Mesmo agora, que mal amanheceu, há bastante luz para vermos bem.

Procuro no bolso de trás o cartão que Zoe me deu ontem ao jantar e passo o posto de controlo exibindo-o. Então, vejo a escultura, a poucas centenas de metros das portas por onde entramos, sombria, enorme e misteriosa, como uma entidade viva.

É um enorme bloco de pedra escura, quadrado e rugoso, como as rochas que havia no fundo do abismo. É atravessado por uma grande fenda e há afloramentos de rocha mais clara junto à extremidade.

Suspensão acima do bloco há um tanque de vidro com as mesmas dimensões, cheio de água. Uma luz colocada acima do centro do tanque brilha através da água, sendo refratada pela ondulação. Ouço um leve ruído, uma gota de água que bate na pedra. Vem de um pequeno tubo que atravessa o centro do tanque. A princípio penso que o tanque está apenas a perder água, mas cai outra gota e, depois, uma terceira, uma quarta, separadas por um intervalo de tempo idêntico. Juntam-se algumas gotas que, a seguir, desaparecem por um estreito canal na pedra. O efeito deve ser intencional.

– Olá – diz Zoe, de pé do lado de lá da escultura. – Desculpa, estava a preparar-me para te ir buscar ao dormitório, mas depois vi-te avançar nesta direção e pensei que estarias perdida.

– Não, não estou perdida – digo. – Queria vir até aqui.

– Ah. – Zoe coloca-se ao meu lado e cruza os braços. É mais ou menos da minha altura, mas, como tem uma postura mais direita, parece mais alta. – Sim, é um bocado estranha, não é?

Enquanto fala, observo as sardas sobre as suas faces, dispersas como a luz do sol que penetra folhagem densa.

– Significa alguma coisa?

– É o símbolo da Direção de Bem-Estar Genético – responde. – O bloco de pedra representa o problema com que nos debatemos. O tanque de água é o nosso potencial para mudarmos essa situação. E a gota de água representa o que conseguimos realmente fazer, em qualquer altura.

Não consigo evitar rir.

– Não é muito encorajador, pois não?

Ela sorri.

– É uma forma de ver as coisas. Eu prefiro vê-las de outra perspetiva, que é a seguinte: se formos suficientemente persistentes, mesmo as gotas de água mais minúsculas podem mudar a pedra para sempre. E a pedra nunca voltará ao seu estado antigo – explica, apontando para o centro do bloco, onde há uma pequena depressão, semelhante a uma taça cavada na rocha. – Aquilo, por exemplo, não estava lá quando a escultura foi instalada.

Aceno com a cabeça e observo a queda da gota seguinte. Mesmo sentindo-me hesitante em relação à Direção e a todas as pessoas que

fazem parte dela, consigo sentir em mim o efeito da esperança tranquila que emana da escultura. É um símbolo prático que comunica a atitude paciente que permitiu a estas pessoas ficarem aqui tanto tempo, observando e esperando. Mas não posso deixar de lhe fazer uma pergunta.

– Não seria mais eficaz esvaziar o tanque inteiro de uma vez?

Imagino a vaga de água a colidir contra a rocha e a derramar-se sobre o piso de tijoleira, acumulando-se à volta dos meus sapatos. Fazer um pouco de cada vez pode acabar por corrigir alguma coisa, mas acho que, quando acreditamos que algo é realmente um problema, nos devemos atirar a ele com tudo o que temos, porque simplesmente não podemos evitar.

– Momentaneamente, sim – responde Zoe. – Mas, depois, não restaria água nenhuma para fazermos o que quer que fosse e os danos no património genético não são o tipo de problema que possa ser resolvido com uma única grande investida.

– Compreendo isso. Só estava a pensar se será bom resignarmo-nos tanto a dar passinhos pequenos, quando podemos empreender grandes medidas.

– Como por exemplo...?

Encolho os ombros.

– Na verdade, não sei bem. Mas vale a pena pensar nisso.

– OK.

– Então... disseste que andavas à minha procura? Porquê?

– Ah! – Zoe leva a mão à testa. – Passou-me por completo. O David pediu-me para te vir buscar e te levar aos laboratórios. Há lá uma coisa que pertenceu à tua mãe.

– À minha mãe? – pergunto, com uma voz aguda e estrangulada.

Zoe conduz-me para longe da escultura, em direção ao posto de controlo outra vez.

– Tenho de te avisar: é possível que as pessoas se ponham a olhar para ti – diz Zoe enquanto passamos pelo *scanner*. Agora circulam mais pessoas no corredor à nossa frente, talvez por estarem a começar novos turnos. – A tua cara é conhecida aqui. As pessoas da Direção assistem ao que se passa nos ecrãs com frequência e, nos últimos meses, estiveste envolvida em muitas coisas interessantes. Muitas das

peessoas mais novas consideram-te uma verdadeira heroína.

– Oh, meu Deus – exclamo, com um sabor amargo na boca. – Era mesmo no heroísmo que estava a pensar. Não em evitar morrer, estás a ver.

Zoe detém-se.

– Desculpa. Não quis diminuir aquilo por que passaste.

Ainda me sinto desconfortável com a ideia de que toda a gente tem estado a observar-nos, como se precisasse de me tapar ou de me esconder onde já mais ninguém consiga ver-me. Mas não há muito que Zoe possa fazer acerca disso e, por isso, não digo nada. A maioria das pessoas que percorre os corredores usa variações do mesmo uniforme – que parece existir em tons de azul-escuro ou verde monótono – e alguns têm os casacos, os macacões, ou as camisolas desabotoadas, revelando t-shirts de uma grande variedade de cores, algumas com fotos estampadas.

– As cores dos uniformes significam alguma coisa? – pergunto a Zoe.

– Sim, na verdade sim. O azul-escuro é para os cientistas ou investigadores, o verde para o pessoal da assistência, que se encarrega da manutenção, limpeza e tarefas assim.

– Então, não são como os sem-faço.

– Não – responde Zoe. – A dinâmica aqui é diferente. Toda a gente faz o que pode para apoiar a nossa missão. Somos todos importantes, somos todos valorizados.

Zoe tinha razão: as pessoas não param de olhar para mim. A maioria limita-se a observar-me durante um tempo algo excessivo, mas alguns apontam e outros chegam mesmo a dizer o meu nome, como se lhes pertencesse. Sinto-me constrangida, como se não pudesse mexer-me livremente.

– Muito do pessoal da assistência habitava na experiência de Indianápolis. É outra cidade, não longe daqui – diz Zoe. – Mas, para eles, esta transição foi um pouco mais fácil do que será para ti, pois em Indianápolis não havia a vertente comportamental da tua cidade. –

Faz uma pausa. – Estou a referir-me às fações. Ao fim de algumas gerações, quando as outras cidades se destruíram a si próprias e a tua não, a Direção implementou as componentes das fações nas cidades

mais recentes – Saint Louis, Detroit e Mineápolis –, servindo-se da experiência de Indianápolis, relativamente nova, como grupo de controlo. A Direção situou sempre as experiências na zona do Midwest, porque aqui as áreas urbanas estão separadas por distâncias maiores. No leste, tudo está mais próximo.

– Portanto, em Indianápolis vocês... corrigiram os genes deles e depois enfiaram-nos numa cidade, algures por aí? Sem fações?

– Eles tinham um complexo sistema de regras, mas... Sim, essencialmente, foi isso que aconteceu.

– E não funcionou bem?

– Não. – Zoe contrai os lábios. – Os indivíduos geneticamente danificados que se encontram condicionados pelo sofrimento e não são ensinados a viver de forma diferente, como as fações vos ensinaram a vocês, são extremamente destrutivos. A experiência de Indianápolis fracassou rapidamente – no espaço de três gerações. Chicago – a tua cidade – e as outras cidades que possuem fações duram há muito mais tempo.

Chicago. É estranhíssimo dar um nome ao lugar que, para mim, sempre foi apenas «casa». Torna a cidade mais pequena na minha cabeça.

– Então, vocês fazem isto há muito tempo – digo.

– Há algum tempo, sim. A Direção é diferente da maioria das agências governamentais, em virtude da natureza extremamente específica do nosso trabalho e da nossa localização isolada e relativamente remota. Transmitimos os nossos conhecimentos e objetivos aos nossos filhos, em vez de confiarmos em contratações ou nomeações de pessoal. Toda a minha vida fui treinada para fazer o que faço agora.

Pelas numerosas janelas, vejo um veículo estranho – tem a forma de uma ave, com um nariz aguçado e duas estruturas semelhantes a asas, mas também tem rodas, como um carro.

– Aquilo destina-se às viagens aéreas? – pergunto, apontando o aparelho.

– Sim. – Zoe sorri. – É um avião. Talvez possamos levar-te num, um dia destes, se não te parecer demasiada *intrepidez*.

Não reajo ao jogo de palavras. Não consigo esquecer como ela me

reconheceu à primeira vista.

David encontra-se junto de uma das portas mais à frente. Acena com a mão quando nos vê.

– Olá, Tris – diz ele. Obrigado por me trazeres, Zoe.

– De nada, senhor – responde ela. – Vou deixá-los, então. Estou cheia de trabalho.

Sorri-me e depois vai-se embora. Não quero que ela nos deixe – agora que Zoe se foi, estou a sós com David e com a memória de como gritei com ele ontem. David não menciona o assunto, limitando-se a passar o seu cartão pelo sensor da porta, para a abrir.

A sala para que a porta se abre é um gabinete sem janelas. Um jovem, talvez da idade de Tobias, está sentado a uma mesa; do lado de lá da sala, há outra secretária vazia. O jovem olha para cima quando entramos, digita algo no computador e põe-se de pé.

– Olá, senhor – diz. – Posso ajudá-lo?

– Matthew, onde está o teu supervisor? – pergunta David.

– Foi buscar comida à cafetaria – responde Matthew.

– Bom, então talvez tu possas ajudar-nos. Preciso do ficheiro da Natalie Wright num ecrã portátil. Podes carregá-lo?

Wright?, penso. Era esse o verdadeiro apelido da minha mãe?

– É claro.

Matthew senta-se de novo. Digita algo no computador e surgem vários documentos que não consigo ver claramente, por não me encontrar suficientemente perto.

– OK, agora só falta transferir – diz. – Deves ser a filha da Natalie, a Beatrice. – Apoia o queixo na mão e observa-me com um olhar crítico. Os seus olhos são tão escuros que parecem pretos e curvam-se um pouco nos cantos. Não parece surpreendido nem impressionado por me ver. – Não te pareces lá muito com ela.

– Sou a Tris – digo automaticamente, embora ache reconfortante que ele não conheça o meu diminutivo, o que deve querer dizer que não passa o tempo a olhar para os ecrãs como se as nossas vidas na cidade fossem um programa de entretenimento. – Obrigada pela informação, eu sei.

David puxa uma cadeira, que chia sobre os ladrilhos ao ser arrastada, e bate no assento com a mão.

– Senta-te. Vou disponibilizar-te um ecrã com todos os ficheiros da Natalie, para que tu e o teu irmão possam lê-los, mas, enquanto carregam, sempre posso ir adiantando a história.

Sento-me na ponta da cadeira e David senta-se na secretária do supervisor de Matthew, fazendo girar uma chávena de café meio vazia sobre o tampo de metal.

– Deixa-me começar por dizer que a tua mãe foi um achado fantástico. Localizámo-la quase por acidente no mundo dos danificados e os seus genes eram quase perfeitos. – Os olhos de David brilham. – Tirámo-la de uma má situação e trouxemo-la para aqui. Ela passou vários anos cá, mas depois verificou-se uma crise na cidade e ela ofereceu-se para ser colocada lá dentro para a resolver. Mas tenho a certeza de que já conheces esta história.

Por alguns segundos, tudo o que posso fazer é olhá-lo piscando os olhos. A minha mãe veio de fora deste lugar? De onde? Lembro-me de novo que ela caminhava por estes corredores e observava a vida da cidade nos ecrãs da sala de controlo. Ter-se-ia ela sentado nesta mesma cadeira? Teriam os seus pés pisado estes ladrilhos? De repente, sinto que há marcas invisíveis da minha mãe em todos os sítios, em cada parede, maçaneta e pilar.

Aperto a borda do assento com a mão e tento organizar os meus pensamentos para fazer uma pergunta.

– Não, não conheço – digo. – Que crise?

– O representante dos Eruditos tinha começado a matar os Divergentes, é claro – responde ele. – O nome dele era Nor... Norman?

– Norton – corrige Matthew. – O predecessor da Jeanine. Parece que ele lhe passou a ideia de eliminar os Divergentes, mesmo antes de ter o ataque de coração.

– Obrigado – diz David. – Mas, continuando, enviámos a Natalie para investigar a situação e pôr um fim às mortes. Nunca imaginámos que ela ficasse lá tanto tempo, é claro, mas foi-nos muito útil. Nunca nos tinha ocorrido ter um infiltrado na cidade e ela conseguiu levar a bom termo missões importantes para nós. Bem como construir uma vida que, obviamente, te incluía.

Franzo a testa.

– Mas os Divergentes continuavam a ser mortos quando eu fiz a

minha iniciação.

– Só tomaste conhecimento dos que morreram – replica David. – Não dos que se salvaram. Alguns deles estão aqui, neste complexo. Penso que já conheceste o Amar. É um deles. Alguns dos Divergentes resgatados precisavam de se distanciar da vossa experiência, pois era demasiado difícil para eles verem as pessoas que tinham conhecido e amado continuar com as suas vidas. Por isso, treinámo-los para integrarem a vida fora da Direção. Mas a verdade é que a tua mãe levou a cabo um trabalho importante.

E também contou umas quantas mentiras e muito poucas verdades. Pergunto a mim mesma se o meu pai sabia quem ela era, de onde vinha realmente. No fim de contas, ele era um líder dos Abnegados e, nessa qualidade, um dos guardiães da verdade. Subitamente, ocorre-me um pensamento terrível: e se ela só se casou com ele por obrigação, como parte da sua missão na cidade? E se todo o relacionamento deles não passou de uma fraude?

– Então, ela não nasceu nos Intrépidos – observo, enquanto passo em análise tudo o que devia ser mentira.

– Quando a tua mãe foi para a cidade pela primeira vez, foi como Intrépida, porque já tinha tatuagens e isso seria muito difícil de explicar aos nativos. Tinha dezasseis anos, mas dissemos que tinha quinze, para que tivesse algum tempo para se adaptar. A nossa intenção em relação a ela era que... – David ergue um ombro. – Bem, devias ler o ficheiro. Não consigo fazer jus a uma jovem de dezasseis anos a esta distância no tempo.

Como se aproveitasse uma deixa, Matthew abre uma gaveta e retira um pequeno dispositivo plano de vidro. Dá-lhe uma pancadinha com o dedo e no ecrã surge uma imagem. É um dos documentos que acabara de abrir no seu computador. Matthew passa-me o *tablet*. É mais resistente do que estava à espera – é duro e forte.

– Não te preocupes, é praticamente indestrutível – afirma David. – Tenho a certeza de que gostavas de voltar para junto dos teus amigos. Matthew, és capaz de acompanhar a menina Prior de volta ao hotel? Tenho alguns assuntos para tratar.

– E eu não? – diz Matthew. A seguir, pisca o olho. – Estava a brincar, senhor. Eu levo-a lá.

- Obrigado – digo a David, antes de este sair da sala.
- De nada. Avisa-me se tiveres mais alguma questão.
- Estás pronta? – pergunta-me Matthew.

É alto, talvez da mesma altura que Caleb, e o seu cabelo preto está artisticamente despenteado na frente, como se passasse muito tempo a tentar fazer parecer que acabou de sair da cama com aquele aspeto. Debaixo do uniforme azul-escuro, usa uma t-shirt completamente negra e um fio também negro em torno da garganta. O fio move-se sobre a sua maçã de Adão quando engole.

Saio com ele do pequeno escritório e sigo de novo pelo corredor. A multidão que aqui estava diminuiu. Devem ter começado a trabalhar ou foram tomar o pequeno-almoço. Há vidas inteiras que são vividas dentro deste lugar: dormir, comer e trabalhar, ter filhos, cuidar das famílias e morrer. É o lugar a que a minha mãe, em tempos, chamou *casa*.

– Pergunto-me quando é que vais passar-te da cabeça – diz Matthew. – Quer dizer, depois de descobrires isto tudo assim, de uma vez.

– Não vou passar-me da cabeça – respondo, na defensiva.

Já me passei, penso, mas não quero admiti-lo.

Matthew encolhe os ombros.

– Eu passava-me. Mas tudo bem.

Vejo um letreiro que diz «Entrada do hotel – em frente». Aperto o *tablet* contra o peito, ansiosa por voltar para o dormitório e contar a Tobias sobre a minha mãe.

– Ouve, uma das coisas que o meu supervisor e eu fazemos são testes genéticos – diz Matthew. – Será que tu e aquele outro tipo, o filho do Marcus Eaton, se importavam de ir ter connosco para podermos testar os vossos genes?

– Porquê?

– Por curiosidade. – Encolhe os ombros. – Nunca testámos os genes de alguém de uma geração tão tardia da experiência e tu e o Tobias parecem ser, de certa forma... *invulgares* na vossa manifestação de certos elementos.

Arqueio as sobrancelhas.

– Tu, por exemplo, exibiste uma extraordinária resistência aos

soros. A maior parte dos Divergentes não é capaz de lhes resistir como tu. E o Tobias é capaz de desafiar as simulações, mas não exhibe algumas das características que geralmente esperamos nos Divergentes. Posso explicar-te tudo em pormenor mais tarde.

Hesito, sem saber bem se quero conhecer os meus genes, ou os genes de Tobias, ou compará-los, como se isso importasse. No entanto, a expressão no rosto de Matthew é de uma avidez quase infantil e a curiosidade é algo que compreendo bem.

– Vou perguntar-lhe se ele estaria disposto – respondo. – Mas eu estou. Quando?

– Esta manhã dá-te jeito? Posso ir buscar-te daqui a uma hora ou algo do género. De qualquer maneira, não podes entrar nos laboratórios sem mim.

Concordo com um aceno de cabeça. De repente, sinto-me excitada com a possibilidade de saber mais sobre os meus genes, o que me dá a mesma sensação que ler o diário da minha mãe: talvez consiga recuperar alguns fragmentos seus.

Capítulo dezoito

Tobias

É estranho ver logo pela manhã pessoas que não conhecemos bem, com os olhos sonolentos e as faces marcadas por vincos do contacto com o travesseiro; saber que Christina está bem-disposta de manhã e que Peter acorda com o cabelo perfeitamente liso, mas que Cara comunica apenas através de uma série de grunhidos, avançando devagar, com grande esforço dos membros, em direção ao café.

A primeira coisa que faço é tomar um duche e mudar de roupa, vestindo as que nos forneceram, que não são muito diferentes das roupas a que estou habituado, excetuando-se o facto de, aqui, todas as cores estarem misturadas como se não significassem nada para as pessoas – e provavelmente não significam. Visto uma camisa preta e calças de ganga azuis e tento convencer-me de que é normal, de que me sinto normal, de que estou a adaptar-me.

O julgamento do meu pai é hoje. Ainda não decidi se vou vê-lo ou não.

Quando regresso, Tris já está completamente vestida, empoleirada na ponta de uma das camas, como se estivesse pronta para se pôr de pé de um salto a qualquer instante. Tal como Evelyn.

Tiro um queque do tabuleiro com o pequeno-almoço que alguém nos trouxe e sento-me diante dela.

– Bom dia. Levantaste-te cedo.

– Sim – responde ela, avançando o pé de forma a enfiá-lo entre os meus. – A Zoe foi ter comigo junto daquela grande escultura, esta

manhã. O David tinha uma coisa para me mostrar. – Pega no ecrã de vidro pousado na cama ao seu lado. O ecrã brilha quando ela lhe toca, mostrando um documento.

– É o dossiê da minha mãe. Ela escreveu um diário; pelo aspeto, parece pequeno, mas mesmo assim... – Remexe-se sobre a cama como se estivesse desconfortável. – Ainda não olhei bem para ele.

– Mas porque não estás a lê-lo?

– Não sei. – Tris pousa o aparelho e o ecrã desliga-se automaticamente. – Acho que tenho medo.

Os filhos dos Abnegados raramente conhecem os pais de forma significativa, porque os pais Abnegados nunca se revelam do mesmo modo que os outros pais quando os filhos atingem uma certa idade. Permanecem envoltos numa armadura de tecido cinzento e atos altruístas, convencidos de que partilhar é serem indulgentes consigo próprios. Este não é apenas um pedaço recuperado da mãe de Tris – é um dos primeiros e últimos vislumbres honestos que Tris alguma vez terá sobre quem era Natalie Prior.

Por isso, compreendo porque segura ela o aparelho como se fosse um objeto mágico, algo que poderá desaparecer a qualquer momento. E porque prefere deixar a informação por descobrir por mais algum tempo, que é o mesmo que eu sinto em relação ao julgamento do meu pai. Pode vir a revelar-lhe algo que não quer saber.

Sigo o olhar dela até ao outro lado da sala, onde Caleb está sentado, mastigando uns cereais com ar taciturno, como uma criança birrenta.

– Vais mostrar-lhe isso? – pergunto.

Tris não responde.

– Por norma, não seria partidário de lhe dar fosse o que fosse – continuo. – Mas, neste caso... isto não te pertence realmente só a ti.

– Tenho consciência disso – diz ela, num tom um pouco abrupto. – É claro que vou mostrar-lhe. Mas acho que prefiro ver isto sozinha, primeiro.

Não posso contra-argumentar. Passei a maior parte da minha vida a manter a informação privada, dando-lhe voltas e mais voltas na minha cabeça. Para mim, o impulso de partilhar qualquer coisa é algo de novo; o impulso de a esconder é tão natural como respirar.

Tris suspira e, depois, arranca um pedaço do queque que seguro na mão. Dou-lhe uma palmadinha nos dedos enquanto se afasta.

– Ei! Mesmo ali à direita há mais bolos.

– Então, não devias estar tão preocupado por tirar um bocado do teu – retruca, sorrindo.

– OK.

Ela puxa-me na sua direção agarrando-me pela frente da camisa e beija-me. Enfio a mão sob o queixo dela e seguro-lhe o rosto enquanto lhe devolvo o beijo. Então, dou conta de que está a roubar-me outro bocado do queque e afasto-me, olhando-a com um ar zangado.

– A sério – exclamo. – Vou buscar-te um. Só demora um segundo.

Tris sorri.

– Ouve, há algo que queria perguntar-te. Estás disposto a fazer uns pequenos testes genéticos esta manhã?

A expressão «pequenos testes genéticos» parece-me um oxímoro.

– Porquê? – pergunto.

Pedir-me para deixar ver os meus genes é como pedir-me para tirar a roupa.

– Bem, conheci um tipo – chama-se Matthew – que trabalha nos laboratórios de cá e diz que eles teriam interesse em analisar o nosso material genético para fins de pesquisa – diz Tris. – E falou especificamente em ti, pois és uma espécie de anomalia.

– Anomalia?

– Aparentemente, exibes algumas características Divergentes, mas não outras. Não sei. Ele tem curiosidade pelo assunto, é só. Não és obrigado a fazê-lo.

O ar ao redor da minha cabeça parece mais quente e pesado. Para aliviar o meu desconforto, toco na parte de trás do pescoço, coçando o início do couro cabeludo. Em algum momento durante a próxima hora, aproximadamente, Marcus e Evelyn surgirão nos ecrãs. De repente, sei que não sou capaz de assistir. Assim, mesmo que, *na verdade*, não me apeteça deixar um estranho examinar as peças do puzzle que compõem a minha existência, digo:

– É claro. Eu topo.

– Ótimo – responde Tris, engolindo outro pedaço roubado ao meu queque. Uma madeixa de cabelo cai-lhe sobre os olhos e afasto-a antes

mesmo que ela note. Ela cobre a minha mão com a dela, que é quente e forte, e os cantos da sua boca arqueiam-se num sorriso. A porta abre-se, deixando entrar um homem jovem, com cabelo preto e olhos oblíquos e angulosos. Reconheço-o imediatamente como George Wu, o irmão mais novo de Tori. Georgie – era assim que ela lhe chamava.

George exibe um sorriso alegre e sinto vontade de recuar, de aumentar o espaço entre mim e o seu sofrimento iminente.

– Acabei de voltar – diz ele, ofegante. – Disseram-me que a minha irmã partiu da cidade convosco e...

Tris e eu trocamos um olhar perturbado. À nossa volta, os outros apercebem-se da presença de George junto à porta e o silêncio cai, o mesmo tipo de silêncio a que se assiste num funeral dos Abnegados. Mesmo Peter, que eu esperaria ver ansiar pela dor dos outros, parece confuso, deslocando as mãos da cintura para os bolsos e vice-versa.

– E... – começa George de novo. – Porque estão todos a olhar para mim assim?

Cara avança, prestes a dar-lhe a má notícia, mas não consigo imaginá-la a fazer algo assim adequadamente, por isso, levanto-me e interrompo-a.

– A tua irmã partiu connosco, é verdade – digo. – Mas fomos atacados pelos sem-fação e ela... ela não se salvou.

Há tanta coisa que a frase não diz – como tudo foi rápido, o som do seu corpo a cair no chão, o caos de toda a gente a correr no escuro, tropeçando sobre a erva. Não voltei atrás para a ir buscar. Devia ter voltado. De todas as pessoas do nosso grupo, era Tori quem eu conhecia melhor; sabia como as suas mãos seguravam firmemente a agulha das tatuagens e como o seu riso soava áspero, como se tivesse sido polido a lixa.

George apoia a mão na parede atrás dele para se segurar.

– O quê?

– Ela deu a vida para nos defender – diz Tris com uma compaixão surpreendente. – Sem ela, nenhum de nós teria saído de lá.

– Ela... está morta? – insiste George numa voz débil. Encosta o corpo inteiro à parede e os ombros descaem-lhe.

Vejo Amar no corredor, com um pedaço de pão torrado na mão e um sorriso no rosto que se extingue rapidamente. Pousa a torrada

numa mesa junto à porta.

– Andei à tua procura, para te dizer – diz Amar.

Na noite anterior, Amar dissera o nome de George tão casualmente que não pensei que os dois realmente se conhecessem. Aparentemente, conhecem. Os olhos de George adquirem um aspeto vidrado e Amar puxa-o para si, envolvendo-o com um só braço. Os dedos de George estão dobrados em ângulos tensos ao agarem a camisa de Amar e os nós ficam brancos da pressão.

Não o ouço chorar, e talvez não esteja a chorar; talvez apenas precise de se agarrar a alguma coisa. Tenho apenas memórias nebulosas do meu próprio desgosto por causa da minha mãe, quando pensei que ela estava morta – a sensação de que estava separado de tudo à minha volta e aquela impressão constante de precisar de engolir algo. Não sei como é para as outras pessoas.

Ao fim de algum tempo, Amar leva George para fora da sala e vejo-os percorrer o corredor lado a lado, conversando em voz baixa.

Mal me lembro que aceitei participar num teste genético até alguém aparecer na porta do dormitório – um rapaz, ou talvez não seja correto chamar-lhe rapaz, já que parece ter mais ou menos a minha idade. Acena a Tris.

– Oh, é o Matthew – diz ela. – Acho que temos de ir indo.

Tris pega na minha mão e conduz-me em direção à porta. Não sei como, mas não me lembro de ela me ter que Matthew não era propriamente nenhum cientista velho e maldisposto.

Não sejas estúpido, penso para comigo.

Matthew estende-me a mão.

– Olá. Muito gosto em conhecer-te. Sou o Matthew.

– Sou o Tobias – respondo, uma vez que «Quatro» soaria estranho aqui, onde as pessoas nunca se identificariam pela quantidade de medos que têm. – Igualmente.

– Então, vamos para os laboratórios – diz ele. – São por aqui.

Esta manhã, o complexo fervilha de gente, todos vestidos com uniformes verdes ou azuis-escuros, que, ou param vários centímetros acima dos sapatos, ou se acumulam em torno dos tornozelos, dependendo da altura da pessoa. O complexo abunda em áreas abertas

que se ramificam nos principais corredores, como ventrículos de um coração, cada um assinalado com um número e uma letra, e as pessoas parecem mover-se entre eles, alguns segurando nas mãos dispositivos de vidro como o que Tris trouxe consigo esta manhã, outros de mãos vazias.

– Para que são todos estes números? – pergunta Tris. – Apenas uma forma de assinalar cada área?

– Costumavam ser portas de embarque – explica Matthew. – O que significa que cada uma tem uma porta e um corredor que conduzia a um avião específico, que ia para um destino específico. Quando o aeroporto foi transformado no complexo, arrancaram todas as cadeiras onde as pessoas costumavam esperar os seus voos e substituíram-nas por equipamentos de laboratório, na sua maioria retirados de escolas da cidade. Esta área do complexo é, basicamente, um laboratório gigante.

– Em que estão eles a trabalhar? Pensei que se limitavam a observar as experiências – digo, vendo uma mulher correr de um lado para o outro do corredor, com um ecrã equilibrado sobre as palmas das mãos, como se se tratasse de uma oferenda.

Raios de luz projetam-se sobre os ladrilhos brilhantes, penetrando obliquamente pelos vidros do teto. Olhando pelas janelas, tudo parece tranquilo, com cada pedacinho de relva aparado e as árvores silvestres balançando à distância, e é difícil imaginar que, lá fora, as pessoas estão a destruir-se umas às outras por causa de «genes danificados», ou a viver sob as regras rígidas de Evelyn na cidade que abandonámos.

– Alguns deles ocupam-se disso. Tudo o que detetam nas experiências ainda em vigor tem de ser registado e analisado, o que requer muita mão de obra. Mas alguns deles também estão a trabalhar em melhores formas de tratar os danos genéticos, ou a desenvolver soros para serem usados por nós, em vez de se destinarem às experiências. São dezenas de projetos. Basta ter uma ideia, reunir uma equipa para trabalhar nela e propô-la ao conselho que dirige o complexo sob as ordens de David. Em geral, aprovam tudo, desde que não seja muito arriscado.

– Sim. Não seria bom corrermos riscos – observa Tris, revirando os olhos ligeiramente.

– Há uma boa razão para todos estes empreendimentos – diz Matthew. – Antes de as fações serem introduzidas, juntamente com os soros, as experiências sofriam ataques internos constantes. Os soros ajudaram os responsáveis pelas experiências a manter as coisas sob controlo, especialmente o soro da memória. Bem, acho que ninguém está a trabalhar nele agora – é no Laboratório das Armas que o fazemos.

«Laboratório das Armas.» Matthew pronuncia as palavras como se fossem frágeis na sua boca. É um nome sagrado.

– Então, foi a Direção que nos deu os soros no início? – questiona Tris.

– Sim – responde Matthew. – E depois os Eruditos continuaram a trabalhar neles, para aperfeiçoá-los. Incluindo o teu irmão. Para dizer a verdade, alcançámos alguns dos nossos avanços, ao nível dos soros, com base no trabalho deles, observando-os na sala de controlo. Só não fizeram muito com o soro da memória – o soro dos Abnegados. Nós fomos muito mais longe, já que é a nossa maior arma.

– Uma arma – repete Tris.

– Bem, para começar, arma as cidades contra as suas próprias rebeliões: se apagarmos a memória das pessoas, não há necessidade de as matar, porque elas simplesmente esquecem-se daquilo por que estavam a lutar. E também podemos usá-lo contra os rebeldes dos arrabaldes, uma zona que fica a cerca de uma hora daqui. Por vezes, os habitantes dos arrabaldes tentam invadir-nos e o soro da memória detém-nos sem haver necessidade de os matar.

– Isso é... – começo eu a dizer.

– Ainda é um bocado horrível? – completa Matthew. – Sim, é. Mas o topo da nossa hierarquia vê-o como o nosso suporte de vida, o nosso balão de oxigénio. Chegámos.

Ergo as sobrançelas. Matthew acabou de falar contra os seus próprios líderes tão casualmente que quase nem dava por isso. Pergunto a mim mesmo se este lugar é mesmo assim, um sítio onde a dissidência pode ser expressa em público, no meio de uma conversa normal, em vez de sussurrada em locais secretos.

Matthew passa o seu cartão numa pesada porta à nossa esquerda e entramos para outro corredor, este estreito e iluminado por uma luz

pálida e fluorescente. Matthew detém-se diante de uma porta onde se lê «sala de terapia genética 1». No interior, uma rapariga de pele morena clara, vestida com um macacão verde, substitui o papel que cobre a mesa de exames.

– Esta é a Juanita, a técnica de laboratório. Juanita, este é...

– Sim, eu sei quem eles são – diz a rapariga, sorrindo.

Pelo canto do olho, vejo Tris ficar tensa, irritada com a recordação de que as nossas vidas têm sido devassadas pelas câmaras. Mas não diz nada.

A rapariga estende-me a mão.

– O supervisor do Matthew é a única pessoa que me chama Juanita. Para além do Matthew, aparentemente. Sou a Nita. – Depois pergunta a Matthew – Vais precisar que prepare dois testes?

Este acena afirmativamente com a cabeça.

– Vou buscá-los – responde a rapariga.

Abre um conjunto de armários do outro lado da sala e começa a tirar vários objetos para fora. Todos estão envoltos em plástico e papel e têm rótulos brancos. A sala enche-se dos sons de plástico amarrutado e papel rasgado.

– Estão a gostar disto aqui até agora? – pergunta-nos Nita.

– Ainda estamos a adaptar-nos – respondo.

– Sim, eu sei o que queres dizer. – Nita sorri-me. – Vim de uma das outras experiências, a de Indianápolis, a que falhou. Oh, vocês não sabem onde fica Indianápolis, certo? Não é muito longe daqui. A menos de uma hora de avião. – Faz uma pausa. – Isso também não deve significar nada para vocês. Sabem que mais? Não é importante.

Nita retira uma seringa e uma agulha da sua embalagem de papel e plástico e Tris fica tensa.

– O que é isso? – pergunta Tris.

– É o que nos permitirá analisar os teus genes – explica Matthew. – Estás bem?

– Sim – diz Tris, embora continue tensa. – Eu só... Não gosto de ser injetada com substâncias estranhas.

Matthew acena com a cabeça.

– Juro que só vamos ler os teus genes. Isso é tudo o que esta substância faz. A Nita pode confirmar-te isso.

Nita assente.

– OK – diz Tris. Mas... Posso ser eu a fazer isso?

– Claro – anui Nita.

A seguir, prepara a seringa, enchendo-a com o líquido com que pretendem injetar-nos, e estende-a a Tris.

– Vou dar-te a explicação simplificada sobre o seu funcionamento – diz Matthew, enquanto Nita passa um desinfetante no braço de Tris.

O cheiro é desagradável e irrita-me as narinas.

– Este líquido está repleto de microcomputadores que são projetados para detetar marcadores genéticos específicos e transmitir os dados a um computador. Demorarão cerca de uma hora para me dar toda a informação de que preciso, embora fosse necessário muito mais tempo para analisarem todo o vosso material genético, como é óbvio.

Tris insere a agulha no braço e pressiona o êmbolo. Nita indica-me que estenda o braço e passa-me gaze embebida num líquido alaranjado sobre a pele. O líquido na seringa é cinzento prateado, como escamas de peixe, e, à medida que flui para dentro do meu corpo através da agulha, imagino a tecnologia microscópica desbravando caminho pelo meu corpo, a ler-me e a analisar-me. A meu lado, Tris segura uma bola de algodão contra a picada na pele e exhibe um pequeno sorriso.

– Esses tais... microcomputadores? – Matthew acena confirmando a palavra, e continuo. – O que procuram eles, exatamente?

– Bem, quando os nossos predecessores na Direção introduziram «genes corrigidos» nos vossos antepassados, estes incluíam também um mecanismo de rastreio genético, que é basicamente algo que nos mostra se uma pessoa alcançou a cura genética. Neste caso, o rastreador genético consiste na existência de consciência durante as simulações. É algo que podemos facilmente testar, que nos mostra se os genes de dado indivíduo estão curados ou não. Esta é uma das razões pelas quais todos os habitantes da cidade têm de fazer o teste de aptidão aos dezasseis anos – se estiverem conscientes durante o teste, isso mostra-nos que os seus genes poderão estar reparados.

Acrescento o teste de aptidão a uma lista mental de coisas que antes eram tão importantes para mim e que, agora, tive de pôr de lado

porque não passavam de um ardil destas pessoas para obterem a informação ou o resultado que queriam.

Não posso acreditar que a consciência durante as simulações, algo que me fez sentir poderoso e único, algo que fez Jeanine e os Eruditos matarem gente, não passa, na verdade, de um sinal de cura genética para esta gente. Como uma palavra de código especial, dizendo-lhes que pertencem à sua sociedade geneticamente restabelecida.

Matthew continua:

– O único problema com o mecanismo de rastreio genético é que estar consciente durante as simulações e resistir aos soros não significa necessariamente que uma pessoa seja Divergente; é apenas uma correlação forte. Por vezes, as pessoas conseguem estar conscientes durante as simulações ou são capazes de resistir aos soros mesmo possuindo ainda genes danificados. – Matthew encolhe os ombros. – É por isso que estou interessado nos teus genes, Tobias. Estou curioso para ver se és realmente Divergente ou se o facto de estares consciente durante as simulações apenas faz com que pareças ser.

Nita, que está a limpar o balcão, franze os lábios como se estivesse a impedir-se de falar. Sinto-me subitamente desconfortável. Há uma hipótese de não ser realmente Divergente?

– Agora, tudo o que temos a fazer é sentarmo-nos e esperar – explica Matthew. – Vou buscar o pequeno-almoço. Algum de vocês quer algo para comer?

Tris e eu abanamos ambos a cabeça.

– Venho já. Nita, fazes-lhes companhia?

Matthew sai sem esperar pela resposta de Nita e Tris senta-se na mesa de exame, amarrotando o papel debaixo dela, que se rasga no ponto onde a sua perna assenta sobre a borda. Nita enfia as mãos nos bolsos do macacão e olha para nós. Os seus olhos são escuros, com um brilho semelhante ao de uma poça de óleo que se acumulou sob um motor com fuga. Dá-me uma bola de algodão e eu pressiono-a contra a pinta de sangue no interior do meu cotovelo.

– Então, vieste de uma experiência numa cidade – diz Tris. – Há quanto tempo estás cá?

– Desde que a experiência de Indianápolis foi dissolvida, há aproximadamente oito anos. Poderia ter-me integrado na população

geral, exterior às experiências, mas isso pareceu-me de mais para mim. – Nita encosta-se ao balcão. – Então, ofereci-me para vir para aqui. Em Indianápolis, trabalhava na limpeza e manutenção de um edifício. Parece que estou a subir na hierarquia.

Fala com uma certa dose de amargura. Suspeito que neste sítio, como nos Intrépidos, haja um limite para a sua ascensão na hierarquia e ela esteja a atingi-lo mais cedo do que gostaria. Tal como eu, quando escolhi o meu trabalho na sala de controlo.

– E a tua cidade não tinha fações? – pergunta Tris.

– Não, era o grupo de controlo. Ajudou a descobrir que as fações eram realmente eficazes, por comparação. Mas tínhamos um monte de regras: recolher obrigatório, horas para acordar, regulamentos de segurança, as armas não eram permitidas. Esse tipo de coisas.

– O que aconteceu? – pergunto, e logo depois desejo não o ter feito, porque os cantos da boca de Nita viram-se para baixo, como se a recordação do passado pendesse pesadamente de cada lado.

– Bem, algumas das pessoas lá dentro ainda sabiam como fazer armas. Construíram uma bomba – sabem, um explosivo – e despoletaram-no num edifício governamental. Morreram muitas pessoas. E, depois disso, a Direção decidiu que a nossa experiência era um fracasso. Apagaram as memórias dos bombistas e transferiram as restantes pessoas. Eu sou uma das únicas que quis vir para cá.

– Sinto muito – diz Tris com simpatia.

Por vezes, ainda descuro o seu lado mais amável. Durante muito tempo, tudo o que vi foi a sua força, destacando-se como os músculos vigorosos dos braços ou a tinta negra que lhe marca a clavícula.

– Está tudo bem. Afinal, vocês também já passaram por situações semelhantes – observa Nita. – Com o que aquela Jeanine Matthews fez, e tudo.

– Porque não encerraram eles a nossa cidade? – pergunta Tris. – Tal como fizeram com a tua?

– Ainda podem fazê-lo – responde Nita. – Mas acho que a experiência de Chicago, em particular, tem sido um sucesso há tanto tempo que a Direção terá alguma relutância em simplesmente abandoná-la agora. Foi a primeira a ter fações.

Retiro a bola de algodão do meu braço. Há um pequeno ponto

vermelho onde a agulha penetrou, mas não já não estou a sangrar.

– Gosto de pensar que teria escolhido os Intrépidos – diz Nita. – Mas não acho que tivesse estômago para isso.

– Ficarias espantada com as coisas que uma pessoa é capaz de aguentar, quando é necessário – afirma Tris.

Sinto uma pontada no peito. Tris tem razão. O desespero pode levar uma pessoa a fazer coisas surpreendentes. Ambos sabemos que é verdade.

Matthew regressa à hora certa e senta-se em frente ao computador por muito tempo, com os olhos percorrendo rapidamente o ecrã de um lado ao outro, enquanto lê. Por vezes, faz um som revelador, um «hum!» ou um «ah!». Quanto mais tempo espera para nos dizer algo – o que quer que seja –, mais tensos ficam os meus músculos, até parecer que os meus ombros são feitos de pedra e não de carne. Por fim, Matthew olha para cima e vira o ecrã para nós, para que possamos ver o seu conteúdo.

– Este programa ajuda-nos a interpretar os dados de uma forma compreensível. O que vocês aqui veem é uma representação simplificada de uma sequência de ADN específica do material genético da Tris – diz.

A imagem no ecrã é uma massa complicada de linhas e números, com algumas partes realçadas a amarelo e vermelho. Não sou capaz de perceber, de todo, a imagem no seu conjunto – está para além da minha compreensão.

– Estas seleções aqui sugerem genes curados. Não iríamos vê-las se os genes estivessem danificados. – Matthew bate com o dedo em certas partes do ecrã. Não entendo para que está a apontar, mas ele parece não notar, enredado na sua explicação. – Estas seleções aqui indicam que o programa também encontrou o mecanismo de rastreio genético, a consciência da simulação. A combinação de genes curados e genes de consciencialização de simulações é exatamente o que esperava ver numa Divergente. Agora, esta é a parte estranha.

Toca no ecrã de novo e a imagem muda, embora continue a ser tão confusa como antes, um emaranhado de linhas, uma teia de números.

– Este é o mapa genético do Tobias – prossegue Matthew. – Como

podem ver, ele tem os componentes genéticos corretos para a consciencialização das simulações, mas não tem os mesmos genes «curados» que a Tris tem.

Tenho a garganta seca e sinto-me como se me tivessem dado uma má notícia, mas ainda não compreendi por completo que má notícia é essa.

– O que significa isso? -pergunto.

– Significa – responde Matthew – que não és Divergente. Os teus genes ainda estão danificados, mas, apesar disso, tens uma anomalia genética que te permite estar consciente durante as simulações. Por outras palavras, pareces um Divergente sem realmente o seres.

Processo as informações lentamente, fragmento a fragmento. Não sou Divergente. Não sou como Tris. Estou geneticamente danificado. A palavra «danificado» afunda-se dentro de mim como se fosse de chumbo. Acho que sempre soube que havia algo de errado comigo, mas pensei que era por causa do meu pai, ou da minha mãe, e da dor que me legaram como uma relíquia de família, passada de geração em geração. E isto significa que a única coisa boa que o meu pai tinha – a sua Divergência – não passou para mim. Não olho para Tris, não sou capaz. Em vez disso, olho para Nita. A sua expressão é dura, quase irada.

– Matthew – diz ela. – Não queres levar esses dados para o teu laboratório para os analisares?

– Bem, estava a pensar discuti-los aqui com os visados pelo nosso teste – responde Matthew.

– Não penso que seja boa ideia – afirma Tris, num tom contundente.

Matthew diz algo que não consigo ouvir; estou a escutar o bater do meu coração. A seguir, bate no *tablet* novamente e a imagem do meu ADN desaparece, deixando o ecrã vazio, agora um mero vidro. Matthew sai, dizendo-nos para o irmos ao laboratório se quisermos mais informações, e Tris, Nita e eu ficamos na sala em silêncio.

– Não é nada de importante – diz Tris com firmeza. – OK?

– Não precisas de me dizer que não é nada de importante! – respondo, mais alto do que pretendia.

Nita ocupa-se a verificar se os recipientes no balcão estão

alinhados, apesar de ninguém lhes ter mexido desde que entrámos.

– Preciso, sim! – exclama Tris. – És a mesma pessoa que eras há cinco minutos, ou há quatro meses, ou há dezoito anos! Isto não muda nada em ti!

Ouçó algo nas suas palavras que me parece correto, mas neste momento é difícil acreditar nela.

– Então, estás a dizer-me que isto não afeta nada? Que a verdade não afeta nada?

– Que verdade é essa? Estas pessoas dizem-te que há algo de errado com os teus genes e tu limitas-te a acreditar?

– Estava tudo mesmo ali. – Faço um gesto para o ecrã. – Tu viste.

– Também te vejo a ti – retruca Tris ferozmente, apertando a mão em volta do meu braço. – E sei quem tu és.

Abano a cabeça. Ainda não consigo olhar para ela, não consigo olhar para nada em particular.

– Eu... preciso de ir dar uma volta. Vemo-nos depois.

– Tobias, espera...

Saio e um pouco da pressão dentro de mim alivia-se assim que deixo de estar naquela sala. Caminho pelo corredor apertado que se projeta contra mim como uma exalação e pelos espaços iluminados para além dele. O céu é agora de um azul brilhante. Ouço passos atrás de mim, mas são demasiado pesados para pertencerem a Tris.

– Ei. – Nita curva o pé, fazendo-o chiar contra a tijoleira. – Não quero pressionar-te, mas gostava de falar contigo sobre toda esta questão dos... genes danificados. Se estiveres interessado, vem ter comigo aqui, esta noite, às nove. E... sem ofensa para a tua miúda, nem nada, mas talvez seja melhor não a trazeres.

– Porquê?

– Ela é uma GP, geneticamente pura. Por isso, não consegue entender isto; bem, é difícil de explicar. Confia só em mim, OK? É melhor ela ficar longe por um tempo.

– OK.

– OK. – Nita acena com a cabeça. – Tenho de ir.

Vejo-a correr de volta para a sala de terapia genética e, então, retomo o meu caminho. Não sei para onde me dirijo exatamente, só sei que, quando ando, o frenesi de informações que recebi no último

dia para de se mover tão rapidamente, para de gritar tão alto dentro da minha cabeça.

Capítulo dezanove

Tris

Não vou atrás dele, porque não sei o que dizer.

Quando descobri que era Divergente, pensei nisso como um poder secreto que mais ninguém possuía, algo que me tornava diferente, melhor, mais forte. Agora, depois de comparar o meu ADN com o de Tobias no ecrã do computador, percebo que ser «Divergente» não significa o que antes pensava. É apenas uma palavra para uma determinada sequência no meu ADN, como uma palavra para todas as pessoas com olhos castanhos ou cabelo louro.

Mergulho a cabeça entre as mãos. O problema é que estas pessoas ainda acham que isto significa algo; ainda pensam que significa que o meu organismo está curado de uma forma que o de Tobias não está. E querem que me limite simplesmente a acreditar nisso.

Bom, não acredito. E não sei por que motivo Tobias o faz. Não sei porque está tão ansioso por acreditar que o seu ser está danificado.

Não quero pensar no assunto. Saio da sala de terapia genética no momento em que Nita regressa.

– Que lhe disseste? – pergunto.

Ela é bonita. Alta, mas não demasiado; magra, mas não em excesso, com um tom de pele intenso.

– Fui só certificar-me de que ele sabia para onde ir – diz ela. – Este sítio é bastante confuso.

– É verdade.

Começo a andar em direção a... bem, não sei para onde me dirijo,

exceto que é na direção oposta a Nita, a rapariga bonita que fala com o meu namorado quando não estou presente. Se bem que não foi propriamente uma conversa longa...

Avisto Zoe ao fundo do corredor e ela faz-me um gesto com a mão para me aproximar. Parece agora mais relaxada do que estava ao início da manhã; tem os cabelos soltos sobre os ombros e as rugas desapareceram-lhe da testa. Enfia as mãos nos bolsos do macacão e diz:

– Acabei de contar aos outros. Marcámos uma viagem de avião para daqui a duas horas, para quem quiser ir. Interessa-te?

O meu estômago contorce-se numa mistura de medo e excitação, à semelhança do que aconteceu quando me prenderam ao cabo no cimo do edifício Hancock. Imagino-me a ser arremessada pelo ar num carro com asas, com um motor poderoso e o vento enfiando-se por todas as fendas na estrutura; e considero a possibilidade, ainda que pequena, de que algo possa falhar e eu mergulhe para a morte.

– Sim – responde.

– Vamos encontrar-nos no portão B14. Segue as indicações! – diz Zoe, sorrindo ao ir-se embora.

Olho através das janelas acima de mim. O céu está claro e pálido, com a mesma cor dos meus olhos. Há nele uma espécie de inevitabilidade, como se estivesse à minha espera desde sempre, talvez porque gosto de alturas enquanto outros as temem, ou talvez porque, depois de ter visto as coisas que vi, só me resta uma fronteira para explorar, a que paira acima da minha cabeça.

As escadas de metal que conduzem à pista cham a cada um dos meus passos. Tenho de inclinar a cabeça para trás para ver o avião, que é maior do que esperava e de um tom branco com reflexos prateados. Mesmo abaixo da asa, há um grande cilindro com pás que giram no seu interior. Imagino aquelas lâminas a sugarem-me e a cuspirem-me pela parte de trás e tremo ligeiramente.

– Como é possível que uma coisa tão grande consiga manter-se no ar? – comenta Uriah atrás de mim.

Abano a cabeça. Não sei e não quero pensar nisso. Sigo Zoe, subindo outras escadas, que, desta vez, comunicam com um orifício

lateral no avião. A minha mão treme quando agarro o corrimão e olho por cima do ombro uma última vez, para verificar se Tobias veio ter connosco. Ele não está aqui. Não o vejo desde o teste genético.

Baixo-me para passar pelo orifício que, afinal, é mais alto do que eu. Dentro do avião, há filas e filas de assentos cobertos com um tecido azul gasto e com alguns rasgões. Escolho um perto da frente, ao lado de uma janela. Sinto uma barra de metal pressionar-me a coluna. Parece que estou a sentar-me sobre um esqueleto quase completamente despido de carne.

Cara senta-se atrás de mim e Peter e Caleb vão para a parte de trás do avião e sentam-se perto um do outro, ao lado da janela. Não sabia que eram amigos. Parece apropriado, dado o carácter desprezível de ambos.

– Quantos anos tem esta coisa? – pergunto a Zoe, que está de pé na dianteira do avião.

– Bastantes – responde. – Mas as partes importantes foram completamente remodeladas. E tem um tamanho apropriado para as nossas necessidades.

– Para que é que o utilizam?

– Missões de vigilância, principalmente. Gostamos de controlar o que se passa nos arrabaldes, para o caso de se tornar uma ameaça ao que fazemos aqui. – Zoe faz uma pausa. – Os arrabaldes são um lugar grande, mais ou menos caótico, entre Chicago e a área metropolitana mais próxima regulamentada pelo Governo, Milwaukee, que fica a cerca de três horas daqui, de carro.

Gostaria de lhe perguntar o que se passa exatamente nos arrabaldes, mas Uriah e Christina sentam-se nas cadeiras ao meu lado e perco a oportunidade. Uriah baixa um dos braços do assento e inclina-se sobre mim para espreitar pela janela.

– Se os Intrépidos soubessem deste aparelho, toda a gente ia pôr-se na fila para aprender a conduzi-lo – declara. – Incluindo eu.

– Não, iam era correr a amarrar-se às asas – diz Christina, espetando-lhe o dedo no braço. – Não conheces a tua própria fação?

Uriah espeta-lhe o dedo na bochecha em resposta e, a seguir, volta-se de novo para a janela.

– Algum de vocês viu o Tobias recentemente? – pergunto.

– Não, não o vi – responde Christina. – Está tudo bem?

Antes de poder responder, uma mulher mais velha com rugas em torno da boca coloca-se no corredor entre as filas de assentos e bate palmas.

– O meu nome é Karen e vou pilotar este avião! – anuncia ela. – A experiência pode parecer-vos assustadora, mas lembrem-se: as hipóteses de nos despenharmos são, na verdade, muito inferiores às de termos um acidente de carro.

– Assim como as de sobrevivermos se realmente cairmos – sussurra Uriah, embora sorrindo abertamente.

Os seus olhos escuros exibem uma expressão viva e tem um ar alegre, quase como uma criança. Não o via assim desde a morte de Marlene. Recuperou o seu aspeto atraente.

Karen desloca-se algures para a parte da frente do avião, fora da nossa vista, e Zoe senta-se ao lado de Christina, do outro lado do corredor, virando-se para trás para dar instruções como: «Apertem os vossos cintos de segurança!»; e «Não se levantem antes de alcançarmos a altitude de cruzeiro!»

Não sei o que é a «altitude de cruzeiro» e Zoe não explica, bem à sua maneira. É quase um milagre que antes se tenha lembrado de explicar o que são os arrabaldes. O avião começa a recuar e fico surpreendida com a suavidade do movimento, como se já estivéssemos a flutuar sobre o chão. A seguir, gira e desliza sobre a pista, que está pintada com dezenas de linhas e símbolos. O meu coração bate mais depressa à medida que nos afastamos do complexo e, então, ouve-se a voz de Karen através de um intercomunicador:

– Preparar para a descolagem.

Agarro os braços da cadeira enquanto o avião se lança pela pista. O impulso empurra-me as costas contra a esquelética cadeira e a vista da janela transforma-se num borrão de cor. E então, sinto-a – a elevação, a ascensão do avião, e vejo o chão estender-se debaixo de nós, com tudo a ficar mais pequeno a cada segundo que passa. Tenho o queixo caído e nem me lembro de respirar.

Vejo o complexo, com a forma de um neurónio, que uma vez vi no meu livro de ciências, e a vedação que o rodeia. À volta dele, há uma teia de estradas de betão com edifícios enfiados no meio. E, de

repente, deixo de conseguir ver as estradas e os edifícios, porque debaixo de nós há apenas um lençol de tons de cinza, verde e castanho; e, estendendo-se muito para além de onde a minha vista consegue alcançar, em qualquer direção, há terra, terra, terra.

Não sei o que esperava. Ver o sítio onde o mundo termina, como um penhasco gigante pendurado no céu?

O que não contava era saber que vivi numa casa que não posso sequer ver daqui. Que caminhei por ruas que estão entre centenas – milhares – de outras ruas.

O que não esperava era sentir-me tão, *tão* pequena.

– Não podemos voar nem muito alto nem demasiado perto da cidade, porque não queremos chamar a atenção. Por isso vamos observar a grande distância. Do lado esquerdo do avião, vão ver parte da destruição causada pela Guerra da Pureza, antes de os rebeldes começarem a usar armas biológicas em vez de explosivos – explica Zoe.

Tenho de pestanejar para conseguir ver o que parece, à primeira vista, um grupo de prédios escuros. Quando observo melhor, percebo que não era suposto os edifícios serem escuros: estão carbonizados de forma irreconhecível. Alguns desmoronaram-se. O pavimento entre eles está fragmentado, como uma casca de ovo rachada.

Assemelha-se a certas partes da cidade, mas, ao mesmo tempo, não tem nada a ver. A cidade pode ter sido destruída por pessoas. Mas este cenário foi forçosamente causado por algo diferente, algo maior.

– E, agora, vamos ter um breve vislumbre de Chicago! – diz Zoe. – Verão que parte do lago foi drenado para podermos construir a vedação, mas esforçámo-nos por deixá-lo o mais intacto possível.

Logo a seguir à explicação de Zoe, vejo o Centro com as suas duas antenas, parecendo, ao longe, tão pequeno como um brinquedo; e a linha irregular da nossa cidade interrompendo o mar de betão. E além dele, uma extensão castanha – o pântano – e, logo a seguir... azul.

Certa vez, deslizei pelo cabo desde o edifício Hancock e imaginei como seria o pântano cheio de água azul acinzentada sob a luz do sol. E, agora que o meu olhar pode alcançar mais longe do que alguma vez lhe foi possível, sei que, muito para além dos limites da nossa cidade, o mundo parece-se com o que imaginei, com o lago ao longe

reverberando os raios de luz e marcado pela textura da ondulação.

À exceção do rugido do motor, o avião está silencioso.

– Uau – comenta Uriah.

– Chiuu – diz Christina.

– Qual é o seu tamanho comparado com o resto do mundo? – pergunta Peter do fundo do avião. Parece estar a engasgar-se com cada palavra. – Da nossa cidade, quero dizer. Em termos de área. Qual é a percentagem?

– Chicago ocupa aproximadamente trezentos e sessenta e cinco quilómetros quadrados – responde Zoe. – A massa territorial do planeta é um pouco inferior a trezentos e vinte e cinco milhões de quilómetros quadrados. A percentagem é... tão pequena que é negligenciável.

Zoe comunica os factos com calma, como se não significassem nada para ela. Mas, para mim, são como um murro no estômago, fazendo-me sentir assoberbada, como se algo estivesse a espremer-me para dentro de mim mesma. Tanto espaço. Pergunto a mim própria como será a vida nos outros sítios; pergunto-me como viverão as pessoas nesses locais.

Olho pela janela novamente, inspirando o ar lenta e profundamente para dentro de um corpo demasiado tenso para se mover. E, enquanto olho para aquela extensão de terra, acho que, à falta de melhor, se trata de um argumento de peso em favor do Deus dos meus pais e que o nosso mundo é tão grande que está completamente fora do nosso controlo. Que nós não somos tão grandes como pensamos.

Tão pequena que pode ser negligenciável.

É estranho, mas há algo neste pensamento que me faz sentir quase... livre.

Naquela noite, quando toda a gente está a jantar, sento-me no parapeito da janela do dormitório e ligo o ecrã que David me deu. As minhas mãos tremem ao abrir o ficheiro intitulado «Diário».

A primeira entrada diz:

O David continua a pedir-me para escrever sobre as minhas experiências. Acho que espera que conte coisas horríveis, talvez até deseje que assim seja.

Acho que houve partes más, mas foram más para toda a gente, por isso, não sou propriamente especial.

Cresci numa casa unifamiliar em Milwaukee, Wisconsin. Nunca soube muito sobre quem habitava no território fora da cidade (a que toda a gente aqui chama «os arrabaldes»); sabia apenas que nunca devia ir lá. A minha mãe fazia parte das forças da lei, era explosiva e impossível de contentar. O meu pai era professor, um ser flexível, solidário e inútil. Um dia, pegaram-se a discutir na sala de estar, ele agarrou-a e ela disparou sobre ele. Naquela noite, enquanto ela o enterrava no quintal, arrumei boa parte das minhas coisas e saí porta fora. Nunca mais a vi.

No lugar onde cresci, a tragédia está por toda a parte. A maioria dos pais dos meus amigos bebe até cair, ou passa a vida a gritar, ou deixou de se amar há muito tempo, e tudo isto é natural, não é nada de mais. Assim, quando me vim embora, tenho a certeza de que fui apenas mais um item numa longa lista de coisas terríveis que aconteceram no nosso bairro no último ano.

Sabia que, se fosse para qualquer lugar oficial, como outra cidade, os tipos do Governo me fariam voltar para casa, para junto da minha mãe. E eu não pensava que alguma vez fosse capaz de olhar para ela sem ver o rasto de sangue que o meu pai deixou sobre o tapete da sala. Por isso, não fui para nenhum sítio oficial. Fui para os arrabaldes, onde um monte de pessoas vive numa pequena colónia, construída com lonas e alumínio, nos destroços do pós-guerra, alimentando-se de sobras e queimando papéis velhos para se aquecer, porque o Governo não os pode fornecer, uma vez que gasta todos os seus recursos a tentar voltar a juntar-nos, tal como faz há mais de um século, desde que a guerra nos separou. Ou então, o Governo não os quer fornecer. Não sei.

Um dia, vi um homem adulto a espancar uma criança dos arrabaldes. Bati-lhe na cabeça com uma prancha para o fazer parar e ele morreu, ali mesmo, na rua. Eu tinha apenas treze anos. Fugi a correr. Fui apanhada por um tipo numa carrinha, um tipo que se parecia com um polícia. Mas não me levou para a berma da estrada para me dar um tiro, nem me levou para a cadeia: limitou-se a levar-me para uma área segura, onde testou os meus genes e me contou sobre as experiências que eram levadas a cabo nas cidades e como os meus genes eram mais saudáveis do que os de outras pessoas. Até me mostrou um mapa dos meus genes num ecrã, para provar o que dizia.

Mas matei um homem, tal como a minha mãe. O David diz que está tudo bem, porque eu não queria fazê-lo e porque ele estava prestes a matar o miúdo. Mas tenho a certeza de que a minha mãe também não queria matar o meu pai. Por isso, que diferença faz ter ou não ter intenção de fazer alguma coisa? Acidentalmente ou de propósito, o resultado é o mesmo, e é menos uma vida no mundo.

E isto foi o que vivi, suponho. E, ao ouvir o David falar sobre o assunto,

é como se tudo tivesse acontecido porque há muito, muito tempo atrás as pessoas tentaram mexer com a natureza humana e acabaram por piorar as coisas.

Acho que faz sentido. Ou gostaria que fizesse.

Cravo os dentes no lábio inferior. Aqui, no complexo da Direção, as pessoas estão agora sentadas no refeitório, a comer, a beber e a rir. Na cidade, provavelmente estão a fazer o mesmo. A vida comum rodeia-me e estou sozinha com estas revelações.

Aperto o *tablet* contra o peito. A minha mãe veio daqui. Este lugar representa tanto a minha história antiga como a recente. Consigo senti-la nas paredes, no ar. Consigo senti-la enraizada em mim, para nunca mais sair. A morte não pode apagá-la, ela é permanente.

O frio do vidro penetra através da minha camisa e tremo. Uriah e Christina entram pela porta do dormitório, rindo de algo. Os olhos claros de Uriah e os seus passos firmes insuflam-me com uma sensação de alívio e os meus próprios olhos enchem-se subitamente de lágrimas. Uriah e Christina observam-me, alarmados, e encostam-se às janelas que me ladeiam.

– Estás bem? – pergunta Christina.

Encolho os ombros e pestanejo para afastar as lágrimas.

– Onde se meteram, hoje?

– Depois da viagem de avião, estivemos a observar os ecrãs na sala de controlo – responde Uriah. – É mesmo esquisito ver o que as pessoas andam a fazer, agora que já saímos de lá. É só mais do mesmo: a Evelyn é uma parvalhona, tal como os lacaios dela, e por aí fora; mas é como vemos um telejornal.

– Não me parece que gostasse de ver – digo. – É demasiado... sinistro e invasivo.

Uriah encolhe os ombros.

– Não sei, se eles querem ver-me a jantar ou a coçar o traseiro, acho que isso diz mais sobre eles do que sobre mim.

Rio-me.

– Com que frequência coças o traseiro, mais exatamente?

Uriah dá-me uma cotoveladinha.

– Não me quero desviar desta conversa dos *traseiros*, pois todos achamos que se trata de um tema incrivelmente importante... –

interrompe Christina, com um leve sorriso. – Mas estou de acordo contigo, Tris. Só de observar aqueles ecrãs senti-me horrível, como se estivesse a fazer algo de traíçoeiro. Acho que daqui para a frente me vou manter afastada deles. – Aponta para o ecrã no meu colo, onde a luz ainda ilumina as palavras da minha mãe. – O que é isso?

– Pois, o facto é que a minha mãe era de cá. Bem, ela era originária do mundo de lá de fora, mas depois veio para cá e, quando tinha quinze anos, foi colocada em Chicago, nos Intrépidos.

– A tua mãe era daqui? – interroga Christina.

Encolho os ombros.

– Sim. É de loucos. Mas mais esquisito do que isso é que ela escreveu um diário e deixou-o com eles. Era isso que eu estava a ler antes de vocês entrarem.

– Uau – diz Christina baixinho. – Isso é bom, certo? Quer dizer, talvez possas saber mais coisas sobre ela.

– Sim, é bom. E não, já não estou alterada, podem deixar de olhar para mim assim. – A expressão preocupada que se espelhava no rosto de Uriah desaparece. Suspiro. – Só não paro de pensar que... de alguma forma, pertenço aqui. Como se, tipo, este sítio pudesse ser a minha casa.

Christina franze o sobrolho.

– Talvez – diz, e tenho a impressão de que não acredita no que diz, mas, de qualquer maneira, é simpático da parte dela dizê-lo.

– Não sei – intervém Uriah e, agora, o seu tom parece sério. – Não sei se algum sítio algum dia voltará a parecer a nossa casa. Mesmo que voltássemos para a cidade.

Talvez seja verdade. Talvez sejamos sempre estranhos, independentemente do sítio para onde formos, quer seja o complexo da Direção, o mundo fora dele, ou a cidade e a sua experiência. Tudo mudou e não vai parar de mudar tão cedo. Ou talvez edifiquemos um lar dentro de nós, que possamos carregar connosco para onde quer que vamos – que é o que faço com a memória da minha mãe.

Caleb entra no dormitório. Tem uma mancha na camisa que parece ser de molho, mas ele parece não notar – e exhibe nos olhos aquela expressão que sei tratar-se de fascínio intelectual. Por um momento, pergunto-me o que esteve a ler ou a ver para se sentir assim.

– Olá – cumprimenta, e quase faz um movimento em direção a mim, mas deve ter notado a minha repulsa, porque para a meio dessa intenção.

Cubro o ecrã com a palma da mão, embora ele não possa vê-lo do outro lado da sala, e fito-o, sem conseguir – ou sem querer – dizer algo em resposta.

– Achas que algum dia vais voltar a falar comigo? – pergunta Caleb num tom triste e curvando os cantos da boca.

– Se falar, vou morrer de choque – diz Christina friamente.

Desvio o olhar. A verdade é que às vezes quero apenas esquecer tudo o que aconteceu e voltar àquilo que éramos antes de escolhermos uma fação. Mesmo que ele estivesse sempre a corrigir-me, a lembrar-me de ser altruísta, qualquer coisa era melhor do que isto – esta sensação de que preciso de proteger até mesmo o diário da mãe dele, para que Caleb não possa envenená-lo como fez com tudo o resto. Ergo-me e coloco o *tablet* debaixo do meu travesseiro.

– Anda lá – insiste Uriah. – Vens connosco buscar uma sobremesa?

– Mas já não comeram sobremesa ao jantar?

– E depois? – Uriah revira os olhos e passa-me o braço pelo ombro, guiando-me em direção à porta.

Caminhamos os três juntos até à cafetaria, deixando o meu irmão para trás.

Capítulo vinte

Tobias

– Não tinha a certeza se virias – diz-me Nita.

Quando se vira para me conduzir para qualquer que seja o nosso destino, o colarinho largo da sua camisa solta deixa-me ver-lhe uma tatuagem nas costas, embora não consiga perceber do que se trata.

– Aqui também fazem tatuagens? – pergunto.

– Algumas pessoas fazem – afirma. – A das minhas costas representa vidro partido. – Faz uma pausa, do género das que fazemos quando estamos a decidir se devemos ou não contar algo pessoal. – Fila porque sugere danos. É... uma espécie de piada.

Aí está esta palavra de novo, «danos». A palavra que tem estado continuamente a emergir e a afundar-se no meu espírito, a emergir e a afundar-se, desde que fiz o teste genético. Se é uma piada, não é engraçada, mesmo para Nita – que cuspiu a explicação como se lhe deixasse um gosto amargo.

Percorremos um dos corredores de ladrilhos, que está quase vazio agora que estamos no final do dia de trabalho, e descemos um lanço de escadas. À medida que avançamos, luzes azuis, verdes, roxas e vermelhas dançam nas paredes, alternando cores a cada segundo. O túnel ao fundo das escadas é largo e escuro e temos como único guia aquelas luzes estranhas. O chão é de tijoleira velha e parece áspero de poeira e sujidade, mesmo através das solas dos sapatos.

– Esta parte do aeroporto foi completamente expandida e remodelada quando eles se mudaram para cá – informa Nita. –

Durante algum tempo, depois da Guerra da Pureza, todos os laboratórios se situavam no subsolo, para se manterem seguros em caso de ataque. Agora, só o pessoal dos serviços de apoio é que vem até cá.

– São eles que queres que conheça?

Ela acena afirmativamente com a cabeça.

– Trabalhar nos serviços de apoio é mais do que um emprego. Quase todos somos GD (geneticamente danificados), sobras de experiências fracassadas das cidades ou descendentes de outras sobras ou pessoas trazidas do exterior, como a mãe de Tris, mas sem a sua vantagem genética. E todos os cientistas e líderes são GP (geneticamente puros), descendentes de pessoas que logo de início resistiram ao movimento da engenharia genética. Há algumas exceções, é claro, mas os casos são tão poucos que poderia citá-los de cor, se quisesse.

Estou prestes a perguntar-lhe por que motivo esta divisão é tão rigorosa, mas sou capaz de tirar as minhas próprias conclusões. Os chamados «GP» cresceram nesta comunidade, num universo saturado de experiências, observação e aprendizagem. Os «GD» cresceram nas cidades ao abrigo das experiências, onde só tinham de aprender o suficiente para sobreviverem até à geração seguinte. A divisão é baseada no conhecimento, nas qualificações, mas, como aprendi com os sem-faço, um sistema que assenta num grupo de pessoas pouco instruídas para fazerem os trabalhos pesados, sem lhes dar uma hipótese de subirem na vida, dificilmente pode ser considerado justo.

– Acho que a tua miúda tem razão, sabes? – diz Nita. – Nada mudou. Agora, só tens uma noção melhor das tuas próprias limitações. Todos os seres humanos têm limitações, até mesmo os GP.

– Então, há um limite superior para a minha... quê? A minha compaixão? A minha consciência? – pergunto. – É assim que pretendes tranquilizar-me?

Os olhos de Nita estudam-me atentamente e ela não responde.

– Isto é ridículo – continuo. – Porque é que tu, ou eles, ou quem quer que seja, têm direito a determinar os meus limites?

– É assim que as coisas são, Tobias – replica Nita. – É só genética, nada mais.

– Isso é mentira. Isto vai para além dos genes e tu sabes disso.

Sinto necessidade de sair dali, de dar meia-volta e correr de regresso ao dormitório. A raiva ferve e agita-se dentro de mim, enchendo-me de uma agressividade que não sei bem contra quem é dirigida. Contra Nita, que simplesmente aceitou que é de alguma forma limitada, ou contra quem quer que lhe disse isso? Talvez seja dirigida a toda a gente.

Chegamos ao fim do túnel e ela empurra com o ombro uma pesada porta de madeira. Do outro lado espera-nos um radiante mundo cheio de vida. A sala está iluminada com lâmpadas pequenas e brilhantes penduradas por fios, mas estes estão tão juntos que formam uma teia de amarelo e branco a cobrir o teto. Numa extremidade da sala, há um balcão de madeira com garrafas brilhantes atrás e um mar de copos no topo. Vê-se mesas e cadeiras à esquerda da sala e um grupo de pessoas com instrumentos musicais à direita. A música enche o ar e os únicos sons que reconheço – com base na minha experiência limitada com os Cordiais – são os das cordas de guitarras e das baterias.

Sinto-me sob um foco de luz e toda a gente olha para mim, esperando que me mova, que fale, que faça algo. Por um momento, é difícil ouvir o que quer que seja por causa da música e da conversa, mas depois de alguns segundos acostumo-me e consigo ouvir Nita dizer:

– Por aqui! Queres uma bebida?

Estou prestes a responder quando alguém corre para dentro da sala. É um homem baixo e usa uma t-shirt demasiado comprida – uns dois tamanhos acima. Faz um gesto aos músicos para pararem de tocar e estes obedecem, apenas o tempo suficiente para que o homem consiga gritar:

– É hora do veredito!

Metade da sala levanta-se e corre para a porta. Lanço um olhar interrogativo a Nita e ela franze o sobrolho, o que lhe provoca uma ruga na testa.

– Veredito de quem? – pergunto.

– Do Marcus, sem dúvida – responde ela.

E também eu corro.

Corro novamente pelo túnel abaixo, enfiando-me por entre os espaços abertos entre as pessoas e abrindo caminho aos empurrões. Nita corre no meu encalço, gritando-me para parar, mas não posso parar. Estou separado deste lugar, destas pessoas e do meu próprio corpo e, além disso, sempre fui bom a correr.

Subo as escadas de três em três degraus, agarrando o corrimão para me equilibrar. Não sei o que me deixa tão ansioso. A condenação de Marcus? A sua exoneração? Espero que Evelyn o considere culpado e mande executá-lo ou espero que o poupe? Não sei dizer. Para mim, qualquer dos resultados parece feito da mesma substância. Tudo se resume à maldade de Marcus ou à sua máscara, à maldade de Evelyn ou à sua máscara.

Não preciso de recordar o caminho para a sala de controlo, pois as pessoas no corredor guiam-me até lá. Quando chego, furo até à frente da multidão e lá estão eles, os meus pais, em exibição em metade dos ecrãs. Toda a gente se afasta de mim, sussurrando, exceto Nita, que está ao meu lado, a tentar recuperar o fôlego.

Alguém aumenta o volume, para que todos possamos ouvi-los. A transmissão crepita, os sons são algo distorcidos pelos microfones, mas conheço a voz do meu pai, consigo ouvi-la mudar de tom em todos os momentos esperados, elevar-se em todas as situações esperadas. Quase posso prever as suas palavras antes que ele as diga.

– Demoraste – diz Marcus, sarcástico. – Estás a saborear o momento?

Fico rígido. Esta não é a sua máscara. Esta não é a pessoa que a cidade conhece como meu pai – o paciente e calmo líder dos Abnegados, que nunca faria mal a ninguém, muito menos ao seu próprio filho ou esposa. Este é o homem que tirava o cinto das calças presilha a presilha, enrolando-o à volta da mão. Este é o Marcus que conheço melhor, e a sua visão, como a aparição dele na minha paisagem dos medos, transforma-me numa criança.

– É claro que não, Marcus – responde a minha mãe. – Serviste bem esta cidade durante muitos anos. Nem eu nem nenhum dos meus colaboradores tomámos esta decisão de ânimo leve.

Marcus deixou cair a sua máscara, mas Evelyn continua a usar a dela. Parece tão sincera que quase me convence.

– Eu e os antigos representantes das fações tivemos de considerar muitas coisas. Os teus anos de serviço, a lealdade que inspiraste entre os membros da tua facção, os sentimentos que eu própria ainda nutro por ti como meu ex-marido...

Fungo desdenhosamente.

– Ainda sou teu marido – atira Marcus. – Os Abnegados não permitem o divórcio.

– Permitem sim, em casos de violência doméstica – responde Evelyn.

Sinto aquela velha sensação de peso e de vazio. Não posso acreditar que ela acabou de admitir isto em público.

Mas, por outro lado, agora Evelyn quer que as pessoas da cidade a vejam de uma determinada forma – não como a mulher sem coração que assumiu o controlo das suas vidas, mas como a mulher que Marcus atacava com toda a sua força, revelando o segredo que ele escondia atrás de uma casa limpa e das suas roupas cinzentas bem engomadas. E, então, sei qual será o resultado.

– Ela vai matá-lo – digo.

– Contudo, persiste o facto – continua Evelyn, quase num tom doce – de teres cometido crimes infames contra esta cidade. Enganaste crianças inocentes levando-as a arriscar as próprias vidas para alcançares os teus objetivos. A tua recusa em seguires as minhas ordens e as ordens da Tori Wu, a antiga líder dos Intrépidos, teve como consequência numerosas mortes durante o ataque dos Eruditos. Traíste os teus pares ao não fazeres aquilo que tínhamos acordado e ao não lutares contra a Jeanine Matthews. Traíste a tua própria facção ao revelares o que era suposto permanecer um segredo guardado a sete chaves.

– Eu não...

– Ainda não terminei – diz Evelyn. – Em virtude do teu historial de serviços prestados a esta cidade, decidimo-nos por uma solução alternativa. Ao contrário do que sucedeu com os outros antigos representantes das fações, não serás perdoado, recebendo a oportunidade de prestares aconselhamento em questões relativas à cidade. Nem tão-pouco serás executado como traidor. Em vez disso, serás enviado para o exterior da vedação, para além do complexo dos

Cordiais, e nunca mais poderás voltar.

Marcus parece surpreso. Não o censuro.

– Parabéns – diz Evelyn. – Tens o privilégio de poderes começar de novo.

Deveria sentir-me aliviado por o meu pai não ser condenado? Zangado, por ter chegado tão perto de lhe escapar definitivamente, mas ele poder permanecer neste mundo, continuando a pairar sobre a minha cabeça?

Não sei. Não sinto nada. As minhas mãos ficam dormentes, por isso, sei que estou a entrar em pânico, mas na verdade não sinto o pânico, não da forma como geralmente sucede. Estou dominado pela necessidade de estar noutro lugar, por isso, viro as costas e deixo para trás os meus pais e Nita e a cidade onde outrora vivi.

Capítulo vinte e um

Tris

O exercício de simulação de ataque é anunciado de manhã, pelo intercomunicador, enquanto tomamos o pequeno-almoço. A voz nítida, do sexo feminino, instrui-nos a fechar por dentro a porta da divisão onde estivermos, a tapar as janelas e a sentarmo-nos calmamente até que os alarmes deixem de soar. «A simulação terá lugar à hora certa», diz a voz.

Tobias tem um ar exausto e pálido, exibindo olheiras debaixo dos olhos. Pega num queque, arranca pequenos pedaços que, às vezes, come e, outras, se esquece de comer. A maioria de nós acordou tarde, às dez, suspeito eu por não haver razão para não o fazer. Quando saímos da cidade, perdemos as nossas fações, aquilo que orientava a nossa vida. Aqui não há nada para fazer senão esperar que algo aconteça e, em vez de me ajudar a descontraír, sinto-me tensa. Estou acostumada a ter algo para fazer, algo contra que lutar, a toda a hora. Esforço-me por recordar a mim mesma que devo relaxar.

– Ontem levaram-nos a andar de avião – digo a Tobias. – Onde estavas tu?

– Tive de ir dar uma volta por aí, precisava de processar as coisas.
– Parece tenso, irritado. – Como foi?

– Para dizer a verdade, foi incrível. – Sento-me em frente a ele, de modo a que os nossos joelhos se toquem no espaço entre as camas. – O mundo é... muito maior do que pensava.

Ele abana a cabeça.

– Provavelmente não teria gostado. Por causa das alturas e isso tudo.

Não sei porquê, mas a reação dele desilude-me. Queria que dissesse que desejava ter lá estado comigo, para viver aquela experiência ao meu lado. Ou, pelo menos, que me perguntasse o que quero dizer quando digo que foi incrível. Mas tudo o que ele consegue afirmar é que, provavelmente, não teria gostado?

– Estás bem? – pergunto. – Parece que não dormiste nada.

– Bem, ontem o dia foi cheio de revelações – explica Tobias, apoiando a testa na mão. – Não podes propriamente censurar-me por estar chateado por causa disso.

– Podes estar chateado à vontade – respondo, franzindo as sobrancelhas. – Mas, do meu ponto de vista, não me parece haver grandes razões para tal. Sei que é um choque, mas, como já te disse, continuas a ser a mesma pessoa que eras ontem e no dia anterior, independentemente do que estas pessoas daqui possam dizer.

Ele abana a cabeça.

– Não estou a falar dos meus genes. Falo do Marcus. Não fazes mesmo ideia, pois não?

A pergunta é acusatória, mas o tom dele não é. Tobias levanta-se para deitar o resto do queque ao lixo. Sinto-me frustrada e enervada. Claro que soube do Marcus. Estavam a comentar a notícia no dormitório quando acordei. Mas, por alguma razão, não achei que iria perturbá-lo saber que o pai não ia ser executado. Aparentemente, estava errada.

Não ajuda que o alarme soe naquele preciso momento, impedindo-me de lhe dizer o que quer que seja. O alarme soa alto, estridente, e escutá-lo é tão penoso que mal consigo pensar, e muito menos mexer-me. Mantenho uma mão pressionada sobre a orelha e enfio a outra debaixo do meu travesseiro para pegar no ecrã com o diário da minha mãe.

Tobias tranca a porta e corre as cortinas e toda a gente se senta nas suas camas. Cara enrola uma almofada à volta da cabeça. Peter limita-se a sentar-se com as costas contra a parede, de olhos fechados. Não sei onde está Caleb – provavelmente, a pesquisar o que quer que seja que ontem lhe dava aquele ar distante –, ou onde estão Christina e

Uriah – a explorar o complexo, talvez. Ontem, depois da sobremesa, pareciam determinados a descobrir todos os cantos deste sítio. Em vez disso, decidi desvendar os pensamentos da minha mãe. Ela escreveu várias entradas em que fala das suas primeiras impressões sobre o complexo, a estranha limpeza do lugar, como toda a gente passava a vida a sorrir e como se apaixonou pela cidade ao observá-la na sala de controlo.

Ligo o ecrã, esperando, assim, distrair-me do barulho.

Hoje, ofereci-me para ir para dentro da cidade. O David disse que os Divergentes estão a morrer e alguém tem de parar isso, porque é um desperdício do nosso melhor material genético. Acho que é uma maneira muito perversa de ver a questão, mas não foi essa a intenção do David – ele apenas quis dizer que, se não houvesse Divergentes a morrer, não interviríamos antes de ser atingido um determinado nível de destruição, mas, uma vez que são eles, temos de tratar do assunto desde já.

Será apenas por alguns anos, disse ele. Aqui deixo apenas alguns amigos, não tenho família e sou suficientemente jovem para me integrar com facilidade – basta eliminar e reprogramar as recordações de algumas pessoas e já está. Vão colocar-me nos Intrépidos, em primeiro lugar, porque já tenho tatuagens e isso seria difícil de explicar às pessoas dentro da experiência. O único problema é que na minha Cerimónia da Escolha, no próximo ano, vou ter de me juntar aos Eruditos, porque é aí que o assassino se esconde, e não tenho a certeza de ser suficientemente inteligente para superar a iniciação deles. O David diz que não importa, porque pode alterar os resultados, mas não me parece bem. Mesmo que a Direção pense que as fações não significam nada, que são apenas um tipo de modificação comportamental que vai ajudar a lidar com os danos genéticos, as pessoas acreditam nelas e parece-me mal enganar o seu sistema.

Observei-os durante alguns anos, por isso, não há muito que precise de saber para me integrar, e aposto que conheço a cidade melhor do que eles próprios. Vai ser difícil enviar atualizações – alguém pode notar que estou a ligar-me a um servidor remoto e não a um servidor interno da cidade. Por isso, as minhas entradas provavelmente chegarão com menos frequência, se conseguir enviá-las de todo. Vai ser difícil separar-me de tudo o que conheço, mas talvez seja bom. Talvez seja um novo começo.

E algo assim dava-me realmente jeito.

É muita coisa para processar, mas dou comigo a reler a frase: *O único problema é que na minha Cerimónia da Escolha, no próximo ano, vou ter de me juntar aos Eruditos, porque é aí que o assassino se esconde.*

Não sei de que assassino fala ela – do antecessor de Jeanine Matthews, talvez? Mas, ainda mais confuso do que isso é o facto de ela *não* ter aderido aos Eruditos. O que aconteceu para ela se juntar aos Abnegados?

O alarme para e, na ausência do ruído, parece-me que tenho os ouvidos almofadados. Os outros saem lentamente, mas Tobias permanece por um momento, tamborilando os dedos na perna. Não falo com ele, pois não tenho a certeza de querer ouvir o que tem para dizer agora, quando ambos estamos enervados. Mas tudo o que ele diz é:

– Posso beijar-te?

– Sim – respondo, aliviada.

Ele inclina-se e toca-me na bochecha e, depois, beija-me suavemente. Bem, pelo menos sabe como melhorar o meu humor.

– Não me lembrei do Marcus. Devia ter pensado nisso – digo.

Tobias encolhe os ombros.

– Agora, está tudo acabado.

No entanto, sei que não está acabado. Quando se trata de Marcus, nunca está nada acabado; o mal que ele fez é demasiado grande. Contudo, não insisto no assunto.

– Mais entradas do diário? – pergunta Tobias.

– Sim. Até agora, são apenas memórias sobre o complexo. Mas está a ficar interessante.

– Ótimo – diz ele. – Vou deixar-te ler à vontade.

Sorri ligeiramente, mas consigo ver que continua cansado e perturbado. Não procuro impedi-lo de se ir embora. De certa forma, parece que estamos a abandonar-nos mutuamente à nossa tristeza, a dele provocada pela perda da sua Divergência e de quaisquer expectativas que tivesse em relação ao julgamento de Marcus, a minha devido à perda dos meus pais.

Toco no ecrã para ler a próxima entrada.

Caro David,

Arqueio o sobrolho. Agora ela está a escrever a David?

Caro David,

Sinto muito, mas as coisas não vão acontecer da forma que planeámos. Não sou capaz. Sei que vais achar que estou a portar-me como uma adolescente estúpida, mas esta é a minha vida e, se vou estar aqui durante alguns anos, tenho de fazer as coisas à minha maneira. Continuarei a ser capaz de fazer o meu trabalho fora dos Eruditos. Por isso, amanhã, na Cerimónia da Escolha, o Andrew e eu vamos escolher os Abnegados juntos.

Espero que não fiques zangado. Acho que, mesmo que fiques, não vou sabê-lo.

Natalie

Leio a entrada uma e outra vez, deixando as palavras afundarem-se dentro de mim. *O Andrew e eu vamos escolher os Abnegados.*

Sorrio tapando a boca com a mão, encosto a cabeça à janela e deixo que as lágrimas me corram dos olhos em silêncio.

Os meus pais amavam-se de verdade. O suficiente para abandonarem planos e fações. O suficiente para desafiarem a «fação antes do sangue.» Com eles, foi o sangue antes da fação – não, o *amor* antes fação. Sempre.

Desligo o *tablet*. Não quero ler algo que possa estragar este sentimento: de flutuar em águas tranquilas. É estranho como, embora devesse estar de luto, a sofrer, o que sinto é que estou realmente a recuperar bocados dela, palavra por palavra, linha por linha.

Capítulo vinte e dois

Tris

Há apenas mais uma dúzia de entradas no ficheiro e não me revelam tudo o que quero saber, deixando-me, pelo contrário, com mais interrogações. E, em vez de conterem apenas os pensamentos e impressões da minha mãe, todas elas são *dirigidas a* alguém em particular.

Caro David,

Pensei que eras mais meu amigo do que meu supervisor, mas acho que estava enganada.

O que achavas que aconteceria quando vim para aqui, que ia viver sempre sozinha, ficar eternamente solteira? Que não iria apegar-me a ninguém? Que não faria nenhuma escolha por mim?

Deixei tudo para trás para vir para cá quando ninguém mais queria. Devias estar a agradecer-me em vez de me acusares de perder de vista a minha missão. Vamos ver se nos entendemos: não vou esquecer o motivo por que estou aqui só porque optei pelos Abnegados e me vou casar. Mereço ter vida própria. Uma vida escolhida por mim e não por ti ou pela Direção. Devias entender isto muito bem – devias compreender porque esta vida seria tão apelativa para mim depois de tudo o que vi e passei.

Sinceramente, não acho que realmente te importes por não escolhido os Eruditos como era suposto. Parece que a verdade é que estás apenas com ciúmes. E, se queres que continue a mandar-vos atualizações, tens de pedir-me desculpas por duidares de mim. Mas, se não o fizeres, não enviarei mais nenhuma atualização e de certeza que não voltarei a sair da cidade para ir visitar-vos. É contigo.

Pergunto a mim mesma se ela tinha razão sobre David. O pensamento revolve-se na minha cabeça. David era muito ciumento em relação ao meu pai? Será que o seu ciúme desapareceu ao longo do tempo? Só posso ver a relação de ambos pelos seus olhos e não sei se ela é a fonte mais fiável de informações sobre o assunto.

Consigo perceber que a minha mãe vai ficando mais velha nas entradas. A linguagem torna-se mais cuidada à medida que o tempo passa, afastando-a da vida que levou nos arrabaldes, e as suas reações tornam-se mais moderadas. Está a crescer.

Verifico a data da entrada seguinte. É de alguns meses depois, mas não é dirigida a David, ao contrário de algumas das entradas anteriores. O tom é também muito diferente – não tão familiar, mais direto.

Bato com o dedo no ecrã, folheando sucessivamente as entradas. Passam dez até encontrar de novo uma dirigida a David. A data da entrada sugere que foi enviada dois anos mais tarde.

Caro David,

Recebi a tua carta. Percebo o motivo por que já não podes continuar a receber estas atualizações e respeitarei a tua decisão, embora vá sentir a tua falta.

Desejo-te muitas felicidades.

Natalie

Tento continuar a virar as páginas, mas o diário chegou ao fim. O último documento do dossiê é um certificado de óbito. A causa da morte diz «múltiplos ferimentos de bala no torso». Balanço-me ligeiramente para a frente e para trás, para dissipar do meu espírito a imagem da minha mãe caída na rua. Não quero pensar na sua morte. Quero saber mais sobre ela e o meu pai, e ela e David. Qualquer coisa para me distrair da forma como a sua vida chegou ao fim.

O facto de ir para a sala de controlo com Zoe, um pouco mais tarde naquela manhã, é um sinal de como estou desesperada por

informações – e ação. Zoe fala com o supervisor da sala de controlo sobre uma reunião com David enquanto fixo os meus pés com determinação, não querendo ver o que está a ser exibido nos ecrãs. Sinto que, se me permitir olhar para eles, mesmo que por um só instante, vou ficar viciada, perdida no meu velho mundo, porque não sei como navegar neste novo.

Contudo, enquanto Zoe termina a conversa, não consigo controlar a minha curiosidade e olho para o ecrã grande suspenso sobre as mesas. Evelyn está sentada na cama, passando as mãos sobre algo na sua mesa de cabeceira. Aproximo-me mais para ver o que é e a mulher que está na mesa diante de mim diz:

– Esta é a câmara da Evelyn. Vigiamo-la vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

– Conseguem ouvi-la?

– Só se subirmos o som – responde a mulher. – Mas costumamos mantê-lo desligado. É difícil ouvir semelhante algaraviada o dia inteiro.

Concordo com um aceno de cabeça.

– Em que é que ela está a tocar?

– É algum tipo de escultura, não sei. – A mulher encolhe os ombros. – Mas a Evelyn passa muito tempo a olhar para ela.

Reconheço-a de algum lugar... do quarto de Tobias, onde dormi depois da minha quase-execução no quartel-general dos Eruditos. O objeto é feito de vidro azul, uma forma abstrata que se parece com água a cair congelada no tempo.

Toco com os dedos no queixo enquanto procuro lembrar-me. Tobias disse-me que Evelyn lhe deu aquela escultura quando era pequeno e lhe pediu para a esconder do pai, que não aprovaria um objeto inútil-mas-bonito, bem à sua maneira Abnegada. Na altura, não pensei muito nisso, mas este objeto deve significar algo para ela, se se deu ao trabalho de o levar do setor dos Abnegados para o quartel-general dos Eruditos e o mantém em cima da mesa de cabeceira. Talvez fosse a sua maneira de se rebelar contra o sistema das fações. No ecrã, Evelyn equilibra o queixo na mão e fita a escultura por um momento. Em seguida, levanta-se, sacode as mãos e sai da divisão.

Não, não acho que a escultura seja um sinal de rebelião. Acho que

é apenas uma recordação de Tobias. Ocorre-me que nunca percebi bem que, quando Tobias fugiu da cidade comigo, não era apenas um rebelde que desafiava o seu líder – era também um filho a abandonar a mãe. E ela está a sofrer com isso.

E ele? Estará?

Embora a relação de ambos tenha estado repleta de dificuldades, tais laços nunca se quebram. É impossível.

Zoe toca-me no ombro.

– Querias perguntar-me alguma coisa?

Aceno afirmativamente e afasto-me dos ecrãs. Zoe era muito nova na fotografia onde aparece ao lado da minha mãe, mas estava lá na mesma, por isso, acho que deve saber algo. Podia perguntar a David, mas, como líder da Direção, é alguém difícil de encontrar.

– Queria saber mais coisas sobre os meus pais – digo. – Estou a ler o diário da minha mãe e estou a ter dificuldades em perceber como se conheceram, ou porque se juntaram aos Abnegados.

Zoe acena lentamente com a cabeça.

– Vou contar-te o que sei. Importas-te de me acompanhar aos laboratórios? Tenho de entregar uma mensagem ao Matthew.

Zoe mantém as mãos atrás das costas, apoiadas sobre a parte inferior da coluna. Ainda trago nas mãos o *tablet* que David me deu. Está totalmente coberto pelas minhas impressões digitais e quente do meu toque constante. Entendo por que motivo Evelyn passa a vida a tocar naquela escultura – é o último objeto que possui do filho, tal como este é o último fragmento que me resta da minha mãe. E sinto-me mais perto dela quando está comigo.

Acho que é por isto que não posso dá-lo a Caleb, mesmo que o meu irmão tenha o direito de vê-lo. Não tenho a certeza de poder separar-me dele, para já.

– Conheceram-se numa aula – diz Zoe. – O teu pai, embora fosse um homem muito inteligente, nunca foi muito bom a Psicologia, e o professor – um Erudito, o que não é para admirar – era muito duro com ele por causa disso. Assim, a tua mãe ofereceu-se para o ajudar depois das aulas e ele disse aos pais que estava a trabalhar num projeto para a escola. Fizeram-no durante várias semanas e, depois, começaram a encontrar-se em segredo. Penso que um dos seus locais

favoritos era a fonte do parque Milénio. A fonte Buckingham? Mesmo ao lado do pântano?

Imagino a minha mãe e o meu pai sentados ao lado de uma fonte, sob uma nuvem de água pulverizada, com os pés a deslizar pelo pavimento de betão. Sei que a fonte a que Zoe se refere não está operacional há muito tempo, por isso, nunca houve nuvens de água pulverizada, mas a imagem é mais bonita assim.

– A Cerimónia da Escolha estava a aproximar-se e o teu pai estava ansioso por deixar os Eruditos porque tinha visto algo de terrível...

– O quê? O que foi que ele viu?

– Bem, o teu pai era um amigo chegado da Jeanine Matthews – explica Zoe. – Viu-a realizar uma experiência num homem sem-faço em troca de algo, de comida, roupa, ou algo assim. De qualquer forma, ela estava a testar o soro indutor dos medos que seria mais tarde incorporado na iniciação dos Intrépidos. É que, há muito tempo atrás, as simulações dos medos não eram geradas pelos receios individuais de cada um, mas baseavam-se em fobias bastante comuns, como o medo das alturas, de aranhas ou algo assim. E o Norton, então líder dos Eruditos, estava lá, e deixou a coisa prolongar-se por muito mais tempo do que devia. O homem sem-faço nunca mais voltou ao seu estado normal. E essa foi a gota de água para o teu pai.

Zoe faz uma pausa diante da porta dos laboratórios para a abrir com o seu cartão de identificação. Entramos no gabinete lúgubre onde David me deu o diário da minha mãe. Matthew está sentado com o nariz quase pregado ao ecrã do computador, de olhos franzidos. Mal se apercebe da nossa presença quando entramos.

Sinto-me oprimida pelo desejo de sorrir e chorar ao mesmo tempo. Sento-me numa cadeira ao lado da mesa vazia, de mãos entrelaçadas entre os joelhos. O meu pai era um homem difícil. Mas também era um homem bom.

– O teu pai queria sair dos Eruditos e a tua mãe não queria entrar, apesar da sua missão. Mas continuava a querer estar perto do Andrew, por isso, escolheram ambos os Abnegados. – Faz uma pausa. – Isto provocou um conflito entre a tua mãe e o David, como tenho a certeza que percebeste. O David acabou por se desculpar, mas disse que não podia continuar a receber atualizações dela – não sei porquê, ele

nunca disse – e, depois disso, os relatórios dela tornaram-se muito breves, puramente informativos. E é por isso que não constam do diário.

– Mas ela conseguiu levar a cabo a sua missão nos Abnegados...?

– Sim. E foi muito mais feliz lá, penso eu, do que teria sido entre os Eruditos – diz Zoe. – É claro que os Abnegados não se revelaram melhores em alguns aspetos. Parece que não é possível escapar aos danos genéticos. Até a liderança dos Abnegados foi envenenada por isso.

Franzo a testa.

– Estás a falar do Marcus? Porque ele é Divergente. Os danos genéticos não tiveram nada a ver com o que ele fez.

– Um homem rodeado de danos genéticos não consegue impedir-se de mimetizá-los com o seu próprio comportamento – contrapõe Zoe. A seguir, volta-se para Matthew:

– Matthew, o David quer marcar uma reunião com o teu supervisor para discutir um dos desenvolvimentos dos soros. Da última vez, o Alan esqueceu-se por completo, por isso, ocorreu-me que pudesses levá-lo lá.

– Claro – responde Matthew sem erguer os olhos do computador. – Vou perguntar-lhe a que horas lhe dá jeito.

– Excelente. Bem, tenho de ir. Espero que tenha conseguido responder às tuas questões, Tris – diz Zoe.

Depois, sorri para mim e desliza porta fora.

Sento-me curvada, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Marcus era Divergente – geneticamente puro, assim como eu. Mas não aceito que fosse uma pessoa má só porque estava cercado por pessoas geneticamente danificadas. Também eu estava. Tal como Uriah. Tal como a minha mãe. Mas nenhum de nós atacou os nossos entes queridos.

– O argumento dela tem algumas falhas, não tem? – questiona Matthew.

Observa-me de trás da secretária, tamborilando com os dedos no braço da cadeira.

– Sim – digo.

– Algumas das pessoas daqui querem culpar os danos genéticos por

tudo – continua. – Para eles é mais fácil do que aceitar a verdade, aceitar que não podem saber tudo sobre as pessoas e as suas razões para fazerem o que quer que seja.

– Toda a gente tem de culpar alguém ou alguma coisa pelo estado do mundo – reforço. – Para o meu pai, eram os Eruditos.

– Então, se calhar não devia dizer-te que os Eruditos sempre foram os meus preferidos – diz Matthew, com um pequeno sorriso.

– A sério? – Endireito-me. – Porquê?

– Não sei, acho que concordo com eles. Quando dizem que, se toda a gente continuasse a estudar o mundo à sua volta, teriam menos problemas.

– Desconfiei deles a minha vida inteira – respondo, apoiando o queixo na mão. – O meu pai odiava os Eruditos, por isso, aprendi a odiá-los e a tudo aquilo de que se ocupavam. Agora começo a pensar que talvez estivesse errado. Ou era apenas... preconceituoso.

– Em relação aos Eruditos ou ao estudo?

Encolho os ombros.

– A ambos. Muitos Eruditos ajudaram-me sem ter de lhes pedir. O Will, o Fernando, a Cara são Eruditos e algumas das melhores pessoas que já conheci, mesmo que por pouco tempo. Estavam tão empenhados em fazer do mundo um lugar melhor... – Abano a cabeça. – O que a Jeanine fez não tem nada a ver com uma sede de conhecimento que degenera numa sede de poder, como o meu pai dizia. Tem a ver, sim, com o pavor que ela tinha de o mundo ser tão grande, com a impotência que sentia perante esse facto. Se calhar, quem tinha razão eram os Intrépidos.

– Há um velho ditado que diz que o conhecimento é poder – diz Matthew. – Poder para fazer o mal, como a Jeanine... ou poder para fazer o bem, como o que estamos a fazer aqui. O poder por si só não é mau. Também o conhecimento por si só não é mau.

– Penso que cresci a desconfiar de ambos. Do poder e do conhecimento – afirmo. – Para os Abnegados, o poder deve ser dado apenas às pessoas que não o procuram.

– Há uma certa razão nisso – concorda Matthew. – Mas talvez seja altura de ultrapassares essas suspeitas.

Matthew enfia a mão debaixo da mesa e retira um livro. O volume

é grosso, com uma capa de aspeto usado e bordas puídas. Tem impresso o título «Biologia Humana».

– É ligeiramente rudimentar, mas este livro ajudou-me a aprender o que é ser humano – diz ele. – Ser um conjunto tão complicado e misterioso de maquinaria biológica e, mais surpreendentemente ainda, ter a capacidade de analisar essa maquinaria! Isso é uma coisa especial, sem precedentes em toda a história evolutiva. A nossa capacidade de nos conhecermos a nós mesmos e ao mundo é o que nos torna humanos.

Matthew passa-me o livro e volta-se para o computador. Olho para a capa gasta e passo os dedos ao longo da extremidade das páginas. Ele faz com que a aquisição de conhecimentos pareça uma coisa bela, antiga e secreta. Sinto que, se ler este livro, posso recuar no tempo através de todas as gerações da humanidade até à primeira, que posso participar de algo muitas vezes maior e mais velho do que eu.

– Obrigada – respondo, mas não lhe agradeço por causa do livro. É por me devolver algo, algo que perdi antes de ser realmente capaz de o ter.

O átrio do hotel cheira a lixívia e limão cristalizado, uma combinação acre que me queima as narinas quando respiro. Passo por um vaso que acolhe uma planta com uma flor berrante entre os seus ramos, em direção ao dormitório, que se tornou a nossa casa temporária aqui.

Enquanto ando, limpo o ecrã com a manga da camisa, tentando apagar algumas das minhas impressões digitais. Caleb está sozinho no dormitório, com o cabelo despenteado e os olhos vermelhos de sono. Pestaneja quando entro e atiro o livro de biologia para cima da cama. Sinto uma dor nauseante no estômago e aperto o ecrã com o ficheiro da nossa mãe contra o meu flanco. *Caleb é filho dela. Tem o direito de ler o diário dela, tal como tu.*

– Se tens algo a dizer – inicia ele –, diz de uma vez.

– A mãe viveu aqui. – Cuspo a frase como um segredo há muito guardado: precipitadamente, num tom muito alto. – Trouxeram-na dos arrabaldes e viveu cá uns anos, depois foi para a cidade para impedir os Eruditos de matarem os Divergentes.

Caleb pisca os olhos. Antes que perca a coragem, estendo-lhe o *tablet*.

– O dossiê dela está aqui. Não é muito comprido, mas devias lê-lo.

Caleb levanta-se e fecha a mão em torno do vidro. É muito mais alto do que antes, logo, muito mais alto do que eu. Durante alguns anos, quando éramos crianças, fui a mais alta, mesmo sendo quase um ano mais nova. Foram os nossos melhores anos, aqueles em que não sentia que ele era maior, melhor, mais inteligente ou mais altruísta do que eu.

– Há quanto tempo sabes disto? – pergunta ele, semicerrando os olhos.

– Não importa. – Recuo um passo. – Estou a dizer-te agora. A propósito, podes ficar com o *tablet*. Já não preciso dele.

Caleb limpa o ecrã com a manga e navega com dedos hábeis até à primeira entrada do diário da nossa mãe. Espero que se sente a lê-lo, terminando assim a conversa, mas Caleb suspira.

– Também tenho algo para te mostrar – declara. – Sobre Edith Prior. Vamos.

É o nome dela, não os resquícios do meu afeto por ele, que me faz seguir Caleb. O meu irmão sai do dormitório e guia-me pelo corredor fora, dobrando esquinas, até uma sala afastada de qualquer outra que vi até agora no complexo da Direção. É longa e estreita, com as paredes cobertas de prateleiras com livros idênticos de capa azul acinzentada, grossos e pesados como dicionários. Entre as duas primeiras filas, há uma longa mesa de madeira com cadeiras arrumadas debaixo do seu tampo. Caleb carrega no interruptor e uma luz pálida enche a sala, lembrando-me o quartel-general dos Eruditos.

– Tenho passado muito tempo aqui – diz ele. – É a sala de arquivo. Alguns dos dados da experiência de Chicago estão cá armazenados.

Caleb percorre as prateleiras no lado direito da sala, passando os dedos pelas lombadas. Pega num dos volumes e pousa-o sobre a mesa; o livro abre-se, com as páginas cobertas de textos e imagens.

– Porque não guardam toda esta informação em computadores?

– Suponho que são registos que mantiveram antes de terem desenvolvido uma rede dotada de um sofisticado sistema de segurança – avança, sem erguer os olhos. – Os dados digitais nunca desaparecem

totalmente, mas o papel pode ser destruído para sempre. Por isso, é realmente possível livrarmo-nos das informações quando não queremos que as pessoas erradas lhes deem as mãos. Às vezes, é mais seguro ter tudo impresso.

Os seus olhos verdes mexem-se para trás e para diante enquanto procura o sítio certo com os seus dedos ágeis, concebidos para virar páginas. Penso em como Caleb ocultou esta parte de si mesmo, escondendo livros entre a parede e a cabeceira da sua cama, na nossa casa Abnegada, até que largou o seu sangue na água dos Eruditos no dia da nossa Cerimónia da Escolha. Devia ter percebido então que o meu irmão era um mentiroso, leal apenas a si mesmo.

Sinto aquela dor nauseante de novo. Mal consigo suportar ficar aqui com ele, com a porta a encerrar-nos entre quatro paredes e nada entre nós para além da mesa.

– Ah, aqui.

Caleb pousa o dedo sobre uma página e, a seguir, vira o livro para mim para me mostrar. Parece a cópia de um contrato, mas o documento está manuscrito a tinta:

Eu, Amanda Marie Ritter, de Peoria, Illinois, outorgo o meu consentimento aos seguintes procedimentos:

- O procedimento de «cura genética», tal como definido pela Direção de Bem-Estar Genético: um procedimento de engenharia genética concebido para reparar os genes classificados como «danificados» na página três deste formulário.
- O «procedimento de reprogramação», tal como definido pela Direção de Bem-Estar Genético: um procedimento de eliminação das memórias concebido para aumentar o nível de adequação de um participante numa experiência a essa mesma experiência.

Declaro que fui exaustivamente informada sobre os riscos e benefícios destes procedimentos por um membro da Direção de Bem-Estar Genético. Compreendo que isto significa que me serão dadas uma nova história de vida e uma nova identidade pela Direção, ao abrigo desta experiência, em Chicago, Illinois, onde vou viver o resto dos meus dias.

Concordo em reproduzir-me pelo menos duas vezes para dar aos meus genes reparados a melhor hipótese possível de sobrevivência. Compreendo que serei incentivada a fazer isto quando for reeducada após o citado procedimento de reprogramação.

Autorizo igualmente que os meus filhos, os filhos dos meus filhos, e

assim por diante, continuem inseridos nesta experiência até que a Direção de Bem-Estar Genético considere ter a mesma chegado ao fim. Aos meus descendentes será comunicada a falsa história de vida que me será atribuída posteriormente ao processo de reprogramação.

Assinado,

Amanda Marie Ritter

Amanda Marie Ritter. Era a mulher no vídeo, Edith Prior, a minha antepassada.

Ergo o olhar para Caleb, cujos olhos brilham de conhecimento, como se cada um estivesse ligado a um fio elétrico.

A nossa antepassada.

Puxo uma das cadeiras e sento-me.

– Ela era antepassada do pai?

Caleb acena afirmativamente com a cabeça e senta-se em frente a mim.

– De há sete gerações, sim. Uma tia. Foi através do irmão dela que se transmitiu o nome dos Prior.

– E isto é...

– É um formulário de consentimento informado – explica ele. – O consentimento dela para se juntar à experiência. As notas de rodapé dizem que se trata apenas de um primeiro rascunho – ela fazia parte do grupo de pessoas que conceberam as experiências originais. Era membro da Direção. Havia apenas alguns elementos da Direção nos primeiros tempos da experiência; a maioria dos participantes não trabalhava para o Governo.

Leio as palavras de novo, tentando encontrar-lhes sentido. Quando a vi no vídeo, parecia tão lógico que aquela mulher se tornasse uma residente da nossa cidade, que aderisse às nossas fações, que se oferecesse para deixar para trás tudo o que deixou para trás. Mas isso foi antes de saber como era a vida fora da cidade, e este mundo não me parece tão horrível como o que Edith nos descreveu na sua mensagem.

Edith operou uma hábil manipulação através daquele vídeo, planeado para nos manter ali fechados e dominados pela visão da Direção: *o mundo fora da cidade está severamente danificado e os Divergentes têm de vir até cá para o recuperarem*. Não é bem uma

mentira, porque as pessoas da Direção acreditam que os genes reparados irão corrigir certas coisas; acreditam que, se nos integrarmos na população em geral e transmitirmos os nossos genes às gerações futuras, o mundo será um lugar melhor. Porém, não precisavam que os Divergentes marchassem para fora da cidade como um exército para lutarem contra a injustiça e salvarem o mundo inteiro, como Edith sugeriu. Pergunto a mim mesma se Edith acreditava nas suas próprias palavras ou se apenas as disse por obrigação.

Há uma fotografia dela na página seguinte, com a boca numa linha firme, madeixas de cabelo castanho caindo-lhe em torno do rosto. Deve ter visto algo de terrível, para se voluntariar e ver a sua memória apagada e a uma vida inteira reinventada.

– Fazes ideia do motivo que a levou a juntar-se à experiência? – pergunto.

Caleb abana a cabeça.

– Os registos sugerem, embora sejam bastante vagos sob este aspeto, que as pessoas se juntaram à experiência para que os seus familiares pudessem escapar à pobreza extrema. Em troca da sua participação, as famílias dos participantes recebiam um subsídio mensal durante mais de dez anos. Mas, obviamente, esta não era a motivação de Edith, uma vez que ela trabalhava para a Direção. Suspeito que algo de traumático lhe terá acontecido, algo que ela estava determinada a esquecer.

Olho para a sua fotografia de testa franzida. Não posso imaginar que tipo de pobreza poderia motivar uma pessoa a esquecer toda a gente que amava, a esquecer-se a si mesma, para que a sua família pudesse receber um subsídio mensal. Posso ter vivido à base do pão e dos legumes dos Abnegados quase toda a minha vida, sem nunca termos um bocadinho a mais, mas nunca estive assim tão desesperada. A situação daquelas pessoas deve ter sido muito pior do que tudo o que já vi na cidade.

Não consigo imaginar por que motivo Edith estava tão desesperada também. Ou talvez o problema fosse apenas ela não ter ninguém por quem valesse a pena conservar a memória.

– Estava interessado no precedente jurídico que permite a alguém

dar consentimento em nome dos seus descendentes – diz Caleb. – Acho que é uma extrapolação do facto de os filhos precisarem do consentimento dos pais antes dos dezoito anos, mas parece-me um bocado estranho.

– Suponho que todos decidimos o destino dos nossos filhos simplesmente pelas decisões de vida que tomamos – respondo vagamente. – Teríamos optado pelas mesmas fações se a mãe e o pai não tivessem escolhido os Abnegados? – Encolho os ombros. – Não sei. Talvez não nos tivéssemos sentido tão oprimidos. Talvez nos tivéssemos tornado pessoas diferentes.

Os pensamentos deslizam-me pelo espírito como uma criatura rastejante. *Talvez nos tivéssemos tornado pessoas melhores. Pessoas que não traem as próprias irmãs.*

Fixo a mesa à minha frente. Nos últimos minutos, foi fácil fingir que Caleb e eu somos apenas irmãos. Mas só é possível suspender a realidade – e a raiva – por um determinado período tempo antes que a verdade seja retomada. Ao erguer os olhos para Caleb, lembro-me de olhar para ele exatamente desta mesma forma, quando estava presa no quartel-general dos Eruditos. Penso que estou demasiado cansada para continuar a discutir com ele, ou para ouvir as suas desculpas; demasiado cansada para me importar com o facto de o meu irmão me ter abandonado.

Pergunto-lhe secamente:

– A Edith juntou-se aos Eruditos, não foi? Apesar de ter um nome Abnegado?

– Sim! – Caleb não parece reparar no meu tom. – De facto, a maioria dos nossos antepassados eram Eruditos. Houve alguns Abnegados e um ou dois Cândidos, mas a linha da nossa ascendência é bastante consistente.

Sinto muito frio, como se o meu corpo pudesse começar a tremer e, depois, partir-se.

– Então, suponho que, na tua cabeça doente, usas isso como desculpa para fazeres o que fizeste – digo num tom firme. – Para te teres juntado aos Eruditos, para a tua lealdade para com eles. Quer dizer, se sempre foi suposto seres um deles, então «a fação antes do sangue» é algo em que é aceitável acreditar, certo?

– Tris... – diz Caleb, olhando-me com uma expressão que me implora compreensão, mas não compreendo. Recuso-me a compreender.

Ponho-me de pé.

– Pronto, agora sei tudo sobre a Edith Prior e tu sabes tudo sobre a nossa mãe. Ótimo. Vamos deixar as coisas assim.

Às vezes, quando olho para Caleb sinto uma pontada de empatia para com ele e, outras, só me apetece apertar-lhe o pescoço. Agora, contudo, quero apenas fugir e fingir que isto nunca aconteceu. Saio da sala do arquivo e os meus sapatos chiam no chão de ladrilhos enquanto corro de volta para o hotel. Corro até sentir o cheiro adocicado do limão e, depois, detenho-me.

Tobias está de pé no corredor à porta do dormitório. Estou sem fôlego e consigo sentir o meu coração bater até na ponta dos dedos. Sinto-me oprimida, transbordante de perda e perplexidade, de raiva e saudade.

– Tris – diz Tobias, com a testa franzida de preocupação. – Estás bem?

Abano a cabeça, ainda a esforçar-me por respirar, e empurro-o contra a parede com o meu corpo, buscando os lábios dele com os meus. Por um momento, Tobias tenta afastar-me, mas parece decidir rapidamente que não se importa se estou bem, que não se importa se ele próprio está bem, que não se importa com nada. Não estamos sozinhos há dias. Semanas. Meses.

Os seus dedos deslizam pelo meu cabelo e agarro-me aos seus braços para manter o equilíbrio enquanto pressionamos os nossos corpos um contra o outro, como duas espadas digladiando-se num impasse. Tobias é mais forte do que qualquer pessoa que conheço, o seu corpo mais quente do que qualquer pessoa imagina; é um segredo que guardei e vou conservar para o resto da vida.

Ele inclina-se e beija-me a garganta com força, as suas mãos deslizam-me pelos flancos, agarrando-me a cintura. Enfio os dedos nas presilhas das suas calças, fechando os olhos. Naquele momento sei exatamente o que quero: quero retirar todas as camadas de roupa entre nós, eliminar tudo o que nos separa, o passado, o presente e o futuro.

Soam passos e gargalhadas no fundo do corredor e separamo-nos. Alguém – provavelmente Uriah – assobia, mas mal o ouço sobre o pulsar nos meus ouvidos. Os olhos de Tobias cruzam-se com os meus e sinto-me como na primeira vez em que realmente olhei para ele durante a minha iniciação, depois da simulação dos medos. Fitamo-nos longamente, atentamente.

– Cala-te – digo eu a Uriah, sem no entanto desviar os olhos.

Uriah e Christina entram para o dormitório e Tobias e eu seguimos, como se nada tivesse acontecido.

Capítulo vinte e três

Tobias

Esta noite, quando deixo a cabeça, repleta de pensamentos, cair sobre a almofada, ouço algo estalar sob a minha face. Há um bilhete enfiado dentro da fronha.

T,

*Vai ter comigo lá fora às onze, em frente à entrada do hotel.
Preciso de falar contigo.*

Nita

Olho para a cama de Tris. Está deitada de costas e uma madeixa de cabelo cobre-lhe o nariz e a boca, oscilando de cada vez que expira. Não quero acordá-la, mas sinto-me estranho por ir ao encontro de uma rapariga a meio da noite, sem lhe dizer nada. Especialmente agora que estamos esforçar-nos tanto por sermos honestos um com o outro.

Olho para o relógio. São 10h50. *Nita é apenas uma amiga. Posso dizer a Tris amanhã. Isto pode ser urgente.*

Empurro os cobertores para trás e enfio os pés nos sapatos – nos últimos tempos, durmo vestido. Passo a cama de Peter, depois a de Uriah. A parte de cima de uma garrafa espreita por baixo do travesseiro de Uriah. Agarro o gargalo entre os dedos e levo-a até junto da porta, onde a enfio debaixo do travesseiro de uma das camas vazias. Não tenho olhado por ele, como prometi a Zeke.

Quando chego ao corredor, ato os cordões dos sapatos e aliso o

cabelo. Parei de cortá-lo à maneira dos Abnegados para que os Intrépidos começassem a ver-me como um potencial líder, mas sinto falta do antigo ritual, do zumbido da máquina e dos movimentos cuidadosos das minhas mãos, orientados mais pelo tato do que pela visão. Quando era mais novo, costumava ser o meu pai a cortar-me o cabelo, no átrio do andar de cima da nossa casa Abnegada. Ele sempre foi muito descuidado com a lâmina e costumava esfolar-me a parte de trás do pescoço ou arranhar-me a orelha. Mas nunca reclamou por ter de me cortar o cabelo. Sempre é alguma coisa, suponho.

Nita bate com pé no chão. Desta vez, está vestida com uma camisa branca de manga curta e tem o cabelo puxado para trás. Sorri, mas o sorriso não lhe sobe até aos olhos.

– Pareces preocupada – digo.

– É porque estou – responde. – Anda, há um sítio que quero mostrar-te.

Conduz-me por corredores escuros, vazios à exceção de um ou outro funcionário de limpeza. Todos parecem conhecer Nita – acenam-lhe ou sorriem-lhe. Nita coloca as mãos nos bolsos, desviando cuidadosamente os olhos de cada vez que olhamos um para o outro.

Passamos por uma porta sem sensor de segurança que a bloqueie. A sala para além dela é um grande espaço circular com um lustre que marca o centro com os seus pendentés de cristal. O piso é de madeira escura e polida, e as paredes, cobertas de painéis de bronze, brilham nos sítios onde a luz incide sobre elas. Há nomes inscritos nos painéis, dezenas deles. Nita está sob o lustre e abre os braços de modo a abranger a sala no seu gesto.

– Estas são as árvores genealógicas de Chicago – diz. – As vossas árvores genealógicas.

Aproximo-me de uma das paredes e leio os nomes, em busca de algum que me pareça familiar. No final, encontro um: Uriah Pedrad e Ezequiel Pedrad. Ao lado de cada nome há dois pequenos «I» inscritos; junto ao nome de Uriah há também um pequeno ponto que parece recém-esculpido. Assinala-o como Divergente, provavelmente.

– Sabes onde está a minha? – pergunto.

Nita atravessa a sala e toca num dos painéis.

– A filiação é matrilinear. É por isso que os registos da Jeanine

diziam que a Tris era de «segunda geração»: porque a mãe dela vinha de fora da cidade. Não sei bem como a Jeanine sabia disso e suponho que nunca vamos descobrir.

Aproximo-me com receio do painel que exhibe o meu nome, embora não saiba bem o que haverá a temer em ver o meu nome e o nome dos meus pais gravados em bronze. Vejo uma linha vertical ligando Kristin Johnson a Evelyn Johnson, e uma linha horizontal que liga Evelyn Johnson a Marcus Eaton. Abaixo de ambos os nomes há apenas um: Tobias Eaton. As letras pequenas ao lado do meu nome dizem «AI» e há também um ponto, embora saiba agora que não sou realmente Divergente.

– A primeira letra representa a tua fação de origem – explica Nita – e a segunda é a fação que escolheste. Eles acharam que manter um registo das fações ajudaria a perceber a evolução dos genes.

As letras da minha mãe: «EAS». O «S» significa «sem-fação», deduzo. As letras do meu pai: «AA», acompanhadas por um ponto.

Passo a mão na linha que me liga a eles e, depois, na linha que liga Evelyn aos seus pais e na linha que os liga por sua vez aos respetivos pais, percorrendo todo o caminho de oito gerações, contando com a minha. Este é um mapa daquilo que eu sempre soube: que estou preso a eles, para sempre ligado a esta herança vazia, independentemente do muito que me afaste.

– Obrigado por me mostrares isto – digo, sentindo-me triste e cansado –, mas não percebo bem porque foi preciso virmos até aqui a meio da noite.

– Pensei que poderias querer vê-las. E também havia uma coisa de que queria falar-te.

– Outra vez aquela conversa de que as minhas limitações não me definem? – Abano a cabeça. – Obrigada, mas já tive que chegasse.

– Não – responde Nita. – Mas fico contente por ouvir isso.

Inclina-se para o painel, tapando o nome de Evelyn com o ombro. Recuo um passo, não querendo estar tão perto dela que consigo ver o contorno mais claro a rodear as pupilas dos seus olhos castanhos.

– Essa conversa que tive contigo ontem à noite, sobre os danos genéticos... Na verdade foi um teste. Queria ver como reagirias ao que te disse sobre genes danificados, para saber se podia confiar em ti ou

não – declara. – Se aceitasses o que disse sobre as tuas limitações, a resposta seria não. – Nita desliza ligeiramente, aproximando-se de mim, e o seu ombro tapa agora também o nome de Marcus. – É que, sabes, não estou realmente com vontade em ver alguém classificar-me como «danificada».

Penso na forma como Nita cuspiu a explicação sobre a tatuagem de vidro partido nas suas costas como se fosse veneno. O meu coração começa a bater mais velozmente e consigo sentir o latejar na minha garganta. A amargura substituiu o bom humor na sua voz e os seus olhos perderam o calor. Tenho medo dela, medo do que ela diz e, simultaneamente, sinto-me entusiasmado, porque isto significa que não tenho de aceitar que sou menos do que outrora acreditei.

– Depreendo que também não estejas com essa vontade – experimenta Nita.

– Não, não estou.

– Neste sítio há muitos segredos – continua ela. – Um deles é que, para esta gente, os GD são descartáveis. Outro é que alguns de nós não nos vamos limitar a aceitar esta situação tranquilamente.

– O que queres dizer com «descartáveis»? – pergunto.

– Os crimes que eles cometeram contra pessoas como nós são graves. E permanecem ocultos. Posso mostrar-te provas, mas isso terá de ficar para mais tarde. Por agora, tudo o que posso dizer-te é que trabalhamos contra a Direção, que temos boas razões para isso e que queremos que te juntes a nós.

Semicerro os olhos.

– Porquê? O que querem vocês de mim, ao certo?

– Neste momento, quero oferecer-te uma oportunidade de veres como o mundo é fora do complexo.

– E o que recebes em troca...?

– A tua proteção – responde Nita. – Vou a um lugar perigoso e não posso contar a mais ninguém da Direção. És um estranho a este sítio, o que significa que é mais seguro para mim confiar em ti, e sei que sabes defender-te. E, se vieres comigo, mostro-te as provas que desejas ver.

Nita toca ao de leve no peito, sobre o coração, como se fizesse um juramento. O meu ceticismo é grande, mas a minha curiosidade é

maior. Não me é difícil acreditar que a Direção seja capaz de fazer coisas más, porque todos os governos que já conheci fizeram coisas más, mesmo a oligarquia dos Abnegados que o meu pai liderava. E, para lá da minha desconfiança razoável, sinto ferver dentro de mim a esperança desesperada de não estar danificado, de valer mais do que os genes corrigidos que possa passar aos filhos que venha a ter.

Por isso, decido alinhar. Pelo menos, por agora.

– OK – digo.

– Primeiro – continua Nita –, antes de te mostrar o que quer que seja, tens de concordar em não dizer nada a ninguém, nem mesmo à Tris, sobre aquilo que vais ver. Está bem?

– Ela é de confiança, sabes? – Prometi a Tris que nunca mais esconderia nada dela. Não me deveria envolver em situações que me obriguem a fazê-lo de novo. – Porque não posso dizer-lhe?

– Não estou a dizer que ela não é de confiança. É que ela não possui as capacidades de que precisamos e não queremos colocar ninguém em risco sem ser preciso. A Direção não quer que nos organizemos. Se acreditarmos que não estamos «danificados», então estaremos a dizer que tudo o que eles fazem – as experiências, as alterações genéticas, tudo – é um desperdício de tempo. E ninguém quer ouvir que o trabalho de uma vida inteira é uma farsa.

Conheço esta situação muito bem: é como descobrir que as fações são um sistema artificial, projetado por cientistas para nos manter sob controlo por tanto tempo quanto possível.

Nita afasta-se da parede e, em seguida, diz a única coisa que poderia dizer para me fazer concordar:

– Se lhe contares, vais privá-la da escolha que te estou a dar agora. Irás forçá-la a tornar-se nossa cúmplice. Ao esconder-lhe isto, estarás a protegê-la.

Passo os dedos sobre o meu nome gravado no painel de metal – Tobias Eaton. Estes são os meus genes, esta é a minha trapalhada. Não quero arrastar Tris para ela.

– Muito bem – respondo. – Vamos lá ver isso.

Vejo o feixe de luz projetado pela lanterna dela saltar para cima e para baixo, ao ritmo dos seus passos. Acabámos de retirar um saco do

armário das vassouras ao fundo do corredor – Nita tinha-se preparado para isto. Guiado por ela, embrenho-me pelos espaços subterrâneos do complexo, para lá do local onde os GD se costumam reunir, até chegarmos a um corredor onde já não há eletricidade. A certa altura, Nita agacha-se e passa a mão pelo chão até que os seus dedos encontram um trinco. Dá-me a lanterna e puxa o trinco, levantando um alçapão do chão de tijoleira.

– É um túnel de emergência – explica. – Eles cavaram-no quando vieram para cá inicialmente, para que pudessem ter sempre uma maneira de escapar se surgisse algum imprevisto.

Nita retira um tubo preto do saco e arranca a tampa. Do tubo saem faíscas de luz vermelha que cintilam contra a sua pele. Nita larga-o na abertura e o tubo cai vários metros, deixando um rasto de luz sobre as minhas pálpebras. Nita senta-se na borda do buraco, com a mochila bem presa às costas, e deixa-se cair.

Sei que a queda é pequena, mas parece maior com o espaço aberto debaixo de mim. Sento-me, percebendo a silhueta dos meus sapatos contra as faíscas vermelhas, e impulsiono-me para a frente.

– Interessante – diz Nita, quando aterro.

Ergo a lanterna e Nita segura o foguete de sinalização na sua frente enquanto caminhamos pelo túnel, que mede o suficiente para podermos andar lado a lado e para me permitir caminhar direito. Sinto um cheiro intenso e pútrido, a bolor e ar estagnado.

– Esqueci-me de que tinhas medo das alturas.

– Bem, não tenho medo de muito mais – respondo.

– Não é preciso ficares na defensiva! – Nita sorri. – Na verdade, sempre quis questionar-te sobre isso.

Avanço uma poça de água, as solas dos meus sapatos raspam no solo arenoso do túnel.

– O teu terceiro medo – continua Nita. – Disparar sobre aquela mulher. Quem era ela?

O foguete apaga-se e a lanterna que seguro na mão torna-se a nossa única orientação no túnel. Movo o braço de forma a aumentar o espaço entre nós, não querendo tocar acidentalmente em Nita no escuro.

– Não era ninguém em particular – respondo. – O medo era apenas

o de disparar sobre ela.

– Tinhas medo de disparar sobre as pessoas?

– Não – digo. – Tinha medo da minha considerável capacidade para matar.

Nita fica em silêncio e eu também. Esta é a primeira vez que digo estas palavras em voz alta e agora consigo perceber como são estranhas. Quantos jovens temem que haja um monstro dentro de si? As pessoas devem temer os outros e não a si próprios. As pessoas devem aspirar a tornar-se nos próprios pais e não estremecer perante essa possibilidade.

– Sempre me perguntei como seria a minha paisagem dos medos – diz Nita num tom sussurrante, como numa oração. – Às vezes, sinto que há muito de que ter medo e, outras, que não há nada que recear.

Assinto com a cabeça, embora ela não me possa ver, e continuamos a andar, com a luz da lanterna a saltitar, os sapatos a ranger no chão e o ar bolorento a projetar-se contra nós desde o que quer que seja que há ao fundo do túnel.

Ao fim de vinte minutos de caminhada, viramos uma esquina e sinto um vento fresco, suficientemente frio para me fazer tremer. Desligo a lanterna e o luar ao fundo do túnel guia-nos em direção à saída. O túnel desemboca algures na terra de ninguém que atravessámos para chegar ao complexo, entre os prédios em ruínas e as árvores demasiado grandes que rompem o asfalto. Estacionado a poucos metros de distância está um camião velho, com a parte traseira coberta por uma lona puída e esburacada.

Nita pontapeia um dos pneus para testá-lo e, a seguir, sobe para o banco do motorista. As chaves já estão na ignição.

– De quem é este camião? – pergunto quando subo para o lugar do passageiro.

– Pertence às pessoas com quem vamos ter. Pedi-lhes para o deixarem aqui estacionado.

– E quem são elas?

– Amigos meus.

Não sei como é Nita capaz de encontrar o caminho através do labirinto de ruas diante de nós, mas o facto é que consegue,

contornando raízes de árvores e postes caídos, dando máximos para animais que fogem em debandada na periferia da minha visão. À nossa frente caminha uma criatura de pernas longas, com um torso castanho e barriga protuberante, quase da altura dos faróis. Nita levanta o pé do pedal para não lhe bater. As orelhas do animal agitam-se e os seus olhos escuros e redondos observam-nos com uma curiosidade cautelosa, como uma criança.

– Bonito, não é? – pergunta Nita. – Antes de vir para cá, nunca tinha visto um veado.

Aceno com a cabeça. O animal é elegante, mas indeciso e vacilante.

Nita pressiona a buzina com ponta dos dedos e o veado sai da frente. Aceleramos de novo e depois chegamos a uma estrada larga e desimpedida, suspensa sobre as linhas do caminho de ferro que percorri para chegar ao complexo. Vejo as suas luzes mais à frente, um ponto brilhante neste baldio escuro. Viajamos para nordeste, afastando-nos dele.

Passa muito tempo antes de voltar a avistar luzes elétricas. Quando as vejo, é ao longo de uma rua estreita e irregular. As lâmpadas oscilam de um cabo amarrado ao longo dos antigos postes de iluminação pública.

– Vamos parar aqui. – Nita vira o volante e faz entrar o camião num beco entre dois prédios de tijolo. Retira as chaves da ignição e olha para mim. – Vê no porta-luvas. Pedi-lhes para nos arranjam armas.

Abro o compartimento à minha frente. Encontro duas facas em cima de algumas embalagens velhas.

– És bom com facas? – pergunta ela.

Os Intrépidos ensinavam os Iniciados a atirar facas já antes das alterações que Max introduziu à iniciação, antes de eu me juntar a eles. Nunca me agradou, porque me parecia mais uma forma de encorajar o gosto dos Intrépidos pela teatralidade do que uma habilidade útil.

– Safo-me bem – respondo com um sorriso afetado. – Embora nunca lhe tenha reconhecido alguma utilidade.

– Acho que, afinal, os Intrépidos sempre sabem fazer alguma coisa bem... *Quatro* – replica, sorrindo ligeiramente.

Agarra na maior das duas facas e eu pego na mais pequena. Estou tenso e rodo o cabo da faca entre os dedos enquanto caminhamos pelo beco. Acima de mim, as janelas cintilam com um tipo diferente de luz – chamuscas de velas ou lanternas. A certa altura, quando ergo os olhos, vejo uma cortina de cabelos e órbitas escuras a olhar para mim.

– Há pessoas a viver aqui – digo.

– Estamos no limite dos arrabaldes – explica Nita. – Fica a cerca de duas horas de carro de Milwaukee, que é uma área metropolitana a norte daqui. Sim, há pessoas a viver aqui. Não se aventuram muito longe das cidades, apesar de quererem viver à margem da influência do Governo, como os habitantes de cá.

– Porque querem viver fora da influência do Governo?

Sei como é viver fora das áreas do Governo pelo que vi dos sem-facção. Estavam sempre com fome, tinham sempre frio no inverno e sofriam com o calor no verão, viviam numa luta constante para sobreviver. Não é uma existência fácil e é preciso ter uma boa razão para a escolher.

– Porque são geneticamente danificados – diz Nita, olhando para mim. – Os indivíduos geneticamente danificados são tecnicamente – e legalmente – iguais aos indivíduos geneticamente puros, mas apenas no papel, por assim dizer. Na realidade, são mais pobres, mais propensos a serem condenados por crimes, com menor probabilidade de obterem um bom emprego... e por aí adiante. É um problema que se tem arrastado desde a Guerra da Pureza, há mais de um século. Para as pessoas que vivem nos arrabaldes, pareceu mais atraente colocaram-se por completo fora da sociedade do que tentarem corrigir o problema de dentro, como eu pretendo fazer.

Penso no fragmento de vidro tatuado na sua pele. Gostaria de saber quando fez ela a tatuagem. Pergunto a mim mesmo o que deu aos seus olhos aquela expressão perigosa, o que imprimiu tanto dramatismo ao seu discurso, o que fez Nita tornar-se uma revolucionária.

– Como pensas fazer isso?

Nita cerra o maxilar e diz:

– Retirando algum do poder à Direção.

O beco dá para uma grande rua. Algumas pessoas rondam junto às paredes, mas outras caminham mesmo pelo meio, em grupos agitados, com garrafas nas mãos. São todos jovens – não há muitos adultos nos arrabaldes, suponho.

Ouçõ gritos mais à frente e o ruído de vidros estilhaçados no chão. Uma multidão rodeia duas figuras que lutam ao soco e ao pontapé. Lanço-me na sua direção, mas Nita agarra-me no braço e arrasta-me para um dos edifícios.

– Não é altura de te armares em herói – adverte.

Aproximamo-nos da porta do edifício na esquina. Ao seu lado, está um homem grande, fazendo girar uma faca sobre a palma mão. Quando subimos os degraus, o homem para o movimento da faca e muda-a de mão, cuja pele está arrepanhada de cicatrizes. O seu tamanho, a destreza com a faca, as cicatrizes, o ar sujo – tudo é suposto intimidar-me. Mas os seus olhos são como os daquele veado: grandes, cautelosos e curiosos.

– Viemos ver o Rafi – diz Nita. – Somos do complexo.

– Podem entrar, mas as vossas facas ficam aqui – ordena o homem.

A voz dele é mais leve, o tom mais alto do que esperava. Poderia talvez ser um homem gentil, se este fosse um lugar diferente. Na presente situação, vejo que de gentil não tem nada, nem deve saber o que isso significa.

Mas, apesar de eu próprio ter descartado qualquer tipo de amabilidade por considerá-la inútil, dou comigo a pensar que algo importante se perdeu se este homem foi forçado a contrariar a sua própria natureza.

– Nem penses – retruca Nita.

– Nita, és tu? – pergunta uma voz do interior. É expressiva, musical. O homem a quem pertence é baixo e sorri abertamente, aproximando-se da ombreira da porta. – Não te disse para os deixares entrar sem problemas? Entrem, entrem.

– Olá, Rafi – diz Nita, nitidamente aliviada. – Quatro, este é o Rafi. É um homem importante nos arrabaldes.

– Muito gosto – diz Rafi, fazendo-nos sinal para o seguirmos.

No interior, há uma sala grande e aberta, iluminada por filas de velas e lanternas. Vejo móveis de madeira espalhados por toda parte;

todas as mesas estão vazias, à exceção de uma. Uma mulher senta-se ao fundo da sala e Rafi desliza para a cadeira ao lado dela. Embora não tenham a mesma aparência – ela tem cabelo ruivo e uma figura generosa, a pele dele é escura e o seu corpo tenso como um arame – partilham o mesmo olhar, como duas pedras talhadas pelo mesmo cinzel.

– Armas na mesa – ordena Rafi.

Desta vez, Nita obedece, colocando a faca na borda da mesa, mesmo à sua frente. Depois senta-se. Eu imito-a. Do outro lado da mesa, a mulher pousa uma arma no tampo.

– Quem é este? – pergunta ela, apontando para mim com um abrupto movimento de cabeça.

– É o meu parceiro – responde Nita. – O Quatro.

– Que raio de nome é «Quatro»?

Contudo, a mulher não faz a pergunta num tom sarcástico, como muitas vezes me aconteceu.

– Um nome que se arranja dentro da experiência da cidade – explica Nita. – Por ter apenas quatro medos.

Ocorre-me que Nita pode ter-me apresentado por este nome apenas para ter uma oportunidade de dizer de onde venho. Será que lhe dá algum tipo de vantagem? Fará com que estas pessoas confiem mais em mim?

– Interessante. – A mulher bate na mesa com o dedo indicador. – Bem, *Quatro*, eu sou a Mary.

– A Mary e o Rafi lideram a secção do Midwest de um grupo GD rebelde – explica Nita.

– Chamares-lhe *grupo* faz-nos parecer um bando de velhinhas que se juntam para jogar cartas – diz Rafi suavemente. – Somos mais um movimento revoltoso. A nossa influência estende-se por todo o país. Há um grupo em cada área metropolitana e supervisores regionais no Midwest, no Sul e no Leste.

– Há uma área chamada Oeste? – pergunto.

– Já não – responde Nita tranquilamente. – O terreno era demasiado acidentado para as viagens, e as cidades demasiado afastadas entre si para continuar a ser sensato viver lá depois da guerra. Agora, é uma região selvagem.

– Então, é verdade o que dizem – diz Mary. Quando olha para mim, a luz incide-lhe sobre os olhos como se fossem lascas de vidro. – As pessoas da experiência da cidade não sabem mesmo o que existe cá fora.

– É claro que é verdade, como haviam de saber? – replica Nita.

Subitamente, sou dominado pelo cansaço, por um peso que se instala atrás dos meus olhos. Já fiz parte de demasiadas rebeliões ao longo da minha breve existência. A dos sem-faço e agora esta dos GD, aparentemente.

– Não quero abreviar as apresentações – diz Mary –, mas não devíamos ficar aqui muito tempo. Não conseguimos afastar as pessoas por tempo indefinido.

– Certo – assente Nita. A seguir, olha para mim. – Quatro, podes ir verificar se não se passa nada lá fora? Preciso de falar com a Mary e o Rafi um bocadinho em privado.

Se estivéssemos sozinhos, perguntaria a Nita porque não posso estar presente enquanto fala com eles, ou porque se preocupou em levar-me com ela quando eu podia ter ficado de guarda do lado de fora o tempo todo. Acho que realmente ainda não concordei em ajudá-la e Nita deve ter querido que eles me conhecessem por algum motivo. Assim, limito-me a pôr-me de pé, agarro na minha faca e vou até à porta, onde o guarda de Rafi observa o panorama.

A zaragata do outro lado da rua acalmou. Há uma figura solitária deitada no chão. Por um momento, acho que ainda se mexe, mas depois percebo que o movimento resulta de alguém estar a revistar-lhe os bolsos. Não é uma figura – é um cadáver.

– Está morto? – pergunto, e a palavra mal se ouve.

– Sim. Aqui, se não souberes defender-te, não duras uma noite.

– Mas, então, porque é que as pessoas vêm para cá? – Franzo a testa. – Porque não regressam simplesmente às cidades?

O homem fica calado tanto tempo que acho que não deve ter ouvido a pergunta. Vejo o ladrão virar os bolsos do morto do avesso e abandonar o corpo, entrando num dos prédios próximos. Finalmente, o segurança de Rafi fala:

– Aqui, há uma hipótese de a morte de alguém marcar a diferença. Alguém como o Rafi, ou outro dos líderes. Nas cidades, se te matarem,

é certo que ninguém se vai importar minimamente, não quando és um GD. A condenação mais grave que vi atribuída a um GP por matar um GD foi por «homicídio involuntário». Que grande treta.

– Homicídio involuntário?

– Quer dizer que o crime foi considerado um acidente – ouço Rafi dizer nas minhas costas, na sua voz suave e ritmada. – Ou, pelo menos, não tão grave como, digamos, um homicídio qualificado. *Oficialmente*, é claro, somos todos tratados de maneira igual, certo? Mas raramente é o caso.

Ele está ao meu lado, de braços cruzados. Quando olho para ele, vejo um rei a examinar o seu próprio reino, um domínio que considera belo. Olho para a rua, para o pavimento rachado e para o corpo inerte, com os bolsos virados do avesso, e as janelas cintilando à luz das chamas, e sei que a beleza que vê é tão-somente a liberdade – liberdade de ser visto como um homem inteiro, e não como um homem danificado. Vi essa liberdade uma vez, quando Evelyn me acenou de entre os sem-façon, chamando-me para fora da minha façon para me tornar uma pessoa mais completa. Mas era tudo mentira.

– És de Chicago? – pergunta-me Rafi.

Encolho os ombros, continuando a olhar para a rua escura.

– E agora saíste de lá? Que tal te parece o mundo?

– Mais ou menos a mesma coisa – respondo. – Só que as pessoas estão divididas por coisas diferentes e lutam em guerras diferentes.

Os passos de Nita rangem sobre as tábuas do soalho lá de dentro e, quando me viro, está mesmo atrás de mim, com as mãos enfiadas nos bolsos.

– Obrigada por proporcionares este encontro – diz Nita, acenando com a cabeça para Rafi. – É altura de irmos embora.

Voltamos para a rua e, quando me viro para olhar para Rafi, este tem a mão erguida, dizendo-me adeus.

À medida que caminhamos de volta ao camião, ouço novamente gritos, mas agora são de uma criança. Ouço-a fungar e choramingar e lembro-me de quando era mais novo, agachado no meu quarto, a limpar o nariz às mangas. A minha mãe costumava esfregar os punhos das minhas camisas com uma esponja antes de as pôr a lavar. Nunca

comentou o meu hábito.

Quando entro no caminhão, já me sinto algo indiferente a este lugar e à sua dor, e estou pronto para voltar para o sonho do complexo, o calor, a luz e a sensação de segurança.

– Estou a ter dificuldades em compreender por que razão este lugar é preferível à vida na cidade – digo.

– Só estive uma vez numa cidade que não era uma experiência – diz Nita. – Há eletricidade, mas é racionada – cada família só tem direito a algumas horas por dia. Passa-se o mesmo com a água. E há imensa criminalidade, pela qual são responsabilizados os danos genéticos. Também há polícias, mas não conseguem dar conta de tudo.

– Então, o complexo da Direção é de longe o melhor lugar para se viver.

– Em termos de recursos, sim – responde Nita. – Mas no complexo vigora o mesmo sistema social das cidades, embora seja um pouco menos visível.

Vejo os arrabaldes desaparecerem no espelho retrovisor, distinguindo-se dos edifícios abandonados que os rodeiam apenas por aquela sequência de luzes elétricas suspensas sobre a rua estreita. Passamos por casas escuras com as janelas entaipadas e tento imaginá-las limpas, com a pintura em bom estado, como devem ter sido em algum momento no passado. As casas têm jardins rodeados de cercas, que outrora devem ter estado cobertos de uma vegetação bem aparada, janelas que se devem ter iluminado à noite. Imagino que as vidas vividas aqui eram pacíficas e tranquilas.

– Porque vieste até aqui falar com eles? – pergunto.

– Vim cá para consolidar os nossos planos – responde Nita. À luz do painel de instrumentos, reparo que tem alguns cortes no lábio inferior, como se tivesse passado muito tempo a mordê-lo. – E queria que eles te conhecessem, para dar um rosto às pessoas das experiências das fações. A Mary costumava desconfiar que as pessoas como tu estavam, na realidade, em conluio com o Governo, o que obviamente não é verdade. Já o Rafi... foi a primeira pessoa a dar-me provas de que a Direção, ou o Governo, mentia sobre a nossa história.

A seguir, faz uma pausa, como que para me levar a sentir o peso das suas palavras, mas não preciso de tempo ou de silêncio ou de

espaço para acreditar nela. O meu governo mentiu-me toda a minha vida.

– A Direção fala de uma era dourada da Humanidade anterior às manipulações genéticas, em que toda a gente era geneticamente pura e vivíamos todos em paz – diz Nita. – Mas Rafi mostrou-me fotografias de uma guerra.

Espero uns instantes antes de perguntar:

– E depois?

– E depois? – interroga Nita, incrédula. – Se as pessoas geneticamente puras causaram uma guerra e devastação totais no passado, na mesma medida em que as pessoas geneticamente danificadas alegadamente o fazem agora, então qual é a base para pensar que precisamos de gastar tantos recursos e tanto tempo a esforçarmo-nos para corrigir os danos genéticos? Qual é a utilidade das experiências, exceto convencer as pessoas certas de que o Governo está a fazer algo para tornar a vida de toda a gente melhor, apesar de não ser verdade?

A verdade muda tudo. Não foi por isso que Tris ficou tão desesperada por revelar o vídeo de Edith Prior, levando-a a aliar-se ao meu pai para o conseguir? Sabia que a verdade, qualquer que fosse, iria mudar a nossa luta, alteraria para sempre as nossas prioridades. E aqui, agora, uma mentira mudou a luta, uma mentira alterou as prioridades para sempre. Em vez de combaterem a pobreza ou o crime que grassam desenfreadamente sobre este país, estas pessoas optaram por lutar contra danos genéticos.

– Porquê? Porquê gastar tanto tempo e energia lutando contra algo que não é realmente um problema? – pergunto, subitamente frustrado.

– Bem, as pessoas que agora trabalham no sentido de erradicar os danos genéticos fazem-no porque, provavelmente, lhes ensinaram que isso é um problema. Isso é outra coisa que o Rafi me mostrou: exemplos de propaganda governamental sobre os danos genéticos – responde Nita. – Mas, inicialmente? Não sei. Se calhar houve múltiplos motivos. Preconceitos contra os GD? Necessidade de controlar, talvez? Controlar a população geneticamente danificada, ensinando-lhe que há algo de errado com ela, e controlar a população geneticamente pura dizendo-lhes que está curada, que o seu

organismo está intacto? Estas coisas não acontecem da noite para o dia e não têm na sua base uma razão apenas.

Encosto a cabeça à janela fria e fecho os olhos. O meu cérebro zumba de informação e não consigo concentrar-me num elemento em particular, por isso, desisto e deixo o meu espírito vaguear.

Quando regressamos pelo túnel e volto para a minha cama, o sol está prestes a nascer e o braço de Tris pende sobre a borda da cama, com a ponta dos dedos a roçar o chão.

Sento-me diante ela, por um momento, observando o seu rosto adormecido e pensando no que combinámos, naquela noite no parque do Milénio: que não haveria mais mentiras. Fizemos ambos essa promessa. E se não lhe falar do que vi e ouvi esta noite estarei a quebrá-la. E para quê? Para protegê-la? Por Nita, uma rapariga que mal conheço? Afasto-lhe o cabelo do rosto, delicadamente, para não a acordar.

Tris não precisa da minha proteção. É suficientemente forte.

Capítulo vinte e quatro

Tris

Peter está do outro lado do dormitório, empilhando um monte de livros e enfiando-os depois num saco. Morde uma caneta vermelha e carrega o saco para fora; ouço os livros a embater contra a sua perna enquanto caminha pelo corredor. Espero até deixar de ouvir aquele som antes de me virar para Christina.

– Estava a tentar não te perguntar, mas desisti – digo. – Que se passa contigo e com o Uriah?

Christina, estendida na cama com uma das suas longas pernas pendurada sobre a extremidade, dirige-me um olhar maldispósito.

– Então? Vocês têm passado muito tempo juntos – afirmo. – Tipo, mesmo muito.

Hoje está um dia ensolarado, a luz brilha através das cortinas brancas. Não sei como, mas o dormitório cheira a sono – a roupa para lavar, a sapatos e suores noturnos e a pequeno-almoço. Algumas das camas estão feitas e outras ainda têm lençóis amarrotados, amontoados ao fundo ou de lado. A maioria de nós veio dos Intrépidos, mas estou impressionada pela forma como, apesar disso, somos diferentes uns dos outros. Temos hábitos diferentes, temperamentos diferentes, maneiras diferentes de ver o mundo.

– Podes não acreditar em mim, mas não se passa nada – responde Christina, erguendo-se ligeiramente apoiada nos cotovelos. – Ele está a sofrer. Estamos os dois aborrecidos. E depois... é o *Uriah*.

– E então? Ele é atraente.

– Atraente, mas incapaz de manter uma conversa séria, nem que seja para salvar a própria vida. – Christina abana a cabeça. – Não me interpretes mal, gosto de me rir, mas também quero uma relação com significado, percebes?

Encolho os ombros. Na verdade, percebo, melhor do que a maioria das pessoas, talvez por Tobias e eu não sermos propriamente do tipo bem-humorado.

– Além disso – diz ela –, nem todas as amizades evoluem para um romance. Ainda não tentei beijar-te.

Rio.

– É verdade.

– Por onde tens andado tu ultimamente? – pergunta Christina, movendo as sobrancelhas para cima e para baixo. – Com o Quatro? Andas ocupada com... aulas de matemática? A estudar a... multiplicação?

Tapo a cara com as mãos.

– Essa é a piada mais foleira que já ouvi.

– Não fujas à pergunta.

– Não há «multiplicação» nenhuma connosco – respondo. – Ainda não, pelo menos. Ele tem andado muito preocupado com toda aquela história dos «danos genéticos».

– Ah. Isso.

Christina senta-se direita na cama.

– O que pensas tu sobre o assunto? – pergunto.

– Não sei. Acho que me deixa furiosa. – Ela franze o sobrolho. – Ninguém gosta de ouvir que há algo de errado com o seu organismo, sobretudo ao nível dos genes, que é uma coisa que não podemos mudar.

– Achas que se passa mesmo alguma coisa contigo?

– Acho que sim. É como uma doença, não é? Eles conseguem vê-la nos nossos genes. Não é algo que se possa discutir, pois não?

– Não estou a dizer que os teus genes não sejam diferentes – respondo. – Estou só a dizer que isso não significa que uns estejam danificados e os outros não. Os genes dos olhos azuis e dos olhos castanhos são diferentes, mas isso quer dizer que os olhos azuis estão «danificados»? É como se tivessem decidido arbitrariamente que um

tipo de ADN é mau e outro é bom.

– Com base nas evidências de que os GD tinham um comportamento mais nocivo – faz notar Christina.

– Que pode ter sido provocado por muitas coisas diferentes – contraponho.

– Não sei porque estou a discutir contigo quando, na verdade, gostava que tivesses razão – diz Christina, rindo. – Mas não achas que uma data de pessoas inteligentes, como estes cientistas da Direção, é capaz de determinar com precisão as causas do mau comportamento?

– Claro – replico. – Mas penso que, por mais inteligentes que as pessoas sejam, veem sempre aquilo de que já estavam à procura, é tudo.

– Talvez também tu sejas parcial – observa. – Porque tens amigos e um namorado com este problema genético.

– Talvez. – Atrapalho-me à procura de uma explicação, em que possivelmente nem acredito, mas que exponho ainda assim. – Acho que não vejo razão nenhuma para acreditar nesta coisa dos danos genéticos. Vou tratar melhor as outras pessoas por causa disso? Não. Talvez se proporcione precisamente o contrário. E, além disso, vejo o que está a fazer ao Tobias, como está a fazê-lo duvidar de si mesmo, e não percebo que vantagens podem surgir desta discussão.

– Não acreditamos nas coisas porque podem tornar a nossa vida melhor, acreditamos porque são verdade – diz Christina.

– Mas... – falo lentamente, enquanto reflito sobre as suas palavras – ... analisar o resultado de uma crença não será uma boa forma de avaliar a sua veracidade?

– Isso soa-me ao raciocínio de um Empata. – Faz uma pausa. – Diria que vejo as coisas bastante à maneira dos Cándidos. Meu Deus, onde quer que estejamos, não conseguimos mesmo escapar às fações, pois não?

Encolho os ombros.

– Talvez escapar-lhes não seja assim tão importante.

Tobias entra no dormitório, pálido e exausto, como tem sido hábito, nos últimos dias. Traz o cabelo levantado de um dos lados, por ter estado deitado sobre a almofada, e veste as mesmas roupas que ontem. Tem dormido vestido desde que viemos para cá. Christina

levanta-se.

– OK, vou sair. E deixar-vos aos dois... sozinhos com *todo este espaço*. Sozinhos – repete, apontando para todas as camas vazias, e depois pisca-me visivelmente o olho ao sair do dormitório.

Tobias sorri ligeiramente, mas não o suficiente para me fazer pensar que está realmente contente. E, em vez de se sentar ao meu lado, permanece aos pés da minha cama, remexendo a bainha da camisa entre os dedos.

– Há uma coisa de que quero falar-te – diz ele.

– OK – respondo, e sinto uma pontada de medo no peito, como um movimento abrupto num monitor cardíaco.

– Quero que prometas que não vais zangar-te – continua Tobias –, mas...

– Mas sabes que não costumo fazer promessas estúpidas – respondo, com a garganta apertada.

– Certo. – Senta-se no amontoado de cobertores sobre a sua cama por fazer, evitando os meus olhos. – A Nita deixou-me um bilhete debaixo da almofada, dizendo-me para ir ter com ela ontem à noite. E eu fui.

Endireito-me e consigo sentir um calor furioso a alastrar-se pelo meu corpo ao imaginar o bonito rosto e os pés graciosos de Nita, caminhando em direção ao meu namorado.

– Uma rapariga gira pede-te para te encontrares com ela durante a noite e tu *vais?* – pergunto. – E queres que não fique furiosa com isso?

– Eu e a Nita não temos nada um com o outro. De maneira nenhuma – diz apressadamente, olhando finalmente para mim. – Ela só queria mostrar-me uma coisa. Não acredita em danos genéticos, como me tinha levado a pensar. Tem um plano para retirar poder à Direção, para equilibrar a situação para o lado dos GD. Fomos até aos arrabaldes.

A seguir, conta-me sobre o túnel subterrâneo que conduz ao exterior, a cidade em ruínas nos arrabaldes e a conversa com Rafi e Mary. Fala-me da guerra que o Governo ocultou, para ninguém saber que as pessoas «geneticamente puras» são capazes de uma violência incrível, e da maneira como os GD vivem nas áreas metropolitanas, onde o Governo ainda tem um poder real.

Enquanto fala, sinto crescer dentro de mim a desconfiança em relação a Nita, mas não sei dizer de onde vem – se do instinto em que geralmente confio, se dos meus ciúmes. Quando Tobias termina, olha para mim com expectativa e eu contraio os lábios, tentando decidir-me.

– Como sabes que está a dizer-te a verdade? – pergunto.

– Não sei. Ela prometeu mostrar-me provas. Esta noite. – Pega-me na mão. – Gostaria que viesses comigo.

– E a Nita não vai importar-se?

– Não me interessa se se importa ou não. – Entrelaça os dedos dele nos meus. – Se ela realmente precisa da minha ajuda, terá de arranjar maneira de se sentir bem com a situação.

Olho para os nossos dedos unidos, para o punho puído da sua camisa cinzenta e o joelho gasto das suas calças de ganga. Não quero passar tempo na companhia de Nita e Tobias, sabendo que os seus supostos danos genéticos lhes dão algo em comum que eu nunca vou possuir. Mas isto é importante para ele e quero saber, tanto como Tobias, se há provas de má conduta por parte da Direção.

– OK – assinto. – Eu vou. Mas não penses por um segundo que acredito que o interesse dela em ti não vai além do teu código genético.

– Bem – retruca Tobias. – Não penses por um segundo que estou interessado em alguém para além de ti.

Toma-me a nuca e puxa a minha boca para a dele. O beijo e as palavras reconfortam-me, ainda que não completamente.

Capítulo vinte e cinco

Tobias

Depois da meia-noite, Tris e eu vamos ter com Nita ao átrio do hotel, entre os vasos de plantas floridas, uma natureza selvagem domesticada. Quando Nita vê Tris do meu lado, o seu rosto endurece como se acabasse de engolir algo amargo.

- Prometeste que não ias contar-lhe – acusa, apontando para mim.
- Afinal, não querias protegê-la?
- Mudei de ideias – respondo.

Tris ri asperamente.

– Foi isso que lhe disseste, que querias proteger-me? É uma manipulação bastante inteligente. Os meus parabéns.

Ergo as sobranceiras para ela. Nunca tinha pensado na situação como uma manipulação e fico assustado. Geralmente, sou bom a detetar as segundas intenções das pessoas, ou consigo descortiná-las na minha cabeça, mas acostumei-me tanto ao meu desejo de proteger Tris, especialmente depois de quase a perder, que nem pensei duas vezes. Ou acostumei-me tanto a mentir, em vez de revelar verdades difíceis, que acolhi de bom grado a hipótese de a enganar.

– Não foi manipulação nenhuma, é a verdade. – Nita já não parece zangada, apenas cansada, passando a mão pelo rosto e, depois, alisando o cabelo. Não se põe na defensiva, o que significa que poderá estar a dizer a verdade. – Podes ser presa pelo mero facto de saberes o que sabes e não nos denunciarees. Achei melhor evitar isso.

- Bem, tarde de mais – digo. – A Tris vem connosco. Há problema?

– Prefiro os dois do que nenhum, o que tenho a certeza de que corresponde às tuas intenções – replica Nita, revirando os olhos. – Vamos.

Tris, Nita e eu caminhamos através do complexo deserto e silencioso em direção aos laboratórios onde Nita trabalha. Nenhum de nós fala e estou consciente de cada rangido dos nossos sapatos, de todas as vozes ao longe, de cada estalido, de cada porta a fechar-se. Sinto-me como se estivessemos a fazer algo proibido, embora tecnicamente não estejamos. Ainda não, pelo menos.

Nita para ao lado da porta dos laboratórios e passa o cartão. Seguimo-la para lá da sala de terapia genética, onde vi o mapa do meu código genético, mais para o interior do complexo do que alguma vez estive. Esta zona é escura e sombria e nuvens de poeira dançam sobre o chão quando passamos.

Nita empurra outra porta com o ombro e entramos numa divisão usada para armazenamento. Gavetas metálicas sem brilho cobrem as paredes, marcadas com números de papel, cuja tinta foi consumida pelo tempo. No centro da sala há uma mesa de laboratório com um microscópio e um computador e um homem jovem com cabelo loiro penteado para trás.

– Tobias, Tris, este é o meu amigo Reggie – apresenta Nita. – Também é um GD.

– Muito gosto – cumprimenta Reggie com um sorriso.

Aperta a mão a Tris e, depois, cumprimenta-me a mim com um aperto firme.

– Vamos mostrar-lhes os slides primeiro – diz Nita.

Reggie dá uma pancadinha no ecrã do computador e faz-nos um gesto para nos aproximarmos.

– Não mordo.

Tris e eu trocamos um olhar e, a seguir, colocamo-nos de pé atrás de Reggie, junto à mesa, de modo a vermos o ecrã. Por ele, começam a passar imagens, uma após a outra. Surgem em tons de cinzento e parecem granuladas e distorcidas – devem ser muito antigas. Levo apenas alguns segundos a perceber que as fotografias retratam situações de sofrimento: crianças esqueléticas de olhos enormes, valas

cheias de corpos, enormes pilhas de papéis em chamas.

As imagens sucedem-se tão rapidamente, como páginas de livros virando-se com o vento, que perceciono apenas breves impressões de horror. Depois viro o rosto, incapaz de continuar a ver. Sinto um silêncio profundo a crescer dentro de mim.

No início, quando olho para Tris, a sua expressão é como a água parada – como se as imagens que acabamos de ver não causassem ondulação. Mas, depois, a sua boca começa a tremer e ela aperta os lábios para disfarçar.

– Olha para estas armas. – Reggie exhibe a foto de um homem de uniforme com uma pistola na mão e aponta. – Este tipo de arma é incrivelmente antigo. As armas usadas na Guerra da Pureza eram muito mais avançadas. Nem a Direção negaria isso. A foto tem de ser de um conflito mesmo antigo. Que forçosamente foi travado por indivíduos geneticamente puros, uma vez que nessa altura não havia manipulações genéticas.

– Mas como se esconde uma guerra? – pergunto.

– As pessoas vivem isoladas, passam fome – afirma Nita num tom calmo. – Só sabem o que lhes é ensinado, só veem a informação que lhes é disponibilizada. E quem controla tudo isso? O Governo.

– OK. – A cabeça de Tris move-se para cima e para baixo e ela começa a falar nervosamente, demasiado depressa. – Então, eles mentem sobre a vossa... a *nossa* história. Isso não significa que sejam o inimigo, significa apenas que são um grupo de pessoas muito mal informadas que tentam... tornar o mundo melhor. De uma forma bastante mal orientada.

Nita e Reggie trocam um olhar.

– Essa é questão – observa Nita. – Eles estão a fazer mal às pessoas. – Pousa a mão no balcão e inclina-se para ele, inclina-se para nós, e vejo de novo a revolucionária a ganhar terreno dentro dela, conquistando as partes que pertencem à jovem mulher, à GD, à técnica de laboratório.

– Quando os Abnegados quiseram revelar a verdade sobre o seu mundo mais cedo do que era suposto – explica lentamente – e a Jeanine quis silenciá-los... a Direção teve muito gosto em fornecer-lhe um soro para simulações incrivelmente avançado, para a simulação do

ataque que escravizou as mentes dos Intrépidos e teve como consequência a destruição dos Abnegados.

Demoro algum tempo a processar a notícia.

– Isso não pode ser verdade – declaro. – A Jeanine disse-me que, de todas as fações, era nos Abnegados que havia a maior percentagem de Divergentes, de pessoas geneticamente *puras*. Disseste que a Direção valorizava os GP o suficiente para enviar alguém para os salvar. Então, porque ajudariam a Jeanine a matá-los?

– A Jeanine estava enganada – diz Tris num tom distante. – A Evelyn disse isso. A maior percentagem de Divergentes ocorria entre os sem-fação, não entre os Abnegados.

Viro-me para Nita.

– Mesmo assim, não percebo porque arriscariam eles as vidas de tantos Divergentes – digo. – Preciso de provas.

– Porque pensas que viemos até aqui? – Acende outro conjunto de luzes que iluminam as gavetas e caminha ao longo da parede da esquerda. – Demorei muito a obter uma autorização de segurança para entrar aqui – afirma. – E mais tempo ainda a adquirir os conhecimentos necessários para perceber o que via. Na realidade, fui ajudada por um GP. Um simpatizante da causa. – A mão paira-lhe sobre uma das gavetas mais baixas, de onde retira um frasco com um líquido laranja. – Parece-te familiar? – pergunta-me.

Tento lembrar-me da injeção que me deram antes da simulação de ataque começar, imediatamente antes da parte final da iniciação de Tris. Foi o Max quem me deu, inserindo a agulha no meu pescoço, de lado, como eu próprio tinha feito dezenas de vezes. No segundo anterior, a luz incidiu sobre o frasco de vidro e vi que era laranja, assim como o que Nita segura na mão.

– A cor é igual – digo. – E depois?

Nita traz o frasco até ao microscópio. Reggie retira uma lâmina de vidro de uma bandeja perto do computador e, usando um conta-gotas, verte duas gotas do líquido alaranjado no centro, colocando depois uma segunda lamela por cima, para manter a amostra estável. Coloca-a sob o microscópio com gestos cuidadosos, mas precisos; são movimentos de alguém que já fez o mesmo centenas de vezes.

Reggie toca no ecrã do computador algumas vezes, abrindo um

programa chamado «MicroScan».

– Esta informação está gratuitamente disponível para qualquer pessoa que saiba usar este equipamento e tenha a palavra-passe para entrar no sistema, que o referido simpatizante GP amavelmente me forneceu – explica Nita. – Por outras palavras, não é assim tão difícil aceder-lhe, mas ninguém pensaria em examiná-la muito atentamente. E os GD não possuem palavras-passe de acesso ao sistema, por isso, não teríamos propriamente forma de ter conhecimento desta informação. Esta sala de armazenamento destina-se a experiências obsoletas, falhanços, desenvolvimentos já ultrapassados, coisas inúteis. – Olha pelo microscópio, rodando um manípulo lateral para ajustar a lente. – Avança – ordena ela a Reggie.

Reggie carrega numa tecla do computador e surgem parágrafos de texto sob a barra do «MicroScan» no topo do ecrã. Reggie aponta para um parágrafo no meio da página e eu leio-o.

«Soro das simulações v4. 2. Coordena um grande número de alvos. Transmite sinais a grandes distâncias. Alucinogénio da fórmula original não incluído – a realidade simulada é predeterminada pelo gestor do programa.»

É isto.

É o soro da simulação de ataque.

– Agora, porque teria a Direção este soro na sua posse, a menos que o tenha desenvolvido? – instiga Nita. – Foi a Direção que introduziu os soros nas experiências, mas, normalmente, não voltava a interferir a este nível e deixava que fossem os habitantes da cidade a desenvolvê-los. Se foi a Jeanine que desenvolveu este, a Direção não o teria ido roubar. Se está aqui, é porque foi a Direção que o fabricou.

Fixo a lâmina sob o microscópio iluminado, a gotícula laranja nadando sob a objetiva, e respiro tremulamente.

Tris pergunta, sem fôlego:

– Porquê?

– Os Abnegados estavam prestes a revelar a verdade a todos dentro da cidade. E vocês viram o que aconteceu, agora que a cidade sabe a verdade: a Evelyn é, efetivamente, uma ditadora, os sem-fação estão a esmagar os membros das fações e tenho a certeza de que as fações se rebelarão contra eles, mais cedo ou mais tarde. Muitas pessoas vão

morrer. Dizer a verdade põe inevitavelmente em risco a segurança da experiência – diz Nita. – Assim, há alguns meses, quando os Abnegados estavam à beira de causar tal destruição e instabilidade, revelando o vídeo de Edith Prior à cidade, a Direção provavelmente pensou que seria preferível os Abnegados sofrerem pesadas perdas, mesmo à custa das vidas de vários Divergentes, a deixar que cidade inteira as sofresse. Era melhor acabar com a vida dos Abnegados do que comprometer a experiência. Então, entraram em contacto com alguém que sabiam que partilharia da mesma opinião. Jeanine Matthews.

As suas palavras sitiam-me e enterram-se dentro de mim. Coloco as mãos sobre a mesa de laboratório, deixando-a arrefecer-me as palmas, e olho para o meu reflexo distorcido no metal polido. Posso ter odiado o meu pai a maior parte da minha vida, mas nunca odiei a sua fação. A tranquilidade dos Abnegados, a sua comunidade, a sua rotina, sempre me pareceram algo de bom. E, agora, a maioria daquelas pessoas amáveis e generosas morreu. Assassinadas, às mãos dos Intrépidos, pelas ordens de Jeanine, com o poder da Direção para a apoiar.

A mãe e o pai de Tris estavam entre elas. Tris está muito quieta, com os braços pendentes dos lados do corpo, e vejo-a ficar progressivamente vermelha, à medida que o sangue lhe afluí ao rosto.

– Este é o problema do seu compromisso cego para com estas experiências – continua Nita ao nosso lado, como se estivesse a fazer deslizar as palavras para os espaços vazios dentro das nossas mentes. – A Direção atribui mais valor às experiências do que às vidas dos GD. É óbvio. E, agora, as coisas poderão ficar ainda piores.

– Piores? – pergunto. – *Piores* do que matar a maioria dos Abnegados? Como?

– O Governo anda a ameaçar encerrar as experiências há quase um ano – responde Nita. – As experiências passam a vida a fracassar, porque as comunidades não conseguem viver em paz, e o David continua a encontrar maneiras de restaurar a paz, mesmo no último minuto. E, se algo mais correr mal em Chicago, pode voltar a fazer o mesmo. Pode reiniciar as experiências a qualquer altura.

– *Reiniciar?* – repito.

– Com o soro da memória dos Abnegados – esclarece Reggie. – Bem, na verdade trata-se do soro da memória da Direção. Todos os homens, mulheres e crianças terão de começar de novo.

– As suas vidas inteiras serão apagadas contra a sua vontade, com o objetivo de resolver um «problema» de danos genéticos que realmente não existe – diz Nita secamente. – Esta gente tem o poder para o fazer. E ninguém deveria ter um poder assim.

Lembro-me do pensamento que tive depois de Johanna me contar que os Cordiais administravam o soro da memória às patrulhas de Intrépidos – que, quando se eliminam as memórias de uma pessoa, mudamos a sua natureza.

De repente, não me importa qual é o plano de Nita, desde que signifique atingir a Direção o mais duramente possível. O que soube nos últimos dias faz-me sentir que não há nada neste lugar que valha a pena salvar.

– Qual é a tua ideia? – pergunta Tris, num tom inexpressivo, quase mecânico.

– Vou fazer com que os meus amigos dos arrabaldes entrem pelo túnel subterrâneo – explica Nita. – Tobias, tu desligarás o sistema de segurança, para não sermos apanhados. É quase a mesma tecnologia com que trabalhaste na sala de controlo dos Intrépidos, por isso, deve ser fácil para ti. Depois, o Rafi, a Mary e eu arrombamos a porta do Laboratório das Armas e roubamos o soro da memória, para que a Direção não possa usá-lo. O Reggie tem estado a ajudar-nos nos bastidores, mas no dia do ataque vai abrir o túnel para nós.

– O que vais fazer com todo aquele soro da memória? – pergunto.

– Destruí-lo – responde Nita, numa voz neutra.

Sinto-me estranho, vazio como um balão furado. Não sei o que esperava quando Nita começou a contar o seu plano, mas não era isto, certamente. Isto parece-me muito pequeno, muito passivo como ato de retaliação contra as pessoas responsáveis pela simulação de ataque, as pessoas que me disseram que havia algo de errado comigo, com o meu código genético.

– E isso é *tudo* o que pretendes fazer? – pergunta Tris, finalmente desviando o olhar do microscópio. Dirige-se a Nita de olhos semicerrados. – Sabes que a Direção é responsável pelo assassinato de

centenas de pessoas e o teu plano é... roubar-lhes o soro da memória?

– Não me lembro de pedir a tua opinião sobre o meu plano.

– Não estou a dar a minha opinião – atira Tris. – Estou a dizer que não acredito em ti. Tu odeias aquelas pessoas. Posso ver pela maneira como falas delas. O que quer que estejas a pensar fazer, acho que será bem pior do que simplesmente roubar um soro.

– O soro da memória é o que lhes permite manterem as experiências em funcionamento. É a sua maior fonte de poder sobre a tua cidade e eu quero privá-los dela. Diria que é um golpe suficientemente duro, por agora. – O tom de Nita é amável, como se estivesse a explicar algo a uma criança. – Nunca disse que era tudo o que pretendia fazer. Nem sempre é sensato atacar com toda a nossa força à primeira oportunidade. Isto é uma corrida de fundo, não uma prova de velocidade.

Tris limita-se a abanar cabeça.

– Tobias, alinhadas? – pergunta Nita.

Movo os olhos de Tris, com a sua postura tensa e rígida, para Nita, que tem um ar relaxado, preparado. Não vejo o que Tris vê, nem o ouço. E, quando penso em dizer que não, sinto-me como se o meu corpo fosse implodir. Tenho de fazer algo. Mesmo que pareça pequeno, tenho de fazer algo, e não entendo por que motivo Tris não partilha o mesmo desespero dentro dela.

– Sim – digo.

Tris vira-se para mim de olhos arregalados, incrédula. Ignoro-a.

– Posso desativar o sistema de segurança. Vou precisar de soro da paz dos Cordiais. Tens acesso a ele?

– Tenho. – Nita sorri levemente. – Vou mandar-te uma mensagem com os pormenores de tudo. Anda, Reggie. Vamos deixar estes dois... conversar.

Reggie acena para mim e depois para Tris e, a seguir, Nita e ele saem da divisão, fechando a porta atrás deles com cuidado, de modo a não fazerem barulho. Tris vira-se para mim, com os braços cruzados como duas barras diante do corpo, impedindo a minha aproximação.

– Não posso crer – diz Tris. – Ela está a *mentir*. Porque não consegues ver isso?

– Porque não há mentira *nenhuma* – respondo. – Consigo ver tão

bem como tu quando alguém está a mentir. E, nesta situação, acho que o teu raciocínio pode estar afetado por algo diferente. Algo como o ciúme.

– Não tenho ciúmes *dela*! – exclama Tris, franzindo o rosto com raiva. – Estou a ser inteligente. Ela está a planear qualquer coisa em grande e, no teu lugar, fugia a sete pés de alguém que me mente acerca daquilo em que quer que eu participe.

– Pois, mas não estás no meu lugar. – Abano a cabeça. – Meu Deus, Tris. Estas pessoas mataram os teus pais e não vais fazer nada a respeito disso?

– Nunca disse que não ia fazer nada – replica Tris abruptamente. – Mas também não tenho de alinhar no primeiro plano que ouço.

– Sabes, trouxe-te comigo porque queria ser honesto contigo, não para que te pusesses a fazer julgamentos precipitados sobre as pessoas e a dizer-me o que fazer!

– Lembras-te do que aconteceu da última vez que não confiaste nos meus «julgamentos precipitados»? – pergunta Tris friamente. – Descobriste que eu tinha razão. Sabia que o vídeo da Edith Prior ia mudar tudo e tinha razão sobre a Evelyn. E tenho razão agora sobre isto.

– Sim. Tu tens sempre razão – digo. – Tinhas razão ao meteres-te em situações perigosas desarmada? Tinhas razão ao mentir-me e marchares para a tua morte no quartel-general dos Eruditos a meio da noite? E sobre o Peter? Tinhas razão sobre ele?

– Não me atires essas coisas à cara. – Aponta-me o dedo e sinto-me como uma criança a apanhar um sermão. – Nunca disse que era perfeita, mas tu... tu nem sequer consegues ver além do teu próprio desespero. Alinhaste com a Evelyn porque estavas desesperado por ter uma mãe e agora alinhas com isto porque queres desesperadamente não estar *danificado*...

A palavra atravessa-me com um arrepio.

– Não estou danificado – digo baixinho. – Não posso acreditar que tenhas tão pouca fé na minha pessoa que sejas capaz de me dizer para não confiar em mim próprio. – Abano a cabeça. – E não preciso da tua *autorização*.

Começo a dirigir-me para a porta e, no momento em que agarro a

maçaneta, ouço-a dizer:

– Vais-te embora só para poderes ter a última palavra! Quanta maturidade!

– Tal como desconfiar das intenções de uma pessoa só porque ela é bonita – respondo. – Acho que estamos quites.

Saio da sala. Não sou uma criança instável e desesperada que confia nas pessoas ao desbarato. Não sou um ser danificado.

Capítulo vinte e seis

Tris

Encosto a testa à ocular do microscópio. O soro flutua na minha frente, laranja acastanhado. Estava tão ocupada à procura das mentiras de Nita que a verdade só agora me atingiu: para ter este soro nas mãos, a Direção deve tê-lo desenvolvido e, de alguma forma, deu-o a Jeanine para que esta o usasse. Afasto-me. Por que motivo Jeanine se aliaria à Direção quando o que mais queria era permanecer na cidade, longe dela?

Mas acho que a Direção e Jeanine tinham um objetivo comum. Ambas queriam que a experiência prosseguisse. Ambas estavam aterrorizadas com o que sucederia em alternativa. Ambas estavam dispostas a sacrificar vidas inocentes para o fazer.

Pensei que este lugar poderia ser a minha casa. Mas a Direção está repleta de assassinos. Balanço-me para trás sobre os calcanhares como se empurrada por uma força invisível e, depois, saio da sala, com o coração a bater velozmente.

Ignoro as poucas pessoas que vagueiam pelo corredor à minha frente. Sigo em direção ao centro do complexo da Direção, embrenhando-me cada vez mais nas entranhas da besta.

Talvez este sítio pudesse ser a minha casa, ouço-me a dizer a Christina.

Estas pessoas mataram os teus pais, ouço as palavras de Tobias a ecoar na minha cabeça.

Não sei para onde vou, só sei que preciso de espaço e de ar. Seguro

o meu cartão de identificação com a mão apertada e passo a barreira de segurança em direção à escultura, meio a andar, meio a correr. Dentro do tanque não brilha qualquer luz, embora a água ainda caia dele, uma gota por cada segundo que passa. Fico por algum tempo, a observar. E então, do lado de lá do bloco de pedra, vejo o meu irmão.

– Estás bem? – pergunta ele, hesitante.

Não estou bem. Tinha começado a sentir que tinha finalmente encontrado um lugar para viver, um lugar que não era demasiado instável ou corrupto ou controlador, e que poderia lá ficar. Seria de esperar que já tivesse aprendido a lição: esse lugar não existe.

– Não – respondo.

Caleb começa a contornar o bloco de pedra, na minha direção.

– Que se passa?

– Que se passa? – Rio-me. – Vamos pôr as coisas assim: acabei de descobrir que não és a pior pessoa que conheço.

Agacho-me no chão e passo os dedos pelo cabelo. Sinto-me entorpecida e apavorada com a minha própria apatia. A Direção é responsável pela morte dos meus pais. Porque tenho de repetir isto incessantemente para me convencer de que é verdade? Que raio se passa comigo?

– Oh – diz Caleb. – Eu... lamento?

Só consigo emitir um pequeno grunhido.

– Sabes o que a mãe me disse uma vez? – pergunta Caleb, e a maneira como diz «mãe», como se não a tivesse *traído*, desperta a minha hostilidade para com ele. – Disse que toda a gente tem algum mal dentro de si e o primeiro passo para amar alguém é reconhecer o mesmo mal em nós mesmos, para sermos capazes de perdoar.

– É isso que queres que eu faça? – pergunto num tom inexpressivo, enquanto volto a pôr-me de pé. – Posso ter feito coisas más, Caleb, mas nunca te entregaria para seres executado.

– Não podes saber isso – contrapõe ele, e soa como se estivesse a tentar convencer-me, a implorar-me para dizer que sou igualzinha a ele, e não melhor. – Não fazes ideia de como a Jeanine era persuasiva...

Algo dentro de mim estala, quebrando-se como um elástico fino. Dou-lhe um murro na cara. Só consigo pensar no dia em que os

Eruditos me despojaram do meu relógio e dos meus sapatos e me levaram para a mesa vazia onde se preparavam para acabar com a minha vida. Uma mesa que pode perfeitamente ter sido preparada por Caleb.

Pensei que estava para além deste tipo de raiva, mas, quando Caleb tropeça para trás com as mãos no rosto, persigo-o, agarrando-o pela frente da camisa, atirando-o contra a escultura de pedra e gritando que é um covarde e um traidor e que vou matá-lo, vou matá-lo.

Uma das guardas vem na minha direção e tudo o que tem de fazer é pousar a mão no meu braço para o feitiço se quebrar. Largo a camisa de Caleb. Sacudo a minha mão, que arde. Viro-me e vou-me embora.

Há uma camisola bege caída sobre a cadeira vazia no laboratório de Matthew, com a manga a roçar o chão. Nunca vi o seu supervisor. Começo a suspeitar que Matthew faz, efetivamente, o trabalho todo.

Sento-me em cima da camisola e examino os meus nós dos dedos. Em alguns, a pele está estalada de bater em Caleb e veem-se ligeiras nódoas negras. Parece apropriado que o golpe tenha deixado marcas em ambos. É assim que o mundo funciona.

Ontem à noite, quando voltei para o dormitório, Tobias não estava lá e eu estava demasiadamente zangada para dormir. Naquelas horas em que fiquei acordada, olhando para o teto, decidi que, embora não fosse participar no plano de Nita, também não ia fazer nada para o travar. A verdade sobre a simulação de ataque aumentou o meu ódio pela Direção e desejo vê-la desmoronar-se a partir do interior.

Matthew está a falar de ciência. Estou com dificuldades em prestar atenção.

– ... fazendo uma análise genética, o que é bom, mas antes estávamos a desenvolver uma forma de fazer com que o composto da memória se comporte como um vírus – continua ele. – Com a mesma replicação rápida, a mesma capacidade de se espalhar pelo ar. E, a seguir, desenvolvemos uma vacina contra ele. Com um efeito apenas temporário, que só dura quarenta e oito horas, mas ainda assim...

Concordo com a cabeça.

– Então... vocês estavam a fazer isso para poderem implementar experiências noutras cidades de forma mais eficiente, certo? –

pergunta. – Não há necessidade de injetar toda a gente com o soro da memória, se podem simplesmente largá-lo e deixá-lo espalhar-se.

– Exatamente! – Matthew parece entusiasmado por achar que estou realmente interessada no que diz. – E é um modelo melhor para termos a opção de excluirmos membros específicos de uma população. Vacinamo-los, o vírus espalha-se em vinte e quatro horas e não tem qualquer efeito sobre eles.

Aceno novamente com a cabeça.

– Estás bem? – pergunta Matthew, segurando a caneca de café perto dos lábios. A seguir, pausa-a. – Ouvi dizer que os seguranças tiveram de te tirar de cima de alguém ontem à noite.

– Era o meu irmão. O Caleb.

– Ah. – Matthew arqueia uma sobrancelha. – O que fez ele desta vez?

– Na verdade, não fez nada. – Aperto a manga da camisola entre os dedos. As extremidades estão todas as desfiar-se, gastas pelo tempo. – Eu estava prestes a explodir e ele apareceu-me à frente.

Só de olhar para ele, já sei o que quer perguntar-me, e também eu quero explicar-lhe tudo, contar-lhe o que Nita me mostrou e revelou. Pergunto a mim mesma se posso confiar nele.

– Ontem, soube de uma coisa – digo, a testá-lo. – Sobre a Direção. Sobre a minha cidade e as simulações.

Matthew endireita-se e fita-me com uma expressão estranha.

– O que foi? – pergunto.

– Soubeste isso pela Nita? – interroga ele.

– Sim. Como é que sabes?

– Ajudei-a algumas vezes. Fui eu que lhe facilitei a entrada naquela sala de armazenamento. Ela contou-te mais alguma coisa?

Matthew é o simpatizante GP de Nita? Observo-o de olhos arregalados. Nunca me teria ocorrido que Matthew, que se empenhou tanto em mostrar-me a diferença entre os meus genes «puros» e os genes «danificados» de Tobias, poderia estar a ajudar Nita.

– Algo sobre um plano – digo devagar.

Matthew levanta-se e aproxima-se de mim, estranhamente tenso. Inclino-me na cadeira, afastando-me instintivamente dele.

– E esse plano vai avante? – questiona ele. – Sabes quando será?

– Que se passa? – pergunto. – Porque ajudarias tu a Nita?

– Porque todo este disparate dos «danos genéticos» é ridículo – atira. – É muito importante que respondas àquilo que estou a perguntar-te.

– Sim, vai avante. Não sei quando, mas acho que vai ser em breve.

– Raios. – Matthew leva as mãos ao rosto. – Isto não vai acabar nada bem.

– Se não paras de dizer coisas que não posso entender, dou-te um estalo – ameaço, pondo-me de pé.

– Estava a ajudar a Nita até ela me contar o que ela e aquelas pessoas dos arrabaldes queriam fazer – explica Matthew. – Eles querem entrar no Laboratório das Armas e...

– ... roubar o soro da memória. Sim, já sei.

– Não. – Matthew abana a cabeça. – Não, eles não querem o soro da memória, querem é o soro da morte. É semelhante ao que os Eruditos têm. Aquele que era suposto injetarem-te quando quase foste executada. Vão usá-lo para matar gente, *imensa gente*. É só pegar numa lata de aerossol e já está, compreendes? Nas mãos das pessoas certas, teremos uma explosão de anarquia e violência, que é precisamente o que aqueles indivíduos dos arrabaldes querem.

Compreendo, bastante bem. Vejo um *spray* inclinado, um dedo pressionando rapidamente o botão doseador de uma lata. Vejo cadáveres Abnegados e cadáveres Eruditos espalhados pelas ruas e escadarias. Vejo os pequenos pedaços deste mundo que temos conseguido preservar a explodir em chamas.

– Pensei que estava a contribuir para algo mais inteligente – continua Matthew. – Se soubesse que a estava a ajudar a iniciar uma nova guerra, nunca o teria feito. Temos de resolver isto.

– Eu disse-lhe – resmungo baixinho, mas é para mim que falo, não para Matthew. – Eu disse-lhe que ela estava a mentir.

– O modo como tratamos os GD neste país pode ser um problema, mas não é matando uma data de pessoas que vamos resolvê-lo – diz Matthew. – Agora, vem daí, vamos ao gabinete do David.

Não sei o que é certo ou errado. Não sei nada sobre este país ou a forma como funciona ou o que precisa de ser mudado. Mas sei que o soro da morte nas mãos de Nita e de algumas pessoas dos arrabaldes

não é melhor do que o soro da morte no Laboratório das Armas da Direção. Por isso, sigo Matthew pelo corredor fora. Caminhamos rapidamente na direção da entrada da frente, por onde entrei pela primeira vez neste complexo.

Quando passamos pelo posto de controlo, vejo Uriah perto da escultura. Ergue a mão para me acenar, com os lábios juntos numa linha que poderia ser um sorriso, se ele se esforçasse um pouco mais. Acima da sua cabeça, a luz é refratada pela água do tanque, o símbolo da lenta e inútil luta do complexo.

Estou mesmo a passar o posto de segurança, quando vejo a parede ao lado de Uriah explodir.

É como se uma flor desabrochasse em chamas. Estilhaços de vidro e metal projetam-se pulverizados do centro do botão florido, e o corpo de Uriah está entre eles, como um projétil mole. Um clamor profundo atravessa-me como um arrepio. Tenho a boca aberta, grito o seu nome, mas não consigo ouvir-me por cima do zumbido nos meus ouvidos.

Todos se agacham à minha volta, cobrindo a cabeça com os braços. Mas eu mantenho-me de pé, observando o buraco na parede do complexo. Ninguém o atravessa. Segundos depois, todos à minha volta começam a correr para longe da explosão e eu lanço-me contra eles, abrindo caminho com o ombro em direção a Uriah. Um cotovelo atinge-me de lado e caio. O meu rosto bate em algo duro e metálico – é uma mesa. Tento pôr-me de pé novamente, limpando o sangue do sobrolho com a manga. Sinto tecido roçar-me os braços e só consigo ver pernas, cabelos e olhos arregalados, além do sinal sobre as suas cabeças que diz «SAÍDA DO COMPLEXO».

– Façam soar os alarmes! – grita um dos guardas no posto de controlo.

Baixo-me, desviando-me do braço de alguém que passa, e tropeço.

– Já tentei! – grita outro guarda. – Não estão a funcionar.

Matthew agarra-me no ombro e grita-me ao ouvido:

– O que estás a fazer? Não vás na direção de...

Movo-me mais depressa, encontrando um corredor vazio entre as pessoas. Matthew corre atrás de mim.

– Não devíamos correr no sentido da explosão, porque quem a

detonou ainda pode estar no edifício – diz ele. – Vamos para o Laboratório das Armas, agora! Vem!

O Laboratório das Armas. Palavras sagradas.

Penso em Uriah deitado no chão de tijoleira, rodeado de vidro e metal. Cada músculo do meu corpo se esforça para chegar até lá, mas sei que não há nada que possa fazer por ele neste momento. A coisa mais importante agora é usar o que sei sobre ataques e situações caóticas, para impedir Nita e os amigos de roubarem o soro da morte.

Matthew tinha razão. Isto não vai acabar nada bem.

Matthew assume a liderança, mergulhando na multidão como se se tratasse de uma piscina cheia de água. Tento fixar o olhar na parte de trás da sua cabeça, para conseguir acompanhá-lo, mas os rostos que se aproximam distraem-me, com as suas bocas e olhos rígidos de terror. Perco-o de vista durante alguns segundos e, depois, encontro-o de novo, vários metros à frente, virando à direita no corredor seguinte.

– Matthew! – grito, abrindo caminho ao empurrão por entre outro grupo de pessoas. Por fim, apanho-o e agarro as costas da sua camisa. Ele volta-se e dá-me a mão.

– Estás bem? – pergunta, fixando o olhar no golpe acima da minha sobrancelha.

Na correria, quase esqueci o corte. Pressiono-o com a mão enrolada na manga da camisa e retiro-a, manchada de vermelho, mas aceno afirmativamente com a cabeça.

– Estou ótima! Vamos!

Corremos lado a lado pelo corredor, que não está tão lotado como os anteriores, mas posso ver que as pessoas que se infiltraram no edifício já aqui estiveram. Há guardas deitados no chão, alguns vivos e outros não. Vejo uma arma no chão, perto de um bebedouro, e lanço-me em direção a ela, largando a mão de Matthew.

Pego na arma e ofereço-a a Matthew. Este abana a cabeça.

– Nunca disparei nenhuma.

– Oh, pelo amor de Deus.

O meu dedo enrola-se à volta do gatilho. É diferente das armas que tínhamos na cidade. O cano não se desloca para o lado e não sinto a mesma tensão no gatilho, ou mesmo uma distribuição igual do peso. As suas características tornam-na mais fácil de empunhar, porque não

desencadeia as mesmas memórias.

Matthew está com falta de ar. Também eu, mas não me afeta da mesma maneira, porque já atravessei o caos vezes suficientes. O corredor por onde Matthew nos guia a seguir está vazio, à exceção de uma soldado caída. A mulher não se mexe.

– Não é longe – diz ele, e eu levo o dedo aos lábios para lhe indicar que não faça barulho.

Abrandamos o passo e começamos a andar normalmente. Aperto a pistola, que o suor na palma da minha mão faz escorregar. Não sei quantas balas tem, ou como verificar. Quando passamos pela soldado, paro para revistar o seu corpo em busca de uma arma. Encontro-lhe uma debaixo da anca, pois tombou com ela na mão. Matthew observa a mulher de olhos muito abertos enquanto pego na arma.

– Ei – chamo num tom calmo. – Continua a andar. Mexe-te agora, processa depois.

Dou-lhe uma cotovelada e sigo na frente pelo corredor fora. Aqui, os corredores são mal iluminados, os tetos estão repletos de barras e tubos. Posso ouvir pessoas mais adiante e não preciso das instruções que Matthew me sussurra para encontrá-los.

Quando chegamos ao sítio onde devemos virar, colo-me à parede e espreito pela esquina, com cautela para me manter o mais oculta possível. Há um conjunto de portas de vidro de painéis duplos que parecem tão pesadas como portas de metal, mas estão abertas. Depois delas, há um corredor estreito, onde estão apenas três pessoas vestidas de negro. As suas roupas são pesadas e transportam armas tão grandes que não tenho a certeza se conseguiria pegar numa. Os seus rostos estão tapados com um tecido escuro, que lhes oculta tudo menos os olhos.

De joelhos diante das portas duplas está David, com o cano de uma arma encostado às têmporas e sangue correndo-lhe pelo queixo abaixo. E, de pé entre os invasores, usando a mesma máscara que os outros, vejo uma rapariga de cabelo escuro preso num rabo de cavalo.

Nita.

Capítulo vinte e sete

Tris

– Abre-nos a porta, David – ordena Nita, com a voz disfarçada pela máscara.

O olhar de David desvia-se preguiçosamente para o lado, em direção ao homem que lhe aponta a arma.

– Não acredito que vás matar-me – diz ele. – Porque vocês querem o soro e eu sou a única pessoa neste edifício que tem essa informação.

– Talvez não te dê um tiro na cabeça – replica o homem –, mas há outros sítios.

O homem troca um olhar com Nita. A seguir, aponta a arma para os pés de David e dispara. Fecho os olhos com força enquanto os gritos de David encham o corredor. Pode ser uma das pessoas que ofereceram a Jeanine Matthews a simulação de ataque, mas não consigo retirar prazer dos seus gritos de dor.

Olho para as armas que tenho, uma em cada mão, os meus dedos pálidos contra os gatilhos negros. Imagino-me a cortar todos os ramos dispersos dos meus pensamentos, concentrando-me apenas neste lugar, neste momento. Aproximo a boca da orelha de Matthew e murmuro.

– Vai buscar ajuda. Agora.

Matthew acena com a cabeça e começa a descer o corredor. Felizmente, move-se em silêncio, com passos silenciosos sobre os ladrilhos do chão. Ao fundo do corredor, olha para mim, e, de seguida, desaparece dobrando a esquina.

– Estou cansada desta treta – cospe a mulher de cabelo ruivo. – Rebenta com as portas.

– Uma explosão ativaria um dos mecanismos de segurança auxiliares – afirma Nita. – Precisamos do código de acesso.

Volto a olhar pela esquina e, desta vez, os olhos de David cruzam-se com os meus. Tem o rosto pálido e brilhante de suor e uma grande poça de sangue em redor dos tornozelos. Os outros olham para Nita, que tira uma caixa negra do bolso e a abre, revelando uma seringa e uma agulha.

– Pensei que tinhas dito que essa coisa não funciona com ele – diz o homem que tem a arma.

– Disse que ele conseguia resistir-lhe, não que não funcionava de todo – responde Nita. – David, isto é uma mistura muito potente de soro da verdade e soro do medo. Vou injetá-lo com ela se não nos der o código de acesso.

– Sei que são os teus genes que são responsáveis por isto, Nita – diz David debilmente. – Se parares agora, posso ajudar-te, posso...

Nita exhibe um sorriso perverso. Com prazer, enfia a agulha no pescoço de David e pressiona o êmbolo. David cai no chão e, a seguir, o seu corpo é agitado por tremores, uma e outra vez. David abre muito os olhos e grita, olhando para o vazio, e sei o que está a ver, porque também o vi, no quartel-general dos Eruditos, sob a influência do soro do terror. Vi os meus piores medos materializarem-se.

Nita ajoelha-se diante dele e toma-lhe o rosto.

– David! – chama com urgência. – Posso fazer isto parar se nos disser como entrar na sala. Consegue ouvir-me?

David respira ofegantemente e os seus olhos não estão focados nela, mas em algo sobre o seu ombro.

– Não faças isso! – grita ele e lança-se para a frente, em direção ao fantasma, qualquer que ele seja, que o soro está a mostrar-lhe. Nita coloca um braço sobre o seu peito para o manter quieto e grita:

– Não se mexa! – A seguir, dá-lhe um abanão. – Posso fazer com que isso pare se me disser como entrar!

– Ela! – diz David, com os olhos brilhantes de lágrimas. – O... O nome...

– O nome de quem?

– Estamos a ficar sem tempo! – grita o homem que aponta a arma a David. – Ou nos dá o soro ou matamo-lo...

– *Ela* – diz David, apontando para o espaço à sua frente.

Apontando para mim.

Estico os braços e disparo duas vezes. A primeira bala acerta na parede. A segunda atinge o homem no braço, de maneira que a enorme arma cai no chão. A mulher de cabelo ruivo aponta a sua arma para mim, ou a parte de mim que pode ver, uma vez que estou meio escondida pela parede, e Nita grita:

– Não disparem!

– Tris – chama Nita –, não sabes o que estás a fazer...

– Provavelmente tens razão – digo, e disparo novamente. Desta vez, a minha mão está mais firme, a minha pontaria melhor, e atinjo Nita de lado, mesmo acima da anca. Ela grita por trás da máscara e fecha a mão sobre o buraco na sua pele, caindo de joelhos, com os dedos cobertos de sangue.

David lança-se na minha direção com uma careta de dor, apoiando o peso sobre a perna ferida ao caminhar. Passo-lhe o braço em volta da cintura e faço o seu corpo guinar, de modo a ficar entre mim e os restantes soldados. Então, encosto uma das minhas armas à parte de trás da cabeça dele. Todos ficam paralisados. Consigo sentir o coração bater-me na garganta, nas mãos, atrás dos olhos.

– Disparem e eu meto-lhe uma bala na cabeça – aviso.

– Não vais matar o teu próprio líder – diz a mulher de cabelos ruivos.

– Ele não é o meu líder. Não me importa se vive ou morre – desafio. – Mas, se acham que vou deixar-vos apoderarem-se do soro da morte, estão malucos.

Começo a andar às arrecuas, com David a choramingar diante de mim, ainda sob a influência do *cocktail* de soros. Baixo a cabeça e viro-me de lado, de modo a ficar escondida atrás dele em segurança. Mantenho uma das armas apontada à sua cabeça. Quando chegamos ao final do corredor, a mulher desafia a minha ameaça. Dispara, atingindo David mesmo acima do joelho, na outra perna. David cai com um grito, deixando-me exposta. Atiro-me para o chão, batendo com os cotovelos no pavimento, ao mesmo tempo que uma bala passa

ao meu lado, com um assobio que vibra dentro da minha cabeça.

Então, sinto algo quente espalhar-se pelo meu braço esquerdo e vejo sangue e os meus pés que se mexem rapidamente no chão, à procura de tração. Consigo equilibrar-me e disparo cegamente para o corredor. Agarro David pelo colarinho e arrasto-o até dobrarmos a esquina, sentindo uma dor lancinante no meu braço esquerdo.

Ouçõ passos que correm e gemo. Contudo, as pessoas não vêm de trás de mim, mas da minha frente. O grupo cerca-me e Matthew está entre eles. Alguns dos indivíduos agarram David e levam-no pelo corredor fora a correr.

Matthew estende-me a mão.

Os meus ouvidos zumbem. Não posso acreditar que fiz isto.

Capítulo vinte e oito

Tris

O hospital está repleto de pessoas que gritam, correm de um lado para o outro, ou correm as cortinas. Antes de me sentar, procurei Tobias em todas as camas. Não estava em nenhuma delas. Ainda tremo de alívio.

Também não vejo Uriah. Está num dos outros quartos e a porta está fechada – não é bom sinal. A enfermeira que limpa o meu braço com desinfetante arqueja e olha em volta para toda aquela atividade, em vez de se concentrar no meu ferimento. Disseram-me que não é mais do que uma ferida de raspão, nada com que deva preocupar-me.

– Posso esperar, se tem de fazer outras coisas – digo. – De qualquer forma, preciso de encontrar uma pessoa.

Ela contrai os lábios e, em seguida, diz:

– Precisa de pontos.

– É só um arranhão!

– Não é no seu braço, é na sua cabeça – explica, apontando para um ponto acima da minha sobrancelha.

Quase esquecera o corte no meio de todo o caos, mas ainda não parou de sangrar.

– Tudo bem.

– Vou ter de lhe dar uma injeção deste agente anestésico – diz, segurando uma seringa.

Estou tão habituada a agulhas que nem sequer reajo. A enfermeira limpa a minha testa com um antisséptico – têm muito cuidado com os

germes, aqui – e sinto a dor e o formigueiro da agulha, que diminuem a cada segundo, à medida que o anestésico produz efeito.

Vejo as pessoas passarem apressadas enquanto a mulher me cose a pele. Um médico retira um par de luvas de borracha manchadas de sangue; um enfermeiro carrega uma bandeja cheia de gazes, quase escorregando nos ladrilhos; o familiar de um dos feridos retorce as mãos de preocupação. O ar cheira a químicos, a papel velho e a corpos quentes.

– Há notícias sobre o David? – pergunto à enfermeira.

– Sobreviveu, mas vai demorar muito tempo a voltar a andar. – A mulher para de contrair os lábios, apenas por alguns segundos. – Poderia ter sido muito pior, se você não estivesse lá. Pronto, já terminei.

Aceno com a cabeça. Gostaria de poder dizer-lhe que não sou nenhuma heroína, que estava a usar David como um escudo, como uma barreira de carne. Gostaria de poder confessar que sou uma pessoa cheia de ódio pela Direção e por David, uma pessoa disposta a deixar alguém ser crivado de balas para salvar a própria pele. Os meus pais teriam vergonha de mim.

A enfermeira coloca um penso sobre os pontos para proteger a ferida e recolhe todas as embalagens vazias e bolas de algodão usadas, para as deitar ao lixo. Antes que possa agradecer-lhe, vai-se embora – para a cama seguinte, o paciente seguinte, a lesão seguinte.

Os feridos alinham-se no corredor do lado de fora das urgências. Pelas evidências, consegui apurar que houve outra explosão simultânea à que se verificou perto da entrada. Ambas eram manobras de diversão. Os atacantes entraram através do túnel subterrâneo, tal como Nita disse que fariam. Mas ela nunca falou em abrir buracos nas paredes.

As portas ao fundo do corredor abrem-se e algumas pessoas entram a correr, carregando uma mulher jovem, Nita. Colocam-na numa cama perto de uma das paredes. Nita geme, agarrando-se a um rolo de gaze que comprime a ferida nos seus quadris. Sinto-me estranhamente deslocada da sua dor.

Dei-lhe um tiro. Tinha de o fazer. Ponto final.

Enquanto avanço pelo corredor entre os feridos, reparo nos

uniformes. Toda a gente que aqui vejo sentada está vestida de verde. Salvo raras exceções, é tudo pessoal de apoio. Agarram braços ou pernas ou cabeças ensanguentadas; os seus ferimentos não são mais leves do que o meu, e alguns são muito piores.

Surpreendo o meu reflexo nas janelas um pouco para lá do corredor principal. O meu cabelo está pegajoso e sem volume e o penso domina a minha testa. O sangue de David e o meu próprio sangue mancham-me a roupas em vários sítios. Preciso de tomar banho e de vestir outra coisa, mas, primeiro, tenho de encontrar Tobias e Christina. Não vejo nenhum deles desde antes da invasão.

Não demoro muito a encontrar Christina. Vejo-a sentada na sala de espera quando saio das urgências, com o joelho a tremer tanto que a pessoa ao seu lado já a olha com um ar de censura. Christina ergue a mão para me cumprimentar, mas os seus olhos desviam-se de imediato dos meus para a porta.

– Estás bem? – pergunta-me.

– Sim – digo. – Ainda não tenho notícias sobre o Uriah. Não consegui entrar no quarto dele.

– Estas pessoas põem-me louca, sabes? Não dizem nada a ninguém. Não nos deixam vê-lo. É como se pensassem que são donos dele e de tudo o que lhe acontece!

– Funcionam de maneira diferente, aqui. Tenho a certeza de que vão informar-te quando tiverem notícias concretas.

– Bem, *a ti* são capazes de dizer – desabafa Christina, fazendo uma careta zangada. – Mas não estou convencida de que me deem *qualquer* importância.

Alguns dias antes, poderia ter discordado dela, desconhecendo o peso que a crença destas pessoas nos danos genéticos tinha sobre o seu comportamento. Não sei bem o que fazer. Não sei como falar com Christina agora que possuo essa vantagem e ela não, e não há nada que qualquer uma de nós possa fazer acerca do assunto. Tudo o que posso fazer é ficar perto dela.

– Tenho de encontrar o Tobias, mas depois volto para aqui para te fazer companhia, OK?

Christina finalmente olha para mim e o seu joelho para de se agitar.

– Eles não te disseram?

Sinto o meu estômago apertar-se de medo.

– Dizer-me o quê?

– O Tobias foi preso – responde Christina em voz baixa. – Vi-o sentado entre os atacantes mesmo antes de vir para cá. Algumas pessoas viram-no na sala de controlo antes do ataque e dizem que ele estava a desativar o sistema de alarme.

Vejo uma expressão triste no seu olhar, como se sentisse pena de mim. Mas eu já sabia o que Tobias ia fazer.

– Onde estão eles? – pergunto.

Preciso de falar com ele. E sei o que tenho de lhe dizer.

Capítulo vinte e nove

Tobias

Os pulsos doem-me das algemas de plástico apertadas com que o guarda me manietou. Passo a ponta dos dedos pelo maxilar, à procura de sangue.

– Estás bem? – pergunta Reggie.

Aceno afirmativamente com a cabeça. Já lidei com lesões piores do que esta. Já me bateram com mais força do que a aplicada pelo soldado que me deu uma coronhada no queixo ao deter-me. Tinha os olhos selvagens de raiva quando me golpeou.

Mary e Rafi sentam-se a poucos metros de distância. Rafi segura um punhado de gaze contra o braço que sangra. Há uma guarda de pé entre nós e eles, mantendo-nos separados. Quando olho para eles, os olhos de Rafi cruzam-se com os meus e ele acena-me com a cabeça. Como se dissesse: *Bom trabalho*.

Se fiz um bom trabalho, porquê este mal-estar no estômago?

– Ouve – diz Reggie, aproximando-se de mim. – A Nita e as pessoas dos arrabaldes vão assumir as culpas de tudo. Vai ficar tudo bem.

Aceno com a cabeça uma vez mais, mas sem convicção. Tínhamos um plano de contingência para o caso – bastante provável – de sermos presos, mas não estou preocupado com o seu sucesso. O que está a preocupar-me é o tempo que estão a demorar a lidar connosco e o carácter informal de tudo: depois de os invasores terem sido capturados, há mais de uma hora, temos estado sentados no chão num corredor vazio, encostados a uma parede, e ninguém apareceu para

nos dizer o que vai suceder, ou para nos perguntar o que quer que seja. Ainda nem sequer vi Nita.

Tudo isto me deixa um sabor amargo na boca. O que quer que tenhamos feito, parece tê-los abalado, e não sei de nada que afete tanto as pessoas como a perda de vidas. Por quantas mortes terei sido responsável ao participar nisto?

– A Nita disse-me que iam roubar o soro da memória – explico a Reggie, e tenho medo de olhar para ele. – Era verdade?

Reggie lança um olhar à guarda que está apenas a alguns metros e já nos gritou antes por nos ver a conversar. Contudo, sei a resposta.

– Não era, pois não? – insisto. – A Tris tinha razão. A Nita estava a mentir.

– Ei! – exclama a guarda, marchando na nossa direção e enfiando o cano da arma entre nós. – Afastem-se. Não são permitidas conversas.

Reggie afasta-se para a esquerda e eu olho a guarda nos olhos.

– O que se passa? – pergunto-lhe. – O que aconteceu?

– Oh, como se tu não soubesses! – responde ela. – E agora, vê se manténs essa boca calada.

Vejo-a afastar-se e, a seguir, reparo numa rapariga loura e baixa que surge ao fundo do corredor. Tris. Tem um curativo na testa e marcas de dedos ensanguentados mancham-lhe a roupa. Segura um pedaço de papel no punho fechado.

– Ei! – chama a guarda. – Que fazes aqui?

– Shelly – diz o outro guarda, aproximando-se. – Acalma-te. É a rapariga que salvou o David.

A rapariga que salvou David – de quê, exatamente?

– Oh. – Shelly baixa a arma. – Bem, ainda é uma pergunta válida.

– Pediram-me para vir dar-vos as últimas atualizações – diz Tris, estendendo a Shelly o pedaço de papel. – O David está em recuperação. Vai viver, mas não têm a certeza de quando vai voltar a andar. A maioria dos outros feridos já recebeu tratamento.

O gosto amargo na minha boca torna-se mais forte. David não consegue andar. E o que eles têm estado a fazer, este tempo todo, é cuidar dos feridos. Tanta destruição, mas para quê? Não sei. Não conheço a verdade. O que fui eu fazer?

– Já apuraram o número de vítimas? – pergunta Shelly.

– Ainda não – responde Tris.

– Obrigado por nos informares.

– Ouça – diz Tris, apoiando o peso sobre a outra perna. – Preciso de falar com ele.

Acena com a cabeça na minha direção.

– Não podemos mesmo... – começa Shelly.

– É só por uns segundos, juro – interrompe-a Tris. – Por favor.

– Deixa-a – diz o segundo guarda. – Que mal é que pode fazer?

– OK – autoriza Shelly. – Dou-te dois minutos.

Acena com a cabeça para mim e, apoiando-me na parede, ponho-me de pé, com as mãos ainda atadas na minha frente. Tris aproxima-se mais, mas sem chegar demasiado perto de mim – o espaço, e os seus braços cruzados, formam uma barreira entre nós que bem podia ser uma parede. Olha para algum lugar para além dos meus olhos.

– Tris, eu...

– Queres saber o que os teus amigos fizeram? – pergunta ela. A voz treme-lhe e não cometo o erro de pensar que são as lágrimas a provocar o tremor. Porque sei que é a raiva. – Eles não queriam o soro da memória. Estavam atrás de um veneno, o soro da morte. Assim, poderiam matar as pessoas mais importantes do Governo e começar uma guerra.

Olho para baixo, para as minhas mãos, os ladrilhos, a ponta dos seus sapatos.

– Uma guerra. Não sabia...

– Eu tinha razão. *Eu* tinha razão e *tu* não quiseste ouvir. Como sempre – diz ela calmamente. Os seus olhos fixam-se nos meus e descubro que, afinal, não quero aquele contacto visual por que ansiava, porque dá cabo de mim, pedaço a pedaço. – O Uriah estava mesmo à frente de uma das bombas que eles fizeram explodir como manobra de diversão. Está inconsciente e não sabem se vai sair do coma.

É estranho como uma palavra, uma expressão ou uma frase podem assemelhar-se a uma pancada na cabeça.

– O quê?

Tudo o que consigo ver é o rosto de Uriah a bater na rede após a Cerimónia da Escolha, o seu sorriso tonto enquanto Zeke e eu o

puxávamos para a plataforma junto à rede. Ou Uriah sentado no estúdio de tatuagens, segurando a orelha para a frente para que não atrapalhasse Tori enquanto esta lhe tatuava uma cobra.

Uriah pode não acordar? Uriah desaparecido para sempre? E eu prometi. Prometi a Zeke cuidar dele, *prometi*...

– É um dos últimos amigos que tenho – continua ela, com a voz embargada. – Não sei se vou ser capaz de olhar para ti da mesma forma.

Tris afasta-se. Ouço a voz abafada de Shelly dizendo-me para me sentar e caio de joelhos, pousando os pulsos sobre as pernas. Esforço-me por encontrar uma maneira de escapar a isto, ao horror do que fiz, mas não há nenhuma lógica sofisticada que possa libertar-me, não há fuga possível. Pouso o rosto nas mãos e tento não pensar, tento não imaginar absolutamente nada.

A luz do teto da sala de interrogatórios projeta um círculo confuso no centro da mesa. É nele que fixo o olhar ao debitar a história combinada com Nita e que, aliás, está tão perto da verdade que não tenho dificuldades em contá-la. Quando termino, o homem que está a registar o meu depoimento digita as últimas frases no seu ecrã e o vidro ilumina-se com letras no local em que os seus dedos o tocam. Então, a mulher que está a substituir David, Angela, diz:

– Então, não sabes o motivo por que a Juanita te pediu para desativares o sistema de segurança?

– Não – respondo, o que é verdade.

Não sabia a verdadeira razão, só me tinham contado uma mentira.

Injetaram todos os outros com o soro da verdade, mas não a mim. A anomalia genética que me permite estar consciente durante as simulações também sugere que poderia resistir aos soros, por isso, o meu testemunho sob o efeito do soro da verdade não seria fiável. Desde que a minha história bata certo com a dos outros, vão partir do princípio de que é verdade. Não sabem que, algumas horas antes, todos nós fomos vacinados contra o soro da verdade. O simpatizante GP de Nita forneceu-lhe o antídoto há meses.

– Então, como te convenceu ela a fazer aquilo?

– Somos amigos – respondo. – Ela é, ou foi, uma das únicas amigas

que tenho aqui. Pediu-me para confiar nela, disse-me que era por uma boa causa e foi por isso que acedi.

– E que pensas agora da situação?

Finalmente olho para ela.

– Nunca me arrependi tanto de algo na minha vida.

A expressão rígida nos olhos brilhantes de Angela suaviza-se um pouco. Acena com a cabeça.

– Bem, a tua história bate certo com o que os outros nos disseram. Dado o teu pouco tempo de permanência nesta comunidade, a tua ignorância do plano real e a tua deficiência genética, estamos inclinados a mostrar-nos mais complacentes. Vais ficar em liberdade condicional. Tens de trabalhar em prol da comunidade e demonstrar bom comportamento durante um ano. Não te será permitida a entrada em laboratórios ou gabinetes privados. Não poderás sair dos limites deste complexo sem autorização. Todos os meses, deverás apresentar-te ao agente de liberdade condicional que te será atribuído quando este processo terminar. Compreendes estas condições?

Com as palavras «deficiência genética» a ecoar-me no espírito, abano a cabeça e digo:

– Compreendo.

– Então, estamos conversados. Podes ir.

Põe-se de pé, afastando a cadeira para trás. O escrivão também se levanta e guarda o ecrã na sua pasta. A seguir, Angela dá uma pancadinha na mesa, fazendo-me olhar para ela de novo.

– Não te recrimines tanto – diz. – És muito novo, sabes?

Não penso que a minha juventude seja desculpa para os meus atos, mas aceito a sua tentativa de ser amável comigo.

– Posso perguntar o que vai acontecer a Nita? – tento.

Angela comprime os lábios.

– Depois de recuperar dos seus ferimentos, que são sérios, será transferida para a nossa prisão, onde ficará presa para o resto da vida – responde.

– Não vai ser executada?

– Não, não acreditamos na pena de morte para os geneticamente danificados. – Angela move-se em direção à porta. – No fim de contas, não podemos ter as mesmas expectativas de comportamento para as

peessoas que têm genes danificados que temos para os indivíduos detentores de genes puros.

Com um sorriso triste, sai da sala, deixando a porta aberta atrás dela. Fico no mesmo lugar durante alguns segundos, absorvendo a dor das suas palavras. Queria acreditar que todos eles estavam errados sobre mim, que não estava limitado pelos meus genes, que não sou um ser mais danificado do que qualquer outro. Mas como pode isto ser verdade quando os meus atos atiraram Uriah para uma cama de hospital, quando Tris nem sequer consegue olhar-me nos olhos, quando tantas pessoas morreram?

Cubro o rosto e cerro os dentes enquanto as lágrimas me escorrem pelas faces, suportando a onda de desespero que me invade como um punho que me golpeia. Quando me levanto, dói-me o maxilar vejo que os punhos das mangas estão molhados de secar o rosto.

Capítulo trinta

Tris

– Já foste lá dentro?

Cara está ao meu lado, de braços cruzados. Ontem, Uriah foi transferido do seu quarto seguro para um quarto com uma janela de visualização, suspeito que para nos impedir de passarmos o tempo a pedir para o ver. Christina está sentada ao lado da sua cama, segurando-lhe a mão inerte.

Pensei que Uriah estaria desconjuntado como uma boneca de trapos a quem rebentaram os fios, mas não parece assim tão diferente, à exceção de alguns arranhões e ligaduras. Parece que poderia acordar a qualquer momento, sorrindo e perguntando porque estamos todos de olhar arregalado voltado para ele.

– Estive lá ontem à noite – digo. – Não me pareceu bem deixá-lo sozinho.

– Algumas evidências sugerem que, dependendo da extensão dos seus danos cerebrais, ele pode ser capaz de, em certa medida, nos ouvir e sentir a nossa presença – diz Cara. – Embora me tenham dito que o prognóstico dele não é bom.

Às vezes ainda tenho vontade de lhe bater. Como se precisasse que me lembrassem que não é provável que Uriah recupere.

– Pois.

Depois de sair de junto de Uriah a noite passada, vagueei pelo complexo sem qualquer direção. Devia estar a pensar no meu amigo, oscilando precariamente entre este mundo e o que virá a seguir, mas

concentrei-me no que disse a Tobias. E em como me sentia quando olhei para ele, como se algo se tivesse quebrado.

Não lhe disse que era o fim do nosso relacionamento. Queria, mas quando olhei para ele, as palavras foram impossíveis de pronunciar. Sinto as lágrimas a afluir de novo aos meus olhos, tal como tem sucedido mais ou menos de hora a hora, desde ontem, e engulo-as.

– Então, salvaste a Direção – comenta Cara, virando-se para mim. – Pareces ter tendência a envolver-te em conflitos. Suponho que deveríamos estar todos gratos por saberes manter a cabeça fria em situações de crise.

– Não salvei a Direção. Não tenho interesse em salvar a Direção. Impedi uma arma de cair em mãos perigosas, foi tudo. Mas isso que disseste foi um elogio?

– Sou capaz de reconhecer as qualidades de outra pessoa – responde Cara, sorrindo. – Para além disso, penso que as *nossas* questões estão agora resolvidas, tanto a nível lógico como emocional. – Aclara a garganta ligeiramente e pergunto a mim mesma se está finalmente a reconhecer que tem emoções que lhe causam desconforto, ou qualquer outra coisa. – Parece que sabes algo sobre a Direção que te deixa zangada. Gostava de saber o que é.

Christina apoia a cabeça na extremidade do colchão de Uriah, deixando o seu corpo delgado pender de lado.

– Será que posso revelá-lo? Se calhar, nunca saberemos – digo num tom irónico.

– Hum. – Quando Cara franze a testa, aparece-lhe uma ruga entre as sobrancelhas que a faz parecer-se tanto com Will que tenho de desviar os olhos. – E se eu pedir por favor?

– Está bem. Lembras-te do soro das simulações da Jeanine? Bem, não era dela. – Suspiro – Anda. Vou mostrar-te. Será mais fácil assim.

Seria igualmente fácil dizer-lhe simplesmente o que vi naquela velha sala de armazenamento, localizada bem no interior dos laboratórios da Direção. Mas a verdade é que quero manter-me ocupada, para evitar pensar em Uriah. Ou em Tobias.

– Parece que nunca vamos ver-nos livres de todos estes enganos – diz Cara, enquanto caminhamos em direção à sala de armazenamento. – As fações, o vídeo que a Edith Prior nos deixou... Tudo mentiras,

destinadas a fazerem-nos agir de determinada maneira.

– É isso que realmente pensas sobre as fações? – pergunto. – Pensei que gostava de ser uma Erudita.

– E gostava. – Coça a parte de trás do pescoço e as suas unhas deixam pequenas linhas vermelhas na pele. – Mas a Direção fez-me sentir parva por lutar por tudo aquilo e pelo que os Leais representavam. E não gosto de me sentir parva.

– Então, não achas que nada daquilo tenha valido a pena? – questiono. – Falo da parte dos Leais.

– E tu, achas?

– Fez-nos sair da cidade e fez-nos descobrir a verdade, e era bem melhor do que a comuna sem-fação que a Evelyn projetava, onde ninguém tem qualquer liberdade de escolha.

– Suponho que sim – concorda Cara. – Apenas me orgulho de ser alguém que consegue ver a verdade das coisas, incluindo do sistema de fações.

– Sabes o que os Abnegados costumavam dizer sobre o orgulho?

– Algo desfavorável, presumo.

Rio-me.

– Obviamente. Diziam que cega as pessoas para a verdade do que são.

Chegamos à porta dos laboratórios e bato algumas vezes para que Matthew me ouça e nos deixe entrar. Enquanto espero que nos abram a porta, Cara dirige-me um olhar estranho.

– Os antigos escritos Eruditos diziam a mesma coisa, mais ou menos – diz.

Nunca pensei que o Eruditos dissessem algo sobre o orgulho, ou, sequer, que se preocupassem com questões morais. Parece que estava enganada. Quero perguntar-lhe mais, mas nesse momento a porta abre-se e Matthew surge no átrio, comendo uma maçã que já vai no caroço.

– Podes deixar-me entrar na sala de armazenamento? – pergunto. – Há algo que preciso de mostrar à Cara.

Matthew morde o caroço da maçã e acena afirmativamente com a cabeça.

– É claro.

Sinto um arrepio ao imaginar o gosto amargo das sementes de maçã e sigo-o.

Capítulo trinta e um

Tobias

Não posso voltar para os olhares fixos e as perguntas silenciosas do dormitório. Sei que não devia regressar à cena do meu grande crime, apesar de não se tratar de uma das áreas sensíveis onde estou proibido de entrar, mas sinto que tenho de ver o que está a acontecer na cidade. Como se tivesse de me lembrar que há um mundo fora deste, um mundo onde não sou odiado.

Encaminho-me para a sala de controlo e sento-me numa das cadeiras. Cada ecrã acima de mim exibe uma parte diferente da cidade: o quartel-general dos Cándidos, o átrio de entrada da sede dos Eruditos, o parque Milénio, o pavilhão no exterior do edifício Hancock.

Durante bastante tempo, fico a ver as pessoas a andar de um lado para o outro no quartel-general dos Eruditos, ostentando braçadeiras sem-faço nos braços e armas à cintura, trocando algumas palavras velozmente ou distribuindo latas de comida para o jantar, um velho hábito sem-faço.

Então, ouço alguém nas mesas da sala de controlo dizer a um dos colegas:

– Lá está ele.

Observo sucessivamente os ecrãs para tentar perceber de quem estão a falar. E então vejo-o, de pé diante do edifício Hancock: Marcus, perto das portas da frente, a olhar para o relógio.

Levanto-me e toco no ecrã com o dedo indicador para ligar o som.

Por um momento, ouço apenas o barulho do vento vindo das colunas imediatamente abaixo do ecrã, mas, em seguida, ouvem-se passos. Johanna Reyes aproxima-se do meu pai. Marcus estende a mão para a cumprimentar, mas ela não retribui e ele fica com o braço a pairar no ar, um isco que Johanna não mordeu.

– Sabia que tinhas ficado na cidade – diz ela. – Andam à tua procura por todo o lado.

Algumas das pessoas que se encontram na sala de controlo juntam-se atrás de mim para assistir. Mal reparo neles. Observo o meu pai baixar o braço com a mão fechada.

– Fiz algo que te ofendesse? – pergunta Marcus. – Contactei-te porque pensei que eras minha amiga.

– Achei que me tinhas contactado porque sabes que ainda sou a líder dos Leais e precisas de um aliado – responde Johanna, inclinando o pescoço, o que faz com que uma madeixa de cabelo lhe caia sobre o olho marcado por cicatrizes. – E, dependendo de qual for o teu objetivo, ainda posso ser tua aliada, Marcus, mas creio que a nossa amizade terminou.

As sobrancelhas de Marcus unem-se. O meu pai tem a aparência de um homem que foi bonito na juventude, mas que envelheceu, ficando com as faces mais sulcadas, as feições duras e rígidas. O cabelo, cortado rente ao crânio ao estilo dos Abnegados, não ajuda a contrariar esta impressão.

– Não compreendo – diz Marcus.

– Falei com alguns dos meus amigos Cándidos – explica Johanna. – Contaram-me o que o teu rapaz disse quando estava sob o efeito do soro da verdade. Aquele boato horrível que a Jeanine Matthews espalhou sobre ti e o teu filho... Era verdade, não era?

Sinto o rosto quente e encolho-me na cadeira, curvando os ombros. Marcus abana a cabeça.

– Não, o Tobias é...

Johanna ergue a mão. Fala com os olhos fechados, como se não suportasse olhar para ele.

– Por favor. Tenho observado a forma como o teu filho se comporta, como a tua mulher se comporta. Conheço o aspeto das pessoas que foram vítimas de violência. – Prende uma mecha de

cabelo por trás da orelha. – As pessoas sabem reconhecer os seus semelhantes.

– Não podes acreditar... – começa Marcus. Depois, abana a cabeça.
– Sou um disciplinador, sim, mas só queria o melhor para ele...

– Um marido não deve *disciplinar* a esposa – cospe Johanna. – Nem mesmo nos Abnegados. E quanto ao teu filho... Bem, digamos apenas que, vindo de ti, *até* acredito.

Johanna passa os dedos pela cicatriz na sua face. O ritmo do meu coração é avassalador. Ela sabe. Sabe, não porque me ouviu confessar a minha vergonha na sala de interrogatórios dos Cándidos, mas porque sabe, porque passou pelo mesmo. Tenho a certeza disso. Pergunto a mim próprio quem terá sido, no seu caso – o pai? A mãe? Outra pessoa?

Uma parte de mim sempre se perguntou o que faria o meu pai se fosse diretamente confrontado com a verdade. Talvez passasse do líder discreto dos Abnegados ao pesadelo que eu conhecia em casa e perdesse as estribeiras, revelando a sua verdadeira natureza. Seria uma reação que gostaria de ver, mas não é o que acontece.

Marcus fica parado com um ar confuso e, por um momento, pergunto a mim mesmo se estará *realmente* confuso, se, no seu coração doente, acredita nas suas próprias mentiras sobre estar a disciplinar-me. Este pensamento cria uma tempestade dentro de mim, um trovejar estrondoso e um remoinho de vento.

– Agora que disse o que pensava – prossegue Johanna, um pouco mais calma –, podes dizer-me porque me pediste para vir aqui.

Marcus passa para o novo assunto como se o antigo nunca tivesse sido discutido. Vejo nele um homem que se divide em compartimentos e pode alternar entre eles segundo as necessidades. Um destes compartimentos era reservado apenas para mim e para a minha mãe.

Os funcionários da Direção aproximam a câmara, de modo que o edifício Hancock se torna um mero pano de fundo escuro atrás dos corpos de Marcus e Johanna. Mantenho os olhos numa viga, seguindo-a na diagonal no ecrã, de forma a não ter de olhar para ele.

– A Evelyn e os sem-faço são tiranos – diz Marcus. – A paz em que vivíamos com as fações, antes do primeiro ataque da Jeanine, *pode* ser restaurada, tenho a certeza disso. E quero contribuir para isso. E diria

que tu também queres.

– É verdade – responde Johanna. – O que achas que devemos fazer?

– Essa é a parte de que poderás não gostar, mas espero que mantenhas um espírito aberto – afirma Marcus. – A Evelyn controla a cidade porque controla as armas. Se lhe tirarmos essas armas, não terá tanto poder e poderá ser desafiada.

Johanna acena afirmativamente com a cabeça e raspa a sola do sapato no pavimento. Deste ângulo, só consigo ver o lado intacto do seu rosto, o cabelo fino mas encaracolado, a boca carnuda.

– O que queres que eu faça? – pergunta ela.

– Deixa-me juntar-me a ti na chefia dos Leais – propõe ele. – Fui líder dos Abnegados. Praticamente liderei esta cidade inteira. As pessoas vão unir-se sob o meu comando.

– As pessoas já estão unidas – faz notar Johanna. – E não em função de uma pessoa, mas do desejo de restabelecer as fações. Quem disse que preciso de ti?

– Não quero minorar as tuas conquistas, mas os Leais ainda são demasiado insignificantes para representarem mais do que um pequeno movimento revoltoso – provoca Marcus. – Há mais sem-façon do que qualquer um de nós imaginava. Precisas de mim. Sabes disso.

O meu pai tem uma maneira de convencer as pessoas sem recurso ao charme que sempre me confundiu. Afirmo as suas opiniões como se fossem factos e, de alguma maneira, a sua completa ausência de dúvida faz as pessoas acreditarem nele. Esta qualidade assusta-me agora, porque lembro-me do que me disse: que eu estava arruinado, que não valia nada, que não era nada. Em quantas destas afirmações me fez ele acreditar?

Percebo que Johanna começa a acreditar nele, pensando no pequeno grupo de pessoas que arrebanhou para a causa dos Leais. Pensando no grupo que enviou para o exterior da vedação com Cara, e do qual nunca mais ouviu falar. Percebendo que está sozinha e pensando na extensão do historial de liderança dele. Quero gritar-lhe através dos ecrãs que não confie nele, quero dizer-lhe que Marcus só quer voltar ao sistema das fações porque sabe que, a seguir, pode assumir novamente o seu lugar como líder. Mas a minha voz não pode

alcançá-la – não seria capaz de o fazer ainda que estivesse mesmo ao seu lado.

Cautelosamente, Johanna pergunta:

– És capaz de me prometer que farás todos os possíveis para tentar limitar os danos causados?

– É claro – responde Marcus.

Johanna acena novamente com a cabeça, mas, desta vez, parece que é para si própria.

– Por vezes, é preciso fazer a guerra para alcançar a paz – diz, mais para o pavimento da rua do que para Marcus. – Acho que é uma dessas alturas. E acredito que ajudarias as pessoas a unirem-se em torno desta causa.

É o início da rebelião dos Leais por que espero desde que, pela primeira vez, ouvi falar da formação do grupo. Mesmo que tal me tenha parecido inevitável desde que percebi como Evelyn escolheu governar, sinto-me incomodado. Parece que as revoltas nunca têm fim, na cidade, no complexo, onde quer que seja. Há apenas breves fôlegos entre elas, a que, estupidamente, chamamos «paz».

Afasto-me do ecrã com a intenção de deixar a sala de controlo, para apanhar um pouco de ar fresco onde for possível.

Mas, ao ir embora, reparo noutro ecrã onde se vê uma mulher de cabelos escuros a andar para trás e para frente num gabinete do quartel-general dos Eruditos. Evelyn – faz todo o sentido que eles exibam imagens dela nos ecrãs mais importantes da sala de controlo.

Evelyn passa as mãos pelo cabelo, apertando os espessos caracóis. Agacha-se num chão onde se veem papéis espalhados por toda a parte, e parece-me estar a chorar, embora não saiba dizer porque penso isso, já que não vejo os seus ombros tremer.

Através das colunas do ecrã, ouço bater à porta do gabinete. Evelyn endireita-se, passa as mãos pelo cabelo, limpa o rosto e diz:

– Entre!

Therese entra na sala, com a sua braçadeira sem-faço torta.

– Acabei de receber notícias das patrulhas. Dizem que não o viram em lado nenhum.

– Bestial! – Evelyn abana a cabeça. – Mando-o para o exílio e ele fica na cidade. Deve estar a fazer isto só para me irritar.

– Ou juntou-se aos Leais e eles estão a dar-lhe abrigo – sugere Therese, deslizando para se sentar numa das cadeiras do escritório. Com a bota, pisa um papel no chão.

– Bem, isso é evidente. – Evelyn encosta o braço à janela e apoia-se nele, observando a cidade e o pântano para além dela. – Obrigada pela atualização.

– Havemos de encontrá-lo – diz Therese. – Não pode ter ido longe. Juro que vamos encontrá-lo.

– Só quero que ele desapareça – desabafa Evelyn, com uma voz nervosa e débil, como a de uma criança.

Pergunto-me se ela ainda terá medo dele da mesma forma que eu ainda tenho medo dele, como um pesadelo que reemerge constantemente durante o dia. Pergunto-me ainda até que ponto a minha mãe e eu seremos parecidos, lá bem no nosso íntimo, nos aspetos que realmente importam.

– Eu sei – responde Therese, e sai do gabinete.

Permaneço ali durante bastante tempo, vendo Evelyn olhar pela janela, enquanto agita os dedos caídos junto aos flancos. Sinto-me como se aquilo em que me tornei estivesse algures entre a minha mãe e o meu pai – violento e impulsivo, desesperado e receoso. Sinto-me como se tivesse perdido o controlo da pessoa em que me tornei.

Capítulo trinta e dois

Tris

No dia seguinte, David chama-me ao seu gabinete e tenho medo que se lembre de como o usei como escudo ao tentar afastar-me do Laboratório das Armas, de como lhe aponte uma arma à cabeça e disse que não me importava se ele vivia ou morria.

Zoe vem ter comigo ao átrio do hotel e conduz-me através do corredor principal e depois por outro, longo e estreito, com janelas à minha direita que deixam ver a pequena frota de aviões pousados em filas sobre o pavimento de betão. Uma neve miúda bate contra o vidro, qual amostra precoce do inverno, derretendo-se em poucos segundos.

Olho para Zoe disfarçadamente enquanto caminhamos, na esperança de ver como ela é quando acha que ninguém está a observá-la, mas Zoe parece exatamente a mesma pessoa de sempre – animada, embora profissional. Como se o ataque nunca tivesse acontecido.

– O David está numa cadeira de rodas – informa ela quando chegamos ao final do corredor estreito. – É melhor não dar muita importância ao assunto. O David não gosta que tenham pena dele.

– Não tenho pena dele – replico, esforçando-me por não deixar transparecer a minha fúria ao falar, o que deixaria Zoe desconfiada. – O David não é a primeira pessoa do mundo a levar um tiro.

– Estou sempre a esquecer-me de que já viste muito mais violência do que nós aqui – diz Zoe, passando o cartão na barreira de segurança a que chegamos entretanto.

Olho através do vidro para os guardas do outro lado. Estão muito direitos, com as armas apoiadas no ombro, olhando em frente. Tenho a sensação de que têm de se manter nesta posição o dia inteiro.

Sinto-me pesada e dorida, como se os meus músculos estivessem a comunicar-me uma dor mais profunda, mais emocional. Uriah continua em coma. Ainda não consigo olhar para Tobias – quando o vejo no dormitório, no refeitório, no corredor –, sem ver a parede a explodir ao lado da cabeça de Uriah. Não tenho a certeza de quando, ou se alguma vez, o que sinto vai aliviar, nem tenho a certeza se estas feridas são do tipo que podem sarar.

Passamos pelos guardas e a tijoleira transforma-se em madeira sob os nossos pés. Pequenos quadros com molduras douradas decoram as paredes e, do lado de fora do gabinete de David, há um pedestal com um ramo de flores em cima. São apenas pormenores, mas fazem-me sentir que as minhas roupas não estão suficientemente limpas.

Zoe bate à porta e ouve-se uma voz no interior dizer:

– Entre!

Zoe abre a porta para eu entrar, mas não me acompanha para o interior da divisão. O gabinete de David é espaçoso e acolhedor, com as paredes forradas de livros em todos os espaços onde não se veem janelas. No lado esquerdo, vejo uma mesa com ecrãs de vidro suspensos por cima e, à direita, um pequeno laboratório com mobiliário de madeira e não de metal. David está sentado numa cadeira de rodas, com as pernas cobertas por um material rígido – para manter os ossos no lugar para que possam voltar a ficar bons, suponho eu. Parece pálido e abatido, mas suficientemente saudável.

Apesar de saber que teve algo a ver com a simulação de ataque e com todas aquelas mortes, acho que é difícil fazer corresponder estes atos ao homem que tenho à minha frente. Pergunto-me se é isso que acontece com todos os homens maus; se, aos olhos de outra pessoa, parecem homens de bem, falam como os homens de bem, são tão agradáveis como homens de bem.

– Tris. – David empurra a cadeira na minha direção, pega numa das minhas mãos e cinge-a entre as suas. Mantenho a mão firme nas suas, embora a sua pele pareça áspera como papel seco e ele me cause repugnância. – És tão corajosa – comenta, libertando a minha mão a

seguir. – Como estão os teus ferimentos?

Encolho os ombros.

– Já passei por coisas piores. E o David?

– Vou demorar algum tempo a voltar a andar, mas eles estão confiantes de que vou conseguir. De qualquer forma, alguns dos nossos membros estão a desenvolver uns sofisticados aparelhos para sustentação das pernas, por isso, posso ser a sua primeira cobaia, se for preciso – diz, com a pele enrugando-se à volta dos cantos dos olhos. – Poderias empurrar-me para trás da mesa de novo? Ainda tenho alguma dificuldade em dar a volta.

Ajudo-o, orientando as suas pernas rígidas para debaixo do tampo da mesa e empurrando o resto a seguir. Quando tenho a certeza de que David está posicionado corretamente, sento-me na cadeira à frente dele e tento sorrir. Se quero encontrar uma forma de vingar os meus pais, preciso de manter a sua confiança e afeto por mim intactos. E não vou fazer isso mostrando uma cara feia.

– Pedi-te para vires aqui, sobretudo, para te agradecer – diz ele. – Não consigo lembrar-me de muitos jovens que teriam acorrido em meu socorro em vez de tentarem proteger-se, ou que tivessem sido capazes de salvar este complexo como tu fizeste.

Penso em encostar-lhe uma arma à cabeça e ameaçar matá-lo, mas engulo em seco.

– Tu e as pessoas que vieram contigo têm vivido numa instabilidade lamentável desde a vossa chegada – prossegue. – Para ser franco, ainda não sabemos ao certo o que vamos fazer convosco. E tenho a certeza de que vocês também não o sabem, mas ocorreu-me algo que gostaria que fizesses. Sou o líder oficial deste complexo, mas, para além disso, temos um sistema de governação similar ao dos Abnegados. Por isso sou assessorado por um pequeno grupo de conselheiros. Gostaria que começasses a receber formação para ocupares essa posição. – As minhas mãos apertam os braços da cadeira. – Sabes, vamos precisar de fazer algumas mudanças por aqui, agora que fomos atacados – continua. – Vamos ter de assumir uma posição mais forte em prol da nossa causa. E acho que sabes como fazer isso.

Não há como negá-lo.

– O que... – Aclaro a garganta. – O que implicaria essa formação?

– Assistir às nossas reuniões, para começar – responde David –, e aprender tudo sobre o complexo: como funcionamos, de cima a baixo, a nossa história, os nossos valores, e por aí fora. Não posso permitir que faças parte do Conselho de maneira oficial sendo tu tão jovem, e há um percurso que deves seguir primeiro – assistindo um dos atuais membros –, mas estou a convidar-te a fazeres esta viagem, se for do teu agrado.

Os seus olhos, e não a sua voz, formulam a pergunta. Os conselheiros são, provavelmente, as mesmas pessoas que autorizaram a simulação de ataque e se certificaram de que tudo era transmitido a Jeanine no momento certo. E ele quer que me sente entre eles, que aprenda a tornar-me num deles. Apesar de sentir um sabor amargo no fundo da boca, não tenho qualquer dificuldade em responder-lhe.

– É claro – respondo, sorrindo. – Seria uma honra.

Se alguém te oferece uma oportunidade para te aproximares do teu inimigo, aceita-a sempre. Sei-o sem mo terem ensinado. David deve acreditar no meu sorriso, porque também ele sorri.

– Achei que dirias que sim – afirma. – Sempre quis que a tua mãe o fizesse, antes de ela se ter oferecido para entrar na cidade. Mas acho que se tinha apaixonado pelo sítio à distância e não foi capaz de lhe resistir.

– Apaixonar-se... pela cidade? – pergunto. – Suponho que os gostos não se discutem.

É uma piada, mas não é sentida. Apesar disso, David ri-se e sei que fiz o comentário mais acertado.

– O David era... próximo da minha mãe quando ela vivia aqui? – pergunto. – Li o diário dela, mas não escreveu muito.

– Não seria natural que o fizesse, pois não? A Natalie sempre foi muito direta. Sim, a tua mãe e eu éramos chegados.

A voz de David suaviza-se quando fala sobre ela – já não é o líder endurecido deste complexo, mas um homem maduro que reflete sobre um passado mais querido. O passado que aconteceu antes de ele a matar.

– Tínhamos uma história parecida. Eu também fui arrancado ao universo dos danificados em criança... Os meus pais eram pessoas

gravemente disfuncionais e foram enviados para a prisão quando eu era pequeno. Em vez de sucumbir a um sistema de adoção a abarrotar de órfãos, eu e os meus irmãos fugimos para os arrabaldes, o mesmo lugar onde a tua mãe também se refugiou, anos mais tarde... mas só eu saí de lá vivo.

Não sei o que dizer. Não sei o que fazer com a simpatia que cresce dentro de mim por um homem que sei que fez coisas terríveis. Limito-me a olhar fixamente para as minhas mãos e imagino que as minhas entranhas são metal líquido a endurecer ao ar, adquirindo uma forma que nunca irão abandonar.

– Amanhã, vais lá com as nossas patrulhas. Poderás ver o que são os arrabaldes por ti mesma – diz David. – É importante que um futuro membro do Conselho conheça a zona.

– Quero muito conhecer – afirmo.

– Ótimo. Bem, detesto ter de interromper a nossa conversa, mas tenho algum trabalho para pôr em dia. Vou dar indicações para que te forneçam informação sobre as patrulhas, e a nossa primeira reunião do Conselho será na sexta-feira às dez da manhã, por isso, vemo-nos em breve.

Sinto-me muito agitada – não lhe perguntei o que queria. Não tive oportunidade. Em todo o caso, agora é demasiado tarde. Ergo-me e encaminho-me para a porta, mas, a seguir, David fala de novo:

– Tris, sinto que tenho de ser honesto contigo, se queremos poder confiar um no outro.

Pela primeira vez desde que o conheço, ele parece estar quase... com medo. Tem os olhos muito abertos, como os de uma criança. Porém, um momento depois, a expressão desaparece.

– Posso ter estado sob a influência de um *cocktail* de soros naquela altura – prossegue –, mas sei o que lhes disseste para os impedires de disparar sobre nós. Sei que disseste que ias matar-me para proteger o que estava no Laboratório das Armas.

Sinto a garganta tão apertada que mal posso respirar.

– Não tenhas medo – diz ele. – Essa foi uma das razões por que te ofereci esta oportunidade.

– P-porquê?

– Demonstraste a qualidade de que mais preciso nos meus

conselheiros – explica ele. – A capacidade de fazer sacrifícios em prol de um bem maior. Se queremos vencer esta luta contra os danos genéticos, se queremos impedir que as experiências sejam canceladas, vamos ter de fazer sacrifícios. Compreendes isso, não é?

Sinto um acesso de raiva, mas obrigo-me a assentir. Nita já nos tinha dito que as experiências estavam em perigo de ser dissolvidas, por isso, não me surpreende ouvi-lo de David. Mas o seu desespero para salvar o trabalho de toda uma vida não é desculpa para exterminar uma facção, a *minha* facção. Por um momento, agarro a maçaneta da porta, tentando recompor-me e, depois, decido arriscar.

– O que teria acontecido se eles tivessem provocado outra explosão para penetrarem no Laboratório das Armas? – pergunto. – A Nita disse que ia desencadear um dispositivo de segurança de contingência, mas, para mim, parecia ser a solução mais óbvia para o problema deles.

– Teria sido libertado no ar um soro... Nenhuma máscara pode contê-lo, porque é absorvido pela pele – responde David. – É um soro a que nem os geneticamente puros conseguem resistir. Não sei como a Nita sabe disso, uma vez que não é suposto ser do conhecimento público, mas suponho que o descobriremos em breve.

– O que faz esse soro?

O sorriso dele transforma-se numa careta.

– Digamos que é suficientemente mau para a Nita preferir passar o resto da vida na prisão a entrar em contacto com ele.

David tem razão. Não é preciso dizer mais nada.

Capítulo trinta e três

Tobias

– Olhem quem é ele – exclama Peter quando entro no dormitório. – O traidor.

Há mapas espalhados por toda a sua cama e na cama ao lado. São em tons de branco, azul claro e verde, e exercem um estranho magnetismo que me atrai para eles. Sobre cada um, Peter desenhou um círculo impreciso – em torno de nossa cidade, em torno de Chicago. Está a marcar os limites de onde estive.

Vejo que o círculo encolhe em cada mapa, até ser apenas um ponto vermelho, brilhante como uma gota de sangue.

E então afasto-me, com medo do que aquilo pode significar, de eu ser tão pequeno.

– Se pensas que tens algum tipo de superioridade moral, estás enganado – atiro a Peter. – Para quê tantos mapas?

– Estou a ter problemas em compreender, em aceitar isto, o tamanho do mundo – responde ele. – Algumas das pessoas da Direção estão a ajudar-me a aprender mais sobre o assunto. Coisas como planetas, estrelas e massas de água.

Fala casualmente, mas, com base nos seus rabiscos frenéticos sobre os mapas, sei que o seu interesse não é casual – é obsessivo. No passado, fui igualmente obsessivo acerca dos meus medos, sempre a insistir em dar-lhes sentido.

– Está a ajudar? – pergunto.

Neste momento, apercebo-me de que nunca tive uma conversa com

Peter que não implicasse gritar com ele. Não que Peter não merecesse, mas não sei nada sobre ele. Mal me lembro do apelido dele da lista dos iniciados. Hayes. Peter Hayes.

– Mais ou menos – responde ele.

A seguir, pega num dos mapas maiores. O mapa mostra o globo todo, plano e achatado como massa estendida. Observo-o durante algum tempo até conseguir dar sentido às formas que vejo nele, os fragmentos azuis da água e as partes multicoloridas da terra. Numa das partes há um ponto vermelho. Peter aponta para ele.

– Este ponto abrange todos os lugares onde já estivemos. Poderíamos cortar este pedaço do planeta e afundá-lo neste oceano, que ninguém daria por ela.

Sinto o medo de novo, o medo do meu próprio tamanho.

– Certo. E então?

– E então? *Então*, como é possível que tudo o que alguma vez fiz ou disse, tudo aquilo que algum dia me preocupou tenha qualquer importância que seja? – Abana a cabeça. – Não tem.

– É claro que tem – contraponho. – Essa terra está cheia de pessoas, todas diferentes umas das outras, e as coisas que fazem umas às outras importam.

Peter abana a cabeça de novo e, de súbito, questiono-me se será assim que ele se reconforta: convencendo-se de que as coisas más que fez não importam. Vejo como o planeta gigantesco que me aterroriza parece ser um refúgio para ele, um lugar em cujo espaço infundável pode desaparecer, confundindo-se com ele, sem nunca ser responsabilizado pelos seus atos.

Peter inclina-se para desatar os sapatos.

– Então, a tua legiãozinha de seguidores cortou relações contigo? – pergunta.

– Não – digo automaticamente. A seguir, corrijo:

– Talvez. Mas não são meus seguidores.

– Por favor. Aquilo parece a Seita do Quatro.

Não consigo evitar rir.

– Estás com inveja? Querias ter a tua própria Seita dos Psicopatas? Uma das suas sobranceiras salta.

– Se fosse um psicopata, por esta altura já te teria matado durante

o sono.

– E juntado os meus olhos à tua coleção de globos oculares, sem dúvida.

Peter ri-se também, e percebo que estou a gracejar e a conversar com o iniciado que esfaqueou Edward num olho e tentou matar a minha namorada – se é que Tris ainda o é. Por outro lado, ele é, também, o Intrépido que nos ajudou a acabar com a simulação de ataque e salvou Tris de uma morte horrível. Não tenho a certeza sobre que atos devem pesar mais no meu espírito. Talvez devesse esquecê-los todos e dar-lhe uma nova oportunidade.

– Podias juntar-te ao meu pequeno grupo de pessoas odiadas – diz Peter. – Até ao momento, Caleb e eu somos os únicos membros, mas, tendo em conta a facilidade com que aquela rapariga se zanga, tenho a certeza de que o nosso número vai aumentar.

Fico rígido.

– Tens razão, é fácil fazê-la zangar-se. Basta tentar matá-la.

Sinto o estômago apertado. *Eu* quase a matei. Se Tris tivesse estado mais perto da explosão, poderia estar agora como Uriah, ligada a tubos no hospital, com o cérebro sem dar sinal de vida. Não é de admirar que não saiba se quer ficar comigo ou não.

O à-vontade do momento anterior desapareceu. Não posso esquecer o que Peter fez, porque ele não mudou. Ainda é a mesma pessoa que estava disposta a matar, mutilar e destruir para subir até ao primeiro lugar do seu grupo de iniciação. E também não posso esquecer o que *eu* fiz. Ponho-me de pé. Peter inclina-se contra a parede e entrecruza os dedos sobre o estômago.

– Só estou a dizer que, quando ela decide que alguém não presta, toda a gente a segue. É um talento estranho para alguém que não passava de mais uma Empata aborrecida, não é? Talvez seja demasiado poder para uma só pessoa, certo?

– O talento dela não consiste em manipular a opinião das outras pessoas – respondo –, e sim em ter razão sobre quem elas são.

Peter fecha os olhos.

– Como queiras, Quatro.

Sinto todos os meus membros frágeis com a tensão. Viro as costas ao dormitório e aos mapas com os seus círculos vermelhos, embora

não tenha a certeza de para onde vou. Tris sempre me pareceu magnética de uma forma que nunca fui capaz de descrever e da qual ela não parece ter consciência. Nunca a receei ou detestei por isso, como Peter. Mas, por outro lado, tenho estado sempre numa posição de força e nunca me senti ameaçado por ela. Agora que perdi essa posição, posso sentir o pendor para o ressentimento, tão forte e seguro como uma mão apertando-me o braço.

Encontro-me novamente no jardim do átrio e, desta vez, a luz brilha atrás das janelas. As flores têm um aspeto belo e selvagem à luz do dia, como criaturas cruéis suspensas no tempo, imóveis. Cara corre para o átrio, com o cabelo penteado de lado e flutuando-lhe sobre a testa.

– Estás aí. É assustadoramente fácil perder as pessoas de vista neste sítio.

– Que se passa?

– Bom... tu estás bem, Quatro?

Mordo o lábio inferior com tanta força que me dói.

– Estou ótimo. O que foi?

– Vamos ter uma reunião e pedimos a tua presença.

– E quem somos «nós», mais exatamente?

– GD e simpatizantes dos GD que não querem deixar a Direção continuar a fazer determinadas coisas e escapar impunemente – responde, e, a seguir, inclina a cabeça para o lado. – Mas um pouco mais inteligentes do que aqueles com quem te meteste.

Pergunto-me quem lhe terá contado.

– Sabes sobre a simulação de ataque?

– Melhor ainda, reconheci o soro das simulações no microscópio quando Tris mo mostrou – responde Cara. – Sim, sei.

Abano a cabeça.

– Bem, não vou envolver-me nisto de novo – digo.

– Não sejas tolo. A verdade que ouviste continua a ser verdade. Estas pessoas ainda são responsáveis pela morte da maioria dos Abnegados, pela escravização mental dos Intrépidos e pela completa destruição do nosso modo de vida. Temos de fazer alguma coisa acerca disso.

Não tenho a certeza se quero estar na mesma sala que Tris,

sabendo que podemos estar próximos do rompimento, como se estivéssemos à beira de um precipício. É mais fácil fingir que isto não está a acontecer quando não estou perto dela. Mas Cara põe as coisas de uma maneira tão simples que tenho de concordar com ela: sim, temos de fazer alguma coisa.

Cara agarra-me a mão e conduz-me pelo corredor do hotel. Sei que ela tem razão, mas sinto-me inseguro, inquieto sobre a participação em mais uma tentativa de resistência. Contudo, já estou a dirigir-me para ela, em parte ansioso por uma oportunidade de poder fazer algo de novo, em vez de me sentar paralisado diante das imagens de vigilância da nossa cidade, como antes.

Quando Cara tem certeza de que estou a segui-la, larga a minha mão e prende as madeixas soltas atrás das orelhas

– Ainda acho estranho não te ver vestida de azul – digo.

– Acho que é tempo de esquecermos isso tudo – responde ela. – Mesmo que pudesse voltar para lá, nesta altura não quereria.

– Não sentes falta das fações?

– Para dizer a verdade, sinto – afirma Cara, lançando-me um olhar de relance.

Passou bastante tempo desde a morte de Will e, agora que já não o vejo quando olho para ela, é apenas Cara que surge na minha frente. Conheço-a há muito mais tempo do que o conhecia a ele. Tem apenas uma pontinha da boa disposição de Will, o suficiente para me fazer sentir que poderia provocá-la sem a ofender.

– Nos Eruditos, desenvolvi-me muito – prossegue ela. – Tantas pessoas dedicadas à descoberta e à inovação... foi ótimo. Mas, agora que sei como o mundo é grande... bem. Acho que o resultado disso foi ter crescido para além da minha fação. – Franze a testa. – Desculpa, soa a arrogância?

– E o que é que isso importa?

– A algumas pessoas, importa. É bom saber que não és uma delas.

Noto, porque é impossível evitar notar que algumas das pessoas com quem nos cruzamos a caminho da reunião me lançam olhares desagradáveis, ou se afastam bastante ao passar. Já fui odiado e evitado, como filho de Evelyn Johnson, a tirana sem-fação, mas incomoda-me mais agora. Agora, sei que fiz algo para me tornar digno

do ódio: traí-os a todos.

– Ignora-os. Não sabem o que é ter de tomar uma decisão difícil – diz Cara.

– Tu não terias tomado a mesma decisão, aposto.

– Porque fui ensinada a agir com cautela quando não disponho de toda a informação, ao passo que tu aprendeste que arriscar pode trazer grandes recompensas. – Lança-me um olhar de través. – Ou, neste caso, recompensa nenhuma.

Cara detém-se à porta dos laboratórios onde trabalham Matthew e o seu supervisor e bate. Matthew abre, mordendo a maçã que segura na mão. Seguimo-lo até à sala onde descobri que não era Divergente. Tris está lá, de pé ao lado de Christina, que me olha como se eu fosse um detrito podre que precisa de ser deitado ao lixo. E, no canto junto à porta, está Caleb, com o rosto coberto de contusões. Estou prestes a perguntar o que lhe aconteceu quando reparo que os nós dos dedos de Tris também estão pisados e que, muito ostensivamente, ela não olha para o irmão. Nem para mim.

– Acho que estamos todos – diz Matthew. – OK... Então... Hum. Tris, não tenho jeito nenhum para isto.

– Pois não – concorda ela sorrindo. Sinto uma pontada de ciúmes. Tris aclara a garganta. – Bem, sabemos que estas pessoas são responsáveis pelo ataque aos Abnegados e que não podemos continuar a confiar nelas em termos da salvaguarda da nossa cidade. Sabemos que queremos fazer algo acerca disso e também que a tentativa anterior foi... – Os olhos de Tris procuram os meus e ela olha-me com uma expressão que me faz sentir mais pequeno. – ... Bastante mal orientada. Podemos fazer melhor.

– O que propões? – pergunta Cara.

– Neste momento, tudo o que sei é que quero expô-los ao mundo pelo que são – responde Tris. – Não é possível que o complexo inteiro saiba o que seus líderes fizeram, e acho que devemos mostrar-lhes. Talvez então elejam novos líderes, líderes que não tratem as pessoas que vivem dentro das experiências como seres descartáveis. Pensei talvez numa «infecção» generalizada por soro da verdade, por assim dizer...

Lembro-me do peso do soro da verdade, enchendo-me todos os

recantos vazios, pulmões, ventre e face. Lembro-me de como me pareceu impossível que Tris conseguisse afastar aquele peso dela e mentir.

– Não funcionará – digo. – Eles são GP, lembram-se? Os GP conseguem resistir ao soro da verdade.

– Isso não é necessariamente assim – intervém Matthew, apertando entre os dedos o fio que lhe decora o pescoço e torcendo-o, depois. – Não vemos muitos Divergentes resistir ao soro da verdade. Apenas a Tris, nos tempos mais recentes. A capacidade de resistência aos soros parece ser maior em algumas pessoas do que noutras. Veja-se o caso do Tobias, por exemplo. – Matthew encolhe os ombros. – De qualquer forma, foi por esse motivo que *te* convidei, Caleb. Trabalhaste com os soros antes. Talvez os conheças tão bem como eu. Talvez juntos possamos desenvolver um soro da verdade ao qual seja mais difícil resistir.

– Não quero fazer mais esse tipo de trabalho – diz Caleb.

– Oh, cala... – começa Tris, mas Matthew interrompe-a, dizendo:

– Por favor, Caleb.

Caleb e Tris trocam um olhar. A pele do rosto de um e a dos dedos do outro está quase da mesma cor, um roxo-azul-esverdeado, como se tivesse sido colorida a tinta. É isto que acontece quando os irmãos se guerreiam: ferem-se um ao outro com a mesma intensidade. Caleb apoia as costas na extremidade da bancada, tocando com a nuca nos armários de metal.

– OK – assente. – Desde que prometas não usar o soro contra mim, Beatrice.

– Porque havia de fazer isso? – pergunta Tris.

– Eu posso ajudar – diz Cara, erguendo a mão. – Também trabalhei no desenvolvimento de soros, quando era Erudita.

– Ótimo. – Matthew bate as palmas. – Entretanto, a Tris vai fazer de espia.

– E eu? – pergunta Christina.

– Esperava que pudesses ir com o Tobias falar com o Reggie – sugere Tris. – O David não quis revelar-me os mecanismos de segurança secundários do Laboratório das Armas, mas a Nita não pode ser a única a conhecê-los.

– Queres que me junte ao tipo que detonou os explosivos que puseram o Uriah em coma? – pergunta Christina.

– Não tens de ser amiga dele – afirma Tris –, só tens de falar com ele sobre o que sabe. O Tobias pode ajudar-te.

– Não preciso do Quatro, posso fazer isso sozinha – contrapõe Christina.

Remexe-se sobre a mesa de exame onde está sentada, rasgando o papel que cobre o tampo, e dirige-me outro olhar hostil. Sei que deve ver o rosto pálido de Uriah sempre que olha para mim. Tenho a sensação de ter algo entalado na garganta.

– Na verdade, precisas, porque ele já confia em mim – intervenho.
– E aquelas pessoas são muito sigilosas, o que significa que a situação vai exigir subtilidade.

– Eu sei ser *subtil* – responde Christina.

– Não, não sabes.

– Ele tem *alguma* razão... – diz Tris, sorrindo.

Christina dá-lhe uma pancada no braço, que Tris retribui.

– Então, estamos conversados – diz Matthew. – Acho que devemos encontrar-nos outra vez depois de a Tris ir à reunião do Conselho, que é na sexta-feira. Venham cá ter por volta das cinco.

Aproxima-se de Cara e de Caleb e diz-lhes algo sobre compostos químicos que não entendo muito bem. Christina sai, batendo-me com o ombro ao passar por mim. Tris ergue os seus olhos para os meus.

– Devíamos conversar – digo.

– OK – responde, e sigo-a até ao corredor.

Permanecemos junto à porta até toda a gente se ir embora. Tris tem os ombros curvados como se tentasse tornar-se ainda mais pequena, evaporar-se por completo, e estamos demasiado distantes, com toda a largura do corredor entre nós. Tento lembrar-me da última vez que a beijei e não consigo.

Por fim, ficamos sozinhos e o corredor está finalmente em silêncio. Começo a sentir um formigueiro nas mãos, que depois ficam dormientes, como sempre sucede quando começo a entrar em pânico.

– Achas que me vais perdoar algum dia? – pergunto.

Tris abana a cabeça, mas diz:

– Não sei. Acho que é isso que tenho de conseguir perceber.

– Sabes... *sabes* que nunca tive intenção de fazer mal ao Uriah, não sabes? – Olho para os pontos na sua testa e acrescento:

– Ou a ti. Também nunca quis que te magoasses.

Tris está a bater com o pé no chão e o seu corpo move-se ao mesmo ritmo. Acena afirmativamente com a cabeça.

– Eu sei.

– Eu tinha de fazer alguma coisa – afirmo. – *Tinha* mesmo.

– Houve muita gente que se magoou. Tudo porque tu rejeitaste o que eu disse, porque – e esta é a pior parte, Tobias –, porque pensaste que eu estava a ser *ciumenta* e mesquinha. Apenas uma rapariguinha parva de dezasseis anos, não é?

Tris abana a cabeça.

– Nunca te chamaria parva ou mesquinha – contraponho com firmeza. – Achei que estavas a ser parcial, sim, mas foi tudo.

– É mais do que suficiente. – Passa os dedos pelo cabelo, enrolando-o neles. – É outra vez a mesma coisa, não é? Não me respeitas da maneira que dizes. No fim de contas, ainda achas que não posso pensar racionalmente...

– *Não* é isso que se está a passar aqui! – exclamo energicamente. – Respeito-te mais do que ninguém. Mas agora gostava de saber o que te incomoda mais: se ter tomado uma decisão estúpida ou não ter tomado a decisão que *tu* querias.

– O que queres dizer com isso?

– Quero dizer que podes ter dito que querias que fôssemos honestos um com o outro, mas acho que, realmente, tudo o que querias era que eu te dissesse sempre que sim.

– Não posso acreditar que tenhas dito isso! Estavas *enganado*...

– Sim, estava enganado! – Agora estou a gritar e não sei de onde vem a minha raiva. Sei apenas que consigo senti-la a revolver-se dentro de mim, violenta, perversa e mais forte do que sinto há muitos dias. – Estava enganado, cometi um erro enorme! O irmão do meu melhor amigo está como morto! E agora tu estás a agir como se fosses minha mãe, castigando-me por isso, porque não fiz o que me disseste. Bem, não és minha mãe, Tris, e não tens de me dizer o que fazer, nem o que escolher!

– Para de gritar comigo – pede Tris baixinho, olhando finalmente

para mim. Costumava ver muitas coisas nos seus olhos, amor, saudade e curiosidade, mas, agora, tudo o que vejo é raiva. – Para.

A sua voz calma refreia a fúria no meu interior e apoio-me na parede atrás de mim, enfiando as mãos nos bolsos. Não queria gritar com ela. Não queria ficar com raiva de tudo. Observo, chocado, as lágrimas que lhe correm pelas faces. Há muito tempo que não a via chorar. Tris funga e engole, e tenta parecer normal, mas não consegue.

– Só preciso de algum tempo – diz, engasgando-se a cada palavra. – OK?

– OK – digo.

Limpa o rosto com as mãos e vai-se embora pelo corredor. Fico a olhar para a sua cabeça loira até desaparecer na curva, e sinto-me despido, como se não houvesse mais nada para me proteger contra a dor. A sua ausência fere-me mais do que tudo.

Capítulo trinta e quatro

Tris

– Ali está ela – diz Amar, enquanto me aproximo do grupo. – Vou dar-te o teu colete, Tris.

– O meu... colete?

Tal como David prometeu ontem, esta tarde vou conhecer os arrabaldes. Não sei o que esperar, o que geralmente me deixa nervosa, mas os últimos dias deixaram-me demasiado cansada para pensar no que quer que seja.

– O colete à prova de bala. Os arrabaldes não são um sítio muito seguro – explica ele, estendendo as mãos para um caixote de madeira junto às portas e remexendo uma pilha de grossíssimos coletes negros até encontrar um do meu tamanho. O que retira por fim ainda parece demasiado grande para mim. – Desculpa, não temos muita variedade. Mas este vai dar. Levanta os braços.

A seguir, ajuda-me a colocar o colete e prende-me as fitas de lado.

– Não sabia que estarias aqui – digo.

– Bem, o que achavas que fazia na Direção? Limitar-me a andar por aí a dizer piadas? – Amar sorri. – Aqui, eles encontraram um bom uso para a minha experiência como Intrépido. Faço parte da equipa de segurança. Tal como o George. Normalmente, lidamos apenas com a segurança do complexo, mas, sempre que alguém quer ir até aos arrabaldes, ofereço-me para a escolta.

– Estão a falar de mim? – pergunta George, que estava no grupo que se encontra junto às portas. – Olá, Tris. Espero que ele não esteja

a dizer-te nada de mal.

George coloca o braço sobre os ombros de Amar e sorriem um para o outro. Ele parece estar melhor do que da última vez que o vi, mas o desgosto transparece na expressão do seu rosto, impedindo que se formem rugas nos cantos dos seus olhos quando ri e apagando a covinha da sua bochecha.

– Estava a pensar que devíamos dar-lhe uma arma – afirma Amar. Depois, olha para mim. – Normalmente, não damos armas a potenciais futuros membros do Conselho, uma vez que eles não fazem ideia do que fazer com elas, mas é bastante óbvio que tu fazes.

– Não, está tudo bem – digo. – Não preciso de...

– Não, provavelmente és melhor atiradora do que a maioria deles – interrompe George. – Dava-nos jeito contar com outra Intrépida. Vou buscar uma pistola.

Alguns minutos mais tarde, estou armada e caminho junto a Amar para o camião. Ele e eu entramos para a traseira do veículo e sentamo-nos ao fundo, enquanto George e uma mulher chamada Ann se sentam no meio e dois oficiais de segurança mais antigos, Jack e Violet, se instalam na frente. A parte de trás do camião tem uma cobertura feita de um material negro e duro. As portas traseiras parecem negras e opacas do exterior, mas, de dentro, são transparentes, para que possamos ver para onde vamos. Estou sentada entre Amar e pilhas de equipamento que nos tapam a visão da parte dianteira do camião. George espreita por cima do equipamento e sorri quando o camião arranca, mas, de resto, Amar é basicamente a minha única companhia.

Vejo o complexo desaparecer atrás de nós. Passamos pelos jardins e edifícios exteriores que rodeiam as instalações da Direção e, à espreita, por trás da extremidade do complexo, estão os aviões, brancos e imóveis. Chegamos à vedação e os portões abrem-se para nós. Ouço Jack falar com o soldado que se encontra junto à cerca exterior, comunicando-lhe os nossos planos de viagem e o conteúdo do veículo – uma série de palavras que não entendo –, antes que possamos sair para aquele baldio.

Pergunto:

– Qual é o objetivo desta patrulha? Quer dizer, para além de me mostrar como as coisas funcionam.

– Sempre mantivemos os arrabaldes debaixo de olho, pois são a área GD mais próxima do complexo. Sobretudo para fins de pesquisa, para estudar como se comportam os geneticamente danificados – explica Amar. – Mas, depois do ataque, o David e o Conselho decidiram que precisávamos de implementar uma vigilância mais apertada da zona, para podermos impedir novos ataques.

Passamos pelo mesmo tipo de escombros que vi quando saímos da cidade – edifícios que se desmoronam por força do seu próprio peso e plantas que se alastram livremente pela terra, rompendo os pavimentos. Não conheço Amar e não confio propriamente nele, mas tenho de perguntar:

– Então, acreditas mesmo nisso? Em todas essas coisas sobre os danos genéticos serem a causa... *disto*?

Todos os seus antigos amigos na experiência eram GD. Será mesmo possível que ele acredite que, por serem danificados, haja qualquer coisa de errado com eles?

– E tu não? – pergunta ele. – Parece-me que a Terra já existe há muito tempo, há mais tempo do que somos capazes de imaginar, e que, antes da Guerra da Pureza, nunca ninguém tinha feito coisas destas, certo? – diz, rodando a mão para indicar a paisagem lá fora.

– Não sei – digo. – Acho difícil acreditar nisso.

– Tens uma visão muito sombria da natureza humana – comenta ele. Não respondo e Amar continua. – De qualquer forma, se algo assim se tivesse dado ao longo da nossa história, a Direção saberia.

A conclusão dele parece-me ingénua, para alguém que já morou na minha cidade e viu, pelo menos nos ecrãs, quantos segredos escondemos uns dos outros. Evelyn tentou controlar as pessoas assumindo o controlo das armas, mas Jeanine foi mais ambiciosa: sabia que, quando conseguimos controlar a informação ou manipulá-la, não precisamos de força para manter as pessoas sob o nosso jugo. Elas seguem-nos por vontade própria. Isto é o que a Direção – e todo o Governo, provavelmente – faz: condicionar as pessoas a serem felizes sob o seu jugo.

Viajamos em silêncio durante algum tempo, acompanhados apenas pelos ruídos do motor e do equipamento que segue aos solavancos. A princípio, olho para cada edifício por que passamos, perguntando a

mim mesma o que terá alojado, mas começo rapidamente a confundir-los. Quantos tipos diferentes de escombros temos de ver até nos resignarmos a chamar a tudo «escombros»?

– Estamos quase nos arrabaldes – anuncia George do meio do camião. – Vamos parar aqui e continuar a pé. Peguem todos em algum equipamento e vamos instalá-lo; todos exceto o Amar, que deve limitar-se a acompanhar a Tris.

Depois, dirigindo-se a mim:

– Tris, podes sair e dar uma vista de olhos, mas fica sempre junto ao Amar.

Sinto os nervos à flor da pele, parecendo que a mínima coisa pode fazê-los saltar. Esta é a zona para onde a minha mãe fugiu depois de testemunhar um assassinato, a zona onde a Direção a encontrou e salvou porque suspeitava que o seu código genético era saudável. Agora vou caminhar até lá, até ao lugar onde, de certa forma, tudo começou. O camião para e Amar abre as portas. Empunha a arma numa mão e acena para mim com a outra. Salto para o exterior atrás dele.

Aqui, há edifícios, mas não chamam tanto a atenção como as casas improvisadas, feitas de pedaços de metal da sucata e lonas de plástico, amontoadas umas ao lado das outras como se se mantivessem solidariamente de pé. Nas ruelas estreitas entre elas há pessoas – a maioria crianças, vendendo objetos que transportam em bandejas, carregando baldes de água ou cozinhando em fogueiras ao ar livre.

Quando as mais próximas de nós nos veem, um rapazinho foge a correr e grita:

– Raide! Raide!

– Não te preocupes com isso – diz-me Amar. – Eles acham que somos soldados. Por vezes, os militares fazem raides para apanhar os miúdos e levá-los para orfanatos.

Mal o ouço. Em vez disso, começo a andar por uma das ruelas, enquanto a maioria das pessoas foge ou se fecha dentro dos seus barracos com papelão ou mais lona. Consigo vê-las por entre as fendas das paredes. As casas não são muito mais do que uma pilha de comida e objetos amontoados de um lado e colchões do outro. Pergunto a mim mesma como sobreviverão no inverno. Ou como farão quando

precisam de ir à casa de banho.

Penso nas flores no interior do complexo, nos seus pisos de madeira e em todas as camas do hotel vazias, e pergunto:

– Vocês costumam ajudá-los?

– Acreditamos que a melhor maneira de ajudar o nosso mundo é reparando as deficiências genéticas – responde Amar, como se estivesse a recitar um texto de cor. – Dar de comer às pessoas não é mais do que colocar um pequeno penso numa ferida profunda. Poderá estancar o sangue durante algum tempo, mas a ferida continua lá.

Não sou capaz de responder. Tudo o que faço é abanar a cabeça ligeiramente e seguir caminho. Começo a compreender por que motivo a minha mãe se juntou aos Abnegados quando devia ter-se juntado aos Eruditos. Se o que realmente desejava era sentir-se a salvo da crescente corrupção dos Eruditos, poderia ter-se unido aos Cordiais ou aos Cântidos. Mas escolheu a facção onde poderia ajudar os indefesos e dedicou a maior parte da sua vida a certificar-se de que os sem-facção recebiam os bens essenciais. Eles devem tê-la recordado deste lugar, dos arrabaldes.

Viro a cabeça, desviando o rosto de Amar para que não veja as lágrimas nos meus olhos.

– Vamos regressar ao camião – digo.

– Estás bem?

– Sim.

Voltamo-nos ambos para regressar ao camião, mas, então, ouvimos tiros. E, imediatamente a seguir aos tiros, um grito.

– Socorro!

Toda a gente à nossa volta foge.

– É o George – diz Amar, desatando a correr por uma das ruelas à nossa direita.

Sigo-o por entre as construções de sucata, mas Amar é demasiado rápido para mim e este lugar é um labirinto. Por isso, perco-o de vista numa questão de segundos, ficando sozinha.

Por mais simpatia Abnegada e automática que tenha pelas pessoas que vivem neste lugar, também tenho medo delas. Se são como os sem-facção, então serão, seguramente, tão desesperados como eles, e as pessoas desesperadas provocam-me medo.

Uma mão aperta-me o braço e arrasta-me para trás, para dentro de um dos barracos de alumínio. No interior, tudo parece tingido pelo azul da lona de plástico que cobre as paredes, isolando a estrutura contra o frio. O chão está revestido com contraplacado e, à minha frente, vejo uma mulher pequena e magra de rosto sujo.

– Não debes ficar ali fora – diz ela. – Eles são capazes de atacar qualquer pessoa, por mais nova que seja.

– Eles...? – pergunto.

– Há muita gente zangada nos arrabaldes. A raiva de algumas pessoas fá-las querer matar qualquer indivíduo que lhes pareça seu inimigo. Outras usam essa raiva de maneira mais construtiva.

– Bem, obrigada pela sua ajuda – digo. – Chamo-me Tris.

– Eu sou a Amy. Senta-te.

– Não posso – respondo. – Os meus amigos estão lá fora.

– Então, debes esperar que a multidão toda corra para onde os teus amigos estão e, depois, surpreendê-los por trás.

Que sugestão inteligente.

Afundo-me no chão, com a arma enterrando-se contra a minha perna. O colete à prova de bala é tão duro que é difícil sentir-me confortável, mas faço o melhor que posso para parecer descontraída. Ouço as pessoas a correr e a gritar no exterior. Amy ergue um canto da lona para espreitar para lá para fora.

– Então, tu e os teus amigos não são soldados – comenta Amy, ainda a olhar pela abertura. – O que significa que devem ser gente do Bem-Estar Genético, certo?

– Não – digo. – Quer dizer, eles são, mas eu sou da cidade. Quer dizer, de Chicago.

As sobrancelhas de Amy erguem-se muito.

– Raios. A experiência foi dissolvida?

– Ainda não.

– É pena.

– Pena? – Olho para ela de cenho franzido. – Estás a falar da minha casa, sabes?

– Bem, a tua casa está a perpetuar a crença de que os indivíduos geneticamente danificados precisam de ser corrigidos, ou seja, que estão *danificados*, coisa que eles, *nós*, não estamos. Por isso, sim, é

lamentável que as experiências ainda subsistam. Não vou pedir desculpas por dizer isto.

Não tinha pensado no assunto daquela forma. Para mim, Chicago tem de continuar a existir porque todas as pessoas que perdi viveram lá, porque o modo de vida que outrora amei continua lá, embora de forma corrompida. Mas não sabia que a própria existência de Chicago podia ser prejudicial para as pessoas cá de fora, que só querem ser vistas como seres íntegros.

– É altura de ires embora – afirma Amy, deixando cair a ponta da lona. – Provavelmente, estão num dos pontos de encontro a noroeste daqui.

– Obrigada, de novo – digo.

Ela acena com a cabeça na minha direção e eu abandono a sua casa improvisada agachando-me, com as tábuas a ranger sob os meus pés. Percorro as ruelas velozmente, contente por todas as pessoas terem dispersado quando chegamos, pelo que não há ninguém para me bloquear o caminho. Salto um charco de – bem, não quero saber de quê – e entro numa espécie de pátio, onde um rapaz alto e desengonçado aponta uma arma a George.

Uma pequena multidão de pessoas rodeia o rapaz armado. Distribuíram entre si o equipamento de vigilância que George transportava e estão a destruí-lo, batendo-lhe com sapatos, pedras, ou martelos. O olhar de George desvia-se para mim, mas eu levo apressadamente um dedo aos lábios. Estou atrás da multidão; o rapaz armado não sabe que estou ali.

– Pousa a arma – diz George.

– Não! – responde o rapaz. – Os seus olhos claros oscilam continuamente entre George e as pessoas que o rodeiam. – Tive muito trabalho para a conseguir e não vou dar-ta.

– Então... Deixa-me ir. Podes ficar com a arma.

– Não até me dizeres para onde têm estado a levar a nossa gente!

– Não levamos ninguém – replica George. – Não somos soldados. Somos cientistas.

– Sim, é mesmo isso – escarnece o rapaz. – Com colete à prova de bala? Se isso não é coisa de soldados, então eu sou o tipo mais rico dos Estados Unidos. Agora, diz-me o que quero saber.

Recuo, de modo a situar-me atrás de um dos barracos e, a seguir, apoio a arma na estrutura e chamo:

– Ei!

A multidão vira-se para trás em bloco, mas o rapaz da arma não a desvia de George como eu esperara.

– Tenho-te na mira – digo. – Desanda agora e deixo-te ir.

– Olha que eu dou-lhe um tiro! – ameaça o rapaz.

– E eu dou-te um tiro a *tí* – retribuo. – Estamos com o Governo, mas não somos soldados. Não sabemos onde a tua gente está. Se o deixares ir, vamo-nos todos embora daqui tranquilamente. Se o matares, garanto-te que, em breve, *haverá* soldados aqui para te prenderem, e não vão ser tão simpáticos como nós.

Naquele momento, Amar surge no pátio atrás de George e alguém na multidão grita:

– Vêm aí mais!

Toda a gente foge a correr.

O rapaz com a arma enfia-se na ruela mais próxima, deixando-me sozinha com George e Amar. Ainda assim, mantenho a arma empunhada à altura do rosto, para o caso de ele decidir voltar. Amar abraça George e bate-lhe nas costas com o punho. Depois, olha para mim, por cima do ombro de George.

– Continuas a achar que os danos genéticos não são culpados por qualquer destes problemas?

Ao passar por um dos barracos, vejo uma menina agachada perto da porta, com os braços em volta dos joelhos. Ela vê-me pela fresta nas camadas de lona sobrepostas e choraminga. Pergunto a mim mesma o que fez com que estas pessoas sintam tanto medo dos soldados. Pergunto a mim mesma o que tornará um jovem suficientemente desesperado para apontar uma arma a um deles.

– Não – respondo. – Não acho.

Tenho outras pessoas para culpar.

No momento em que volto para o camião, Jack e Violet estão a montar uma câmara de vigilância que não foi roubada pelas pessoas dos arrabaldes. Violet tem nas mãos um ecrã que exhibe uma longa lista de números e lê-os para Jack, que, por sua vez, os programa no

seu ecrã.

– Onde estiveram vocês? – pergunta Jack.

– Fomos atacados – responde George. – Temos de ir embora já.

– Felizmente, este é o último conjunto de coordenadas – diz Violet.

– Vamos.

Subimos de novo para o camião. Amar fecha as portas e eu pouso a minha arma no chão com o mecanismo de segurança ativado, feliz por me livrar dela. Quando acordei esta manhã, não me ocorreu precisar de apontar uma arma perigosa a alguém. Nem que iria testemunhar este tipo de condições de vida.

– É a Abnegada que há em ti – observa Amar. – Faz-te odiar aquele sítio. Consigo ver.

– São muitas coisas em mim.

– É só algo que também notei no Quatro. Os Abnegados dão origem a pessoas muito sérias. Pessoas que, automaticamente, veem coisas como as carências – diz ele. – E notei que, quando as pessoas mudam para os Intrépidos, também se criam alguns tipos definidos. Os Eruditos que se transferem para os Intrépidos tendem a tornar-se pessoas cruéis e violentas. Os Cándidos que passam para os Intrépidos tendem a tornar-se turbulentos, viciados em adrenalina que andam sempre à procura de uma boa briga. E os Abnegados que mudam para os Intrépidos tornam-se... Não sei, soldados, acho. Revolucionários.

Depois, acrescenta:

– É o que ele podia ser se confiasse mais em si mesmo. Acho que, se o Quatro não estivesse minado pelas inseguranças, seria um líder fenomenal. Sempre acreditei nisso.

– Acho que tens razão – concordo. – É quando ele age como seguidor em vez de líder que se mete em problemas. Como com a Nita. Ou a Evelyn.

Então e tu?, pergunto-me. Também querias fazer dele um seguidor.

Não, não queria, respondo a mim mesma. Mas não tenho a certeza de acreditar nas minhas palavras.

Amar acena afirmativamente com a cabeça.

Imagens dos arrabaldes continuam a emergir dentro de mim como soluções. Imagino a criança que a minha mãe foi, agachada num daqueles alpendres, lutando para conseguir uma arma, porque

significava uma réstia de segurança, engasgando-se com o fumo para se aquecer no inverno. Não sei porque ela quis tanto abandonar aquele lugar depois de ter sido resgatada. Foi absorvida pelo complexo, e, depois, trabalhou em prol deles o resto da vida. Será que se esqueceu de onde veio?

Não é possível. A minha mãe passou toda a sua vida a tentar ajudar os sem-faço. Talvez não estivesse a cumprir o seu dever como Abnegada; talvez isso tivesse origem num desejo de ajudar pessoas como as que deixara nos arrabaldes. De súbito, não suporto pensar nela, ou naquele lugar, ou nas coisas que lá vi. Agarro-me ao primeiro pensamento que me vem à mente, para me distrair.

– Então, tu e o Tobias eram muito amigos?

– E alguém consegue ser muito amigo dele? – Amar abana a cabeça. – Mas fui eu quem lhe deu a alcunha. Vi-o enfrentar os seus medos, percebi como estava perturbado e achei que lhe dava jeito começar de novo, por isso, comecei a chamar-lhe «Quatro». Mas não, não diria que éramos amigos chegados. Não tanto como eu gostaria.

Amar encosta a cabeça à lateral do camião e fecha os olhos. Um pequeno sorriso revira-lhe os lábios.

– Oh – exclamo. – Tu... *gostavas* dele?

– Porque é que perguntas isso?

Encolho os ombros.

– É só pela maneira como falas dele.

– Já não *gosto* dele, se é isso que queres realmente saber. Mas, sim, a certa altura gostei e tornou-se claro que ele não retribuía os meus sentimentos, por isso, afastei-me – responde Amar. – Agradecia que não comentasses.

– Com o Tobias? É claro que não.

– Não, quero dizer, com ninguém. Não estou a falar apenas da situação do Tobias.

Amar olha para a nuca de George, agora visível acima da pilha de equipamento que diminuiu consideravelmente. Ergo uma sobranceira para ele. Não me surpreende que ele e George se sintam atraídos um pelo outro. Ambos são Divergentes que tiveram de fingir a própria morte para sobreviverem. Ambos são forasteiros num mundo desconhecido.

– Tens de compreender... – continua Amar. – A Direção está obcecada com a procriação, a transmissão de genes. E o George e eu somos GP, portanto, qualquer envolvimento que não possa produzir um código genético mais forte... Não é encorajado, só isso.

– Ah. – Aceno afirmativamente com a cabeça. – Não tens de te preocupar comigo. Não estou obcecada com a produção de genes fortes – retruco, sorrindo ironicamente.

– Obrigado.

Por alguns segundos, ficamos tranquilamente a olhar os escombros transformarem-se num borrão, à medida que o camião ganha velocidade.

Depois, Amar diz:

– Acho que tu és boa para o Quatro, sabes?

Fico a olhar para as minhas mãos, enroscadas no meu colo. Não me apetece explicar-lhe que Tobias e eu estamos perto de acabar. Não o conheço e, mesmo que conhecesse, não quero falar sobre isso. Tudo o que consigo dizer é:

– Ah sim?

– Sim. Percebo o efeito que causas nele. Não sabes disso porque nunca viste, mas o Quatro sem ti é uma pessoa muito diferente. É... obsessivo, explosivo, inseguro...

– Obsessivo?

– O que chamarias a alguém que visita repetidamente a sua paisagem dos medos?

– Não sei... Determinado. – Faço uma pausa. – Corajoso.

– Sim, com certeza. Mas também um pouco louco, certo? Quer dizer, a maioria dos Intrépidos prefere saltar para o abismo a continuar a percorrer a sua paisagem dos medos. Por um lado, pode ser coragem mas, depois, há o masoquismo. E com o Tobias a linha que separa os dois conceitos tornou-se um pouco nebulosa.

– Estou familiarizada com essa linha – digo.

– Eu sei. – Amar sorri. – De qualquer forma, tudo o que estou a dizer é que, sempre que duas pessoas diferentes se engalfinham, há problemas, mas posso ver que o que vocês têm vale a pena, é tudo.

Franzo o nariz.

– Pessoas que se *engalfinham*? A sério?

Amar comprime as palmas das mãos e roda-as para a frente e para trás, para ilustrar a ideia. Rio-me, mas não consigo ignorar a sensação dolorosa no meu peito.

Capítulo trinta e cinco

Tobias

Aproximo-me do grupo de cadeiras mais próximo das janelas na sala de controlo e trago para o ecrã as imagens de vídeo de diferentes câmaras espalhadas pela cidade, pesquisando uma a uma, em busca dos meus pais. Primeiro, encontro Evelyn – está no átrio da sede dos Eruditos, a falar num grupo restrito com Therese e um homem sem-faço, o seu segundo ou terceiro braço-direito agora que eu saí. Aumento o volume das colunas, mas continuo sem conseguir ouvir mais do que um murmúrio.

Através das janelas ao fundo da sala de controlo, vejo um céu noturno tão vazio como o que encima a cidade, interrompido apenas pelas pequenas luzes azuis e vermelhas que assinalam as pistas dos aviões. É estranho pensar que temos este céu em comum, quando tudo o resto aqui é tão diferente.

Por esta altura, as pessoas na sala de controlo já sabem que fui eu quem desativou o sistema de segurança na noite anterior ao ataque, embora não tenha sido eu a administrar o soro da paz a um dos funcionários noturnos para possibilitar as minhas movimentações – foi Nita que se encarregou dessa parte. Contudo, desde que não me aproxime das suas secretárias, a maior parte das pessoas limita-se a ignorar-me.

Noutro ecrã, navego novamente através das imagens, procurando Marcus ou Johanna, ou qualquer coisa que me mostre o que se está a passar com os Leais. Todas as zonas da cidade aparecem no ecrã: a

ponte perto do quartel-general dos Cândidos e do Rochedo, a principal via do setor dos Abnegados, o Centro, a roda gigante e os campos dos Cordiais, agora trabalhados por todas as fações. Mas nenhuma das câmaras me mostra o que quero ver.

– Tens vindo cá muitas vezes – diz Cara, aproximando-se de mim. – O resto do complexo mete-te medo? Ou é outra coisa que receias?

Ela tem razão, tenho vindo muito à sala de controlo. É só algo para passar o tempo enquanto espero pela decisão de Tris, enquanto espero que o nosso plano de ataque à Direção se componha, enquanto espero por alguma coisa, por *qualquer coisa*.

– Não – respondo. – Estou só a seguir os passos dos meus pais.

– Os pais que tu odeias? – questiona Cara, agora ao meu lado, de braços cruzados. – Sim, percebo porque é que queres passar todas as horas do dia a olhar para pessoas com as quais não queres ter nada a ver. Faz todo o sentido.

– Eles são perigosos – afirmo. – Mais perigosos ainda porque ninguém, além de mim, sabe como são perigosos.

– E o que vais fazer a partir daqui, se eles fizerem alguma coisa terrível? Enviar um sinal de fumo?

Olho para ela.

– Está bem, está bem. – Cara ergue as mãos num sinal de tréguas. – Estou só a tentar lembrar-te de que já não pertences ao mundo deles; agora fazes parte deste. É só isso.

– Tens razão.

Nunca me pareceu que os Eruditos fossem particularmente sensíveis no que toca a relações ou emoções, mas os olhos perspicazes de Cara veem muitas coisas. O meu medo. A minha procura por uma distração no meu passado. É quase alarmante.

Navego por um dos ângulos da câmara e, depois, detenho-me e volto para trás. A cena é escura, por causa da hora, mas vejo pessoas a juntarem-se à volta de um edifício que não reconheço, com movimentos sincronizados, como um bando de pássaros.

– Está a acontecer – exclama Cara, excitada. – Os Leais estão mesmo a atacar.

– Ei! – grito para uma das mulheres nas mesas da sala de controlo. A mais velha, que me lança sempre um olhar desagradável quando

apareço, levanta a cabeça. – Câmara vinte e quatro! Depressa!

A mulher pressiona o ecrã e toda a gente na sala de controlo se reúne à volta dela. As pessoas que circulam pelo corredor param para ver o que se está a passar e eu volto-me para Cara.

– Podes ir chamar os outros? – pergunto. – Acho que eles deviam ver isto.

Cara acena, com uma expressão selvagem nos olhos, e sai apressadamente da sala de controlo.

As pessoas à volta do edifício desconhecido não usam um uniforme que as distinga, nem, tão-pouco, usam as braçadeiras dos sem-fação e têm armas nas mãos. Tento destacar uma cara, alguma coisa que reconheça, mas a imagem está demasiado desfocada. Vejo-os a posicionarem-se, a fazerem sinais uns aos outros para comunicar, com braços negros a ondular na noite ainda mais negra.

Enfio a unha do polegar entre os dentes, impaciente por que alguma coisa – *qualquer coisa* – aconteça. Alguns minutos depois, Cara regressa com os outros atrás dela. Quando chegam junto da multidão de pessoas à volta dos monitores principais, Peter diz:

– Desculpem! – Fala suficientemente alto para fazer as pessoas virarem-se. Quando veem quem é, afastam-se. – O que se passa? – pergunta-me Peter, já mais perto de mim. – O que está a acontecer?

– Os Leais formaram um exército – respondo, apontando para o ecrã à esquerda. – Tem gente de todas as fações, até Cordiais e Eruditos. Tenho andado a ver muito as câmaras ultimamente.

– *Eruditos*?! – exclama Caleb.

– Os Leais são os inimigos dos novos inimigos, os sem-fação – responde Cara. – O que dá um objetivo comum aos Eruditos e aos Leais: roubar o poder a Evelyn.

– Disseste que há Cordiais num exército? – pergunta-me Christina.

– Não estão propriamente a tomar parte na violência – explico. – Mas estão a contribuir para o esforço geral.

– Os Leais assaltaram o seu primeiro armazém de armas há alguns dias – diz-nos, por cima do ombro, a jovem mulher sentada na secretária mais próxima de nós. – Este é o segundo. Foi onde arranjaram aquelas armas. Depois do primeiro assalto, a Evelyn mandou mudar de sítio a maior parte das armas, mas não o fizeram a

tempo neste armazém.

O meu pai sabe o que Evelyn sabia: que o poder de fazer as pessoas temerem-nos é o único poder de que precisamos. As armas farão isso por ele.

– Qual é o objetivo deles? – pergunta Caleb.

– Os Leais são motivados pelo desejo de regressar ao objetivo original da criação da nossa cidade – explica Cara. – Quer isso signifique enviar um grupo de pessoas para fora dela, segundo as instruções de Edith Prior – que, na altura, achámos que eram relevantes, muito embora eu já tenha percebido que não importam muito –, ou reinstaurar as fações pela força. Eles estão a preparar-se para um ataque contra o reduto dos sem-faço. Foi isso que a Johanna e eu discutimos antes de eu deixar a cidade. Não falámos sobre aliarmo-nos ao teu pai, Tobias, mas acho que ela é capaz de tomar as suas próprias decisões sozinha.

Quase esqueci que, antes de sairmos da cidade, Cara era a líder dos Leais. Não sei se, agora, ela ainda se importará com a sobrevivências das fações; contudo, Cara ainda se preocupa com as pessoas. Posso ver isso na forma como observa os ecrãs, com um ar entusiasmado mas receoso.

Apesar do burburinho das pessoas à nossa volta, ouço os disparos logo que começam – meros estalos e estampidos que saem das colunas. Toco várias vezes no monitor à minha frente e a câmara move-se para outro ângulo do edifício, onde os invasores acabaram de forçar a entrada. Sobre uma mesa no interior vejo uma pilha de pequenas caixas – munições – e algumas pistolas. Nada comparado com a abundância de armas que as pessoas têm aqui, mas sei que, na cidade, aquelas pistolas são valiosas.

Vários homens e mulheres com braçadeiras dos sem-faço guardam a mesa, mas estão a cair depressa, superados em número pelos Leais. Reconheço uma cara entre eles – Zeke –, batendo com a coronha da sua arma no maxilar de um sem-faço. Os sem-faço são dominados em dois minutos, caindo feridos por balas que só vejo quando já estão enterradas na carne. Os Leais espalham-se pela sala, caminhando sobre os corpos como se não passassem de detritos, e juntam tudo o que podem. Zeke amontoa armas perdidas sobre a mesa, exibindo no

olhar uma dureza que poucas vezes lhe vi.

Nem sequer sabe o que aconteceu a Uriah.

A mulher da sala de controlo toca o monitor em vários pontos. Num dos ecrãs mais pequenos por cima dela está uma imagem, um fragmento das imagens de vigilância que acabámos de ver, congelado num momento específico. A mulher pressiona novamente o ecrã e a imagem aproxima-se do seu alvo: um homem com o cabelo cortado à escovinha e uma mulher com o cabelo longo e preto a cobrir-lhe um dos lados da cara.

Marcus, claro. E Johanna, com uma arma.

– Os dois sozinhos conseguiram mobilizar para a sua causa a maioria dos membros leais às fações. Mas, surpreendentemente, os Leais ainda não ultrapassam os sem-fação – afirma a mulher, recostando-se na cadeira e abanando a cabeça. – Há muitos mais sem-fação do que alguma vez pensámos. Também não é fácil fazer uma contagem precisa de uma população tão dispersa.

– A Johanna? A liderar uma rebelião? Com uma arma? Isto não faz sentido – comenta Caleb.

Johanna tinha-me dito uma vez que, se pudesse decidir, teria apoiado uma ação contra os Eruditos, em vez da passividade defendida pelo resto da sua facção. Mas estava à mercê do seu grupo e do seu medo. Agora, com a facção desmantelada, parece que Johanna se tornou em algo mais do que a porta-voz dos Cordiais ou mesmo da líder dos Leais. Transformou-se num soldado.

– Faz mais sentido do que pensas – contraponho, e Cara acena com a cabeça, concordando com as minhas palavras.

Vejo-os esvaziarem a sala de armas e munições e avançarem velozmente, espalhando-se como sementes ao vento. Sinto-me mais pesado, como se carregasse uma nova carga. Pergunto-me se as pessoas à minha volta – Cara, Christina, Peter ou mesmo Caleb – sentem a mesma coisa. A cidade, *a nossa cidade*, está agora mais perto da destruição total do que antes.

Podemos fazer de conta que já não pertencemos ali, enquanto vivemos em relativa segurança neste sítio, mas pertencemos. Pertenceremos sempre.

Capítulo trinta e seis

Tris

Está escuro e a nevar quando nos dirigimos à entrada do complexo. Os flocos esvoaçam sobre a estrada, tão leves como açúcar em pó. É só uma neve de outono prematura; de manhã já terá desaparecido. Assim que saio do caminhão, retiro o meu colete à prova de balas e ofereço-o a Amar, juntamente com a minha arma. Sinto-me desconfortável com ela. Achava que o desconforto passaria com o tempo, mas agora já não tenho a certeza disso. Talvez nunca desapareça e talvez isso seja o mais correto.

Ao passar pelas portas, o ar quente rodeia-me. Agora que vi os arrabaldes, o complexo parece-me mais limpo do que nunca. A comparação é inquietante. Como posso caminhar sobre este chão imaculado e usar estas roupas engomadas, quando sei que aquelas pessoas estão lá fora, cobrindo as suas casas com lonas para se manterem quentes?

Mas, quando chego ao dormitório do hotel, o sentimento de inquietação desapareceu. Procuro Christina ou Tobias, mas nenhum deles se encontra ali. Só vejo Peter e Caleb. Peter está com um grande livro no colo, a escrever notas num bloco de papel junto a si, e Caleb está a ler o diário da nossa mãe no ecrã, com os olhos vidrados. Tento fazer de conta que não reparo.

– Algum de vocês viu... – começo, detendo-me depois.

Mas com quem quero eu falar, Christina ou Tobias?

– O Quatro? – pergunta Caleb, decidindo por mim. – Vi-o há pouco

na sala de genealogia.

– Na sala... de quê?

– Eles têm os nomes dos nossos antepassados em exposição numa sala. Podes dar-me uma folha de papel? – pergunta a Peter.

Peter rasga uma folha do final do seu bloco e estende-a a Caleb, que rabisca alguma coisa nela: direções. Depois diz:

– Encontrei lá o nome dos nossos pais. No lado direito da sala, segundo painel a seguir à porta.

Entrega-me as indicações, sem olhar para mim. Olho para a sua letra asseada e uniforme. Antes de o ter esmurrado, Caleb teria insistido em levar-me lá ele mesmo, desesperado por arranjar uma oportunidade para me esclarecer sobre a sua natureza. Mas ultimamente tem mantido a distância, talvez por ter medo de mim ou por ter finalmente desistido. Nenhuma destas opções me faz sentir bem.

– Obrigada – digo eu. – Hãã... como está o teu nariz?

– Bem – responde ele. – Acho que a nódoa negra faz sobressair os meus olhos, não achas?

Sorri um pouco e eu também. No entanto, é evidente que nenhum de nós sabe o que fazer a seguir, porque ficamos os dois sem palavras.

– Espera, tu saíste hoje, certo? – pergunta o meu irmão, passado um instante. – Está a acontecer alguma coisa na cidade. Os Leais rebelaram-se contra a Evelyn e atacaram um dos seus armazéns de armas.

Olho para ele. Há vários dias que não penso no que se estará a passar na cidade, porque tenho estado demasiado ocupada com o que se está a passar aqui.

– Os Leais? – repito. – As pessoas que são atualmente lideradas pela *Johanna Reyes*... atacaram um armazém?

Antes de sairmos de lá, tinha a certeza de que a cidade estava prestes a explodir com outro conflito. Parece que foi agora. No entanto, sinto-me desligada da situação, pois quase toda a gente que me importa está aqui.

– Liderados pela *Johanna Reyes* e pelo *Marcus Eaton* – declara Caleb. – Mas a *Johanna* esteve lá, com uma arma na mão. Foi um absurdo. As pessoas da Direção pareciam muito perturbadas com

aquilo.

– Uau! – exclamo, abanando a cabeça. – Acho que era só uma questão de tempo.

Ficamos novamente em silêncio e, depois, afastamo-nos um do outro ao mesmo tempo; Caleb regressa para a sua cama e eu encaminho-me para o corredor, seguindo as suas indicações.

Vejo a sala de genealogia ao longe. As paredes de bronze parecem brilhar com uma luz quente. Ao passar pela porta, sinto-me como se estivesse dentro de um pôr do sol, com a radiação a envolver-me. Os dedos de Tobias percorrem as linhas da sua árvore genealógica – presumo eu –, mas ociosamente, como se não estivesse verdadeiramente a prestar atenção.

Parece que consigo ver aquela faceta obsessiva a que Amar se referia. Sei que Tobias tem estado a observar os pais nos ecrãs e, agora, está a olhar para os seus nomes, apesar de não haver nada nesta sala que não saiba já. Estava certa quando disse que Tobias estava desesperado, desesperado por uma ligação a Evelyn, desesperado por não ser magoado, mas nunca pensei como essas coisas estavam ligadas entre si. Não sei como se sentirá quem odeia a sua própria história pessoal, mas simultaneamente anseia pelo amor daqueles que foram responsáveis por essa história. Como é possível que nunca tenha visto a divisão que existe no seu coração? Como é possível que nunca tenha percebido antes que, para além de tudo o que ele tem de forte e bom, há também sofrimento e mágoa?

Caleb contou-me que a nossa mãe disse que havia mal em toda a gente, e que o primeiro passo para se amar alguém é reconhecer o mal que há em nós mesmos, para podermos perdoar os outros. Portanto, como posso eu criticar o desespero de Tobias, como se fosse melhor do que ele, como se nunca me tivesse deixado cegar pela minha própria dor?

– Ei – chamo, amarfanhando a folha com as indicações de Caleb e enfiando-a no bolso de trás.

Tobias volta-se e a sua expressão é austera, familiar. A mesma expressão que tinha nas primeiras semanas depois de o conhecer, como uma sentinela a guardar os seus pensamentos mais íntimos.

– Ouve – digo eu. – Pensava que, supostamente, devia tentar

perceber se podia ou não perdoar-te, mas agora acho que não me fizeste nada que precise de ser perdoado, a não ser talvez acusar-me de ter ciúmes da Nita...

Tobias abre a boca para dizer algo, mas ergo a mão para o deter.

– Se ficarmos juntos, vou ter de te perdoar muitas vezes e, se ainda estiveres nesta relação, também vais ter de me perdoar imensas vezes – continuo. – Portanto, perdoar não é a questão. O que devia ter tentado perceber é se ainda somos bons um para o outro ou não.

Durante todo o caminho de regresso a casa, refleti sobre o que Amar disse, sobre todas as relações terem os seus problemas. Pensei nos meus pais, que discutiam com mais frequência do que todos os outros pais Abnegados que conhecia, mas que passaram juntos todos os dias da sua vida até morrerem.

Depois, pensei no quanto me tornei mais forte, no quanto me sinto segura com a pessoa que agora sou, e no quanto Tobias me disse que sou corajosa, respeitada, amada e merecedora de ser amada.

– E...? – diz ele, com a voz, os olhos e as mãos um pouco inseguros.

– E... – prossigo – acho que ainda és a única pessoa suficientemente perspicaz para conseguir tornar alguém como eu numa pessoa perspicaz.

– Pois sou – responde Tobias num tom áspero.

E eu beijo-o.

Os seus braços enrolam-se à minha volta e abraçam-me com força, erguendo-me até ficar em bicos de pés. Escondo a cara nos seus ombros e fecho os olhos, inalando apenas o seu cheiro a limpo, a vento.

Achava que o facto de as pessoas se apaixonarem era algo que simplesmente sucedia, não lhes deixando depois qualquer hipótese de escolha. E talvez isso seja verdade no início, mas já não é verdade agora.

Apaixonei-me por Tobias. Mas não fico com ele simplesmente por defeito, como se não houvesse mais ninguém disponível para mim. Fico com ele porque decido fazê-lo todos os dias ao acordar, todos os dias em que discutimos ou mentimos ou nos desapontamos um ao outro. Escolho-o repetidamente e ele escolhe-me a mim.

Capítulo trinta e sete

Tris

Chego ao gabinete de David, para a minha primeira reunião do Conselho, precisamente quando o meu relógio marca dez horas. David aparece pouco depois a arrastar-se pelo corredor. Parece ainda mais pálido do que da última vez que o vi e os círculos escuros sob os seus olhos são pronunciados como hematomas.

– Olá, Tris – cumprimenta. – Estás entusiasmada, não estás? Chegaste mesmo a horas.

Ainda sinto um pouco de peso nos meus membros por causa do soro da verdade que Cara, Caleb e Matthew testaram em mim há pouco, como parte do nosso plano. Estão a tentar desenvolver um soro da verdade poderoso, a que mesmo os GP tão resistentes a soros como eu não sejam imunes. Ignoro a sensação e digo:

– Claro que estou entusiasmada. É a minha primeira reunião. Queres ajuda? Pareces cansado.

– Está bem, está bem.

Passo para trás dele e aperto os punhos da cadeira de rodas para a pôr a andar.

David suspira.

– Acho que estou cansado. Estive acordado toda a noite a lidar com a nossa crise mais recente. Vira aqui à direita.

– Que crise é essa?

– Oh, já vais descobrir, não nos precipitemos.

Manobramos através da penumbra dos corredores do Terminal 5,

como indicam as tabuletas – «um velho nome», diz-me David. Não há janelas, nenhum vislumbre do mundo lá fora. Quase consigo sentir a paranoia a emanar das paredes, como se o próprio terminal tivesse um medo pavoroso de olhares estranhos. Se soubessem de que é que os meus olhos andam à procura...

Enquanto caminho, reparo nas mãos de David que apertam os apoios de braço. A pele à volta das suas unhas está áspera e vermelha, como se ele a tivesse roído durante a noite. As próprias unhas têm um aspeto irregular. Lembro-me de quando as minhas mãos tinham um aspeto idêntico, quando as memórias das simulações da paisagem dos medos se infiltravam em cada sonho e cada pensamento ocioso. Talvez sejam as memórias do ataque que estejam a fazer isto a David.

Não me importa, penso eu. Lembra-te do que ele fez. Do que ele é capaz de fazer novamente.

– Cá estamos nós – afirma David.

Empurro-o através de umas portas duplas, que dois mecanismos retentores mantêm abertas. Parece que a maior parte dos membros do Conselho já está no interior, mexendo o café servido em pequenas chávenas com pauzinhos. São maioritariamente homens e mulheres da idade de David. Há alguns membros mais jovens – Zoe está lá e, quando entro, dirige-me um sorriso tenso, mas educado.

– Vamos dar início à reunião! – convida David, empurrando a cadeira de rodas até à cabeceira da mesa.

Sento-me numa das cadeiras na extremidade da sala, ao lado de Zoe. É evidente que não devemos sentar-nos à mesa com toda a gente importante, e não me importo com isso. Assim, será mais fácil dormir se as coisas se tornarem chatas, apesar de achar que, se esta crise é suficientemente séria para manter David acordado toda a noite, é pouco provável que isso aconteça.

– Ontem à noite recebi um telefonema desesperado do nosso pessoal da sala de controlo – diz David. – É evidente que a violência está prestes a eclodir novamente em Chicago. Uma facção lealista, que se intitulou «os Leais», rebelou-se contra o controlo dos sem-facção, atacando os depósitos de armas. O que eles não sabem é que a Evelyn Johnson descobriu uma nova arma: reservas de soro da morte escondidas no quartel-general dos Eruditos. Como sabemos, ninguém

consegue resistir ao soro da morte, nem mesmo os Divergentes. Se os Leais atacarem o governo dos sem-fação e a Evelyn Johnson retaliar, as baixas serão obviamente catastróficas.

Olho para o chão diante dos meus pés à medida que os comentários irrompem na sala.

– Silêncio – pede David. – As experiências já estão em perigo de serem canceladas se não conseguirmos provar aos nossos superiores que conseguimos controlá-las. Outra revolução em Chicago só fortalecerá a sua convicção de que esta iniciativa já deixou de ter utilidade, o que que não podemos deixar que aconteça se quisermos continuar a combater os danos genéticos.

Por trás da expressão exausta e abatida de David há algo mais duro, mais forte. Acredito nele. Acredito que não deixará que tal aconteça.

– Chegou o momento de usar o vírus do soro da memória para uma reinicialização em massa – declara ele. – E acho que devíamos usá-lo nas quatro experiências.

– *Reinicialização?* – pergunto, sem conseguir controlar-me.

Toda a gente na sala olha em simultâneo para mim. Parece que se esqueceram de que eu, um antigo membro das experiências a questão a referir-se, estou presente.

– «Reinicialização» é a nossa palavra para a eliminação generalizada da memória – explica David. – É o que fazemos quando as experiências de modificação comportamental estão em risco de soçobrar. Fizemo-lo no início, quando criámos este tipo de experiências com uma vertente de alteração de comportamentos, e a última reinicialização deu-se em Chicago, algumas gerações antes da tua – diz David, dirigindo-me um sorriso estranho. – Porque achas que há tanta devastação no setor dos sem-fação? Houve uma insurreição e tivemos de a conter da forma mais higiénica possível.

Sento-me na cadeira estupefacta, recordando as ruas arruinadas, as janelas estilhaçadas e os postes de iluminação derrubados na parte da cidade dos sem-fação, uma destruição que claramente não se via em mais lado nenhum – nem sequer a norte da ponte, onde os edifícios estão vazios, mas dão a impressão de terem sido abandonados pacificamente. Sempre observei os bairros em ruínas de Chicago

com tranquilidade, como prova daquilo que acontece quando as pessoas não vivem em comunidade. Nunca imaginei que fossem o resultado de uma revolta... e de uma subsequente *reinicialização*.

A minha cólera é tão grande que me sinto maldisposta. Que estas pessoas queiram pôr termo a uma revolução, não para salvar vidas, mas para preservarem as suas preciosas experiências, já é suficientemente mau. Mas porque acham eles que, só porque lhes convém, têm o direito de arrancar as memórias da cabeça das pessoas, de lhes arrancarem a sua identidade?

Mas, claro, conheço a resposta a esta pergunta. Para eles, as pessoas da nossa cidade são meros recipientes de material genético, meros GD, valiosos devido aos genes corrigidos que transmitem, e não pelos cérebros nas suas cabeças, ou pelos corações que lhes batem no peito.

– Quando? – pergunta um dos membros do conselho.

– Dentro das próximas quarenta e oito horas – diz David.

Toda a gente acena afirmativamente com a cabeça, como se aquela estratégia fosse algo de razoável.

Lembro-me do que David me disse no seu gabinete. *Se queremos vencer esta luta contra os danos genéticos, se queremos impedir que as experiências sejam encerradas, vamos ter de fazer sacrifícios. Compreendes isso, não compreendes?*

Devia ter percebido na altura que ele trocava de bom grado milhares de memórias GD – milhares de vidas – pelo controlo das experiências. Que ele as trocava sem sequer pensar em alternativas, sem pensar que era necessário preocupar-se em salvá-las.

No fim de contas, estas pessoas estão *danificadas*.

Capítulo trinta e oito

Tobias

Apoio o meu sapato na borda da cama de Tris e aperto os atacadores. Através das grandes janelas, vejo a luz da tarde cintilar nos painéis laterais dos aviões estacionados na pista de aterragem. GD em fatos verdes caminham ao longo das asas e rastejam debaixo dos narizes, inspecionando os aviões antes de levantarem voo.

– Que tal vai o teu projeto com o Matthew? – pergunto a Cara, que está duas camas mais abaixo.

Esta manhã, Tris deixou Cara, Caleb e Matthew testarem nela o seu novo soro, mas não a vejo desde então. Cara está a passar uma escova pelo cabelo. Olha à volta do quarto para se certificar de que está vazio antes de responder.

– Não muito bem. Até agora, a Tris foi imune à nova versão do soro que criámos. Não teve qualquer efeito nela. É muito estranho que os genes de uma pessoa a tornem tão resistente a qualquer tipo de manipulação da mente.

– Talvez não sejam os genes dela – replico, encolhendo os ombros e mudando de pé. – Talvez seja alguma espécie de teimosia sobre-humana.

– Oh, chegamos à parte da separação em que pode haver insultos? – provoca Cara. – Porque ganhei muita prática depois do que aconteceu com o Will. Tenho várias coisas desagradáveis a dizer sobre o nariz dela.

– Não nos separámos – rio. – Mas é bom saber que tens

sentimentos tão calorosos em relação à minha namorada.

– Peço desculpa. Não sei porque me precipitei a tirar essa conclusão – a face de Cara fica corada. – Os meus sentimentos em relação à tua namorada são contraditórios, sim, mas tenho, sobretudo, muito respeito por ela.

– Eu sei. Estava só a brincar. É bom ver-te ficar atrapalhada de vez em quando.

Cara olha para mim.

– Mas, já agora – insisto –, o que tem o nariz dela?

A porta do dormitório abre-se e Tris entra, com o cabelo despenteado e uma expressão desnorteada nos olhos. Perturba-me vê-la tão agitada, sinto-me como se o chão que piso já não fosse sólido. Levanto-me e aliso o seu cabelo com a mão, para voltar a pô-lo no lugar.

– O que aconteceu? – pergunto, pousando-lhe a mão no ombro.

– A reunião do Conselho – diz Tris. Cobre a minha mão com a dela por breves momentos e, depois, senta-se numa das camas, deixando as mãos pender entre os joelhos.

– Detesto ser repetitiva – diz Cara –, mas... o que aconteceu?

Tris abana a cabeça, como se estivesse a tentar expulsar pó de dentro dela.

– O Conselho fez planos. Grandes planos.

Aos solavancos, conta-nos o plano do Conselho para reinicializar as experiências. Enquanto fala, entala as mãos sob as pernas e pressiona-as até os pulsos ficarem vermelhos.

Quando acaba, sento-me ao lado dela, colocando-lhe o braço sobre os ombros. Olho pela janela para os aviões pousados na pista, brilhantes e preparados para voar. Em menos de dois dias, provavelmente aqueles aviões irão pulverizar o vírus do soro da memória sobre a cidade.

Cara pergunta a Tris:

– O que tencionas fazer acerca disso?

– Não sei – diz Tris. – Sinto que já não sei o que é certo ou errado.

São as duas semelhantes, Cara e Tris, duas mulheres endurecidas pela perda. A diferença é que a dor fez com que Cara passasse a ter certezas sobre tudo, enquanto Tris manteve as suas incertezas,

protegendo-as, apesar de tudo por que passou. Ainda aborda o mundo com uma interrogação e não com uma resposta. É algo que admiro nela. Algo que, provavelmente, deveria admirar mais.

Por alguns segundos permanecemos em silêncio e deixo que os meus pensamentos se enrolem e desenrolem uns nos outros.

– Eles não podem fazer isso – digo eu. – Não podem apagar a memória de toda a gente. Não deviam ter o poder de fazer isso. – Faço uma pausa. – Tudo o que consigo pensar é que isto seria muito mais simples se estivéssemos a lidar com um conjunto completamente diferente de pessoas, com pessoas que conseguissem realmente ver a razão. Aí, talvez conseguíssemos encontrar um equilíbrio entre proteger as experiências e abrimo-nos a outras oportunidades.

– Talvez devamos importar um novo grupo de cientistas – sugere Cara, suspirando. – E descartarmo-nos dos velhos.

O rosto de Tris contorce-se e ela leva uma mão à testa, parecendo friccionar uma dor súbita e inconveniente.

– Não – diz ela. – Nem precisamos de fazer isso. – Olha para mim, e os seus olhos brilhantes mantêm-me imóvel. – Soro da memória – continua ela. – O Alan e o Matthew arranjaram uma forma de fazer com que os soros funcionem como vírus, para que se espalhem por toda a população sem ser necessário injetar ninguém. É assim que eles estão a planear fazer a reinicialização das experiências. Mas podíamos reiniciá-los a eles.

Fala mais rapidamente, à medida que o plano toma forma na sua mente, e a sua excitação é contagiosa; borbulha no meu espírito como se a ideia fosse minha e não dela. Mas, a mim, não me parece que esteja a propor uma solução para o nosso problema. Parece-me que está a sugerir que provoquemos mais um problema.

– Reinicializar a Direção e reprogramá-los sem a propaganda, sem o desdém pelos GD. Então, eles nunca mais poriam as memórias das pessoas em risco nas suas experiências. O perigo desapareceria para sempre.

Cara arqueia as sobrancelhas.

– Mas, apagar as memórias deles não implica apagar também todos os seus conhecimentos? Tornando-os inúteis? – pergunta.

– Não sei. Penso que há uma forma de visar as memórias,

dependendo do sítio do cérebro onde está armazenada a informação. Caso contrário, os membros da primeira facção não teriam continuado a saber falar ou apertar os sapatos ou qualquer outra coisa – Tris põe-se de pé. – Temos de perguntar ao Matthew. Sabe bem melhor do que nós como isto funciona.

Ergo-me também, colocando-me diante dela. Os raios de sol refletidos pelas asas dos aviões cegam-me e não consigo ver o seu rosto.

– Tris – digo. – Espera. Queres mesmo apagar as memórias de toda uma população contra a sua vontade? Isso é o que *eles* estão a planear fazer aos nossos amigos e família.

Protejo os meus olhos do sol para ver o seu olhar frio – a expressão que vi na minha mente mesmo antes de olhar para ela. Parece-me mais velha do que nunca, inflexível, dura e consumida pelo tempo. Também eu me sinto assim.

– Estas pessoas não têm respeito pela vida humana – afirma. – Vão eliminar as memórias de todos os nossos amigos e vizinhos. São responsáveis pela morte da maioria da nossa antiga facção. – Desvia-se de mim e encaminha-se para a porta. – Acho que têm sorte se não os matar.

Capítulo trinta e nove

Tris

Matthew cruza as mãos atrás das costas.

– Não, não, o soro não apaga todo o conhecimento das pessoas – diz. – Achas que seríamos capazes de conceber um soro que fizesse as pessoas esquecerem-se de como falar ou caminhar? – Abana a cabeça. – O soro visa memórias explícitas, como o nosso nome, onde crescemos, o nome do nosso primeiro professor, e deixa intactas as memórias implícitas. Como falar, ou atar os cordões dos sapatos, ou andar de bicicleta.

– Interessante – responde Cara. – E isso funciona mesmo?

Tobias e eu trocamos um olhar. Não há nada como uma conversa entre um Erudito e alguém que poderia ser um Erudito. Cara e Matthew estão muito próximos um do outro e, quanto mais falam, mais gesticulam com as mãos.

– É inevitável que algumas memórias importantes se percam – afirma Matthew. – Mas, se tivermos um registo das descobertas científicas ou das histórias das pessoas, elas podem reaprendê-las durante o período nebuloso depois de as memórias serem apagadas. Nessa altura, as pessoas são muito maleáveis.

Encosto-me à parede.

– Espera – digo. – Se a Direção vai carregar todos aqueles aviões com o vírus do soro da memória para reinicializarem as experiências, vai sobrar algum soro para usar contra o complexo?

– Vamos ter de o obter antes – responde Matthew. – Em menos de

quarenta e oito horas.

Cara parece não ter ouvido o que ele disse.

– Depois de termos apagado as memórias deles, não é preciso programá-los com novas memórias? Como é que isso funciona?

– Só temos de os «reensinar». Como disse, as pessoas costumam ficar desorientadas durante alguns dias depois de terem sido reinicializadas, o que significa que é mais fácil controlá-las. – Matthew senta-se e dá uma volta na sua cadeira. – Podemos simplesmente dar-lhes uma nova aula de história. Uma aula que lhes ensine factos em vez de propaganda.

– Podemos usar a apresentação de *slides* das pessoas dos arrabaldes para complementar essa aula de história básica – sugiro. – Eles têm fotografias da guerra provocada pelos GP.

– Ótimo – concorda Matthew. – Há, no entanto, um grande problema. O vírus do soro da memória está no Laboratório de Armas. Aquele em que a Nita tentou entrar e *falhou*.

– A Christina e eu íamos falar com o Reggie – diz Tobias. – Mas acho que, dado o novo plano, devíamos falar com a Nita.

– Acho que tens razão – afirmo. – Vamos lá descobrir onde é que ela errou.

Quando cá cheguei, achava que o complexo era enorme e impossível de conhecer na totalidade. Agora, nem eu nem Tobias, que me acompanha, temos de consultar as indicações para sabermos como ir para o hospital. É estranho como o tempo pode fazer um lugar encolher, tornar normal a sua estranheza.

Não dizemos nada um ao outro, apesar de sentir uma conversa a fermentar entre nós. Por fim, decido perguntar.

– O que se passa? – pergunto. – Praticamente não disseste nada durante a reunião.

– Eu só... – Tobias abana a cabeça. – Não tenho a certeza de estarmos a fazer o que é mais correto. Eles querem apagar as memórias dos nossos amigos, por isso decidimos apagar as deles?

Volto-me para ele e toco ao de leve nos seus ombros.

– Tobias, temos quarenta e oito horas para os deter. Se conseguires pensar noutra ideia, qualquer outra coisa que salve a nossa cidade,

estou disposta a ouvir-te.

– Não consigo. – Os seus olhos azuis parecem derrotados, tristes. – Mas estamos a agir em desespero para salvar algo que é importante para nós, tal como a Direção. Qual é a diferença?

– A diferença é o que é correto – digo com firmeza. – As pessoas da cidade, no seu todo, são inocentes. As pessoas da Direção, que forneceram à Jeanine a simulação de ataque, não são inocentes.

Tobias franze os lábios, posso perceber que não concorda completamente comigo. Suspiro.

– Não é uma situação perfeita. Mas, quando temos de escolher entre duas más opções, escolhemos aquela que salva as pessoas que amamos e em quem acreditamos mais. Vamos simplesmente fazer isso. OK?

Ele procura a minha mão. A dele é quente e forte.

– OK.

– Tris! – chama Christina, empurrando as portas do hospital e encaminhando-se na nossa direção.

Peter segue-a de perto, com o cabelo preto penteado delicadamente para o lado.

A princípio, parece-me excitada e eu sinto um avolumar de esperança – e se Uriah acordou do coma? Mas, à medida que se aproxima, torna-se claro que não está excitada. Está frenética. Peter mantém-se atrás dela, de braços cruzados.

– Acabei de falar com um dos médicos – diz ela, sem fôlego. – O médico diz que o Uriah não vai acordar. Alguma coisa sobre... não ter ondas cerebrais.

Um peso instala-se nos meus ombros. Sabia que Uriah nunca iria acordar, claro. Mas a esperança que mantinha a dor à distância está agora a definhar, a deslizar a cada palavra que Christina pronuncia.

– Eles já iam desligar os meios de suporte de vida, mas eu implorei-lhes – limpa ferozmente os olhos com a palma da mão, detendo uma lágrima que começava a rolar. – Por fim, o médico disse que ia dar-me quatro dias. Para poder dizer à família dele.

A família dele. Zeke ainda está na cidade, bem como a sua mãe Intrépida. Não me tinha lembrado de que eles não sabem o que lhe aconteceu, e não nos preocupámos em informá-los porque estávamos

tão concentrados em...

– Eles vão reinicializar a cidade em quarenta e oito horas – digo subitamente, agarrando o braço de Tobias, que parece atordoado. – Se não pudermos pará-los, isso significa que o Zeke e a mãe dele *vão esquecê-lo*.

Vão esquecê-lo antes de terem a possibilidade de lhe dizerem adeus. Será como se nunca tivesse existido.

– O quê? – pergunta Christina, de olhos arregalados. – A *minha família* está lá. Eles não podem eliminar as memórias de toda a gente! Como podem eles fazer isso?

– É muito fácil, na verdade – afirma Peter.

Tinha-me esquecido de que ele estava ali.

– O que é que estás aqui a fazer? – pergunto-lhe.

– Vim ver o Uriah – responde. – Há alguma lei contra isso?

– Nem sequer gostavas dele – cuspo eu. – Que direito tens tu...

– Tris – Christina abana a cabeça. – Agora não, OK?

Tobias hesita, com a boca aberta como se tivesse palavras à espera na ponta da língua.

– Temos de ir lá – diz por fim. – O Matthew disse que podemos vacinar as pessoas contra o soro da memória, certo? Então, vamos lá, vacinamos a família do Uriah, para o caso de ser necessário, e trazemo-los para se despedirem dele. Mas temos de fazer isso amanhã, ou será demasiado tarde. – Faz uma pausa. – E tu, Christina, também podes vacinar a tua família. De qualquer maneira, devo ser eu a contar ao Zeke e à Hana.

Christina acena com a cabeça afirmativamente. Aperto-lhe o braço, numa tentativa de a reconfortar.

– Também vou – diz Peter. – A não ser que queiras que conte ao David os vossos planos.

Olhamos todos para ele. Não sei o que pretende ao ir à cidade, mas não pode ser nada de bom. Ao mesmo tempo, não podemos arriscar que David descubra o que estamos a fazer, não agora, quando o tempo escasseia.

– Está bem – assente Tobias. – Mas, se causares problemas, reservo-me o direito de te dar uma pancada na cabeça e fechar-te num edifício abandonado.

Peter revira os olhos.

– Como vamos até lá? – pergunta Christina. – Eles não vão propriamente emprestar-nos um carro.

– Aposto que conseguimos convencer o Amar a levar-vos – afirmo. – Ele disse-me que está sempre a oferecer-se como voluntário para as patrulhas. Por isso, conhece as pessoas certas. E tenho a certeza de que concordaria em ajudar o Uriah e a família dele.

– Vou agora pedir-lhe. E alguém devia fazer companhia ao Uriah... para garantir que o médico não volta atrás na palavra. A Christina, não o Peter – diz Tobias, levando a mão à parte de trás do pescoço, e esfregando a tatuagem dos Intrépidos como se quisesse arrancá-la da pele. – E depois tenho de pensar como vou contar à família do Uriah que ele foi morto quando eu devia estar a protegê-lo.

– Tobias... – digo, mas ele ergue a mão para me deter e começa a afastar-se para se ir embora, dizendo:

– Provavelmente, nem sequer me deixariam falar com a Nita.

Às vezes, é difícil saber como tomar conta das pessoas. Ao ver Peter e Tobias a afastarem-se – mantendo uma distância entre si –, ocorre-me que, possivelmente, Tobias precisaria que alguém corresse atrás dele, porque as pessoas têm deixado que se afaste, que se feche, a sua vida inteira. Mas tem razão: ele precisa de fazer isto pelo Zeke e eu preciso de falar com Nita.

– Anda – chama Christina. – A hora das visitas está quase a acabar. Vou fazer companhia ao Uriah.

Antes de ir até ao quarto de Nita – identificável pelo guarda sentado à porta –, paro com Christina no quarto de Uriah. Christina senta-se ao lado dele, numa cadeira já marcada com o contorno das suas pernas.

Passou muito tempo desde a última vez que falámos como duas amigas, muito tempo desde que rimos juntas. Estive perdida na névoa da Direção, na promessa de pertença.

Fico ao lado dela e olho para Uriah. Já não parece estar ferido. Há algumas contusões e cortes, mas nada suficientemente grave para o matar. Inclino a cabeça para ver a tatuagem da cobra enrolada na sua orelha. Sei que é ele, mas não se parece muito com Uriah, sem o

sorriso aberto e os seus olhos escuros brilhantes e alerta.

– E nem sequer éramos muito chegados – continua ela. – Só mesmo... mesmo no fim. Porque ele tinha perdido alguém que morreu, e eu também...

– Eu sei – afirmo. – Ajudaste-o muito.

Puxo uma cadeira para me sentar ao lado dela. Christina pega na mão de Uriah, que permanece imóvel entre os lençóis.

– Às vezes, sinto que perdi todos os meus amigos – diz ela.

– Não perdeste a Cara – lembro. – Nem o Tobias. E não me perdeste a mim. Nunca vais perder-me.

Christina volta-se para mim e, na névoa da dor, abraçamo-nos com um desespero idêntico ao de quando me disse que me perdoava por ter matado Will. Outras amizades ter-se-iam dilacerado. Por alguma razão, esta preservou-se.

Ficamos agarradas durante muito tempo, até que o nosso desespero se atenua.

– Obrigada – diz ela. – Também não me vais perder.

– Tenho a certeza de que, se te fosse perder, isso já teria acontecido – replico, sorrindo.

– Ouve, tenho algumas coisas para te contar.

Conto-lhe sobre o nosso plano para impedir a Direção de reinicializar as experiências. Enquanto falo, penso nas pessoas que ela arrisca perder – o pai e a mãe, a irmã. Todas aquelas ligações alteradas ou eliminadas para sempre, em nome da pureza genética.

– Lamento – digo eu, quando termino. – Sei que provavelmente queres ajudar-nos, mas...

– Não tenhas pena. – Olha para Uriah. – Mesmo assim fico satisfeita por ir para a cidade. – Acena com a cabeça. – Vais conseguir impedi-los de reinicializar a experiência. Sei que vais.

Espero que tenha razão.

Quando chego ao quarto de Nita, só faltam dez minutos para terminar o horário das visitas. O segurança tira os olhos do livro e ergue uma sobancelha para mim.

– Posso entrar?

– Não é suposto deixar entrar ninguém – responde.

– Fui eu que lhe dei o tiro – digo. – Isso conta para alguma coisa?

– Bom... – Encolhe os ombros. – Desde que prometa não disparar sobre ela outra vez. E sair dentro de dez minutos.

– Está combinado.

Faz-me tirar o casaco para mostrar que não tenho nenhuma arma e, depois, deixa-me entrar no quarto. Nita reage à minha entrada, pelo menos, tanto quanto pode. Metade do corpo dela está encerrado em gesso e tem uma das mãos algemada à cama, como se pudesse escapar se quisesse. O seu cabelo está despenteado, emaranhado, mas, claro, continua bonita.

– O que estás a fazer aqui? – pergunta.

Não respondo. Verifico se há câmaras nos cantos do quarto e descubro uma diante de mim, apontada para a cama de Nita.

– Não há microfones – diz ela. – Eles não fazem isso aqui.

– Ótimo – Puxo uma cadeira e sento-me ao lado dela. – Estou aqui porque preciso que me dê uma informação importante.

– Já lhes contei tudo o que tive vontade de contar – olha para mim.

– Não tenho mais nada a dizer. Principalmente à pessoa que disparou sobre mim.

– Se não te tivesse atingido, não seria a pessoa preferida do David e não saberia todas as coisas que agora sei. – Olho para a porta, mais por paranoia do que por medo de que alguém esteja a ouvir. – Temos um plano novo. O Matthew e eu. E o Tobias. E envolve entrar no Laboratório das Armas.

– E achaste que podia ajudar-te nisso? – Abana a cabeça. – Não consegui entrar lá da primeira vez, lembras-te?

– Preciso de saber como é a segurança. O David é a única pessoa que conhece o código?

– Não é, tipo... a *única* pessoa no mundo – responde. – Isso seria estúpido. Os seus superiores conhecem-no, mas, sim, é a única pessoa dentro do complexo.

– OK, então qual é o mecanismo de segurança secundário? O que é ativado se as portas forem rebentadas?

Nita comprime os lábios com tanta força que a sua boca quase desaparece e olha para o gesso que lhe cobre metade do corpo.

– É o soro da morte – afirma. – Em aerossol, é praticamente

imparável. Mesmo que se use um fato de proteção ou qualquer coisa do género, acaba por se infiltrar. Só demora mais algum tempo. Era isso que os relatórios do laboratório diziam.

– Então, eles *matam* automaticamente qualquer pessoa que entre naquela sala sem o código? – pergunto.

– Estás admirada?

– Acho que não. – Apoio os cotovelos nos joelhos. – E não há outra forma de entrar a não ser com o código do David...

– Que, como descobriste, ele se recusa terminantemente a partilhar – diz Nita.

– E não há hipótese de um GP resistir ao soro da morte? – pergunto.

– Não. Definitivamente, não.

– A maioria dos GP também não consegue resistir ao soro da verdade – observo. – Mas eu consigo.

– Se queres brincar com a morte, fica à vontade. – Nita recosta-se na almofada. – Já me deixei dessas brincadeiras.

– Mais uma pergunta – digo. – Imaginemos que quero brincar com a morte. Onde arranjo explosivos para rebentar com as portas?

– Como se fosse dizer-te isso.

– Acho que não estás a perceber. Se este plano for bem-sucedido, já não ficarás presa o resto da vida. Vais ficar boa e depois serás livre. Portanto, é do teu interesse ajudar-me.

Nita olha para mim como se estivesse a medir-me e a pesar-me. O seu pulso repuxa as algemas, apenas o suficiente para que o metal marque uma linha na sua pele.

– O Reggie tem explosivos – declara. – Pode ensinar-te a usá-los, mas não é bom em ação. Por isso, por amor de Deus, não o leves contigo, a não ser que queiras fazer de ama dele.

– Percebido – digo.

– Diz-lhe que, para passar aquelas portas, é necessário o dobro dos explosivos do que é normal. São extremamente resistentes.

Aceno afirmativamente com a cabeça. O meu relógio marca a hora, indicando que o meu tempo acabou. Levanto-me e empurro a cadeira de volta para o canto onde a encontrei.

– Obrigada pela tua ajuda – digo.

– Qual é o plano? Se é que posso perguntar.

Faço uma pausa, hesitando nas palavras.

– Bem... – acabo por dizer. – Digamos simplesmente que vai apagar a frase «geneticamente danificado» do vocabulário de toda a gente.

O guarda abre a porta, provavelmente para barafustar comigo por ter ficado tempo de mais, mas já estou de saída. Lanço um olhar por cima do ombro e vejo que há um pequeno sorriso na cara de Nita.

Capítulo quarenta

Tobias

Sem precisar de muita persuasão, Amar concorda em ajudar-nos a entrar na cidade, ansioso por uma aventura, tal como eu esperava. Combinamos jantar naquela noite para conversarmos sobre o plano com Christina, Peter e George, que nos vai ajudar a arranjar um veículo.

Depois de falar com Amar, vou para o dormitório e deixo-me ficar deitado, com uma almofada sobre a cara, construindo o guião daquilo que vou dizer a Zeke quando o vir. *Desculpa, fiz aquilo que pensei que era necessário fazer, e toda a gente estava a tomar conta de Uriah, e não pensei...*

Entram e saem pessoas do quarto e o seu calor corporal aciona repetidamente as ventoinhas, que depois voltam a desligar-se, e, durante todo esse tempo, estou a pensar no guião, a elaborar desculpas e a descartá-las, procurando o tom certo, os gestos adequados. Por fim, sinto-me frustrado, tiro a almofada da cara e atiro-a contra a parede diante de mim. Cara, que está a compor uma camisa limpa sobre as ancas, dá um salto para trás.

– Pensei que estavas a dormir – exclama ela.

– Desculpa.

Cara leva as mãos ao cabelo para garantir que cada mecha está no seu devido lugar. É tão cuidadosa nos seus movimentos, tão precisa que me lembra os músicos Cordiais, tocando as cordas do banjo.

– Tenho uma pergunta – digo, sentando-me. – É um pouco pessoal.

– OK. – Cara senta-se à minha frente, na cama de Tris. – Pergunta.

– Como pudeste perdoar a Tris depois do que fez ao teu irmão? Isto é, partindo do princípio de que o fizeste.

– Hum... – Cara cruza os braços, abraçando o corpo. – Às vezes, penso que lhe perdoei. Outras, não tenho a certeza. Não sei, é como perguntar como é que seguimos com a nossa vida depois de alguém morrer. Simplesmente fazemo-lo e, no dia seguinte, fazemo-lo de novo.

– Havia... ou houve alguma forma de tornar as coisas mais fáceis para ti?

– Porque estás a fazer essas perguntas? – Cara pousa a mão no meu joelho. – É por causa do Uriah?

– Sim – respondo com firmeza, e mexo um pouco a perna para que a sua mão se afaste.

Não preciso que as suas sobranceiras erguidas ou a sua voz suave façam emergir em mim uma emoção que prefiro manter contida.

– Está bem. – Endireita-se e, quando fala novamente, parece relaxada, igual à pessoa de sempre. – Penso que a coisa mais importante que a Tris fez – sem querer, claramente – foi confessar. Há uma diferença entre admitir e confessar. Admitir envolve suavizar, apresentar desculpas por coisas que não podem ser desculpadas; confessar apresenta o crime em toda a sua gravidade. Era disso que eu precisava.

Aceno com a cabeça.

– E depois de te confessares ao Zeke – continua ela –, acho que ajudaria deixá-lo sozinho durante o tempo que ele precisar de estar sozinho. É tudo o que podes fazer.

Aceno com a cabeça novamente.

– Mas, Quatro – acrescenta –, tu não mataste o Uriah. Não ativaste a bomba que o feriu. Não concebeste o plano que levou à explosão.

– Mas participei no plano.

– Oh, mas porque não te calas? – diz Cara suavemente, sorrindo-me. – Aconteceu. Foi horrível. Não és perfeito. É tudo. Não confundas a tua dor com culpa.

Permanecemos no silêncio e na solidão do dormitório vazio durante mais uns minutos e tento deixar que as suas palavras

penetrem em mim.

Janto com Amar, George, Christina e Peter no refeitório, entre o balcão das bebidas e uma fila de latas de lixo. A tigela da sopa à minha frente arrefeceu antes que a comesse toda, e ainda há pedaços de biscoitos salgados a nadar no caldo.

Amar diz-nos onde e quando devemos encontrar-nos e, depois, vamos para o átrio perto das cozinhas para não sermos vistos. Ele tira do bolso uma pequena caixa preta com seringas. Distribui-as por mim, Christina e Peter, juntamente com um toalhete antibacteriano embalado individualmente, embora suspeito que só Amar se importe com as bactérias.

– O que é isto? – pergunta Christina. – Não vou injetar esta coisa no meu corpo sem saber o que é.

– Está bem. – Amar cruza as mãos. – Há a possibilidade de ainda estarmos na cidade quando o vírus do soro da memória for lançado. Vocês têm de se vacinar contra ele, a não ser que queiram esquecer tudo aquilo de que se lembram agora. É a mesma coisa que vão injetar nos braços da vossa família, portanto não se preocupem.

Christina vira o braço e bate na parte de dentro do cotovelo, até uma veia se tornar visível. Por hábito, espeto a agulha no pescoço, tal como fiz de todas as vezes que percorri a minha paisagem dos medos – o que, a dada altura, sucedeu várias vezes por semana. Amar imita-me.

Reparo, no entanto, que Peter apenas finge que se injeta. Quando pressiona o êmbolo, o fluido escorre pela sua garganta e ele limpa-o disfarçadamente com a manga.

Pergunto a mim mesmo o que sentirá quem se voluntaria para esquecer tudo.

Depois do jantar, Christina vem ter comigo e diz:

– Precisamos de conversar.

Descemos a longa escadaria que leva ao espaço subterrâneo dos GD, com os joelhos saltitando em unísono a cada passo, e a seguir caminhamos pelo corredor multicolorido. Quando chegamos ao fundo, Christina cruza os braços; uma luz roxa dança-lhe sobre o nariz

e a boca.

– O Amar não sabe que vamos tentar impedir a reinicialização? – pergunta.

– Não – respondo. – Ele é leal à Direção. Não quero envolvê-lo.

– Sabes, a cidade ainda está à beira de uma revolução – diz ela, e a luz torna-se agora azul. – O motivo da Direção para reprogramar as memórias dos nossos amigos e famílias é impedi-los de se matarem uns aos outros. Se pararmos a reinicialização, os Leais atacarão a Evelyn, a Evelyn vai usar o soro da morte e muita gente vai morrer. Ainda posso estar furiosa contigo, mas não acho que queiras que toda esta gente morra na cidade. Particularmente os teus pais.

Suspiro.

– Queres que seja sincero? Eles não me importam para nada.

– Não podes estar a falar a sério – diz ela, franzindo o rosto zangada. – São teus *pais*.

– Na verdade, até posso – respondo. – Quero contar ao Zeke e à mãe dele o que fiz ao Uriah. Tirando isso, não me importo realmente com o que acontece à Evelyn e ao Marcus.

– Podes não te importar com a tua família permanentemente disfuncional, mas devias importar-te com o resto das pessoas! – Christina agarra-me no braço com força e sacode-me, forçando-me a olhar para ela. – Quatro, a minha irmã está lá. Se a Evelyn e os Leais entrarem em guerra, pode magoar-se, e não vou estar por perto para protegê-la.

Vi-a com a sua família no Dia das Visitas, quando, aos meus olhos, Christina ainda era apenas uma transferência fala-barato dos Cândidos. Vi a mãe dela compor-lhe o colarinho da camisa com um sorriso orgulhoso. Se o vírus do soro da memória for usado, essa recordação será apagada da mente da mãe. Se não for, a sua família vai ser apanhada no meio de outra batalha generalizada pelo controlo da cidade.

Digo:

– Então, o que sugeres que façamos?

Christina larga-me.

– Tem de haver uma maneira de evitarmos um grande conflito que não implique necessariamente apagar a memória de toda a gente.

– Talvez – concedo. Nunca tinha pensado nisso, porque nunca me pareceu necessário. Mas é claro que é necessário. – Tens alguma ideia de como travar isto?

– Basicamente, o que temos aqui é o teu pai contra a tua mãe – responde Christina. – Não há nada que possas dizer-lhes que seja capaz de os impedir de se matarem um ao outro?

– Algo que lhes possa *dizer*? Estás a brincar? Eles não ouvem ninguém. Não fazem nada que não os beneficie diretamente.

– Então, não há nada que possas fazer. Vais simplesmente deixar a cidade autodestruir-se.

Olho para os meus sapatos banhados em luz verde, refletindo sobre o assunto. Se os meus pais fossem diferentes, se fossem pessoas razoáveis, menos movidos pela dor, pela raiva e pelo desejo de vingança, até poderia funcionar. Poderiam sentir-se dispostos a ouvir o seu filho. Infelizmente, os meus pais não são diferentes.

Mas podiam ser. Se eu quisesse, podiam. Apenas umas gotas de soro da memória no seu café, de manhã, ou na água, à noite, e eles seriam novas pessoas, tábuas rasas, sem marcas da sua história pessoal. Teriam de ser ensinados que ainda têm um filho, para começar; teriam de aprender o meu nome de novo. É a técnica em que pensamos para curar o complexo. Podia usá-la para os curar a eles.

Ergo os olhos para Christina.

– Arranja-me algum soro da memória – digo. – Enquanto tu, o Amar e o Peter vão procurar as vossas famílias e a família do Uriah, eu trato do assunto. Provavelmente, não terei tempo suficiente para me encarregar dos dois, mas só um já será suficiente.

– Como é que vais conseguir livrar-te de nós?

– Preciso de... Não sei, preciso de uma diversão. Algo que exija que um de nós se afaste do grupo.

– Que tal um pneu furado? – pergunta Christina. – Vamos à noite, certo? Posso dizer ao Amar para parar para ir fazer xixi ou algo do género, depois rasgo os pneus e, então, vamos ter de nos separar para procurarmos outro camião.

Considero este plano por um momento. Poderia dizer a Amar o que está realmente a acontecer, mas isso exigiria desfazer o nó denso de propaganda e mentiras com que a Direção atou a sua mente. Supondo

que conseguisse efetivamente fazê-lo, não temos tempo para isso.

Mas temos tempo para uma mentira bem contada. Amar sabe que o meu pai me ensinou como ligar um carro apenas com os fios, quando era mais novo. Não iria duvidar de mim se me oferecesse como voluntário para arranjar outro veículo.

– Essa ideia é boa – digo.

– Ótimo. – Inclina a cabeça. – Então, vais mesmo apagar a memória de um dos teus pais?

– O que podemos fazer quando os nossos pais são pessoas más? – questiono. – Arranjamos uns novos. Se um deles se livrar da carga psicológica que atualmente possui, talvez possam ambos negociar um acordo de paz ou algo assim.

Christina franze o sobrolho durante uns segundos como se pretendesse dizer alguma coisa, mas, depois, limita-se a acenar com a cabeça.

Capítulo quarenta e um

Tris

O cheiro a lixívia faz-me comichão no nariz. Estou de pé ao lado de uma esfregona num espaço de armazenamento na cave. Vivemos ainda o rescaldo do que acabei de dizer a toda a gente: que quem invadir o Laboratório das Armas estará a embarcar numa missão suicida. O soro da morte é imparável.

– A questão é – diz Matthew –, se isto é algo por que estamos dispostos a sacrificar uma vida.

Esta é a divisão onde Matthew, Caleb e Cara tinham estado a desenvolver o novo soro, antes de o nosso plano mudar. Há garrafas, copos e blocos de apontamentos cheios de rabiscos espalhados sobre a mesa do laboratório diante de Matthew. O fio que ele usa no pescoço está agora na sua boca e Matthew mastiga-o distraidamente.

Tobias apoia-se contra a porta, de braços cruzados. Lembro-me dele em pé assim durante a iniciação, enquanto nos observava a lutarmos entre nós, tão alto e tão forte que nunca sonhei que me dispensaria mais do que um olhar passageiro.

– Não se trata apenas de vingança – afirmo. – Não se trata apenas do que eles fizeram aos Abnegados. Trata-se de detê-los antes que façam algo igualmente mau às pessoas de todas as experiências. Trata-se de lhes tirar o poder de controlarem milhares de vidas.

– A coisa vale a pena – diz Cara. – Uma morte para salvar milhares de pessoas de um destino horrível? E eliminar o poder do complexo ao nível mais básico? Será que é preciso mesmo interrogarmo-nos sobre

isso?

Sei o que Cara está a fazer: a pesar uma única vida contra tantas vidas e memórias, tirando uma conclusão óbvia a partir da comparação. É desta forma que funciona a cabeça dos Eruditos e é também assim que funciona a cabeça dos Abnegados, mas não tenho a certeza se é destas cabeças que precisamos no momento. Uma vida contra milhares de memórias – é claro que a resposta é fácil, mas tem de ser uma das nossas vidas? Temos de ser nós a agir?

Mas, porque sei qual será a minha resposta a esta pergunta, os meus pensamentos voltam-se para outra questão. Se tem de ser um de nós, quem deve ser?

Os meus olhos deslocam-se de Matthew e Cara, de pé atrás da mesa, para Tobias e Christina, com o braço apoiado sobre um cabo de vassoura, e acabam por fixar-se em Caleb.

Ele.

Um segundo depois, sinto-me agastada comigo mesma.

– Oh, diz lá de uma vez – intervém Caleb, erguendo os olhos dele para os meus. – Queres que seja eu a fazê-lo. Todos vocês querem.

– Ninguém disse isso – replica Matthew, cuspiendo o fio da boca.

– Estava toda a gente a olhar para mim – contrapõe Caleb. – Não pensem que não notei. Sou o tipo que escolheu o lado errado, que trabalhou com a Jeanine Matthews; sou o tipo com quem nenhum de vocês se importa, por isso, devo ser eu a morrer.

– Porque pensas que o Tobias se ofereceu para te tirar da cidade antes de te executarem? – A minha voz soa fria e calma. O cheiro da lixívia enche-me o nariz. – Porque não me interessa se vives ou morres? Porque não me importo de todo contigo?

Devia ser ele a morrer, pensa uma parte de mim.

Não quero perdê-lo, pensa a outra.

Não sei em que parte confiar, em que parte acreditar.

– Achas que não sei reconhecer o ódio quando o vejo? – Caleb abana a cabeça. – Vejo-o de cada vez que olhas para mim. Nas raras ocasiões em que te dignas a olhar para mim.

Os seus olhos reluzem de lágrimas. É a primeira vez, desde que quase fui executada, que vejo o meu irmão com remorsos, em vez de se pôr na defensiva ou a arranjar desculpas. Também pode ser a

primeira vez, desde essa altura, que o vejo como meu irmão, e não como o covarde que me vendeu a Jeanine Matthews. De repente, sinto dificuldades em engolir.

– Se fizer isso... – começa Caleb. Abano a cabeça, mas ele ergue a mão. – Para – diz. – Beatrice, se fizer isso... Serás capaz de me perdoar?

Para mim, quando uma pessoa faz mal a outra, partilham ambas o fardo desse erro – a dor pesa sobre as duas. Assim, perdoar significa escolher suportar todo o peso sozinha. A traição de Caleb é algo que ambos carregamos e, desde que ele me traiu, tudo o que quero é que tire este peso de cima de mim. Não tenho a certeza de que seja capaz de carregar tudo sozinha, não tenho a certeza de ser suficientemente forte, ou suficientemente capaz.

Mas vejo-o a preparar-se para este destino e sei que tenho de ser suficientemente forte, ou suficientemente capaz, se ele vai sacrificar-se por todos nós.

Aceno afirmativamente com a cabeça.

– Sim – respondo com a voz embargada. – Mas esse não é um bom motivo para fazeres isto.

– Tenho muitos motivos – diz Caleb. – Vou eu. É claro que vou.

Não sei bem o que aconteceu.

Matthew e Caleb ficam para trás para lhe preparar um fato de proteção – o fato que irá mantê-lo vivo no Laboratório das Armas tempo suficiente para que consiga libertar o vírus do soro da memória. Espero que todos os outros saiam antes de mim. Quero caminhar de volta para o dormitório apenas com os meus pensamentos por companhia.

Há algumas semanas, teria sido eu a oferecer-me para embarcar numa missão suicida – e, efetivamente, fi-lo. Ofereci-me para ir para o quartel-general dos Eruditos, sabendo que a morte esperava por mim. Mas não foi por ser altruísta, ou por estar zangada. Foi porque era culpada e uma parte de mim queria perder tudo; a parte de mim que sofria queria morrer. É isto que motiva Caleb agora? Devo realmente permitir que ele morra para que possa sentir que a sua dívida para comigo está saldada?

Caminho pelo corredor com o seu arco-íris de luzes e subo as escadas. Não consigo sequer pensar numa alternativa. Estaria mais disposta a perder Christina, ou Cara, ou Matthew? Não. A verdade é que estaria menos disposta a perdê-los, porque eles têm sido bons amigos e Caleb não, há já muito tempo. Mesmo antes de me trair, abandonou-me para ir para os Eruditos, sem nunca olhar para trás. Durante a minha iniciação, *eu* fui visitá-lo, em vez de ele me ir ver a *mim*, e Caleb passou o tempo inteiro a perguntar porque estava eu ali.

E já não quero morrer. Estou disposta a enfrentar o desafio de assumir a culpa e a dor, de enfrentar as dificuldades que a vida colocou no meu caminho. Alguns dias são mais difíceis do que outros, mas estou pronta a viver cada um deles. Desta vez, não posso sacrificar-me. Na parte mais honesta de mim, sou capaz de admitir que foi um alívio ouvir Caleb oferecer-se como voluntário.

De repente, não consigo pensar nisso. Chego à entrada do hotel e encaminho-me para o dormitório, esperando poder simplesmente cair na minha cama e dormir, mas Tobias está à minha espera no corredor.

– Estás bem? – pergunta-me.

– Sim – respondo. – Mas não deveria estar. – Toco com a mão na testa ao de leve. – Parece-me que já tenho estado a fazer o luto por ele. Como se o meu irmão tivesse morrido no segundo em que o vi no quartel-general dos Eruditos, quando estive lá. Percebes?

Pouco depois disso, disse a Tobias que perdera a minha família inteira. E Tobias disse-me que ele era agora a minha família.

E é assim que as coisas são entre nós: como se tudo na nossa relação estivesse entrelaçado – a amizade, o amor e a família –, de modo que não consigo perceber a diferença entre nenhum desses conceitos.

– Os Abnegados têm ensinamentos acerca disso, sabes? – diz ele. – Acerca de deixar os outros sacrificarem-se por nós, mesmo que seja egoísta. Dizem que, se o sacrifício é a melhor forma de a pessoa te mostrar que te ama, então deves deixá-la ir em frente. – Apoia um ombro contra a parede. – Isso, nessa situação, é o maior presente que lhes podes dar. Foi assim quando os teus pais deram a vida por ti.

– Não tenho a certeza se é o amor que o motiva. – Fecho os olhos. – Parece ser mais a culpa.

– Talvez – assente Tobias. – Mas porque sentiria ele culpa por te trair se não te amasse?

Concordo com a cabeça. Sei que Caleb me ama e nunca deixou de me amar, mesmo quando me fazia mal. Sei que também o amo. Mas, seja como for, isto parece-me errado.

Ainda assim, sinto-me momentaneamente aplacada, sabendo que o seu sacrifício é algo que os meus pais seriam capazes de entender, se estivessem aqui agora.

– O momento pode não ser o melhor – diz Tobias – mas há algo que queria dizer-te.

Fico imediatamente tensa, com medo de que vá falar em algum erro meu que passou despercebido, ou confessar algo que está a incomodá-lo, ou qualquer coisa igualmente difícil. A expressão dele é indecifrável.

– Só quero agradecer-te – enuncia em voz baixa. – Um grupo de cientistas disse-te que os meus genes estavam danificados, que havia algo de errado comigo. Mostraram-te os resultados dos testes que o provavam. E mesmo eu comecei a acreditar. – Toca no meu rosto, roçando a minha bochecha com o polegar, e os seus olhos, intensos e insistentes, estão fixos nos meus. – Mas tu nunca acreditaste – diz. – Nem por um segundo. Sempre insististe que eu era... Não sei, um ser inteiro.

Pouso a minha mão sobre a sua.

– Bem, é isso que tu és.

– Nunca ninguém mo tinha dito antes – murmura.

– É o que tu mereces ouvir – respondo com firmeza, com os olhos a encherem-se de lágrimas. – Que és um ser completo, que mereces ser amado, que és a melhor pessoa que já conheci.

Assim que a última palavra sai da minha boca, ele beija-me. Retribuo o beijo com tanta força que dói, agarrando-lhe a camisa e torcendo-a na minha mão. Empurro-o pelo corredor fora e faço-o entrar por uma das portas para uma sala com pouca mobília perto do dormitório. Fecho a porta com um golpe do calcanhar.

Da mesma maneira que tenho insistido sobre o seu valor, Tobias sempre insistiu na minha força, sempre insistiu que as minhas capacidades são maiores do que penso. E eu sei, sem ninguém precisar

de me dizer, que isto é o que o amor faz quando está certo – faz de nós mais do que somos, mais do que pensávamos que podíamos ser.

Isto está correto.

Os dedos dele deslizam pelo meu cabelo e prendem-se nele. As minhas mãos tremem-me, mas não me importo que ele note, não me importo que saiba que tenho medo da intensidade que estou a sentir. Arrepanho a sua camisa nos meus punhos, puxando-o para mais perto de mim, e digo o seu nome baixinho contra a sua boca. Esqueço que é uma pessoa diferente, sentindo-o, ao invés, como outra parte de mim, tão essencial como um coração ou um olho ou um braço. Levanto-lhe a camisa, puxando-a sobre a sua cabeça. Passo as mãos sobre a sua pele exposta como se fosse a minha. As mãos dele agarram a minha camisa e eu começo a tirá-la, mas, a seguir, lembro-me de como sou magra, pálida e sem peito e puxo-a de novo para baixo.

Ele olha para mim, não como se esperasse uma explicação, mas como se eu fosse a única coisa no quarto para que valesse a pena olhar. Olho-o também, mas tudo o que vejo faz-me sentir pior – ele é tão bonito e até os arabescos de tinta preta sobre a sua pele fazem dele uma obra de arte. Um momento antes, estava convencida de que éramos perfeitos um para o outro e talvez ainda sejamos – mas apenas com a roupa vestida.

Contudo, Tobias continua a olhar para mim da mesma maneira. Sorri, com um pequeno sorriso tímido. A seguir, coloca as mãos na minha cintura e puxa-me para ele. Baixa-se e beija a minha pele entre os seus dedos, sussurrando «És linda» contra o meu estômago. E eu acredito nele.

Ergue-se de novo e encosta os seus lábios aos meus, de boca aberta, com as mãos nas minhas ancas expostas, deslizando os polegares para dentro do cós das minhas calças. Toco-lhe no peito, inclino-me para ele e sinto a sua respiração nos meus ossos.

– Amo-te, sabes? – digo.

– Sei – responde ele.

Com um trejeito das sobranceiras, inclina-se e envolve-me as pernas com o braço, levantando-me no ar e atirando-me por cima do seu ombro. Rebento a rir, metade de alegria e metade de nervosismo, e Tobias carrega-me pela sala, largando-me sem cerimónias em cima

do sofá.

Deita-se ao meu lado e eu passo os dedos sobre as chamas que lhe envolvem a caixa torácica.

É forte, ágil e determinado. E é meu.

Encosto a minha boca à dele.

Estava com muito medo que fôssemos apenas continuar a discutir, uma e outra vez, se ficássemos juntos, e que o impacto acabasse por dar cabo de mim. Mas agora sei que sou como a lâmina e ele é como a pedra de amolar – sou demasiado forte para me quebrar tão facilmente, e torno-me melhor, mais capaz, de cada vez que lhe toco.

Capítulo quarenta e dois

Tobias

A primeira coisa que vejo quando acordo, ainda no sofá no quarto do hotel, são os pássaros a esvoaçar sobre a sua clavícula. A camisa, que apanhou do chão e voltou a vestir a meio da noite por causa do frio, está puxada para baixo de um lado, para onde ela está deitada.

Já tínhamos dormido perto um do outro, mas desta vez parece diferente. De todas as outras vezes, o motivo foi reconfortarmo-nos ou protegermo-nos; desta vez, estamos aqui apenas porque queremos estar – e porque adormecemos antes de conseguirmos voltar para o dormitório.

Estendo a mão e passo a ponta dos meus dedos nas suas tatuagens. Tris abre os olhos. Apoia-se com um braço no meu pescoço e iça-se, encostando o seu corpo quente, macio e flexível ao meu.

– Bom dia – digo.

– Chiuu – diz ela. – Se não lhe ligares, pode ser que o dia se vá embora.

Puxo-a para mim, com a minha mão na sua anca. Tris tem os olhos muito abertos, alerta, apesar de ter acabado de acordar. Beijo-a na face, no queixo e, depois, no pescoço, demorando-me lá alguns segundos. As suas mãos apertam-se na minha cintura e suspira-me ao ouvido. Estou prestes a perder o controlo. Um, dois, três...

– Tobias – sussurra Tis –, detesto dizer isto, mas... Acho que hoje temos umas *coisinhas* a fazer.

– Podem esperar – digo contra o seu ombro, e beijo a primeira

tatuação lentamente.

– Não, não podem!

Encosto-me para trás, contra as almofadas, e sinto frio sem o corpo dela contra o meu.

– Sim. Em relação a isso, estava a pensar que o teu irmão devia treinar a pontaria um bocado. Só para prevenir.

– É capaz de ser boa ideia – responde ela num tom calmo. – Ele só disparou uma arma... o quê, uma vez na vida? Duas?

– Posso ensinar-lhe – digo. – Se há algo em que sou bom é com armas. E estar ocupado com isto pode fazê-lo sentir-se melhor.

– Obrigada. – Tris senta-se e passa os dedos pelo cabelo para o pentear. À luz da manhã, parece mais brilhante, como se estivesse entretecido de fios de ouro. – Sei que não gostas dele, mas...

– Mas, se vais pôr o que ele fez para trás das costas – interrompo, pegando-lhe na mão –, então eu vou tentar fazer o mesmo.

Ela sorri e beija-me na bochecha.

Limpo a água do duche que ainda me molha a parte de trás do pescoço com a palma da mão. Tris, Caleb, Christina e eu estamos na sala de treino da área subterrânea dos GD. É fria e escura e está repleta de equipamentos, armas para treinarmos, tapetes, capacetes e alvos, tudo o que poderíamos precisar. Selecciono a arma correta para o treino, do tamanho de uma pistola, mas mais volumosa, e estendo-a a Caleb.

Os dedos de Tris entrelaçam-se nos meus. Tudo é fácil esta manhã, cada sorriso e cada gargalhada, cada palavra e cada gesto.

Se conseguirmos o que vamos tentar esta noite, amanhã Chicago estará a salvo, a Direção mudará para sempre e Tris e eu seremos capazes de construir uma nova vida para nós mesmos em algum lugar. Talvez possa ser um lugar onde trocarei as minhas armas e facas por ferramentas mais produtivas, como chaves de parafusos, pregos e pás. Esta manhã, sinto que é possível ter esta sorte toda. *É possível.*

– Não tem balas a sério – afirmo –, mas parece que foi concebida para se assemelhar o mais possível com uma das armas que eles vão usar. De qualquer maneira, parece verdadeira.

Caleb segura na arma apenas com as pontas dos dedos, como se

tivesse medo que lhe rebentasse na mão. Rio.

– Primeira lição: não tenhas medo dela. Agarra-a bem. Já usaste uma arma, lembras-te? Tiraste-nos do complexo dos Cordiais com aquele tiro.

– Isso foi mera sorte – diz Caleb, revirando a arma na mão para a observar de todos os ângulos. A língua pressiona-lhe o interior da bochecha como se estivesse a meditar sobre um problema. – Não o resultado de alguma capacidade.

– Ter sorte é melhor do que não a ter – remato. – Agora, podemos trabalhar em melhorar as tuas capacidades.

Lanço um olhar a Tris. Ela sorri para mim e, depois, inclina-se para sussurrar algo ao ouvido de Christina.

– Estás aqui para ajudar ou quê, Empata? – pergunto. Ouço-me a falar no mesmo tom que cultivei enquanto instrutor de iniciação, mas, desta vez, uso-o para gracejar. – Dava-te jeito treinares um bocado esse braço direito, se bem me lembro. Tu também, Christina.

Tris olha para mim com uma careta e, em seguida, ela e Christina atravessam a sala para irem buscar as suas próprias armas.

– OK, agora olha para o alvo e solta a patilha de segurança – digo a Caleb. Há um alvo do outro lado da sala, mais sofisticado do que o alvo de madeira das salas de treino dos Intrépidos. Exibe três círculos em três cores diferentes, verde, amarelo e vermelho, tornando mais fácil ver onde as balas acertaram. – Mostra-me como dispararias essa arma naturalmente.

Caleb ergue a arma com uma mão, flete as pernas e inclina os ombros em direção ao alvo como se se preparasse para pegar em algo pesado, e dispara. A arma recua com um salto voltando-se para cima e a bala passa quase rente ao teto. Tapo a boca com a mão para disfarçar o sorriso.

– Não é preciso pores-te com *risadinhas* – diz Caleb irritado.

– Os livros não ensinam tudo, pois não? – pergunta Christina. – Tens de segurar a pistola com as *duas* mãos. Não parece lá muito fixe, mas matares o teto também não.

– Não estava a tentar parecer fixe!

Christina posiciona-se de pernas ligeiramente desalinhadas e ergue ambos os braços. Olha para o alvo por um momento e, a seguir,

dispara. A bala atinge o círculo externo do alvo e ressalta, rolando pelo chão. Sobre o alvo fica um círculo de luz, assinalando o ponto exato do impacto. Gostava de ter tido esta tecnologia à minha disposição durante os treinos de iniciação.

– Ah, que bom – exclamo. – Atingiste o ar à volta do centro do teu alvo. Isso é muito útil.

– Estou um pouco enferrujada – admite Christina, sorrindo.

– Acho que a maneira mais fácil de aprenderes é fazer o que eu faço – digo a Caleb.

Coloco-me na posição habitual, de maneira descontraída, natural, e levanto os dois braços, segurando a arma com uma mão e firmando-a com a outra.

Caleb tenta imitar-me, começando pelos pés e tentando adequar o resto do corpo. Apesar de Christina o arrelhar por isso, é a sua capacidade de analisar tudo que o torna bem-sucedido: posso vê-lo alterar ângulos e distâncias e pontos de tensão e descontração enquanto levanta os olhos para mim, tentando acertar em tudo.

– Ótimo – digo, quando ele está pronto. – Agora, concentra-te naquilo em que estás a tentar acertar e em nada mais.

Olho para o centro do alvo e procuro deixá-lo absorver-me. A distância não me causa problemas – a bala vai viajar em linha reta, tal como aconteceria se estivesse mais perto. Inspiro e firmo-me, expiro e disparo, e a bala vai exatamente para onde queria: para o círculo vermelho, no centro do alvo.

Recuo para deixar Caleb tentar. Está posicionado corretamente, empunha a arma da forma certa, mas está rígido como uma estátua com uma arma na mão. Inspira e sustém a respiração enquanto dispara. Desta vez, o coice da arma não o assusta tanto e a bala atinge o cimo do alvo.

– Bom – digo novamente. – Acho que o que precisas é de te sentires confortável com isto. Estás muito tenso.

– E alguém me pode censurar? – pergunta.

A sua voz treme, mas apenas no fim de cada palavra. Tem a aparência de alguém que está a refrear o terror que sente dentro de si. Vi duas turmas de iniciados com a mesma expressão, mas nenhuma delas algum dia enfrentou o que Caleb tem agora pela frente.

Abano a cabeça e digo calmamente:

– É claro que não. Mas tens de perceber que, se não conseguires livrar-te dessa tensão esta noite, poderás não conseguir chegar ao Laboratório das Armas. E de que é que isso servirá a alguém?

Caleb suspira.

– A técnica corporal é importante – continuo. – Mas trata-se, sobretudo, de um jogo mental, o que é uma sorte para ti, porque percebes muito disso. Não deves treinar apenas a pontaria, deves igualmente treinar a concentração. E então, quando estiveres numa situação em que estás a lutar pela tua vida, essa concentração já estará tão enraizada em ti que surgirá naturalmente.

– Não sabia que os Intrépidos tinham tanto interesse em treinar o cérebro – diz Caleb. – Posso ver como tu fazes, Tris? Acho que nunca te vi disparar uma arma sem um buraco de bala no ombro.

Tris sorri um pouco e vira-se para o alvo. Quando a vi praticar a pontaria pela primeira vez durante o treino dos Intrépidos, tinha um aspeto desconfortável, demasiado delicado. Contudo, a sua figura pequena e frágil, embora continue delgada, tornou-se atlética, e, quando agora empunha a arma, parece algo fácil. Tris semicerra ligeiramente um olho, apoia o peso sobre a outra perna e dispara. A bala falha o centro do alvo, mas apenas por alguns centímetros.

Claramente impressionado, Caleb ergue muito as sobrancelhas.

– Não faças essa cara de admiração! – observa Tris.

– Desculpa – diz ele. – Eu só... Tu costumavas ser tão desajeitada, lembras-te? Não sei como não percebi que já não eras assim.

Tris encolhe os ombros, mas, quando olha para o lado, tem o rosto corado e parece contente. Christina dispara de novo e, desta vez, acerta mais perto do centro.

Dou alguns passos atrás para deixar Caleb praticar, enquanto vejo Tris disparar de novo, observando as linhas retas do seu corpo quando levanta a arma e a sua firmeza quando dispara. Toco-lhe no ombro e inclino-me para junto da sua orelha.

– Lembras-te do que aconteceu durante o treino quando a arma quase te bateu na cara? – pergunto. Tris acena com a cabeça, sorrindo. – E lembras-te de quando, durante o treino, te fiz *isto*? – digo, rodeando-a com os braços e pousando-lhe a mão sobre a barriga.

Tris inspira.

– Acho que não me vou esquecer tão cedo – murmura.

Depois, vira-se para mim e puxa o meu rosto para o dela, segurando-me o queixo com as pontas dos dedos. Beijamo-nos e ouço Christina fazer um comentário sarcástico, mas, pela primeira vez, não me importo.

Não há muito a fazer depois do treino do tiro ao alvo, senão esperar. Tris e Christina obtêm os explosivos de Reggie e ensinam Caleb a usá-los. A seguir, Matthew e Cara desenrolam um mapa, examinando diferentes percursos para atravessar o complexo até ao Laboratório das Armas. Christina e eu encontramos-nos com Amar, George e Peter para revermos o caminho que iremos percorrer pela cidade à noite. Tris é chamada a uma reunião imprevista do Conselho. Matthew vacina pessoas contra o soro da memória durante todo o dia: Cara, Caleb, Tris, Nita, Reggie e ele próprio.

Não há tempo suficiente para refletirmos sobre o significado daquilo que vamos tentar fazer: parar uma revolução, salvar as experiências, transformar a Direção para sempre. Enquanto Tris não está, vou ao hospital ver Uriah uma última vez antes de trazer a sua família para se despedir dele.

Quando chego, não me deixam entrar no seu quarto. De onde estou, vendo-o através do vidro, posso fingir que está apenas a dormir e que, se lhe tocasse, iria acordar, sorrir e dizer uma piada. Lá dentro, poderia ver como o seu ser está agora desprovido de vida, como o impacto no seu cérebro levou consigo os últimos fragmentos de Uriah.

Cerro os punhos para disfarçar o tremor que me agita as mãos.

Matthew aproxima-se vindo do final do corredor, com as mãos nos bolsos do seu uniforme azul-escuro. Tem uma postura relaxada, apesar dos passos pesados.

– Olá.

– Olá – digo.

– Fui vacinar a Nita – afirma. – Hoje está mais animada.

– Ótimo.

Matthew bate no vidro com os nós dos dedos.

– Então... vais buscar a família dele mais logo? Foi o que a Tris me

disse.

Aceno afirmativamente com a cabeça.

– Sim, a mãe e o irmão dele.

Já conheço a mãe de Zeke e Uriah. É uma mulher pequena, mas com um porte imponente, e uma das raras Intrépidas que normalmente se comporta de forma tranquila e sem cerimónias. Era alguém de quem gostava e, simultaneamente, receava.

– Ele não tem pai? – pergunta Matthew.

– Morreu quando eles eram novos. O que não é de surpreender, entre os Intrépidos.

– Certo.

Ficamos em silêncio durante algum tempo e sinto-me grato pela sua presença, que me impede de me sentir oprimido pela tristeza. Sei que Cara tinha razão ontem ao dizer que não matei Uriah, mas, na verdade, ainda me sinto como se o tivesse feito, e talvez vá ser sempre assim.

– Tenho andado para te perguntar – digo, ao fim de algum tempo.

– Porque estás a ajudar-nos nisto? Parece um risco grande para alguém que não tem um interesse direto no resultado.

– Mas a verdade é que tenho – replica Matthew. – É uma história algo comprida. – Cruza os braços e, depois, puxa o fio em torno do pescoço com o polegar. – Havia uma rapariga – começa. – Era geneticamente danificada, o que significava que eu não devia sair com ela, certo? É suposto fazermos todos os possíveis para nos juntarmos com parceiras «ótimas», de modo a produzirmos uma descendência geneticamente superior, ou algo do género. Bem, eu sentia-me rebelde e havia algo atraente no fruto proibido, e então começámos a encontrar-nos. Nunca pensei que se tornasse algo de sério, mas...

– Mas tornou-se – completo eu.

Matthew acena com a cabeça em concordância.

– Sim. Ela, mais do que qualquer outra coisa, convenceu-me de que a posição do complexo sobre os danos genéticos estava errada. Era uma pessoa melhor do que eu era, do que eu jamais serei. E, a seguir, foi atacada. Um bando de GP espancou-a. Ela era bastante provocadora, refilona, nunca se deixava ficar – acho que teve algo que ver com isso, ou talvez não tivesse que ver com nada, talvez haja

peessoas que façam coisas assim só porque lhes apetece. E tentar encontrar uma razão só nos deixa frustrados.

Olho mais atentamente para o fio que os seus dedos remexem. Sempre pensei que era negro, mas, quando o vejo mais de perto, noto que é na verdade verde – a cor dos uniformes do pessoal de apoio.

– Seja como for, ela ficou muito ferida, mas um dos GP era filho de um membro do Conselho. Alegou que o ataque foi provocado e essa foi a desculpa que eles usaram para o deixarem safar-se, junto com os outros GP, apenas com uma pena de serviço comunitário. Mas eu não me deixei enganar. – Matthew começa a acenar com a cabeça enquanto fala. – Sabia que não os condenaram porque a viam como um ser inferior a eles. Como se os GP tivessem espancado um animal.

Começo a sentir um tremor no cimo da minha coluna, que me desce pelas costas abaixo.

– O que...

– O que lhe aconteceu? – Matthew olha para mim. – Morreu um ano depois, na sequência de um procedimento cirúrgico para corrigir alguns dos danos provocados pela tarefa. Apanhou uma infeção parasitária. – Deixa cair as mãos. – O dia em que ela morreu foi o dia em que comecei a ajudar a Nita. No entanto, não achei que o seu plano mais recente fosse boa ideia, razão pela qual não a ajudei desta vez. Mas, vendo bem as coisas, também não fiz um grande esforço para tentar detê-la.

Passo mentalmente em revista a lista de coisas que é suposto dizermos em momentos destes, os lamentos e a solidariedade, e não encontro uma única frase que me pareça bem. Em vez disso, deixo o silêncio estender-se entre nós. É a única resposta adequada para o que Matthew me revelou, a única coisa que faz justiça à tragédia, em vez de tentar apaziguar a situação às pressas e seguir em frente.

– Sei que não parece – afirma Matthew –, mas odeio-os.

Tem os músculos do queixo extremamente tensos. Nunca me pareceu uma pessoa calorosa, mas também nunca foi frio. Porém, isso é o que ele parece agora, um homem envolto em gelo, de olhos duros e uma voz gelada.

– E ter-me-ia oferecido para morrer, em vez do Caleb... se não fosse o facto de querer mesmo vê-los sofrer as consequências – quero

vê-los desnorteados, às voltas com o soro da memória, sem saberem quem são, porque foi isso que me aconteceu a mim quando ela morreu.

– Parece-me um castigo adequado – comento.

– Mais adequado do que seria matá-los – atira Matthew. – E, além disso, não sou nenhum assassino.

Sinto-me perturbado. Não é muito comum vermos a pessoa real atrás da máscara do indivíduo agradável – a faceta mais sombria de alguém. Não é uma situação confortável.

– Lamento o que aconteceu ao Uriah – diz Matthew. – Vou deixar-te com ele.

Enfia as mãos nos bolsos e segue pelo corredor fora, a assobiar.

Capítulo quarenta e três

Tris

A reunião de emergência do Conselho é mais do mesmo: a confirmação de que o vírus será largado sobre as cidades esta noite, discussões sobre que aviões serão utilizados e em que horários. David e eu trocamos algumas palavras amigáveis no fim da reunião e, enquanto os outros ainda estão a tomar café, escapo-me dali e volto para o hotel.

Tobias leva-me para o átrio perto do dormitório do hotel e ficamos lá algum tempo, a conversar, a beijar-nos e a apontar as plantas mais estranhas. Parece algo que as pessoas normais fazem – encontrar-se, falar sobre coisas sem importância, rir. Temos tido tão poucos momentos destes.

A maior parte do nosso tempo juntos tem sido dedicado a fugir desta ou daquela ameaça, ou a correr ao encontro desta ou daquela ameaça. Mas consigo ver uma altura no horizonte em que isto não terá de continuar a acontecer. Vamos reinicializar as pessoas do complexo e trabalhar em conjunto com elas para reconstruirmos este sítio juntos.

Talvez, então, possamos descobrir se nos damos tão bem em tempos tranquilos como em alturas mais agitadas. Anseio por esse futuro.

Finalmente, chega a hora de Tobias ir embora. Estou no degrau mais alto do átrio e ele no mais baixo, pelo que os nossos rostos ficam à mesma altura.

– Não gosto de não poder estar contigo esta noite – diz. – Não me parece bem deixar-te sozinha a lidar com algo tão importante.

– Achas que não estou à altura? – pergunto, um pouco na defensiva.

– É claro que não é isso. – Toca-me com as mãos no rosto e inclina a sua testa contra a minha. – Só não queria que tivesses de passar por tudo sozinha.

– E eu não queria que tivesses de lidar com a família do Uriah sozinho – respondo suavemente. – Mas acho que há coisas que temos de fazer separadamente. Estou contente por poder estar com o Caleb antes de... tu sabes. Será bom não ter de me preocupar também contigo nesse momento.

– Sim. – Tobias fecha os olhos. – Mal posso esperar por amanhã, quando já terei voltado e tu terás completado a tua missão, para podermos decidir o que virá a seguir.

– Posso dizer-te que haverá muito disto – afirmo, e encosto os meus lábios aos dele.

As mãos de Tobias descem do meu rosto para os ombros e, depois, deslizam lentamente pelas minhas costas. Os seus dedos encontram a bainha da minha camisa e, depois, enfiam-se sob ela, quentes e insistentes.

Tenho consciência de tudo em simultâneo, da pressão da sua boca, do sabor do nosso beijo, da textura da sua pele, da luz alaranjada que cintila contra as minhas pálpebras fechadas e do cheiro a coisas verdes que paira no ar – o cheiro a coisas que medram.

Quando me afasto e Tobias abre os olhos, vejo tudo o que há neles, a centelha de luz azul-clara no olho esquerdo, o azul-escuro que me faz sentir segura dentro dele, como se estivesse num sonho.

– Amo-te – digo.

– Também te amo – responde ele. – Até breve.

Beija-me de novo, com suavidade, e depois abandona o átrio.

Permaneço naquele poço de luz até o sol desaparecer.

Agora, é altura de ir ter com o meu irmão.

Capítulo quarenta e quatro

Tobias

Verifico os ecrãs antes de ir ter com Amar e George.

Evelyn está barricada no quartel-general dos Eruditos com os seus partidários sem-fação, debruçando-se sobre um mapa da cidade. Marcus e Johanna estão num edifício na Avenida Michigan, a norte do edifício Hancock, em reunião.

Espero que ambos continuem nos mesmos sítios daqui a umas poucas horas, quando decidir qual dos meus pais reprogramar. Amar deu-nos pouco mais de uma hora para encontrar e vacinar a família de Uriah e voltar para o complexo sem ninguém dar por isso, pelo que só tenho tempo para um deles.

No exterior, a neve descreve remoinhos sobre o pavimento, incitada pelo vento. George oferece-me uma arma.

– Aquilo agora é um sítio perigoso – diz. – Com esta revolta dos Leais que está a decorrer.

Pego na arma sem olhar para ela.

– Estás ao corrente do plano? – pergunta George. – Vou estar a vigiar-te daqui, da sala de controlo pequena. Mas vamos ver se esta noite sirvo de alguma coisa, com toda esta neve a obscurecer as câmaras.

– E onde estarão os outros funcionários da segurança?

– A beber um copo? – George encolhe os ombros. – Disse-lhes para tirarem a noite de folga. Ninguém vai dar pela falta do camião. Vai

correr tudo bem, prometo.

Amar sorri.

– OK, vamos lá entrar no camião.

George dá um apertão no braço de Amar e despede-se de nós com um aceno. Enquanto os outros seguem Amar até ao camião estacionado lá fora, agarro George e retenho-o. Ele lança-me um olhar estranho.

– Não me faças perguntas , porque não posso responder-te – digo. – Mas vacina-te contra o soro da memória, OK? O mais depressa possível. O Matthew pode ajudar-te. – George olha-me franzindo a testa. – Faz só o que estou a dizer-te – peço, e dirijo-me para o camião.

Flocos de neve colam-se ao meu cabelo e o vapor condensa-se em torno da minha boca de cada vez que respiro. Christina dá-me um encontrãozinho quando vamos a caminho do camião e enfia-me algo no bolso. Um pequeno frasco.

Reparo nos olhos de Peter que nos observam enquanto subo para o banco do passageiro. Ainda não sei bem por que motivo está tão ansioso por vir connosco, mas sei que temos de ter cuidado com ele.

No interior do camião está bastante calor e, passado pouco tempo, em vez de flocos de neve, estamos todos cobertos de suor.

– És um sortudo – diz Amar, estendendo-me um ecrã de vidro coberto de linhas brilhantes que se entrecruzam como veias. Olho mais atentamente e vejo que se trata de ruas e que a linha mais nítida de todas assinala o nosso percurso através delas. – Vais ser o copiloto.

– Precisas de um mapa para chegar lá? – Arqueio as sobrancelhas. – Não te ocorreu apenas... apontares para aqueles edifícios altos?

Amar olha-me fazendo uma careta.

– Não vamos simplesmente direitos à cidade, o nosso percurso vai ser mais discreto. Agora, cala-te e observa o mapa.

Encontro um ponto azul no mapa que marca a nossa posição.

Amar dirige o camião para a neve, que cai tão intensamente que consigo ver apenas alguns metros à nossa frente. Os edifícios por que passamos são como figuras escuras que espreitam através de uma mortalha branca. Amar conduz velozmente, confiando no peso do camião para manter a estabilidade sobre a estrada. Entre os flocos de neve, vejo as luzes da cidade mais adiante. Tinha-me esquecido de

como estávamos perto dela, porque é tudo tão diferente aqui fora, mesmo às suas portas.

– Não acredito que vamos regressar – diz Peter baixinho, como se não esperasse resposta.

– Eu também não – respondo, porque é verdade.

A distância que a Direção tem mantido do resto do mundo é um mal distinto da guerra que pretendem travar agora contra as nossas memórias – mais subtil, mas, à sua maneira, igualmente sinistro. Tinham capacidade para nos ajudar, quando as fações começaram a degradar-se, mas, ao invés, deixaram que tudo se desmoronasse. Deixaram-nos morrer. Deixaram que nos matássemos uns aos outros. Somente agora – que estamos prestes a destruir mais do que um nível aceitável de material genético – decidiram intervir.

Oscilamos de um lado para o outro no camião enquanto Amar guia ao longo das vias-férreas, acompanhando o muro alto de cimento à nossa direita.

Olho para Christina através do espelho retrovisor. O seu joelho direito não para de saltar.

Ainda não sei que memória vou apagar: a de Marcus ou a de Evelyn?

Normalmente, tentaria perceber qual seria a escolha mais altruísta, mas, neste caso, uma ou outra parecem-me igualmente egoístas.

Reinicializar a memória de Marcus significaria apagar da face da terra o homem que odeio e temo. Significaria ficar livre da sua influência.

Reprogramar Evelyn significaria transformá-la numa nova mãe, alguém que não me abandone, que não tome decisões com base num desejo de vingança, ou que não tente controlar todas as pessoas num esforço para não ter de confiar nelas.

De qualquer forma, ficarei melhor depois de qualquer um deles desaparecer. Mas o que poderá ser mais benéfico para a cidade? Já não sei.

Coloco as mãos sobre as saídas de ar para as manter quentes, enquanto Amar continua a conduzir ao longo da linha férrea e para lá do comboio abandonado que vimos no caminho inverso e que agora

reflete os nossos faróis nos seus painéis de prata. Chegamos ao lugar onde o mundo exterior termina e a experiência começa. Uma mudança tão abrupta como se alguém tivesse traçado uma linha divisória no chão.

Amar cruza essa linha como se ela não existisse. Para ele, suponho, a fronteira desvaneceu-se com o tempo, à medida que se foi acostumando ao seu novo mundo. A mim, parece que guiamos da verdade em direção a uma mentira, da idade adulta à infância. Vejo a extensão de pavimento, vidro e metal transformar-se num campo vazio. A neve cai agora suavemente e consigo ver vagamente a ténue linha do horizonte da cidade mais acima, com os edifícios num tom levemente mais escuro do que as nuvens.

– Onde devemos ir para encontrar o Zeke? – pergunta Amar.

– O Zeke e a mãe juntaram-se aos revoltosos – respondo. – Por isso, talvez seja boa ideia seguirmos para onde se reúnem.

– As pessoas da sala de controlo disseram que a maior parte deles se instalou a norte do rio, perto do edifício Hancock – diz Amar. – Apetece-te descer aquele cabo?

– Nem pensar – respondo.

Amar ri-se.

Demoramos mais uma hora para nos aproximarmos. Só quando vejo o edifício Hancock à distância é que começo a sentir-me nervoso.

– Hãã... Amar? – chama Christina da traseira do camião. – Detesto pedir-te isto, mas tenho mesmo de fazer uma paragem. Para ir... tu sabes. Fazer xixi.

– Agora? – pergunta Amar.

– Sim. Deu-me uma vontade súbita.

Amar suspira, mas para o camião na berma da estrada.

– Fiquem aqui e nada de olhar! – diz Christina quando sai.

Vejo a sua silhueta dirigir-se à parte de trás do camião e espero. Tudo o que sinto quando ela corta os pneus é um ligeiro ressalto do camião, tão impercetível que tenho a certeza de que só o senti porque sabia o que ia acontecer. Quando Christina regressa, sacudindo os flocos de neve do casaco, exhibe um pequeno sorriso.

Às vezes, tudo que é preciso para salvar as pessoas de um destino terrível é alguém disposto a fazer algo acerca disso. Mesmo que esse

«algo» seja uma ida simulada à casa de banho. Amar guia alguns minutos mais antes de acontecer alguma coisa. A seguir, o camião começa a tremer e a saltar como se passássemos sobre uma estrada esburacada.

– Raios – exclama Amar, olhando para o velocímetro com raiva. – Não acredito nisto.

– É um furo?

– Sim.

Amar suspira e carrega no travão, para que o camião se imobilize na berma.

– Vou ver – digo.

Salto do lugar do passageiro e dirijo-me para a traseira do camião. Os pneus de trás estão completamente vazios, cortados pela faca que Christina trouxe consigo. Espreito pela janela traseira para me certificar de que só há um pneu sobressalente e, depois, volto e dou a notícia pela porta que deixara aberta do meu lado.

– Ambos os pneus traseiros estão furados e só temos um sobressalente – digo. – Vamos ter de abandonar este camião e arranjar um novo.

– Raios! – Amar bate no volante. – Não temos tempo para isto. Temos de nos certificar de que o Zeke, a mãe dele e a família da Christina são vacinados antes de o soro da memória ser libertado, ou terá sido tudo em vão.

– Acalma-te – digo. – Sei onde podemos arranjar outro veículo. Porque não continuam a pé e eu vou procurar-nos um novo transporte?

O rosto de Amar anima-se.

– Ótima ideia.

Antes de me afastar do camião, certifico-me de que há balas na minha arma, mesmo que não tenha a certeza de precisar delas. Todos saem do camião, com Amar a tremer de frio e a saltitar na ponta dos pés. Olho para o meu relógio.

– Então, precisamos de vaciná-los até que horas?

– Pelo horário do George, temos uma hora antes de eles reinicializarem a cidade – informa Amar, olhando também para o seu relógio para se certificar. – Se preferires poupar o Zeke e a mãe ao

desgosto e deixar que sejam reinicializados, não vou censurar-te. Se for preciso, faço-o eu.

Abano a cabeça.

– Não posso fazer isso. Eles não iam sofrer, mas não seria real.

– Como eu sempre disse – diz Amar, sorrindo –, um Empata nunca deixa de ser Empata.

– És capaz de... não lhes contares o que aconteceu? Só até eu chegar – pergunto. – Podes só vaciná-los? Quero ser eu a dizer-lhes.

O sorriso de Amar diminui um pouco.

– Sim. É claro.

Já tinha encharcado os sapatos quando fui verificar os pneus e os pés doem-me quando piso o chão frio de novo. Estou prestes a afastar-me do camião quando Peter fala.

– Vou contigo – afirma.

– O quê? Porquê? – pergunto, olhando-o com fúria.

– Podes precisar de ajuda para encontrar outro camião – diz. – É uma cidade grande.

Olho para Amar, que encolhe os ombros.

– Ele tem razão.

Peter inclina-se para mim e fala baixinho, de modo a que apenas eu possa ouvir.

– E, se não queres que lhe conte que estás a preparar alguma, não levantes problemas.

O seu olhar desvia-se para o bolso do meu casaco, onde está o soro da memória. Suspiro.

– OK. Mas vais fazer o que eu disser.

Vejo Amar e Christina afastarem-se sem nós, em direção ao edifício Hancock. Quando já estão demasiado longe para nos verem, recuo alguns passos, enfiando a mão no bolso para proteger o frasco.

– Não vou procurar camião nenhum – digo. – Podes muito bem ficar a saber agora. Vais ajudar-me com o que tenciono fazer ou vou ter de te dar um tiro?

– Depende do que tiveres em mente.

É difícil responder-lhe quando nem eu próprio sei bem. Estou de frente para o edifício Hancock. À minha direita, estão os sem-faço, Evelyn e as suas reservas de soro da morte. À minha esquerda, os

Leais, Marcus e o plano de insurreição.

Onde surtirei mais influência? Onde poderei fazer uma diferença maior? Estas são as questões sobre que deveria estar a refletir. Em vez disso, pergunto-me qual dos dois estou mais desesperado por ver aniquilado.

– Vou parar uma revolução – digo.

Viro à direita e Peter segue-me.

Capítulo quarenta e cinco

Tris

O meu irmão está de pé ao microscópio, com o olho encostado à ocular. A luz que emana da lâmpada na base do microscópio lança sombras estranhas no seu rosto, fazendo-o parecer anos mais velho.

– É isto, com toda a certeza – afirma. – O soro da simulação de ataque, quero dizer. Sem dúvida nenhuma.

– É sempre bom termos uma segunda confirmação – diz Matthew.

Estou junto ao meu irmão nas horas antes da sua morte. E ele está a analisar soros. Que estupidez.

Sei porque Caleb queria vir aqui: queria ter a certeza de que estava a dar a vida por um bom motivo. Não o censuro. Não há segundas oportunidades depois de morrermos por alguma coisa, pelo menos, tanto quanto sei.

– Diz-me o código de ativação outra vez – pede Matthew.

Este código ativará a arma do soro da memória e, depois, um determinado botão despoletará a sua distribuição imediata. Matthew tem feito Caleb repetir as suas instruções e o código insistentemente desde que aqui chegamos.

– Não tenho problema nenhum em memorizar sequências de números! – protesta Caleb.

– Não duvido disso. Mas não sabemos em que estado de consciência estarás quando o soro da morte começar a surtir efeito, e este código tem de estar profundamente enraizado no teu cérebro.

Caleb recua com um sobressalto ao ouvir as palavras «soro da

morte». Olho para o chão.

– 080712 – repete Caleb. – E depois carrego no botão verde.

Neste preciso momento, Cara está a socializar com as pessoas da sala de controlo, de modo a que possa drogar as suas bebidas com soro da paz e desligar as luzes do complexo enquanto eles estiverem demasiado aturdidos para se aperceberem, como Nita e Tobias fizeram algumas semanas antes. Depois disso, vamos correr para o Laboratório das Armas, invisíveis para as câmaras às escuras.

À minha frente, sobre a mesa de laboratório, estão os explosivos que Reggie nos deu. Têm um aspeto tão normal. Estão dentro de uma caixa preta com garras de metal nas extremidades e um detonador remoto. As garras irão prender a caixa a um segundo conjunto de portas no laboratório. O primeiro ainda não foi reparado desde o ataque.

– Acho que é tudo – diz Matthew. – Agora só temos de esperar mais um pouco.

– Matthew – chamo. – Achas que poderias deixar-nos uns instantes a sós?

– Claro. – Matthew sorri. – Volto quando for altura de partirmos.

Sai, fechando a porta atrás de si. Caleb passa as mãos pelo fato protetor, os explosivos e a mochila que serve para o seu transporte. Dispõe-nos numa linha reta, compondo-os aqui e ali.

– Não paro de pensar naquela altura em que éramos pequenos e jogávamos aos «Cândidos» – diz Caleb. – Lembras-te de como costumava sentar-te numa cadeira na sala de estar e fazer-te perguntas?

– Sim – respondo. Encosto as ancas à mesa de laboratório. – Pegavas-me no pulso em busca da minha pulsação e dizias que, se eu mentisse, conseguirias perceber, porque os Cândidos conseguem sempre perceber quando alguém está a mentir. Não era lá muito agradável.

Caleb ri.

– Houve uma vez em que confessaste ter roubado um livro da biblioteca da escola precisamente no momento em que a mãe estava a entrar em casa...

– E tive de ir pedir desculpas à bibliotecária! – Rio-me também. –

Aquela mulher era horrível. Chamava sempre a toda a gente «minha menina» ou «meu menino».

– Oh, mas de mim ela gostava. Sabes que, quando fiz voluntariado na biblioteca, era suposto estar a arrumar livros nas prateleiras durante a minha hora de almoço, mas, na verdade, ficava só pelos corredores a ler? Ela apanhou-me algumas vezes, mas nunca disse nada a ninguém.

– A sério? – Sinto uma pontada no peito. – Não sabia disso.

– Suponho que haverá muitas coisas que não sabemos um do outro. – Tamborila com os dedos na mesa. – Gostava que pudéssemos ter sido mais honestos um com o outro.

– Eu também.

– E agora é tarde de mais, não é? – diz Caleb erguendo os olhos.

– Não para tudo. – Puxo uma cadeira de baixo da mesa e sento-me. – Vamos jogar aos Cándidos. Eu respondo a uma pergunta e, a seguir, tu tens de responder a uma pergunta. Honestamente, é claro.

Caleb parece um pouco irritado, mas concorda.

– OK. Como é que partiste realmente aqueles copos na cozinha, quando disseste que os tinhas tirado do armário para limpar umas manchas de calcário que viste?

Reviro os olhos.

– É a essa pergunta que queres que te responda com sinceridade? Vá lá, Caleb.

– OK, tudo bem. – Aclara a garganta e os seus olhos verdes fixam-se nos meus com uma expressão grave. – Perdoaste-me a sério ou só dizes isso porque estou prestes a morrer?

Olho para as minhas mãos, pousadas no meu colo. Tenho conseguido ser agradável e simpática com ele porque, de cada vez que penso no que aconteceu no quartel-general dos Eruditos, afasto de imediato o pensamento do meu espírito. Mas isso não pode ser perdão. Se o tivesse perdoado, seria capaz de pensar no que aconteceu sem o ódio que sinto tão intensamente nas minhas entranhas, certo?

Ou talvez o perdão seja apenas o contínuo afastamento das recordações amargas, até o tempo atenuar a mágoa e a raiva, para que as ofensas sejam finalmente esquecidas. Por Caleb, escolho acreditar que é assim.

– Sim, perdoei-te – digo. Faço uma pausa. – Ou, pelo menos, desejo desesperadamente perdoar-te, e acho que isso pode ser a mesma coisa.

Caleb parece aliviado. Afasto-me para o lado, para que ele possa ocupar o meu lugar na cadeira. Sei o que quero perguntar-lhe, o que tenho querido perguntar-lhe desde que se ofereceu para fazer este sacrifício.

– Qual é a razão principal para estares a fazer isto? A mais importante?

– Não me perguntes isso, Beatrice.

– Não é uma armadilha – digo. – Não me fará voltar atrás no meu perdão. Só preciso de saber.

Entre nós estão o fato protetor, os explosivos e a mochila, dispostos numa linha sobre o tampo de aço inoxidável. São os instrumentos da sua partida sem regresso.

– Acho que é a única maneira de conseguir escapar da culpa por tudo aquilo que fiz – responde. – Nunca quis tanto livrar-me de alguma coisa.

As suas palavras ressoam dolorosamente dentro de mim. Tinha medo que Caleb dissesse isto. Sabia que era isto que ele ia dizer. Gostava que não o tivesse dito.

Do intercomunicador do canto sai uma voz.

– «Pede-se a atenção de todos os residentes do complexo. Iniciar o procedimento de contenção de emergência, em vigor até às cinco da manhã. Repito, iniciar o procedimento de contenção de emergência, em vigor até às cinco da manhã.»

Caleb e eu trocamos um olhar alarmado. Matthew abre a porta precipitadamente.

– Raios partam – exclama. E repete mais alto: – Raios partam!

– Procedimento de contenção de emergência? – interrogo. – É o mesmo que um exercício de simulação de ataque?

– Basicamente. Significa que temos de ir agora, enquanto a confusão ainda reina nos corredores, antes que aumentem a segurança – diz Matthew.

– Porque fariam eles isto? – pergunta Caleb.

– Pode ser que queiram apenas reforçar a segurança antes de lançarem o vírus – responde Matthew. – Ou podem ter descoberto que

vamos tentar alguma coisa... Só que, se soubessem do nosso plano, provavelmente teriam vindo prender-nos.

Olho para Caleb. Os minutos que me restavam com ele caem como folhas mortas arrancadas dos ramos. Atravesso a sala e vou buscar as nossas armas ao balcão, mas, no fundo da minha cabeça, revolvem-se incomodamente as palavras que Tobias me disse ontem: que os Abnegados defendem que só devemos deixar alguém sacrificar-se por nós se essa for a melhor forma de uma pessoa mostrar que nos ama.

E, para Caleb, não é disso que se trata.

Capítulo quarenta e seis

Tobias

Os meus pés escorregam sobre o pavimento com neve.

– Ontem não te vacinaste – digo a Peter.

– Não, tens razão – responde ele.

– Porque não?

– E porque havia de te dizer?

Passo o polegar sobre o frasco e digo:

– Vieste comigo porque sabes que tenho o soro da memória, não é?

Se queres que to dê, não te ficava mal dar-me uma razão.

Peter olha para o meu bolso de novo, como fez anteriormente. Deve ter visto Christina entregar-me o frasco. Diz:

– Preferia *tirar-to*.

– Por favor – digo, erguendo os olhos para ver a neve derramar-se sobre as bordas dos telhados. Está escuro, mas há luar suficiente para conseguir ver. – Podes achar que és muito bom a lutar, mas não és suficientemente bom para me vencer, garanto-te.

Sem aviso, Peter empurra-me com força e eu escorrego no chão coberto de neve, caindo desamparado. A minha arma cai ruidosamente ao chão, enterrando-se na neve. *Isto vai ensinar-me a não ser convencido*, penso para comigo, e ponho-me de pé atabalhoadamente. Peter agarra-me pelo colarinho e puxa-me para a frente para me fazer escorregar de novo, mas, desta vez, mantenho o equilíbrio e enfio-lhe uma cotovelada no estômago. Ele dá-me um pontapé com força na perna, que fica dormente, e agarra-me a frente

do casaco para me puxar na sua direção. A sua mão tenta chegar ao meu bolso, onde está o soro.

Procuo afastá-lo, mas ele equilibra-se muito bem e eu ainda sinto a perna dormente. Com um gemido de frustração, puxo o meu braço livre para trás até junto do rosto e, depois, dou-lhe uma cotovelada na boca. A dor percorre-me o braço – dói bater em alguém nos dentes –, mas valeu a pena. Peter grita, escorregando às arrecuas pela rua, com ambas as mãos sobre a cara.

– Sabes porque ganhaste os combates como iniciado? – provoco, erguendo-me. – Porque és cruel. Porque gostas de magoar as pessoas. E achas que és especial, achas que todos à tua volta são um bando de mariquinhas incapazes de fazer as escolhas difíceis que tu fazes.

Peter começa a levantar-se, mas eu dou-lhe um pontapé de lado, fazendo-o estatelar-se de novo. Depois, assento-lhe o pé sobre o peito, logo abaixo da garganta, e os nossos olhos encontram-se. Os dele são grandes e inocentes, sem semelhança aparente com aquilo que Peter é interiormente.

– Mas não és especial – continuo. – Eu também gosto de magoar pessoas. Sou capaz de fazer as escolhas mais cruéis. A diferença é que, às vezes, escolho não o fazer, e tu fazes sempre isso, o que te torna uma pessoa má.

Passo por cima de Peter e começo novamente a descer a avenida Michigan. Contudo, ao fim de apenas alguns passos, ouço a voz dele.

– É por isso que eu quero... – diz Peter, com a voz trémula. Paro. Não me viro. Neste momento não quero ver o seu rosto. – Quero o soro, porque estou cansado de ser assim – continua ele. – Estou cansado de fazer coisas más e de gostar de as fazer, cansado de pensar o que haverá de errado comigo. Quero que isto acabe. Quero começar de novo.

– E não achas que esta é a via mais cobarde? – pergunto, sobre o ombro.

– Não me importa se é ou não – responde Peter.

Sinto a cólera que crescia dentro de mim esvair-se enquanto reviro o frasco entre os dedos, dentro do bolso. Ouço-o pôr-se de pé e sacudir a neve das roupas.

– Não tentes voltar a meter-te comigo – digo – e prometo que te

deixo reinicializares-te, depois de terminar o que vim cá fazer. Não tenho razão para te impedir.

Peter acena com a cabeça em concordância e prosseguimos pela neve lisa em direção ao edifício onde vi a minha mãe pela última vez.

Capítulo quarenta e sete

Tris

Há uma espécie de silêncio nervoso no corredor, apesar de haver pessoas por todo o lado. Uma mulher bate-me com o ombro, murmurando a seguir um pedido de desculpas, e eu aproximo-me mais de Caleb para não o perder de vista. Às vezes, tudo o que queria era ser uns centímetros mais alta, para que o mundo não me parecesse um denso conjunto de torsos.

Movemo-nos rapidamente, mas não demasiado. Quanto mais guardas vejo, mais pressão sinto crescer dentro de mim. A mochila de Caleb, com o fato protetor e os explosivos, embate sistematicamente na parte inferior das suas costas enquanto caminhamos.

As pessoas movem-se em todas as direções, mas depressa chegamos a um corredor que ninguém tem razões para percorrer.

– Deve ter acontecido alguma coisa à Cara – observa Matthew. – Por esta altura, as luzes já deviam estar desligadas.

Concordo com a cabeça. Sinto a arma pressionar-me as costas, oculta pela minha camisa larga. Esperava não ter de usá-la, mas parece que vai ser preciso; e, mesmo que a use, podemos não conseguir chegar ao Laboratório das Armas. Toco nos braços de Caleb e Matthew e paramos os três no meio do corredor.

– Tenho uma ideia – digo. – Vamos separar-nos. O Caleb e eu corremos para o laboratório e tu, Matthew, crias uma distração qualquer.

– Uma distração?

– Tens uma arma, não tens? – pergunto. – Dispara para o ar.

Matthew hesita

– Faz o que te digo – insisto, com os dentes cerrados.

Matthew pega na arma. Agarro o cotovelo de Caleb e guio-o pelo corredor fora. Por cima do ombro, vejo Matthew levantar a arma sobre a cabeça e disparar para o teto, atingindo um dos painéis de vidro por cima dele. Quando o estrondo soa, desato a correr, arrastando Caleb comigo. O ar enche-se de gritos e de vidro estilhaçado e os guardas passam por nós apressadamente, sem perceberem que estamos a correr na direção oposta dos dormitórios, a caminho de um local onde não deveríamos estar.

É uma coisa estranha sentir os meus instintos e o meu treino de Intrépida entrarem em ação. Começo a respirar mais e mais profundamente, à medida que percorremos o caminho que traçámos esta manhã. Sinto a mente mais nítida e clara. Olho para Caleb, esperando ver a mesma coisa a suceder com ele, mas o sangue parece ter-se-lhe esvaído do rosto, e o meu irmão está ofegante. Continuo a agarrar-lhe o cotovelo com firmeza para o manter calmo.

Dobramos uma esquina, com os nossos sapatos a ranger sobre os ladrilhos, e, diante de nós, abre-se um corredor vazio de teto espelhado. Sou percorrida por um sentimento de triunfo. Conheço este lugar. Já não estamos longe. Vamos conseguir.

– Parem! – grita uma voz nas nossas costas.

Os guardas! Encontraram-nos!

– Parem ou disparamos!

Caleb estremece e ergue as mãos. Levanto as minhas também, olhando para ele. Sinto tudo abrandar dentro de mim, os meus pensamentos em tumulto e as batidas do meu coração. Quando olho para Caleb, não vejo o jovem cobarde que me vendeu a Jeanine Matthews e não ouço as desculpas que me deu depois.

Quando olho para ele, vejo o rapazinho que segurou a minha mão no hospital quando a nossa mãe partiu o pulso e me disse que ia ficar tudo bem. Vejo o irmão que me disse para tomar as minhas próprias decisões, na noite anterior à Cerimónia da Escolha. Penso em todas as coisas extraordinárias que Caleb é – inteligente, entusiasta e observador, tranquilo, sério e amável.

Ele é uma parte de mim, sempre será, e eu sou também uma parte dele. Não pertenço aos Abnegados, nem aos Intrépidos, nem mesmo aos Divergentes. Não pertenço à Direção, nem à experiência, nem aos arrabaldes. Pertenço às pessoas que amo e elas pertencem-me a mim – elas e a lealdade e o amor que lhes dou, constituem a minha identidade muito mais do que qualquer palavra ou grupo alguma vez poderiam fazer.

Amo o meu irmão. Amo-o, e ele treme de terror à ideia da própria morte. Amo-o, e tudo o que posso pensar, tudo o que posso ouvir na minha mente, são as palavras que lhe disse alguns dias antes: *Nunca te entregaria para seres executado.*

– Caleb – digo. – Dá-me a mochila.

– O quê?

Enfio a mão nas costas, por baixo da camisa, e agarro na arma. Aponto-lha.

– Dá-me a mochila.

– Tris, não. – Abana a cabeça. – Não te vou deixar fazer isso.

– Baixa a arma! – Grita o guarda do fundo do corredor. – Baixa a arma ou disparamos!

– Talvez consiga sobreviver ao soro da morte – afirmo. – Sou boa a resistir aos efeitos dos soros. Há uma hipótese de eu sobreviver. Não há nenhuma de tu sobreviveres. Dá-me a mochila ou dou-te um tiro na perna e tiro-ta. – Então, levanto a voz para que os guardas me possam ouvir:

– Ele é meu refém! Se se aproximarem mais, mato-o!

Naquele momento, Caleb lembra-me o nosso pai. Os seus olhos estão cansados e tristes. Tem uma sombra de barba no queixo. As mãos tremem-lhe enquanto puxa a mochila para a frente do corpo e ma estende. Pego nela e atiro-a por cima do meu ombro. Mantenho a arma apontada a ele e mudo de posição, para que o corpo dele bloqueie a minha visão dos soldados ao fundo do corredor.

– Caleb – digo –, amo-te.

As lágrimas brilham nos seus olhos enquanto diz:

– Também te amo, Beatrice.

– Para o chão! – grito para os guardas ouvirem. Caleb põe-se de joelhos. – Se eu não sobreviver – enuncio –, diz ao Tobias que não era

minha intenção abandoná-lo.

Recuo, visando um dos guardas por cima do ombro de Caleb. Inspiro e firmo a mão. Expiro e disparo. Ouço um grito de dor e corro velozmente na outra direção com o som dos tiros nos meus ouvidos. Corro em ziguezague para que seja mais difícil acertar-me e, a seguir, mergulho ao dobrar da esquina. Uma bala atinge a parede imediatamente atrás de mim, abrindo-lhe um buraco no meio.

Enquanto corro, puxo a mochila para a frente do meu corpo e abro o fecho. Tiro os explosivos e o detonador. Ouço gritos e passos que correm atrás de mim. Não tenho tempo. Não tenho tempo.

Corro mais depressa, mais velozmente do que alguma vez pensei ser capaz. O impacto de cada um dos meus passos estremece através de mim. Dobro a esquina seguinte e vejo dois guardas de pé junto às portas que Nita e os invasores rebentaram antes. Agarrando os explosivos e o detonador contra o peito com a mão livre, atinjo um dos guardas na perna e o outro no peito.

O guarda que baleei na perna agarra na sua arma e eu disparo novamente, fechando os olhos depois de apontar. O homem não volta a mexer-se. Passo as portas arrombadas a correr e penetro no átrio a que dão acesso. Encosto os explosivos com força à barra de metal onde as duas portas seguintes se unem e prendo as garras em torno da barra, de forma a ficarem seguros no sítio. Depois, volto a correr para o fundo do corredor e viro a esquina, agachando-me de costas para a porta. Pressiono o botão de detonação e protejo os ouvidos com as palmas das mãos.

O ruído vibra-me nos ossos quando a pequena bomba explode e a força do rebentamento atira-me para o lado, fazendo a minha arma deslizar pelo chão. Pequenos fragmentos de vidro e de metal projetam-se pelo ar, caindo sobre a tijoleira onde estou estendida, atordoada. Apesar de ter tapado os ouvidos com as mãos, ainda ouço campainhas quando as afasto e falta-me o equilíbrio quando tento levantar-me.

Os guardas surgem ao fundo do corredor. Disparam e a bala atinge-me na parte mais carnuda do braço. Grito, colocando apressadamente a mão sobre a ferida. A minha visão periférica turva-se quando dobro de novo a esquina, meio a andar, meio aos tropeções, em direção às portas arrombadas.

Para além delas, há um pequeno vestíbulo e, na extremidade do mesmo, um conjunto de portas seladas, mas sem fechadura. Pelas janelas dessas portas vejo o Laboratório das Armas, as linhas regulares de máquinas, dispositivos escuros e frascos de soro, iluminados por baixo como se estivessem em exposição. Ouço um som de pulverização e sei que o soro da morte se está a espalhar pelo ar, mas os guardas estão atrás de mim, por isso, não tenho tempo para colocar o fato que iria atrasar os seus efeitos.

Também sei, acredito realmente, que sou capaz de lhe sobreviver.

Entro para o vestíbulo.

Capítulo quarenta e oito

Tobias

A sede dos sem-fação – embora para mim este edifício vá ser sempre o quartel-general dos Eruditos, aconteça o que acontecer – está silenciosa sob a neve e apenas algumas janelas com luz indicam que há pessoas no seu interior. Paro diante das portas e a minha garganta emite um som descontente.

– O que foi? – pergunta Peter.

– Detesto este sítio – respondo.

Peter afasta dos olhos o cabelo encharcado pela neve.

– Então, o que vamos fazer, arrombar uma janela? Procurar uma porta traseira?

– Não, vou simplesmente entrar – digo. – Sou o filho dela.

– Também a traíste e deixaste a cidade depois de ela ter proibido quem quer que fosse de o fazer – contrapõe Peter. – E ela mandou pessoas atrás de ti para te deterem. Pessoas armadas.

– Podes ficar aqui se quiseres – sugiro.

– Eu vou para onde for o soro – diz ele. – Mas, se lemares um tiro, vou agarrá-lo e fugir.

– Não esperava outra coisa de ti.

Peter é uma pessoa estranha.

Penetro no átrio, onde alguém voltou a colar os fragmentos do retrato de Jeanine Matthews, mas pintando um «X» a tinta vermelha sobre cada um dos seus olhos e escrevendo, na parte inferior, «Ralé das Fações».

Várias pessoas com braceadeiras sem-faço avançam para nós de armas em punho. Reconheço algumas delas das fogueiras dos armazéns dos sem-faço, ou do tempo que passei ao lado de Evelyn como líder Intrépido. Outros são completos estranhos, lembrando-me de que a população sem-faço é mais numerosa do que qualquer um de nós suspeitava. Ergo os braços.

– Vim ver a Evelyn.

– É claro – escarnece um deles. – Porque nós deixamos simplesmente entrar qualquer um que queira vê-la.

– Tenho uma mensagem das pessoas do exterior – informo. – E tenho a certeza de que ela vai querer ouvi-la.

– Tobias? – chama uma mulher sem-faço.

Reconheço-a, mas não de um dos armazéns dos sem-faço – é do setor dos Abnegados. Era minha vizinha. O nome dela é Grace.

– Olá, Grace. Só queria falar com a minha mãe.

Grace morde o interior da bochecha e contempla-me. A firmeza com que segura a sua pistola diminui.

– Bem, ainda assim, não é suposto deixarmos ninguém entrar.

– Pelo amor de Deus – exclama Peter. – Então, vão ter com ela e digam-lhe que estamos aqui e já veremos o que ela diz. Nós esperamos.

Grace recua para a multidão que se reuniu enquanto conversávamos e, depois, baixa a arma e corre por um corredor próximo.

Permanecemos ali de pé durante o que parece um longo momento, até que os ombros começam a doer-me de suportar os meus braços erguidos durante tanto tempo. Depois, Grace regressa e faz-nos sinal para nos aproximarmos. Baixamos as mãos ao mesmo tempo que os sem-faço baixam as armas e caminhamos pelo átrio de entrada, passando pelo centro da multidão como uma linha pelo buraco de uma agulha. Grace conduz-nos a um elevador.

– O que está a fazer com uma arma, Grace? – pergunto-lhe. – Nunca vi uma Abnegada pegar numa arma.

– Os costumes das fações desapareceram – responde ela. – Agora posso defender-me. Posso ter um sentido de autopreservação.

– Ótimo – respondo, falando com sinceridade.

Os Abnegados estavam tão podres como as outras fações, mas os seus males eram menos óbvios, camuflados sob a forma de altruísmo. Contudo, exigir que uma pessoa se diminua, que se apague em todas as situações, não é melhor do que incentivá-la a lutar contra as outras.

Subimos até o andar onde ficava o gabinete de Jeanine, mas não é para lá que Grace nos conduz. Pelo contrário, leva-nos para uma grande sala de reuniões com mesas, sofás e cadeiras dispostas em quadrados perfeitos. Enormes janelas ao longo da parede traseira deixam entrar o luar. Evelyn está sentada numa mesa à direita, a olhar para fora através da janela.

– Podes ir, Grace – diz Evelyn. – Tens uma mensagem para mim, Tobias?

Não olha para mim. A sua cabeleira espessa está presa num carrapito na nuca e usa uma camisa cinzenta com uma braçadeira sem-faço. Parece exausta.

– Importas-te de esperar no corredor? – peço a Peter.

Para minha surpresa, Peter não discute. Limita-se a sair, fechando a porta atrás dele. A minha mãe e eu ficamos sozinhos.

– As pessoas lá de fora não têm nenhuma mensagem para ti – respondo, aproximando-me dela. – Queriam apagar as memórias de toda a gente nesta cidade. Acreditam que não é possível fazer-nos ver a razão, que não é possível apelar ao melhor da nossa natureza. Decidiram que seria mais fácil apagar as nossas identidades do que falar connosco.

– Talvez tenham razão – observa Evelyn. Finalmente, vira-se para mim, apoiando o rosto contra as mãos. Tem um círculo vazio tatuado num dos dedos, como uma aliança de casamento. – O que é que vieste fazer aqui, então?

Hesito, com a mão fechada sobre o frasco no meu bolso. Olho-a e posso ver como o tempo a desgastou, como se fosse um pedaço de tecido velho, puído e com as fibras expostas. E consigo ver também a mulher que conhecia quando era criança, a boca que se alargava num sorriso, os olhos que brilhavam de alegria. Contudo, quanto mais olho para ela, mais me convenço de que essa mulher feliz nunca existiu. Essa mulher é apenas uma versão remota da minha mãe verdadeira, vista através dos olhos egocêntricos de uma criança.

Sento-me diante da mesa e pouso o frasco de soro da memória entre nós.

– Vim cá para te fazer beber isto – respondo. – Evelyn olha para o frasco e parece-me que vejo lágrimas nos seus olhos, mas pode ser apenas um efeito de luz. – Achei que era a única maneira de evitar a destruição total – explico. – Sei que o Marcus, a Johanna e os apoiantes deles vão atacar e sei também que farás qualquer coisa para os parar, incluindo usar aquele soro da morte que possuis para o fim para que foi concebido. – Inclino a cabeça. – Estou enganado?

– Não – diz Evelyn. – As fações são perversas. Não podem ser restauradas. Preferia ver-nos destruídos a todos.

As suas mãos apertam a extremidade da mesa, os nós dos dedos estão sem cor.

– As fações eram perversas por não haver forma de lhes escaparmos – contraponho. – Davam-nos uma ilusão de escolha sem realmente a termos. É o mesmo que estás a fazer agora, ao aboli-las. Dizes às pessoas que façam as suas escolhas... Mas que tenham cuidado para não escolherem as fações, senão fá-las em pedaços!

– Se era isso que pensavas, porque não me disseste? – pergunta, elevando a voz. Os seus olhos evitam os meus, evitam-me a mim. – Dizias-me, em vez de me *traíres*!

– Porque tenho medo de ti! – As palavras saem-me abruptamente, e arrependo-me logo a seguir, mas também me sinto feliz por tê-las proferido, feliz por, antes de lhe pedir que prescinda da sua identidade, poder ser honesto com ela. – Tu... tu lembras-me *dele*!

– Não te atrevas! – Evelyn aperta os punhos e quase cospe ao falar comigo. – Não te *atrevas*!

– Não me importa se não queres ouvir isto – digo, pondo-me de pé. – Ele era um tirano em nossa casa e, agora, tu és uma tirana nesta cidade, e nem sequer consegues ver que é a mesma coisa!

– Então, foi por essa razão que trouxeste isto – atira Evelyn pegando no frasco e erguendo-o para olhar para ele. – Porque pensas que esta é a única maneira de consertar as coisas.

– Eu...

Estou prestes a dizer que é a maneira mais fácil, a melhor maneira, talvez a única maneira de poder confiar nela. Se apagar a sua

memória, posso criar uma nova mãe para mim e, no entanto... No entanto, Evelyn é mais do que minha mãe. É uma pessoa de direito próprio e eu não sou dono dela. Não posso escolher aquilo em que se tornará apenas porque não sou capaz de lidar com aquilo que é.

– Não – respondo. – Não, vim para te dar uma escolha. – Sinto-me subitamente apavorado, com as mãos dormentes, o coração a bater mais depressa. – Pensei em ir ter com o Marcus esta noite, mas não fui. – Engulo em seco. – Em vez disso, vim ver-te a ti, porque... Porque acho que há uma esperança de reconciliação entre nós. Não agora, não em breve, mas um dia. E com ele não há esperança nenhuma, não há reconciliação possível.

Evelyn olha para mim, de olhos ferozes, mas enchendo-se de lágrimas.

– Não é justo da minha parte dar-te esta escolha – prossigo. – Mas tenho de o fazer. Podes liderar os sem-fação, podes lutar contra os Leais, mas vais ter de fazer isso sem mim, para sempre. Ou podes abandonar esta cruzada e... e ter o teu filho de volta.

É uma oferta pobre e sei disso. E é por essa razão que tenho medo – medo de que Evelyn recuse a proposta, medo de que escolha o poder em vez de mim, medo de que me chame criança ridícula, que é o que sou. Sou uma criança. Tenho meio metro de altura e pergunto à minha mãe o quanto me ama.

Os olhos de Evelyn, escuros como terra molhada, observam os meus durante muito tempo. Então, inclina-se sobre a mesa e puxa-me ferozmente para os seus braços, que formam uma gaiola de metal em torno de mim, surpreendentemente forte.

– Eles que fiquem com a cidade toda para eles – diz contra o meu cabelo.

Não consigo mexer-me, não consigo falar. Ela escolheu-me, a mim. Ela escolheu-me, a mim.

Capítulo quarenta e nove

Tris

O soro da morte cheira a fumo e a especiarias e os meus pulmões rejeitam-no à primeira inspiração. Tusso e cuspo e sou engolida pela escuridão. Caio de joelhos. Sinto-me como se alguém tivesse substituído o meu sangue por melaço e os meus ossos por chumbo.

Um fio invisível puxa-me em direção ao sono, mas quero permanecer acordada. É importante querer estar acordada. Imagino esse desejo, essa vontade, queimando no meu peito como uma chama.

O fio puxa com mais força e eu atijo a chama com nomes. Tobias. Caleb. Christina. Matthew. Cara. Zeke.

Uriah.

Contudo, não consigo resistir ao peso do soro. Caio de lado e o meu braço ferido apoia-se contra o chão frio. Estou à deriva...

Seria agradável deixar-me ir, diz uma voz dentro da minha cabeça. *Ver aonde vou ter...*

Mas a chama, a chama.

O desejo de viver.

Isto ainda não terminou, ainda não terminou.

Sinto que estou a escavar através da minha própria mente. É difícil recordar por que motivo vim aqui e porque é importante livrar-me deste peso tão belo. Mas, então, as mãos que arranham o meu espírito encontram-na, a memória do rosto da minha mãe, dos ângulos estranhos dos seus membros sobre o pavimento e do sangue derramando-se do corpo do meu pai.

Mas eles estão mortos, diz a voz. Podes juntar-te a eles.

Eles morreram por mim, respondo. E agora há algo que tenho de fazer em troca. Tenho de impedir que outras pessoas percam tudo. Tenho de salvar a cidade e as pessoas de quem a minha mãe e o meu pai gostavam.

Se me vou juntar aos meus pais, quero que seja por uma boa *razão*, e não por causa disto – deste soçobrar sem sentido mesmo no limiar.

A chama, a chama. Ruge dentro de mim, é uma fogueira, a seguir é um inferno de chamas, e o meu corpo é o combustível de que se alimenta. Sinto-o varrer-me o interior, carcomendo o peso. Não há nada que possa matar-me agora, sou poderosa, invencível e eterna.

Sinto o soro agarrar-se à minha pele como um óleo, mas a escuridão recua. Firmo uma mão pesada contra o chão e obrigo-me a levantar.

Dobrada pela cintura, empurro as portas duplas com o ombro e estas rangem sobre o chão quando o selo que as unia se parte. Respiro o ar puro e endireito-me. Entrei, *entrei*.

Mas não estou sozinha.

– Não te mexas – diz David, erguendo a pistola. – Olá, Tris.

Capítulo cinquenta

Tris

– Como te vacinaste contra o soro da morte? – pergunta-me.

Continua na sua cadeira de rodas, mas não é preciso andar para disparar uma arma. Pisco os olhos, ainda aturdida.

– Não me vacinei – respondo.

– Não te armes em estúpida – diz David. – É impossível sobreviver ao soro da morte sem uma vacina e eu sou a única pessoa neste complexo que tem acesso a essa substância.

Fico a olhar para ele, sem saber bem o que dizer. Não me vacinei. É uma impossibilidade ainda estar de pé. Não há mais nada a dizer.

– Suponho que já não importe – afirma ele. – Agora, já cá estamos.

– O que está a fazer aqui? – murmuro.

Parece-me que tenho os lábios estranhamente grandes, é difícil falar através deles. Continuo a sentir um peso gorduroso na minha pele, como se a morte se agarrasse a mim mesmo depois de a ter derrotado. Estou vagamente consciente de que deixei a minha arma no corredor atrás de mim, pensando que não iria precisar dela depois de conseguir entrar.

– Sabia que algo se estava a passar – responde David. – Andaste a semana toda às voltas com pessoas geneticamente danificadas e achaste que não ia desconfiar, Tris? – Abana a cabeça. – E depois a tua amiga Cara foi apanhada a tentar manipular as luzes, mas, muito sabiamente, pôs-se a si própria inconsciente antes de conseguirmos sacar-lhe alguma coisa. E, então, vim até cá, só para prevenir. Fico

triste por dizer que não me surpreende ver-te aqui.

– Veio até aqui sozinho? – pergunto. – Não foi muito inteligente, pois não?

Os olhos brilhantes de David semicerram-se um pouco.

– Bom, não sei se percebes, mas tenho imunidade ao soro da morte e uma arma. Não tens como lutar contra mim. Não há nenhuma maneira de consegues roubar quatro dispositivos víricos enquanto te aponto uma pistola. Receio que tenhas vindo até aqui em vão e que a audácia te vá custar a vida. O soro da morte pode não te ter matado, mas eu matarei. Compreenderás, certamente, que oficialmente não permitimos a pena de morte, mas não posso deixar-te sobreviver a este feito.

Ele pensa que estou aqui para roubar os dispositivos que iriam reinicializar as experiências, não para soltar um dos vírus. É claro que pensa.

Tento não deixar transparecer a minha expressão, embora tenha a certeza de que o meu rosto continua dormente. Passo os olhos pela sala, procurando o dispositivo que irá libertar o vírus do soro da memória. Estava presente quando Matthew o descreveu a Caleb com todo o detalhe: uma caixa preta com um teclado prateado, marcada com uma tira de fita azul com um número de modelo gravado. É um dos únicos objetos sobre o balcão ao longo da parede esquerda, a poucos metros de distância de mim. Mas não posso mexer-me, ou David mata-me. Vou ter de esperar pelo momento certo e agir com rapidez.

– Sei o que fez – declaro. Começo a recuar, esperando que a acusação o distraia. – Sei que concebeu a simulação de ataque. Sei que é responsável pela morte dos meus pais, pela morte da minha mãe. Sei tudo.

– Não sou responsável pela morte dela! – protesta David, e as palavras irrompem-lhe da boca demasiado alto e demasiado abruptamente. – Disse-lhe o que ia acontecer mesmo antes de o ataque começar, para ela ter tempo suficiente para levar as pessoas de quem gostava para uma casa segura. Se a tua mãe tivesse ficado quieta, teria vivido. Mas ela era uma mulher tola que não percebia o conceito de fazer sacrifícios em prol de um bem maior e isso *matou-a*!

Olho para David de testa franzida. Há algo na reação dele, nos seus olhos vidrados, algo que murmurou quando Nita o injetou com o soro do medo – algo sobre *ela*.

– Você amava-a? – pergunto. – Todos aqueles anos em que ela lhe enviava mensagens... A razão por que não queria que ela ficasse lá... A razão por que lhe disse que não podia continuar a receber as suas atualizações, depois de ela se casar com o meu pai...

David está imóvel, como uma estátua, como um homem de pedra.

– Amava – responde. – Mas esse tempo pertence ao passado.

Deve ter sido por isto que ele me acolheu no seu círculo de confiança, que me deu tantas oportunidades. Porque sou uma parte dela, porque tenho o seu cabelo e falo com a sua voz. Porque David passou a vida a estender a mão para ela, para acabar sempre com um punhado de nada.

Ouçoo passos no corredor do lado de fora. Os soldados vêm aí. Ainda bem! Preciso deles. Preciso que sejam expostos ao soro no ar, para que contaminem o resto do complexo. Espero que aguardem até o ar estar livre do soro da morte.

– A minha mãe não era tola nenhuma – digo. – Apenas compreendia algo que você não entende. Que, se é a vida de *outra* pessoa que sacrificamos, isso não é um sacrifício, é mera perversidade.

Recuo mais um passo e continuo:

– Ela ensinou-me tudo sobre o verdadeiro sacrifício. Que deve ser feito por amor e não pela repugnância desadequada em relação aos genes de outra pessoa. Que deve ser feito em caso de necessidade extrema, depois de esgotadas todas as opções. Que deve ser levado a cabo pelas pessoas que precisam da nossa força, porque sozinhos não têm força suficiente. É por isso que preciso de impedi-lo de «sacrificar» todas aquelas pessoas e as suas memórias. É por isso que preciso de livrar o mundo de vocês, de uma vez por todas. – Abano a cabeça. – Não vim aqui roubar nada, David.

Rodo o corpo e atiro-me para o dispositivo. A arma dispara e sinto a dor varrer-me o corpo. Não sei sequer onde a bala me atingiu. Ainda consigo ouvir Caleb repetir o código a Matthew. Com uma mão trémula, digito os números no teclado.

A arma dispara novamente.

Mais dor e a periferia da minha visão enche-se de negro, mas ouço novamente a voz de Caleb. *O botão verde.*

Dói tanto.

Mas como é possível, quando sinto o corpo tão mole?

Começo a cair e bato com a mão no teclado durante a queda. A luz acende-se por trás do botão verde. Ouço um bip e um som agitado.

Deslizo para o chão. Sinto algo quente no meu pescoço e sob a minha face. Vermelho. O sangue tem uma cor estranha. Escura.

Pelo canto do olho, vejo David caído sobre a cadeira de rodas.

E a minha mãe saindo de trás dele.

Está vestida com as mesmas roupas que usava da última vez que a vi, no tom cinzento dos Abnegados, manchadas com o seu sangue, com os braços nus que deixam ver a sua tatuagem. Ainda há buracos de bala na sua camisa; através deles, posso ver a sua pele ferida, vermelha, mas que já não sangra, como se estivesse congelada no tempo.

O seu cabelo loiro escuro está preso atrás num carrapito, mas algumas mechas soltas rodeiam-lhe o rosto como uma moldura dourada.

Sei que não pode estar viva, mas não sei se estou a vê-la porque estou a delirar devido à perda de sangue ou se o soro da morte me afetou o raciocínio ou, ainda, se ela está aqui de alguma outra forma.

A minha mãe ajoelha-se ao meu lado e toca no meu rosto com a sua mão fria.

– Olá, Beatrice – diz, sorrindo.

– Já terminou? – pergunto, e não tenho bem a certeza se realmente digo as palavras ou se apenas as penso e ela as ouve.

– Sim – responde, com os olhos marejados de lágrimas. – Minha querida filha, portaste-te tão bem.

– E os outros? – engasgo-me ao soluçar, quando me vem à mente a imagem de Tobias, e de como achei os seus olhos escuros e tranquilos e as suas mãos quentes e fortes, da primeira vez que estivemos cara a cara. – O Tobias, o Caleb, os meus amigos?

– Eles tomarão conta uns dos outros – diz ela. – É isso que as pessoas fazem.

Sorrio e fecho os olhos.

Sinto um fio a puxar-me de novo, mas desta vez sei que não é uma força sinistra que me arrasta para a morte. Desta vez sei que é a mão da minha mãe, puxando-me para os seus braços.

E vou com prazer ao encontro do seu abraço.

Poderei ser perdoada por tudo o que fiz para chegar aqui?

Queria ser.

Posso ser.

Acredito que serei.

Capítulo cinquenta e um

Tobias

Evelyn afasta as lágrimas dos olhos com o polegar.

Estamos junto às janelas, ombro a ombro, observando a neve descrever remoinhos no exterior. Alguns flocos assentam sobre o peitoril da janela do lado de fora, acumulando-se nos cantos.

Volto a sentir o formigueiro nas mãos. Observando o mundo salpicado de branco, sinto que tudo começou novamente e que, desta vez, será melhor.

– Acho que posso entrar em contacto com o Marcus pelo rádio para negociar um acordo de paz – diz Evelyn. – Ele deve estar à escuta, seria estúpido não o fazer.

– Antes de fazeres isso, há uma promessa que tenho de cumprir – declaro.

Toco no ombro de Evelyn. Esperava ver a tensão espreitar os contornos do seu sorriso, mas não noto nada.

Sinto uma pontada de culpa. Não vim aqui para lhe pedir para baixar as armas por mim, para trocar tudo aquilo por que trabalhou só para me ter de volta. Mas, por outro lado, também não vim para lhe dar uma escolha. Acho que Tris tinha razão – quando é preciso escolher entre duas situações más, escolhemos a que salva as pessoas que amamos. Não teria salvado Evelyn dando-lhe o soro. Tê-la-ia destruído.

Peter senta-se de costas para a parede no corredor. Olha para mim quando me inclino para ele, com o cabelo escuro colado à testa,

molhado pela neve derretida.

– Apagaste-a? – pergunta.

– Não – respondo.

– Também não pensei que tivesses coragem.

– Não se trata de coragem. Sabes que mais? Esquece. – Abano a cabeça e mostro-lhe o frasco de soro da memória. – Ainda estás decidido a fazer isto?

Ele acena afirmativamente com a cabeça.

– Podias simplesmente esforçar-te, sabes? – sugiro. – Podias tomar decisões melhores, esforçares-te por levar uma vida melhor.

– Sim, podia – responde Peter. – Mas não vou fazê-lo. Ambos sabemos isso.

É verdade, eu sei-o. Sei que a mudança é difícil, que vem lentamente e que é o trabalho de muitos dias encadeados numa longa corrente, até que a sua origem seja esquecida. Peter tem medo de não ser capaz de fazer este trabalho, de desperdiçar estes dias e de ficar pior do que está agora. E eu compreendo esse sentimento. Compreendo o que é termos medo de nós mesmos.

Assim, faço-o sentar-se num dos sofás e pergunto-lhe o que quer que lhe diga sobre si mesmo, depois de as suas recordações se desvanecerem como fumo. Ele apenas abana a cabeça.

Nada. Não quer preservar nada.

Pega no frasco com a mão trémula e desenrosca a tampa. O líquido agita-se e quase se derrama do recipiente. Peter leva o frasco ao nariz para sentir o cheiro.

– Quanto devo tomar? – pergunta, e parece-me ouvir os seus dentes a bater.

– Não acho que faça diferença – respondo.

– OK. Então... Aqui vai.

Ergue o frasco contra a luz como se estivesse a fazer-me um brinde. Quando o leva os lábios, digo:

– Coragem.

E depois Peter engole o líquido.

E eu vejo-o desaparecer.

O ar no exterior sabe a gelo.

– Ei! Peter! – grito, vejo a minha respiração transformar-se em vapor.

Peter está junto à porta do quartel-general dos Eruditos, com um olhar desorientado. Ao ouvir o seu nome – que lhe disse pelo menos dez vezes desde que bebeu o soro –, arqueia as sobrancelhas, apontando para o peito. Matthew disse-nos que as pessoas ficariam desorientadas durante algum tempo depois de tomarem o soro da memória, mas não imaginava que «desorientado» significasse «estúpido».

Suspiro.

– Sim, és tu! Pela décima primeira vez! Anda daí, vamos.

Pensei que, quando olhasse para Peter depois de ele beber o soro, ainda iria ver o iniciado que enfiou uma faca de manteiga no olho de Edward, o rapaz que tentou matar a minha namorada e todas as outras coisas más que ele fez, recuando até ao momento em que o conheci. Mas é mais fácil do que pensei, ao ver que já não faz ideia nenhuma de quem é. Os seus olhos ainda possuem aquela mesma expressão arregalada e inocente, mas, agora, acredito nela.

Evelyn e eu caminhamos lado a lado, com Peter trotando atrás de nós. A neve parou de cair, mas acumulou-se uma quantidade considerável no chão, que crepita sob os nossos passos.

Caminhamos até ao parque Milénio, onde a gigantesca escultura reflete a luz da lua e, a seguir, descemos umas escadas. À medida que percorremos os degraus, Evelyn enlaça-me o braço para manter o equilíbrio e trocamos um olhar. Pergunto-me se estará tão nervosa como eu por ter de enfrentar o meu pai novamente. Pergunto-me se ficará sempre nervosa.

Ao fundo das escadas há um pavilhão com dois blocos de vidro em cada extremidade, cada um deles com, pelo menos, o triplo da minha altura. Este é o local onde marcámos encontro com Marcus e Johanna – com ambas as partes armadas, para dizer a verdade, mas em igualdade de circunstâncias.

Eles já lá estão. Johanna não empunha nenhuma arma, mas Marcus sim e aponta-a a Evelyn. Aponto-lhe a arma que Evelyn me deu, apenas por segurança. Observo os ângulos do seu crânio, visível através do seu cabelo rapado e o percurso irregular que o seu nariz

torto descreve pelo rosto.

– Tobias! – chama Johanna. Está vestida com um casaco vermelho dos Cordiais, salpicado de flocos de neve. – Que estás a fazer aqui?

– A tentar impedir que vocês se matem uns aos outros. Estou admirado por te ver com uma arma – respondo, acenando com a cabeça para o alto no bolso do seu casaco, com os contornos inconfundíveis de uma pistola.

– Por vezes, é preciso tomar medidas difíceis para garantir a paz – afirma Johanna. – Penso que concordariam com este princípio.

– Não viemos até aqui para nos pormos na conversa – interrompe Marcus, olhando para Evelyn. – Disseste que queriam discutir um acordo de paz.

As últimas semanas tiveram um efeito negativo sobre ele. Posso vê-lo nos cantos da sua boca, agora revirados para baixo, na pele roxa sob os seus olhos. Vejo os meus próprios olhos incrustados no seu crânio e penso no meu reflexo na paisagem dos medos, em como me senti apavorado ao ver a sua pele alastrar sobre a minha como uma erupção cutânea. O pensamento de vir a ser como ele ainda me deixa nervoso, mesmo agora que me ergo como seu adversário, com a minha mãe ao meu lado, como sempre sonhei quando era criança.

Mas não me parece que ainda tenha medo dele.

– Sim – responde Evelyn. – Tenho algumas condições em que ambos devemos concordar. Acho que vão achá-las justas. Se chegarmos a acordo, abdicarei e entregarei todas as armas que temos e que a minha gente não use exclusivamente para proteção pessoal. Deixarei a cidade para nunca mais voltar.

Marcus ri. Não tenho a certeza de se tratar de um riso trocista ou incrédulo. Marcus é capaz de ambas as atitudes; é um homem arrogante e profundamente desconfiado.

– Deixa-a terminar – admoesta Johanna calmamente, enfiando as mãos nas mangas do casaco.

– Em troca – continua Evelyn –, não atacarão nem tentarão apoderar-se do controlo da cidade. Permitirão que as pessoas que pretendem abandoná-la e reconstruir a vida noutra sítio o façam. Deixarão que aqueles que optem por ficar votem para escolher um novo líder e um novo sistema social. E, mais importante do que tudo,

tu, Marcus, *nunca* poderás candidatar-te à sua liderança.

É a única condição puramente egoísta do tratado de paz. Evelyn disse-me que não podia suportar a ideia de Marcus convencer mais pessoas a segui-lo à custa de enganar e eu não discuti com ela.

Johanna ergue as sobranceiras. Percebo que tem o cabelo puxado para trás de ambos os lados, revelando a cicatriz na sua total extensão. Parece melhor assim – mais forte, não se escondendo atrás de uma cortina de cabelo, não escondendo quem é.

– Não há acordo – replica Marcus. – Sou o líder destas pessoas.

– Marcus – diz Johanna.

Ele ignora-a.

– Não te cabe *a ti* decidires se eu posso ser líder deles ou não só porque me tens rancor, Evelyn!

– Desculpa – insiste Johanna bem alto. – Marcus, a oferta da Evelyn é demasiado boa para recusar. Obtemos tudo o que queríamos sem ser preciso recorrer à violência. Como é possível que recuses?

– Porque sou o líder legítimo destas pessoas! – responde Marcus. – Sou o líder dos Leais! Eu...

– Não, não és – diz Johanna calmamente. – *Eu* é que sou a líder dos Leais. E tu vais concordar com este tratado, ou eu digo-lhes que tiveste a oportunidade de acabar com este conflito sem derramamento de sangue se engolisses o teu orgulho, mas recusaste.

A máscara passiva de Marcus desaparece, revelando o rosto maldoso por baixo dela. Mas nem mesmo ele não pode discutir com Johanna, cuja calma magistral e ameaça perfeita o subjugaram. Ele abana a cabeça, mas não tenta voltar a discutir a questão.

– Concordo com as tuas condições – diz Johanna, e estende a mão, aproximando-se com os passos audíveis sobre a neve.

Evelyn retira a luva, puxando um dedo de cada vez, e estende por sua vez o braço para apertar a mão de Johanna.

– De manhã, devíamos reunir toda a gente e revelar-lhes o novo plano – sugere Johanna. – És capaz de garantir que a concentração se fará em segurança?

– Farei todos os possíveis – responde Evelyn.

Olho para o meu relógio. Passou-se uma hora desde que nos separámos de Amar e Christina perto do edifício Hancock, o que

significa que Amar provavelmente sabe que o vírus do soro da memória não funcionou. Ou talvez não. De qualquer forma, tenho de fazer aquilo que me trouxe aqui. Tenho de encontrar Zeke e a mãe e contar-lhes o que aconteceu a Uriah.

– Tenho de ir – digo a Evelyn. – Preciso de tratar de outro assunto. Mas venho buscar-te aos limites da cidade amanhã de tarde, sim?

– Parece-me bem – responde Evelyn, esfregando o meu braço com força com a mão enluvada, tal como costumava fazer quando chegava a casa com frio em criança.

– Tu não voltarás, presumo? – pergunta-me Johanna. – Refizeste a tua vida no exterior?

– Sim – respondo. – Boa sorte para vocês aqui. As pessoas no exterior... Eles vão tentar encerrar a cidade. Devem estar preparados para os enfrentar.

Johanna sorri.

– Tenho a certeza de que conseguiremos negociar com eles.

A seguir, estende-me a mão e eu aperto-a também. Sinto os olhos de Marcus sobre mim como um peso opressivo que ameaça esmagar-me. Forço-me a olhar para ele.

– Adeus para sempre – digo-lhe, com toda a sinceridade.

Hana, a mãe de Zeke, tem pés pequenos que não chegam ao chão quando se senta na poltrona da sala de estar. Está vestida com um roupão preto esfarrapado e chinelos, mas tem um aspeto tão digno, com as mãos cruzadas sobre o colo e as sobranceiras arqueadas, que sinto que estou diante de um líder mundial. Olho para Zeke, que esfrega o rosto com os punhos para tentar acordar.

Amar e Christina encontraram-nos, não entre os outros revolucionários perto do edifício Hancock, mas no apartamento da família no Rochedo, por cima da sede dos Intrépidos. Só consegui encontrar porque Christina se lembrou de nos deixar, a Peter e a mim, uma nota com a sua localização no camião inutilizado. Peter está à espera na carrinha que Evelyn nos arranjou para regressarmos ao complexo.

– Desculpe – digo. – Não sei por onde começar.

– Podes começar pelo pior – responde Hana. – Por exemplo, pelo

que aconteceu ao meu filho.

– Ficou gravemente ferido durante um ataque – afirmo. – Houve uma explosão e ele estava muito perto do local.

– Oh, meu Deus – exclama Zeke, balançando-se para a frente e para trás como se quisesse ser pequeno de novo, acalmando-se pelo movimento como sucede com as crianças.

Hana, no entanto, limita-se a inclinar a cabeça, escondendo o rosto de mim.

A sua sala de estar cheira a alho e a cebola, talvez vestígios do jantar daquela noite. Apoio o ombro na parede branca junto à porta. Perto de mim, pende enviesado um retrato de família: Zeke com poucos anos de idade e Uriah em bebé, ao colo da mãe. O rosto do pai está furado em vários lugares, no nariz, na orelha e nos lábios, mas o seu sorriso amplo e alegre e a sua pele escura são-me familiares – ambos os filhos os herdaram.

– Ele tem estado em coma desde então – continuo. E...

– E não vai despertar – interrompe Hana, numa voz forçada. – Foi isso que vieste dizer-nos, não foi?

– Sim. Vim buscar-vos para que possam tomar uma decisão por ele.

– Uma decisão? – pergunta Zeke. – Queres dizer, decidir se o *desligamos da máquina* ou não?

– Zeke – admoesta Hana, abanando a cabeça. Zeke afunda-se de novo no sofá. As almofadas parecem envolvê-lo. – Claro que não queremos mantê-lo vivo dessa maneira – diz Hana. – Ele gostaria de seguir em frente. Mas gostávamos de ir vê-lo.

Concordo com a cabeça.

– Claro. Mas há outra coisa que têm de saber. O ataque... Era uma espécie de revolta que envolveu algumas das pessoas do sítio onde estamos. E eu tomei parte nele.

Fico a olhar para a fenda nas tábuas mesmo à minha frente, na poeira que se acumulou ali ao longo do tempo, enquanto espero por uma reação – por qualquer reação. Apenas recebo silêncio.

– Não fiz o que me pediste – digo a Zeke. – Não tomei conta dele como deveria. Lamento muito.

Arrisco um olhar e vejo que Zeke continua apenas sentado, muito quieto, olhando fixamente a jarra vazia em cima da mesa de centro. A

jarra tem uma pintura de rosas num tom esbatido de cor-de-rosa.

– Acho que precisamos de algum tempo para digerir isto – sugere Hana aclarando a garganta, o que, no entanto, não impede a sua voz de tremer.

– Gostava de poder dar-vos esse tempo – digo. – Mas vamos regressar ao complexo dentro de pouco tempo e vocês têm de vir connosco.

– Está bem – responde Hana. – Se puderes esperar lá fora, saímos daqui a cinco minutos.

A viagem de volta para o complexo é lenta e soturna. Vejo a lua desaparecer e reaparecer atrás das nuvens enquanto avançamos aos solavancos. Quando alcançamos os limites exteriores da cidade, começa a nevar de novo e grandes flocos giram diante dos faróis. Pergunto a mim mesmo se Tris estará a vê-los varrer o chão e amontoar-se junto aos aviões. Pergunto-me se está a viver num mundo melhor do que aquele de onde saí, entre pessoas que já não sabem o que é ter genes puros.

Christina inclina-se para me sussurrar ao ouvido.

– Então, trataste do assunto? Funcionou?

Aceno com a cabeça. Pelo espelho retrovisor vejo-a tocar o rosto com ambas as mãos, sorrindo para as palmas. Sei como se sente: a salvo. Estamos todos a salvo.

– Vacinaste a tua família? – pergunto.

– Sim. Encontrámo-los junto dos Leais, no Edifício Hancock – responde. – Mas já passou o prazo para a reinicialização, parece que a Tris e o Caleb conseguiram travá-la.

Hana e Zeke murmuram um para o outro durante a viagem, maravilhados com o mundo estranho e escuro através do qual nos movemos. Amar dá-lhes uma explicação básica à medida que avançamos, virando-se para trás para olhar para eles, em vez de manter os olhos na estrada – demasiadas vezes para os meus nervos. Tento ignorar os meus acessos de pânico quando quase bate em postes de iluminação ou barreiras na estrada e concentro-me na neve.

Sempre odiei o vazio que o inverno traz, a paisagem em branco e a diferença gritante entre o céu e a terra, a forma como transforma as

árvores em esqueletos e a cidade numa extensão desolada. Talvez este inverno possa ser persuadido do contrário.

Passamos as vedações e paramos junto às portas da frente, que já não são operadas por guardas. Saímos e Zeke agarra a mão da mãe para a ajudar a manter o equilíbrio enquanto caminham a custo pela neve. À medida que nos dirigimos para o complexo, tenho a certeza de que Caleb conseguiu, porque não há ninguém à vista. Isto só pode significar que as pessoas do complexo foram reinicializadas, que as suas memórias foram alteradas para sempre.

– Onde estão todos? – pergunta Amar.

Passamos o posto de controlo abandonado sem parar. Do outro lado, vejo Cara. Tem um grande hematoma num dos lados do rosto e uma ligadura na cabeça, mas não é isso que me preocupa. O que me preocupa é a sua expressão transtornada.

– O que se passa? – pergunto.

Cara abana a cabeça.

– Onde está a Tris? – pergunto de novo.

– Lamento, Tobias.

– Lamentas o quê? – pergunta Christina agressivamente. – Diz-nos o que *aconteceu*!

– A Tris foi ao Laboratório das Armas em vez do Caleb – explica Cara. – Sobreviveu ao soro da morte e detonou o soro da memória, mas... Foi atingida a tiro. E não sobreviveu. Sinto muito.

Na maioria das vezes, consigo perceber quando as pessoas estão a mentir e isto deve ser mentira, porque Tris ainda está viva, com os olhos cintilantes e as faces coradas e o seu pequeno corpo cheio de energia e de força, de pé sob um raio de luz no átrio.

Tris ainda está viva, não me deixou aqui sozinho, não tentaria entrar no Laboratório das Armas em vez de Caleb.

– Não – diz Christina, abanando a cabeça. – Não é possível. Deve haver algum engano.

Os olhos de Cara enchem-se de lágrimas.

E é então que compreendo: é claro que Tris tentaria entrar no Laboratório das Armas em vez de Caleb.

É claro que o faria.

Christina grita algo, mas a voz dela soa-me abafada, como se

tivesse a cabeça mergulhada debaixo de água. Os traços do rosto de Cara também se tornaram difíceis de ver, o mundo funde-se em cores indistinguíveis.

Tudo que posso fazer é ficar parado. Sinto que, se me limitar a ficar imóvel, posso impedir que isto seja verdade, posso fingir que está tudo bem. Christina dobra-se para a frente, incapaz de suportar a própria dor, e Cara abraça-a. E tudo o que faço é ficar ali parado.

Capítulo cinquenta e dois

Tobias

De início, quando o seu corpo bateu na rede, só me apercebi de um borrão cinzento. Puxei-a da rede e a sua mão era pequena, mas quente, e a seguir ela estava diante de mim, baixa, magra e sem atrativos, absolutamente banal – à exceção de ter saltado antes de toda a gente. A Empata tinha saltado primeiro.

Nem eu saltei primeiro.

Os seus olhos eram tão sérios, tão obstinados.

Lindos.

Capítulo cinquenta e três

Tobias

Mas essa não foi a primeira vez em que a vi. Tinha-a visto antes, nos corredores da escola, no falso funeral da minha mãe e calcorreando os passeios do setor dos Abnegados. Vi-a, mas não a vi; ninguém a viu como ela era realmente até ao momento em que saltou. Suponho que um fogo que arde tão intensamente não está destinado a durar.

Capítulo cinquenta e quatro

Tobias

Vou ver o corpo dela... não sei bem quando. Ignoro quanto tempo passa depois de Cara me contar o que aconteceu. Caminho ombro a ombro com Christina, seguindo Cara. Na verdade, não me lembro do trajeto da entrada até à morgue, somente de algumas imagens confusas e de um ou outro som que consigo distinguir através da barreira que se ergueu dentro da minha cabeça.

Tris está sobre uma mesa e, por um instante, acho que está apenas a dormir e que, se lhe tocar, ela vai acordar e sorrir para mim e dar-me um beijo na boca. Mas, quando lhe toco, ela está fria, o seu corpo rígido e inacessível.

Christina soluça e funga. Aperto a mão de Tris, rezando para que, se o fizer com força suficiente, consiga fazer a vida regressar ao seu corpo e a sua pele pálida recuperar a cor que a fará despertar.

Não sei quanto tempo demoro a perceber que isso não vai acontecer, que ela desapareceu para sempre. Mas, quando o faço, sinto toda a força esvair-se de mim e caio de joelhos ao lado da mesa. Acho que choro, ou, pelo menos, quero chorar, e tudo dentro de mim grita por apenas mais um beijo, mais uma palavra, mais um olhar – só mais um.

Capítulo cinquenta e cinco

Nos dias que se seguem, é o movimento, não o sossego, que me ajuda a manter a dor sob controlo, pelo que caminho pelos corredores do complexo em vez de dormir. Vejo toda a gente a recuperar do soro da memória que os mudou para sempre, como se tudo se passasse a uma grande distância.

As pessoas que foram afetadas pelo soro da memória e estão agora desorientadas e confusas, são reunidas em grupos e é-lhes dita a verdade: que a natureza humana é complexa, que os nossos genes são todos diferentes, mas não são nem danificados nem puros. Também lhes é contada uma mentira: que as suas memórias foram apagadas devido a um bizarro acidente e que, nessa altura, se preparavam para promover junto do Governo a causa da igualdade dos GD.

Continuo a sentir-me sufocado pela companhia das outras pessoas e, depois, magoado pela solidão quando os deixo. Sinto pavor e nem sei de quê, porque já perdi tudo. As mãos tremem-me quando passo pela sala de controlo para observar a cidade nos ecrãs. Johanna está a organizar o transporte para os habitantes que querem sair da cidade. Virão aqui para descobrirem a verdade. Não sei o que vai acontecer àqueles que permanecerem em Chicago, nem sei se me importo.

Enfio as mãos nos bolsos e fico a observar durante alguns minutos, afastando-me de novo, tentando fazer corresponder os meus passos ao meu ritmo cardíaco, ou evitar as fendas entre os ladrilhos. Quando passo a entrada, vejo um pequeno grupo de pessoas junto da escultura em pedra, uma delas numa cadeira de rodas – Nita.

Passo a barreira de segurança agora desativada e paro a alguma

distância, observando-os. Reggie sobe para cima da laje de pedra e abre uma válvula no fundo do tanque de água. As gotas transformam-se numa corrente de água e, pouco depois, o líquido jorra abundantemente para fora do tanque, salpicando a laje em todas as direções, encharcando a parte inferior das calças de Reggie.

– Tobias?

Sinto um ligeiro arrepio. É Caleb. Viro as costas à sua voz, procurando uma forma de lhe fugir.

– Espera. Por favor – pede ele.

Não quero olhar para Caleb, para avaliar quanto ou quão pouco ele chora por ela. E não quero pensar em como Tris morreu por um cobarde miserável, em como ele não valia a vida dela.

Apesar disso, olho-o, pensando se poderei conseguir ver um pouco de Tris no seu rosto, esfomeado por ela, apesar de saber que nunca mais voltará.

O cabelo de Caleb está sujo e despenteado, os seus olhos verdes injetados de sangue, a sua boca contorce-se numa careta. Não se parece com ela.

– Não quero incomodar-te – diz ele. – Mas tenho algo para te dizer. Algo... que *ela* me pediu para te dizer antes de...

– Então, desembucha – atiro, antes que Caleb tente terminar a frase.

– A Tris pediu-me que, se não sobrevivesse, eu te dissesse que... – Caleb engasga-se e, a seguir, endireita-se, lutando contra as lágrimas. – Que ela não queria deixar-te.

Devia sentir algo ao ouvir as suas últimas palavras para mim, não é? Não sinto nada. Sinto-me ainda mais separado de tudo.

– Sim? – digo agressivamente. – E então porque me deixou? Porque não te deixou morrer a ti?

– Achas que não faço essa pergunta a mim mesmo? – interroga Caleb. – Ela amava-me. O suficiente para me apontar uma arma para poder morrer por mim. Não faço ideia porquê, mas foi assim que se passou.

Caleb vai-se embora sem me dar oportunidade para responder, e provavelmente é melhor assim, porque não consigo pensar em nada para dizer que iguale a minha raiva. Pestanejo para afastar as minhas

lágrimas e sento-me no chão, mesmo no meio do átrio.

Sei porque Tris queria dizer-me que não era sua intenção deixar-me. Queria que eu soubesse que isto não era uma repetição do quartel-general dos Eruditos, não era uma mentira contada para me mandar dormir enquanto ela caminhava para a própria morte, não era um sacrifício desnecessário.

Esfrego os olhos com a base das palmas das mãos como se pudesse fazer empurrar as lágrimas para dentro do crânio. *Nada de chorar*, censuro-me. Se deixar escapar um pouco de emoção que seja, ela vai querer sair toda e nunca mais vai terminar.

Algun tempo depois, ouço vozes: Cara e Peter.

– Esta escultura era um símbolo de mudança – explica Cara a Peter. – Mudança gradual, mas agora vão desmantelá-la.

– Oh, a sério? – Peter parece interessado. – Porquê?

– Hum... Explico-te mais logo, se não te importares – diz Cara. – Lembras-te de como regressar ao dormitório?

– Sim.

– Então... volta para lá durante algum tempo. Há de haver alguém para te ajudar.

Cara caminha até mim e eu encolho-me antecipando a sua voz. Mas tudo o que ela faz é sentar-se ao meu lado no chão, de mãos cruzadas no colo e costas direitas. Alerta, mas relaxada, observa a escultura, onde Reggie está sob a água que jorra livremente.

– Não tens de estar aqui – digo.

– Não tenho de estar em lugar nenhum – contrapõe. – E esta tranquilidade é agradável.

E, assim, ficamos sentados lado a lado, em silêncio, a olhar para a água.

– Aí estão vocês – chama Christina, movendo-se em direção a nós. Tem o rosto inchado e a voz letárgica, como um suspiro pesado. – Vamos, está na hora. Vão desligar a máquina.

Tremo só de ouvir a palavra, mas ergo-me apesar disso.

Hana e Zeke têm estado debruçados sobre o corpo de Uriah desde que chegámos, segurando-lhe na mão, com os seus olhos à procura de vida. Todavia, não resta qualquer vida, apenas a máquina que faz

bater o seu coração.

Cara segue atrás de Christina e de mim, a caminho do hospital. Não durmo há dias, mas não me sinto cansado, não da maneira que normalmente sinto, embora o corpo me doa ao andar. Christina e eu não falamos, mas sei que os nossos pensamentos são os mesmos, fixos em Uriah, no seu último suspiro.

Chegamos à janela que permite a visualização do quarto de Uriah e Evelyn está lá. Amar foi buscá-la por mim, há alguns dias. Tenta pousar-me a mão no ombro, mas eu afasto-a: não quero ser consolado.

Dentro do quarto, Zeke e Hana ladeiam Uriah. Hana segura-lhe uma das mãos, Zeke a outra. Há um médico junto do monitor cardíaco; estende uma prancheta com um papel, mas não para Hana ou Zeke, e sim para David. Que continua na sua cadeira de rodas. Curvado e desorientado, como todos os outros que perderam a memória.

– O que faz *ele* aqui?

Sinto todos os meus nervos, músculos e ossos a arder.

– Tecnicamente, o David ainda é o líder da Direção, pelo menos até o substituírem – responde Cara atrás de mim. – Tobias, ele não se lembra de nada. O homem que conhecestes já não existe, é como se estivesse morto. *Este* homem não se lembra de matar...

– Cala-te! – berro.

David assina o papel e vira-se, empurrando a cadeira para a porta. Abre-a e não consigo conter-me – lanço-me na direção dele e só a figura magra de Evelyn me impede de lhe atirar as mãos ao pescoço. Ele olha-me com uma expressão estranha e dirige a cadeira para o corredor, enquanto eu me debato contra o braço da minha mãe, que parece uma barra a deter-me os ombros.

– Tobias – diz Evelyn. – Acalma-te.

– Porque é que ninguém o prendeu? – pergunto, com os olhos demasiado turvos para conseguir ver.

– Porque ele ainda trabalha para o Governo – responde Cara. – Só porque eles declararam tudo um acidente lamentável, não significa que tenham despedido toda a gente. E o Governo não o vai meter na prisão só porque ele matou alguns rebeldes sob ameaça.

– Uma rebelde – repito. – É tudo que ela é agora?

– Que ela era – diz Cara baixinho. – E não, é claro que não, mas é assim que o Governo a vê.

Estou prestes a responder-lhe, mas Christina interrompe-nos.

– Malta, é agora.

No quarto de Uriah, Zeke e Hana unem as mãos livres por cima do corpo de Uriah. Vejo os lábios de Hana moverem-se, mas não consigo perceber o que está a dizer. Os Intrépidos têm orações para os moribundos? Os Abnegados reagiam à morte com silêncio e serviço, não palavras. Noto que a minha raiva está a desaparecer e vejo-me de novo perdido num sofrimento sufocado, desta vez não apenas por Tris, mas por Uriah, cujo sorriso está gravado na minha memória. Era o irmão do meu amigo e, depois, foi meu amigo também, embora não por tempo suficiente para deixar o seu humor operar efeitos dentro de mim.

O médico carrega em alguns interruptores, com a prancheta encostada à barriga, e as máquinas param de respirar por Uriah. Os ombros de Zeke agitam-se e Hana aperta-lhe a mão com força, até os seus nós dos dedos ficarem brancos.

A seguir, diz algo, as suas mãos abrem-se de repente e afasta-se do corpo de Uriah. Está a deixá-lo ir. Afasto-me da janela, caminhando, a princípio, e depois correndo, abrindo o meu caminho através dos corredores, sem cuidado, às cegas, vazio.

Capítulo cinquenta e seis

No dia seguinte, pego num caminhão do complexo. As pessoas da Direção ainda estão a recuperar da perda da memória, por isso, ninguém tenta deter-me. Conduzo ao longo das vias-férreas em direção à cidade, com os olhos a vaguear pelo horizonte, mas sem realmente prestar atenção ao que vejo.

Quando chego aos campos que separam a cidade do mundo exterior, pressiono o acelerador. O caminhão esmaga relva murcha e neve debaixo dos pneus e, pouco depois, começo a pisar o pavimento do setor dos Abnegados, mal notando a passagem do tempo. As ruas parecem todas iguais, mas as minhas mãos e os meus pés sabem para onde seguir, mesmo que a minha mente não se preocupe em orientá-los. paro diante da casa perto do sinal de STOP, com o pavimento da rampa de acesso rachado.

A minha casa.

Entro pela porta da frente e subo as escadas, ainda com aquela sensação abafada nos ouvidos, como se estivesse à deriva no mundo. As pessoas falam sobre a dor do luto, mas não sei a que se referem. Para mim, o luto é um entorpecimento devastador, com todas as sensações embotadas.

Encosto a palma da mão ao painel que cobre o espelho no andar de cima e empurro-o para o lado. Embora a luz do sol seja alaranjada, projetando-se pelo chão e iluminando-me o rosto de baixo, nunca estive mais pálido; os círculos sob os meus olhos nunca pareceram mais pronunciados. Passei os últimos dias algures entre o sono e a vigília, sem ser inteiramente capaz de gerir qualquer dos extremos.

Ligo a máquina de cortar cabelo na tomada perto do espelho. Já tem o pente certo colocado, de modo que tudo o que tenho de fazer é passá-la pelo cabelo, afastando as orelhas para protegê-las da lâmina e virando a cabeça para observar a nuca em busca de pontos que poderia ter falhado. O cabelo rapado cai-me sobre os pés e os ombros, provocando-me comichão ao roçar a pele nua. Passo a mão pela cabeça para ter a certeza de que está uniforme, mas não é preciso verificar, não realmente. Aprendi a fazer isto sozinho quando era pequeno.

Demoro bastante tempo a escovar os cabelos dos ombros e dos pés, varrendo-os, a seguir, para um apanhador. Quando termino, colocome novamente em frente ao espelho e vejo as extremidades da minha tatuagem, a chama dos Intrépidos.

Tiro o frasco de soro da memória do bolso. Sei que um frasco irá apagar a maior parte da minha vida, mas perderei sobretudo memórias, não factos. Continuarei a saber escrever, falar, montar um computador, porque essas informações estão armazenadas em partes diferentes do meu cérebro. Mas não vou lembrar-me de mais nada.

A experiência acabou. Johanna negociou com sucesso com o Governo – os superiores de David –, conseguindo que os antigos membros das fações possam ficar na cidade, desde que sejam autossuficientes, se submetam à autoridade do Governo e permitam que pessoas de fora venham juntar-se a eles, fazendo de Chicago apenas mais uma área metropolitana, como Milwaukee. A Direção, outrora à frente da experiência, será agora responsável por manter a ordem nos limites da cidade.

Vai ser a única área metropolitana do país governada por pessoas que não acreditam nos danos genéticos. Uma espécie de paraíso. Matthew disse-me que espera que as pessoas dos arrabaldes venham para cá ocupar todos os espaços vazios e encontrem aqui uma vida mais próspera do que a que deixaram para trás.

Tudo o que quero é tornar-me alguém novo. Neste caso, Tobias Johnson, filho de Evelyn Johnson. Tobias Johnson pode ter vivido uma vida vazia e aborrecida, mas, pelo menos, é um indivíduo inteiro, e não este resto de pessoa que eu sou, demasiado estragado pela dor para poder ser útil.

– O Matthew disse-me que roubaste um camião e soro da memória – diz uma voz ao fundo do corredor. É Christina. – Tenho de admitir que não acreditei nele.

O meu entorpecimento deve ter-me impedido de a ouvir entrar. Mesmo a sua voz soa como se viajasse através da água para chegar aos meus ouvidos, pelo que levo alguns segundos a entender o que diz. Quando compreendo, olho-a e digo:

– Então, porque vieste até cá se não acreditaste nele?

– Para confirmar – responde, começando a avançar na minha direção. – E depois, queria ver a cidade uma vez mais antes de tudo mudar. Dá-me esse frasco, Tobias.

– Não. – Cerro-o na mão para o proteger dela. – Esta decisão é minha, não é tua.

Os seus olhos escuros abrem-se mais e o seu rosto está radiante à luz do sol. A luz faz cada madeixa do seu cabelo escuro e espesso brilhar com reflexos alaranjados, como se estivesse em chamas.

– Esta decisão *não* é tua – diz Christina. – É a decisão de um cobarde. E tu és muitas coisas, Quatro, mas não um cobarde. Nunca.

– Talvez agora seja – respondo passivamente. – As coisas mudaram. Sinto-me bem com isso.

– Não, não sentes.

Sinto-me tão exausto que tudo o que consigo fazer é revirar os olhos.

– Não podes tornar-te numa pessoa que ela odiaria – declara Christina, desta vez num tom suave. – E ela teria odiado isto.

Sinto-me atravessado por um acesso de fúria, quente e poderoso, e a sensação abafada nos meus ouvidos desaparece, fazendo com que até mesmo esta pacata rua Abnegada pareça barulhenta. Tremo ao sentir a sua força.

– Cala-te! – grito. – Cala-te! Não sabes o que ela ia odiar, tu não sabes, tu...

– Sei, sim! – contrapõe Christina abruptamente. – Sei que a Tris não ia querer que a apagasses da memória como se nem sequer te importasses com ela!

Atiro-me a ela, encostando-lhe os ombros contra a parede, e aproximo o meu rosto do seu.

– Se te *atreveres* a sugerir isso outra vez – rosno –, eu...

– Tu o quê? – Christina empurra-me para trás com força. – Vais fazer-me mal? Sabes, há uma palavra para homens grandes e fortes que atacam mulheres e essa palavra é *cobarde*.

Lembro-me dos gritos do meu pai a encher a casa e da sua mão à volta da garganta da minha mãe, batendo-lhe com a cabeça contra portas e paredes. Lembro-me de ver tudo da entrada do meu quarto, com a mão a apertar a ombreira. E lembro-me de ouvir os soluços silenciosos dela através da porta do seu quarto, de como a trancava para que eu não pudesse entrar.

Recuo e encosto-me à parede, deixando o meu corpo escorregar apoiado nela.

– Sinto muito – digo.

– Eu sei – responde Christina.

Ficamos assim alguns segundos, apenas a olhar um para o outro. Lembro-me de a detestar quando a conheci, porque era uma Cândida, porque as palavras lhe saíam boca fora sem qualquer filtro, descuidadamente. Mas, com o tempo, Christina mostrou-me quem realmente era: uma amiga compreensiva, fiel à verdade, com coragem suficiente para tomar uma atitude. Agora, não consigo evitar gostar dela, de ver nela o que Tris também viu.

– Sei como é querer esquecer tudo – afirma Christina. – Também sei como é alguém que amamos ser morto sem razão e querermos trocar todas as nossas memórias deles por um só instante de paz. – Coloca a mão dela sobre a minha, que continua agarrada ao frasco. – Não conhecia o Will há muito tempo – continua –, mas ele mudou a minha vida. Mudou-me *a mim*. E sei que a Tris te mudou ainda mais. – A expressão dura que Christina exibia momentos antes esfuma-se e ela toca-me ao de leve nos ombros. – Vale a pena ser a pessoa que te tornaste com ela – diz. – Se tomares o soro, nunca mais vais conseguir encontrar o caminho de volta para ela.

As lágrimas vêm-me novamente aos olhos, como quando vi o corpo de Tris e, desta vez, a dor acompanha-as, aguda e quente dentro do meu peito. Aperto o frasco no meu punho, desesperado pelo alívio que ofereceria, a proteção contra a dor de cada memória que arranha o meu interior como um animal enjaulado.

Christina coloca os braços em torno dos meus ombros e o seu abraço só piora a dor, porque me lembra de todas as vezes que os braços magros de Tris deslizaram pelo meu corpo, inseguros ao início, mas, a seguir, mais fortes, mais confiantes; e ela mais segura de si mesma e de mim. Lembra-me que nenhum abraço vai algum dia igualar-se ao dela, porque ninguém será jamais como ela, porque ela morreu.

Ela morreu e chorar parece tão inútil, tão estúpido, mas é tudo o que posso fazer. Christina segura-me, mantendo-me direito e não diz uma única palavra durante muito tempo.

Finalmente, afasto-me, mas as mãos dela permanecem sobre os meus ombros, quentes e calejadas. Talvez, à semelhança da pele da palma da mão, que se torna mais dura com a dor da repetição, também o mesmo suceda às pessoas. Mas não quero tornar-me um homem endurecido.

Existem outros tipos de pessoas neste mundo. Há o tipo de Tris, que, depois de experimentar o sofrimento e a traição, ainda conseguiu encontrar amor suficiente para dar a vida pelo irmão. Ou o tipo de Cara, que foi capaz de perdoar a pessoa que atingiu o irmão com um tiro na cabeça. Ou o tipo de Christina, que perdeu amigo após amigo, mas, mesmo assim, decidiu manter-se uma pessoa aberta, fazendo novos amigos. E, agora, há outra escolha, mais luminosa e mais forte do que as que eu dei a mim mesmo.

Abro os olhos e estendo o frasco a Christina. Ela pega nele e mete-o no bolso.

– Sei que o Zeke ainda não se sente muito confortável perto de ti – diz, passando-me um braço pelos ombros. – Mas, entretanto, posso ser tua amiga. Podemos até trocar pulseiras, se quiseres, como as raparigas Cordiais costumavam fazer.

– Não acho que seja necessário.

Descemos as escadas e saímos juntos para a rua. O sol pôs-se atrás dos edifícios de Chicago e, ao longe, ouço um comboio correr sobre os carris, mas estamos a afastar-nos deste lugar e de tudo o que significou para nós, e está tudo bem.

Há tantas maneiras de se ser corajoso neste mundo.

Umas vezes, a coragem envolve dar a vida por algo maior do que nós mesmos, ou por outra pessoa. Outras, implica abrir mão de tudo o que sabemos, ou de todas as pessoas que amamos, em prol de uma causa superior.

Mas, às vezes, nada disto acontece.

Às vezes, a coragem não é nada mais do que ranger os dentes no meio da dor e do trabalho de todos os dias, da lenta caminhada em direção a uma vida melhor.

Este é o tipo de coragem que devo ter agora.

Epílogo

Dois anos e meio depois

Evelyn está no lugar onde dois mundos se encontram. O chão está agora sulcado por marcas de pneus, das constantes idas e vindas de pessoas dos arrabaldes que se mudam para Chicago ou de lá saem, ou de pessoas do antigo complexo da Direção que vão e vêm. A mala de Evelyn está encostada à sua perna, pousada numa das depressões cavadas na terra. A minha mãe ergue a mão para me cumprimentar quando me aproximo.

Quando entra no camião, beija-me na face e eu deixo. Sinto um sorriso assomar-me ao rosto e não tento apagá-lo.

– Bem-vinda de volta – digo.

O acordo que lhe propus há mais de dois anos e que Evelyn viria a reiterar pouco depois com Johanna, implicava que a minha mãe deixasse a cidade. Agora, tanta coisa mudou em Chicago que não vejo qualquer problema no seu regresso. E ela também não. Apesar de terem passado dois anos, Evelyn parece mais jovem, com o rosto mais cheio e o sorriso mais amplo. Este tempo longe daqui fez-lhe bem.

– Como estás? – pergunta ela.

– Estou... bem – respondo. – Vamos espalhar as cinzas dela hoje.

Olho para a urna equilibrada no banco de trás como se fosse outro passageiro. Durante muito tempo, deixei as cinzas de Tris na morgue da Direção, não sabendo bem que tipo de funeral ela queria e sem certezas de conseguir aguentar um serviço fúnebre até ao fim. Mas hoje seria o Dia da Escolha, se ainda tivéssemos fações, e é altura de

dar um passo em frente, por mais pequeno que seja.

Evelyn pousa-me a mão no ombro e olha para os campos. As culturas que antes estavam confinadas às áreas em volta do quartel-general dos Cordiais espalharam-se e continuam a alastrar aos terrenos verdes que circundam a cidade.

Às vezes, sinto falta da terra vazia e desolada. Mas, neste momento, não me importo de conduzir através das filas intermináveis de milho e de trigo. Vejo as pessoas entre as plantas, verificando o solo com dispositivos portáteis projetados pelos ex-cientistas da Direção. Estão vestidos de vermelho, azul, verde e roxo.

– Como é viver sem as fações? – pergunta Evelyn.

– É algo bastante normal – respondo, sorrindo-lhe. – Vais adorar.

Levo Evelyn para o meu apartamento, a norte do rio. Fica num dos andares inferiores do prédio, mas, através das numerosas janelas, posso ver uma grande extensão da cidade. Fui um dos primeiros colonos da nova Chicago, por isso, pude escolher a minha morada. Zeke, Shauna, Christina, Amar e George optaram por viver nos pisos superiores do edifício Hancock, e Caleb e Cara voltaram ambos para os apartamentos perto do parque Milénio, mas eu vim para aqui porque era um sítio bonito e porque estava longe de qualquer uma das minhas antigas casas.

– O meu vizinho é um especialista em história, veio dos arrabaldes – digo, enquanto remexo os bolsos à procura das chaves. – Chama a Chicago «a quarta cidade», porque foi destruída pelo fogo, há séculos, depois destruída de novo pela Guerra da Pureza, e esta é a quarta tentativa de as pessoas se instalarem aqui.

– A quarta cidade – repete Evelyn enquanto abro a porta. – Agrada-me.

Quase não há móveis no interior, apenas um sofá e uma mesa, algumas cadeiras e uma cozinha. A luz do sol cintila nas janelas do edifício do outro lado do rio pantanoso. Alguns dos ex-cientistas da Direção estão a tentar devolver a antiga glória ao rio e ao lago, mas vai demorar algum tempo.

A mudança, como a cura, demora tempo.

Evelyn pousa a mala em cima do sofá.

– Obrigada. Por me deixares ficar contigo algum tempo. Prometo arranjar um sítio depressa.

– Não há problema – respondo.

Sinto-me nervosa por tê-la aqui, a mexer nas minhas poucas coisas, a percorrer os meus corredores, mas não podemos manter a distância para sempre. Não depois de lhe ter prometido que iria esforçar-me por nos aproximarmos.

– O George diz que precisa de ajuda para treinar a força policial – diz Evelyn. – Tu não te ofereceste?

– Não – respondo. – Já te disse que não quero ter mais nada que ver com armas.

– Muito bem. Agora, estás a usar as tuas *palavras* – diz Evelyn, franzindo o nariz. – Não confio em políticos, sabes?

– Vais confiar em mim, porque sou teu filho – replico. – De qualquer maneira, não sou nenhum político. Ainda não. Sou apenas um assessor.

Evelyn senta-se à mesa e olha à sua volta, nervosa e alerta, como um gato.

– Sabes onde para o teu pai? – pergunta.

Encolho os ombros.

– Alguém me disse que ele deixou a cidade. Não perguntei para onde foi.

Evelyn apoia o queixo na mão.

– Não há nada que lhe quisesse dizer? Absolutamente nada?

– Não – digo. Rodo as chaves no dedo. – Só quero deixá-lo no passado, onde ele pertence.

Há dois anos, quando estive diante dele no parque, com a neve caindo à nossa volta, percebi que, tal como atacá-lo diante dos Intrépidos, no quartel-general dos Cândidos, não aliviou a dor que ele me causou, gritar-lhe ou insultá-lo também não o faria. Restava-me apenas uma opção: esquecer.

Evelyn observa-me com um olhar estranho, inquisidor, e depois atravessa a sala e abre a mala que deixou no sofá. Pega num objeto feito de vidro azul. Parece água a cair, suspensa no tempo.

Lembro-me de quando ela mo deu. Eu era pequeno, mas não demasiado pequeno que não percebesse que aquele era um objeto

proibido na fação dos Abnegados, um objeto inútil e, portanto, um capricho. Perguntei-lhe para que servia e Evelyn disse-me: *Não serve para nada de evidente. Mas pode ser capaz de fazer qualquer coisa aqui.* E levou a mão ao coração. *Por vezes, as coisas bonitas têm essa capacidade.*

Durante anos, aquele objeto foi um símbolo da minha rebeldia silenciosa, da minha pequena recusa em ser uma criança Abnegada obediente e submissa, e também um símbolo da rebeldia da minha mãe, apesar de eu pensar que ela estava morta. Escondi-o debaixo da minha cama e, no dia em que decidi deixar os Abnegados, coloquei-o em cima da minha secretária para que o meu pai pudesse vê-lo – ver a minha força e a dela.

– Depois de te ires embora, isto lembrava-me de ti – diz Evelyn, segurando o objeto contra o ventre. – Lembrava-me de como eras corajoso, de como sempre o foste. – Sorri ligeiramente. – Ocorreu-me que gostasses de o ter aqui. Foi para ti que o comprei, no fim de contas.

Não tenho a certeza de conseguir manter uma voz firme se falar, por isso, limito-me a sorrir e a acenar com a cabeça.

O ar da primavera é frio, mas deixo as janelas do camião abertas para poder senti-lo no peito e a ferir-me as pontas dos dedos, como um lembrete do inverno prolongado. Paro junto da plataforma do comboio perto do quartel-general dos Cândiaos e retiro a urna do banco de trás. É de prata e simples, sem gravuras. Não fui eu que a escolhi, foi Christina.

Caminho pela plataforma em direção ao grupo que já se reuniu. Christina está com Zeke e Shauna, que está sentada na cadeira de rodas com uma manta sobre o colo. Agora tem uma cadeira de rodas melhor, sem manípulos na parte de trás, sendo mais fácil manobrá-la. Matthew está de pé na plataforma com os pés sobre a borda.

– Olá – digo, colocando-me ao lado de Shauna.

Christina sorri para mim e Zeke dá-me uma palmadinha no ombro.

Uriah morreu uns dias depois de Tris, mas Zeke e Hana fizeram o seu serviço fúnebre apenas algumas semanas mais tarde, espalhando

as suas cinzas sobre o abismo, no meio da presença ruidosa de todos os seus amigos e familiares. Gritámos o nome dele para a câmara de ressonância do Fosso. Ainda assim, sei que Zeke o recorda neste momento, tal como todos nós, apesar de este último ato de bravura Intrépida se destinar a Tris.

– Tenho uma coisa para te mostrar – diz Shauna, atirando o cobertor para o lado e revelando um complicado aparelho metálico de sustentação nas pernas.

O aparelho sobe-lhe até às ancas e rodeia-lhe a barriga como uma gaiola. Shauna sorri e, com um áspero ranger do metal, os seus pés deslocam-se para o chão diante da cadeira e, aos solavancos, depois de várias tentativas, põe-se de pé. Apesar da gravidade da ocasião, sorrio.

– Bem, olhem para isto – digo. – Tinha-me esquecido de como és alta.

– O Caleb e os colegas do laboratório construíram isto para mim – explica Shauna. – Ainda estou a habituar-me, mas eles dizem que um dia até posso conseguir correr.

– Porreiro – exclamo. – Onde está ele, a propósito?

– O Amar e o Caleb vão ter connosco ao fim da linha – diz ela. – Alguém tem de lá estar para apanhar o primeiro a saltar.

– Ele ainda continua bastante Betinho – diz Zeke. – Mas eu hei de conseguir mudá-lo.

– Hum – é o meu único comentário.

A verdade é que fiz as pazes com Caleb, mas ainda não consigo estar perto dele durante muito tempo. Os seus gestos, as inflexões da voz, a postura – são os dela. Fazem dele apenas um eco distante dela, o que, não sendo suficiente, é também de mais.

Dira algo mais, mas o comboio está a chegar. Investe na nossa direção sobre os carris reluzentes e, depois, chia ao abrandar até parar diante da plataforma. Uma cabeça espregueada para fora da janela do primeiro vagão, onde fica a locomotiva – é Cara, com o cabelo preso numa trança apertada.

– Entrem! – incita.

Shauna senta-se novamente na cadeira e empurra-a através da porta. Matthew, Christina e Zeke seguem-na. Entro em último, estendendo a urna a Shauna para que a segure, e fico na porta, com a

mão na pega. O comboio arranca de novo, aumentando de velocidade a cada segundo e ouço-o rugir sobre os carris e assobiar ao longo da via, sentindo o seu poder crescer dentro de mim. O ar fustiga-me o rosto e cola-me as roupas ao corpo. Vejo a cidade estender-se diante de mim, com os edifícios iluminados pelo sol.

As coisas já não são como dantes, mas conformei-me com isso há muito tempo. Todos nós encontrámos novas ocupações. Cara e Caleb trabalham nos laboratórios do complexo, que agora são um pequeno segmento do Ministério da Agricultura, cujo fito é tornar a agricultura mais eficiente, capaz de alimentar mais pessoas. Matthew trabalha em investigação na área da psiquiatria alures na cidade – da última vez que lhe perguntei, estava a estudar algo relacionado com a memória. Christina trabalha num gabinete que realoja as pessoas dos arrabaldes que querem mudar-se para a cidade. Zeke e Amar são polícias e George dá formação à força policial – empregos Intrépidos, como lhes chamo. E eu sou assistente de um dos representantes da nossa cidade no Governo: Johanna Reyes.

Estico o braço para agarrar a outra pega e inclino-me para fora do vagão quando este dá a curva, ficando quase pendurado sobre a rua, dois andares mais abaixo. Sinto um arrepio no estômago, o misto de medo e excitação que os verdadeiros Intrépidos adoram.

– Olá – diz Christina, ao meu lado. – Como está a tua mãe?

– Bem – respondo. – Suponho que já veremos.

– Vais descer o cabo?

Observo a via que mergulha mais adiante, descendo quase até ao nível da rua.

– Sim – digo. – Acho que a Tris ia querer que eu experimentasse pelo menos uma vez.

Dizer o nome dela ainda me provoca uma pontada de dor, um aperto que me diz que a recordação dela ainda me é muito querida.

Christina olha os trilhos à nossa frente e inclina o seu ombro para o meu, só por alguns segundos.

– Acho que tens razão.

As minhas memórias de Tris, algumas das memórias mais poderosas que possuo, já estão algo entorpecidas pelo tempo, como normalmente sucede com as recordações, e já não doem como antes.

Às vezes, gosto realmente de as rever na minha mente, mas não com muita frequência. Por vezes, passo-as em revista na companhia de Christina, que me ouve melhor do que teria esperado dada a sua qualidade de Cândida desbocada.

Cara abranda o comboio até parar e eu salto para a plataforma. No cimo das escadas, Shauna sai da cadeira e desce-as sustentada pelo aparelho, um degrau de cada vez. Matthew e eu descemos atrás dela carregando a cadeira vazia, que é pesada e volumosa, mas não impossível de transportar.

– Há notícias do Peter? – pergunto a Matthew quando chegamos ao fundo das escadas.

Depois de Peter sair da confusão mental provocada pelo soro da memória, alguns dos aspetos mais pronunciados e grosseiros da sua personalidade voltaram, mas não todos. Acabei por perder contacto com ele. Já não o odeio, mas isso não significa que tenha de gostar dele.

– Está em Milwaukee – afirma Matthew. – Mas não sei o que faz agora.

– Trabalha num escritório algures – esclarece Cara do fundo das escadas. Tem a urna segura nos braços; tirou-a do colo de Shauna quando esta saiu do comboio. – Acho que está a fazer-lhe bem.

– Sempre pensei que ele se iria juntar aos rebeldes GD dos arrabaldes – diz Zeke. – Já se vê que não percebo nada.

– Ele agora é uma pessoa diferente – contrapõe Cara encolhendo os ombros.

Nos arrabaldes, ainda há rebeldes GD que acreditam que a única maneira de alcançar as mudanças que queremos é organizando outra guerra. Eu inclino-me mais para o lado que quer trabalhar em prol da mudança sem violência. Já tive violência que chegue para a vida inteira e ainda sinto os seus efeitos, não sob a forma de cicatrizes na minha pele, mas nas memórias que emergem na minha mente quando menos desejo: o punho do meu pai socando-me o queixo, a minha arma erguida para executar Eric, os cadáveres dos Abnegados estendidos pelas ruas do meu antigo setor.

Caminhamos pelas ruas em direção ao edifício Hancock. As fações desapareceram, mas esta parte da cidade tem mais Intrépidos do que

qualquer outra, ainda reconhecíveis pelos seus piercings e tatuagens, embora já não pelas cores com que se vestem, que são agora, por vezes, berrantes. Alguns caminham pelo passeio junto a nós, mas a maioria está a trabalhar. Todos os cidadãos de Chicago aptos para o trabalho são obrigados a ter um emprego.

Diante de mim vejo o edifício Hancock estender-se para o céu, com a base mais larga do que o topo. As vigas negras perseguem-se mutuamente até ao cimo, cruzando-se, apertando-se, expandindo-se. Há muito tempo que não estava tão perto dele.

Entramos no átrio, com o seu piso reluzente e as suas paredes manchadas com os grafitos brilhantes dos Intrépidos, preservados pelos residentes do edifício como uma espécie de relíquia. Este é um lugar Intrépido, porque foram eles que o adotaram pela sua altura e, imagino eu que também pela sua solidão. Os Intrépidos gostavam de preencher os espaços vazios com o seu ruído. Era algo que me agradava neles.

Zeke carrega no botão do elevador com o indicador. Entramos todos e Cara pressiona o número 99.

Fecho os olhos enquanto o elevador sobe. Quase posso ver o espaço abrindo-se sob os meus pés, um poço de escuridão, e somente uns palmos de chão firme entre mim e aquela queda, aquele mergulho. O elevador estremece ao parar e eu agarro-me à parede para me equilibrar quando as portas se abrem.

Zeke toca-me no ombro.

– Não te preocupes, pá. Nós passávamos a vida a fazer isto, lembraste?

Aceno com a cabeça. Entra ar pela abertura no teto e, acima de mim, está o céu, de um azul brilhante. Encaminho-me a custo com os outros em direção à escada, demasiado entorpecido pelo medo para fazer os meus pés moverem-se mais velozmente.

Encontro a escada com as pontas dos dedos e concentro-me num degrau de cada vez. Acima de mim, Shauna manobra as pernas desajeitadamente pela escada acima, servindo-se sobretudo da força dos braços. Certa vez, enquanto estava a fazer as tatuagens nas minhas costas, perguntei a Tori se achava que éramos as últimas pessoas que restavam no mundo. *Talvez*, foi tudo que ela disse. Acho que Tori não

gostava de pensar nisso. Mas aqui em cima, no telhado, é possível acreditar que somos as últimas pessoas que restam em qualquer canto do mundo.

Contemplo os edifícios ao longo da frente do pântano e sinto o meu peito apertar-se, comprimir-se como se estivesse prestes a esmagar-se a si mesmo.

Zeke atravessa o telhado em direção ao cabo e prende um dos arneses de tamanho adulto ao cabo de aço. Bloqueia-o para que não deslize e olha para o grupo com uma expressão de expectativa.

– Christina – diz. – É todo teu.

Christina aproxima-se do cabo, tamborilando no queixo com os dedos.

– Que acham? Vou de costas ou de frente?

– De costas – diz Matthew. – Quero ir de frente para ver se não faço xixi nas calças e não quero que me copies.

– Ir de frente só aumenta as probabilidades de isso acontecer, não sei se sabes – comenta Christina. – Por mim estás à vontade, assim posso começar a chamar-te «Mijão».

Christina enfia-se no arnês metendo primeiro os pés, de barriga para baixo, de modo a ver o edifício ficar mais pequeno à medida que desce o cabo. Tremo.

Não consigo olhar. Fecho olhos enquanto ela se afasta cada vez mais e faço o mesmo quando Matthew, e a seguir, Shauna, a imitam. Consigo ouvir os seus gritos de alegria ao vento, como trinados de um pássaro.

– É a tua vez, Quatro – diz Zeke.

Abano a cabeça.

– Anda daí – incita Cara. – É melhor despachares isto de uma vez por todas, não?

– Não – respondo. – Vai tu. Por favor.

Cara estende-me a urna e, depois, inspira profundamente. Seguro a urna contra a minha barriga. O metal está quente, de muitas pessoas a terem tocado. Cara enfia-se no arnês de maneira algo instável e Zeke ata-lhe as correias. Ela cruza os braços sobre o peito e Zeke empurra-a para o vazio sobre Lake Shore Drive, sobre a cidade. Não a ouço dizer nada, nem sequer um suspiro.

E depois restamos apenas Zeke e eu, a olhar um para o outro.

– Não acho que consiga fazer isto – digo, e, apesar de a minha voz se manter firme, o corpo treme-me.

– É claro que consegues – responde Zeke. – Tu és o *Quatro*, uma lenda Intrépida! És capaz de fazer qualquer coisa.

Cruzo os braços e aproximo-me mais uns centímetros da extremidade do telhado. Mesmo a vários metros de distância, sinto o corpo a oscilar sobre a borda e abano a cabeça outra vez. E outra. E outra.

– Ei. – Zeke coloca-me as mãos nos ombros. – Isto não tem a ver contigo, lembras-te? Tem a ver com ela. Com fazer algo que ela gostaria de fazer, algo que ela sentiria orgulho em te ver fazer. Certo?

É isso. Não posso evitar fazê-lo, não posso recuar agora, não quando ainda recordo o sorriso dela quando subiu para a Roda Gigante comigo, ou a expressão decidida do seu queixo enquanto enfrentava medo após medo durante as simulações.

– Como é que ela descia?

– De frente – diz Zeke.

– Tudo bem. – Passo-lhe a urna. – Enfia isto atrás de mim, OK? E tira-lhe a tampa.

Subo para o arnês, com as mãos a tremer tanto que mal me consigo agarrar de lado. Zeke aperta-me as correias nas costas e nas pernas e, depois, enfia a urna atrás de mim, virada para fora, para que as cinzas se espalhem. Olho para baixo para Lake Shore Drive, engolindo em seco, e começo a deslizar.

De repente, quero voltar para trás, mas já é tarde de mais, já estou a mergulhar em direção ao chão. Grito tão alto que me apetece tapar os meus próprios ouvidos. Sinto o grito vivo dentro de mim, enchendo-me o peito, a garganta e a cabeça.

O vento fere-me os olhos, mas obrigo-me a mantê-los abertos e, no meu momento de pânico cego, compreendo por que motivo ela descia assim, de frente: porque a fazia sentir-se como se estivesse a voar, como se fosse um pássaro.

Ainda posso sentir o vazio debaixo de mim, e assemelha-se ao vazio no meu interior, uma boca prestes a engolir-me.

Então, percebo que parei de me mover. Os últimos fragmentos das

cinzas flutuam ao vento como flocos de neve cinzenta e depois desaparecem.

O chão está apenas alguns metros abaixo de mim, suficientemente perto para poder saltar. Os outros reuniram-se lá em baixo, num círculo, com os braços entrecruzados formando uma rede de ossos e músculos para me apanhar. Encosto o rosto ao arnês e rio-me.

Atiro a urna vazia na direção do grupo e, depois, levo as mãos atrás das costas para desapertar as correias que me prendem. Caio nos braços dos meus amigos como uma pedra. Eles apanham-me, sinto as costas e as pernas chocarem contra os seus ossos, e, a seguir, pousam-me no chão.

Há um silêncio constrangedor enquanto contemplo o edifício Hancock, maravilhado, e ninguém sabe o que dizer. Caleb sorri-me, cauteloso.

Christina pestaneja afastando as lágrimas dos olhos e diz:

– Oh! O Zeke vem aí.

Zeke avança velozmente na nossa direção num arnês negro. A princípio, parece um ponto, a seguir, uma bolha, e, depois, uma pessoa enfaixada de preto. Exulta de alegria ao parar e eu estendo a mão para agarrar o antebraço de Amar. Do outro lado, agarro um braço pálido que pertence a Cara. Ela sorri-me e há alguma tristeza no seu sorriso.

O ombro de Zeke bate nos nossos braços com força e ele sorri loucamente enquanto nos deixa embalá-lo como uma criança.

– Isto foi agradável. Queres repetir, Quatro? – pergunta.

Nem hesito ao responder.

– De maneira nenhuma.

Regressamos ao comboio num grupo disperso. Shauna caminha com a ajuda do aparelho e Zeke empurra a cadeira de rodas vazia enquanto fala com Amar. Matthew, Cara e Caleb caminham juntos, conversando sobre algo que parece entusiasma-los a todos, espíritos semelhantes que são. Christina segue ao meu lado e põe-me a mão no ombro.

– Feliz Dia da Escolha – diz. – Vou perguntar-te como te sentes a sério. E tu vais responder-me com sinceridade.

Por vezes, falamos assim, dando ordens um ao outro. De alguma maneira, Christina tornou-se uma das melhores amigas que algum dia tive, apesar da frequência com que discordamos.

– Estou bem – digo. – É difícil. Vai ser sempre.

– Eu sei. – Caminhamos no fundo do grupo, passando pelos edifícios abandonados com as suas janelas negras, cruzando a ponte sobre o rio pantanoso. – Sim, por vezes a vida é realmente uma treta – diz. – Mas sabes o que alimenta a minha esperança? – Arqueio as sobancelhas. Christina arqueia as dela, imitando-me. – Os momentos em que não é – conclui. – O truque é reconhecê-los quando eles aparecem.

Depois, sorri e eu sorrio também, e subimos as escadas para a plataforma lado a lado.

Desde pequeno, sempre soube isto: a vida magoa-nos, a todos nós. Não podemos escapar aos seus danos.

Mas, agora, estou também a aprender isto: o nosso coração pode ser consertado. Consertamo-nos uns aos outros.

Agradecimentos

Para mim, a página de agradecimentos é um lugar para admitir, o mais sinceramente possível, que não seria capaz de prosperar na vida, ou na literatura, unicamente com base na minha força ou talento. Esta série pode ter apenas uma autora, mas essa autora não teria conseguido fazer muito sem os indivíduos que enumero a seguir. Tendo isto em mente, agradeço a Deus por me dar as pessoas que me completam.

Aqui estão elas:

Obrigada: ao meu marido, não só por me amar de uma forma extraordinária, mas também por algumas difíceis sessões de troca de ideias, pela leitura de todos os rascunhos deste livro e por lidar com a sua Esposa-Escritora-Neurótica com a maior das paciências.

A Joanna Volpe, por se encarregar de tudo como uma verdadeira CHEFE, com honestidade e simpatia. A Katherine Tegen, pelas suas notas excelentes e por me mostrar continuamente o coração indulgente dentro da editora agressiva. (Não contarei a ninguém. Esperem, acabei de contar.) A Molly O'Neill, por todo o seu tempo e trabalho e pela perspicácia com que viu as potencialidades de *Divergente* entre o que, tenho a certeza, devia ser uma pilha gigantesca de manuscritos. A Casey McIntyre, por algumas extraordinárias proezas publicitárias e pela sua surpreendente amabilidade (e aqueles passos de dança). A Joel Tippie, bem como a Amy Ryan e Barb Fitzsimmons, por tornarem estes livros tão bonitos. Cada. Um. Deles. Aos fabulosos Brenna Franzitta, Josh Weiss, Mark Rifkin, Valerie Shea, Christine Cox e Joan Giurdanella, por tratarem tão bem as minhas palavras. A Lauren Flower, Alison Lisnow, Sandee Roston, Diane

Naughton, Colleen O'Connell, Aubry Parks-Fried, Margot Wood, Patty Rosati, Molly Thomas, Megan Sugrue, Onalee Smith e Brett Rachlin por todos os seus esforços de marketing e publicidade, demasiado numerosos para que os possa nomear separadamente. A Andrea Pappenheimer, Kerry Moynagh, Kathy Faber, Liz Frew, Heather Doss, Jenny Sheridan, Fran Olson, Deb Murphy, Jessica Abel, Samantha Hagerbaumer, Andrea Rosen e David Wolfson, da parte comercial, pelo seu entusiasmo e apoio. A Jean McGinley, Alpha Wong e Sheala Howley, por fazerem chegar as minhas palavras a tantas prateleiras à volta do planeta. Na mesma linha, obrigada a todos os meus editores estrangeiros, por acreditarem nestas histórias. A Shayna Ramos e Ruiko Tokunaga, génios da produção; a Caitlin Garing, Beth Ives, Karen Dziekonski e Sean McManus, que fazem audiolivros fantásticos; e a Randy Rosema e Pam Moore, do setor financeiro, pelo seu talento e trabalho árduo. A Kate Jackson, Susan Katz e Brian Murray, por levarem este navio Harper a bom porto. Tenho uma editora que me apoia e incentiva em todos os aspetos, e isso significa muito para mim.

A Pouya Shahbazian, por encontrar uma produtora cinematográfica tão boa para *Divergente* e por todo o seu empenho, paciência e amizade, e as suas horríveis partidas envolvendo insetos. A Danielle Barthel, pelo seu espírito organizado e paciente. A toda a gente na New Leaf Literary, por serem pessoas maravilhosas, que fazem um trabalho igualmente maravilhoso. A Steve Younger, por cuidar sempre de mim no trabalho e na vida. A toda a gente envolvida na adaptação ao cinema – em especial Neil Burger, Doug Wick, Lucy Fisher, Gillian Bohrer e Erik Feig –, por tratarem o meu trabalho com tanto cuidado e respeito.

À minha mãe, ao Frank, Ingrid, Karl, Frank Jr., Candice, McCall, Beth, Roger, Tyler, Trevor, Darby, Rachel, Billie, Fred, à minha avó, aos Johnsons (tanto da Roménia como do Missouri), aos Krausses, aos Paquettes, aos Fitches e aos Rydzes – por todo o seu amor. (Nunca vos trocaria pela minha fação. Nunca.)

A todos os membros da YA Highway e da Write Night, passados, presentes e futuros, por serem colegas escritores tão atenciosos e compreensivos. A todos os autores mais experientes que me acolheram e ajudaram ao longo dos últimos anos. A todos os escritores que me

contactaram via Twitter ou e-mail em busca de camaradagem. A escrita pode ser um trabalho solitário, mas não para mim, porque vos tenho. Gostaria de poder citar-vos a todos. A Mary Katherine Howell, Alice Kovacik, Carly Maletich, Danielle Bristow e todos os amigos que não são escritores, por me ajudarem a manter a cabeça no lugar.

A todos as páginas de fãs de *Divergente*, pelo seu louco, mas fabuloso, entusiasmo virtual (e na vida real).

Aos leitores, por lerem, pensarem, falarem, divulgarem, emprestarem e, acima de tudo, por me ensinarem muitas lições valiosas sobre a escrita e a vida.

Todas as pessoas listadas acima fizeram desta série o que é, e conhecê-las mudou a minha vida. Sou uma pessoa com muita sorte.

Vou dizer mais uma vez: sejam corajosos.

Agradecimento especial

Na primavera de 2012, cinquenta blogues ajudaram a espalhar o seu amor pela série *Divergente*, apoiando o lançamento de *Insurgente* numa campanha online baseada nas fações. Cada participante foi fundamental para o sucesso desta série! Os meus agradecimentos a:

ABNEGADOS: Amanda Bell (líder da facção), Katie Bartow, Heidi Bennett, Katie Butler, Asma Faizal, Hafsa Faizal, Ana Grilo, Kathy Habel, Thea James, Julie Jones e HD Tolson.

CORDIAIS: Meg Caristi, Kassiah Faul e Sherry Atwell (líder da facção), Kristin Aragon, Emily Ellsworth, Cindy Hand, Melissa Helmers, Abigail J., Sarah Pitre, Lisa Reeves, Stephanie Su e Amanda Welling.

CÂNDIDOS: Kristi Diehm (líder da facção), Jaime Arnold, Harmony Beaufort, Damaris Cardinali, Kris Chen, Sara Gundell, Bailey Hewlett, John Jacobson, Hannah McBride e Aeicha Matteson.

INTRÉPIDOS: Alison Genet (líder da facção), Lena Ainsworth, Stacey Canova e Amber Clark, April Conant, Lindsay Cummings, Jessica Estep, Ashley Gonzales, Anna Heinemann, Tram Hoang, Nancy Sanchez e Yara Santos.

ERUDITOS: Pam van Hylckama Vlieg (líder da facção), James Booth, Mary Brebner, Andrea Chapman, Amy Green, Jen Hamflett, Brittany Howard, O'Dell Hutchison, Benji Kenworthy, Lyndsey Lore, Jennifer McCoy, Lisa Parkin e Lisa Roecker.